



RÉGIS MESSAC
A CIDADE DOS
ASFIXIADOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

INTRODUÇÃO

A NARRATIVA DE BELLE SIMS

Paris, 1º de janeiro de 1942

Isto aqui não é nenhum tratado sobre a relatividade. Devo confessar, aliás, que jamais consegui entender este caso. Por causa do meu nome, muita gente poderia iludir-se, e haverá quem ache estranho que a filha do Prof. Sims, o mais ilustre continuador de Einstein, manifeste tamanha desenvoltura com relação a assunto que, durante toda a existência de seu pai, esteve sempre em primeiro plano entre as suas preocupações. Ainda mais surpreendidas, e talvez até indignadas, ficarão aquelas que me sabem noiva de Rodolphe Carnage, que julgo ter sido o primeiro em todo o universo a extrair uma aplicação prática das teorias de Einstein e de Sims. Ver-se-á em breve até que ponto pode-se considerar justificado este qualificativo de prático. Mas voltemos ao nosso assunto. Sempre detestei os subterfúgios. Este apego intransigente à verdade, à verdade nua e simples, sob sua forma mais despojada, mais direta, por assim dizer, é sem dúvida alguma uma característica ao não-conformismo intelectual peculiar a todos os grandes inventores e descobridores, ao passo que em mim, graças talvez a uma mãe e a uma avó puritanas, ela se transferiu para o domínio moral. Sou de uma franqueza incômoda, tanto para mim como para os outros e — o que é ainda pior — exijo de meus amigos e amigas idêntica franqueza. É inútil dizer que nem sempre as minhas exigências se vêem atendidas.

Tem sido este até o maior e, para dizer a verdade, único motivo de briga entre mim e meu noivo. Não quero dizer que Rodolphe Carnage seja insincero. Pelo contrário. Tal como meu pai, e como todos os verdadeiros sábios, ele também ama apaixonadamente a verdade. Na vida corrente, entretanto, com relação aos mentirosos e às mentiras, aos mentirosos medíocres e às medíocres mentiras que nos rodeiam, eh demonstra uma indulgência que, a mim, parece nefasta fraqueza. Nunca pude compreender, particularmente, a sua amizade persistente, fiel, ridícula e comovente por

um indivíduo tão tolo, fútil, medíocre e enfadonho, numa palavra: tão pouco merecedor de estima quanto Sylvain Le Cateau. Esse Sylvain Le Cateau... Mas neste ponto eu também mereço algumas críticas. Pobre Le Cateau! E pensar que ele é quem vai se tornar o herói desta narrativa! Triste herói de inverossímil aventura. Nunca houve alguém tão pouco preparado para aventuras! Repito: jamais consegui compreender como pôde Rodolphe permanecer ligado a criatura tão apagada. Sei perfeitamente que eles estudaram juntos no Lycée Janson. Mas quantas amizades de escola, por mais sólidas que pareçam, são desfeitas pela vida! E por que continuar a interessar-se por Le Cateau? Terã jamais existido personagem mais ridículo, mais insignificante? Medíocre, em toda a extensão da palavra. Medíocre sob todos os aspectos. Nem bom, nem mau aluno, aprovado nos exames sem nenhum brilho, nem pobre, nem rico, manteve-se a vida toda numa honesta mediania. Jamais o viram dissipar os seus tostões em loucas orgias, mas também nunca se entregou a excessos de trabalho, nem se entusiasmou fosse lã pelo que fosse. Creio que tinha um emprego qualquer num banco, emprego esse que lhe deixava muito tempo livre; contudo, esses lazeres eram empregados de maneira estritamente conforme às idéias preestabelecidas. Não ia ao teatro com grande freqüência, pois, sendo razoavelmente preguiçoso, não gostava de deitar-se tarde; mas lia muito, e, sobretudo, os livros que estivessem obtendo sucesso. Possuía a coleção completa dos prêmios Goncourt que, na verdade, nunca havia relido; achava, porém que eles "davam boa impressão", como dizia. Celibatário, mantinha uma ligação muito correta com uma ex-corista do *Opéra Comique* que chegara mais ou menos a atriz e desempenhava papezinhos secundários no *Châtelet*. Aliás, nunca cheguei a vê-la. Não creio que ela ocupasse um lugar realmente importante em sua existência. Esse lugar era menos importante, com toda a certeza, que o reservado a Rodolphe, a "seu amigo Rodolphe Carnage". Nesta amizade havia, aliás, uma boa parcela de esnobismo. Só vendo com que orgulho ingênuo ele dizia aos imbecis com quem privava: "Meu amigo Carnage, o único indivíduo em toda a França que entende o que é a quarta dimensão."

O coitado não tinha a menor idéia do desastre que essa amizade devia provocar em sua existenciazinha tão ordenada! Já deve ter causado estranheza, com efeito, o fato de eu me referir a essa grotesca personagem no passado, como se já estivesse morta. Na verdade, ele não está inteiramente morto, mas isto não lhe adianta nada. Está morto para o nosso

mundo, embora ainda possamos nos comunicar com ele. Mas, estou antecipando. Rodolphe, que me incumbiu de redigir esta narrativa — já que não dispõe de tempo para fazer literatura — não ficará muito satisfeito com o meu trabalho, e com toda a razão.

Voltemos, portanto, a Sylvain Le Cateau e à quarta dimensão. Com efeito, existe entre eles uma certa ligação, como se há de ver. Perdoem-me se estou dizendo tolices. Aqui vai o meu ponto de vista. De acordo com a teoria de Sims-Carnage, o tempo — como o próprio universo, do qual é apenas um dos aspectos — constitui um ciclo fechado. Tem a peculiaridade de ser, pelo menos para nós, humanos, absolutamente irreversível. E é justamente nisto, se é que cheguei a compreender bem, que reside a novidade primordial desta teoria com relação à de Einstein. Este último tratava o fator tempo exatamente como todos os demais e parecia admitir — ou dava margem a que se admitisse — que os fenômenos desenrolados no tempo sempre poderiam ser considerados reversíveis.^{1}

Quanto a nós, estamos atualmente cientes de que o tempo avança numa única direção, a que nós, o vulgo, damos o nome de futuro. Na realidade para o filósofo, esta palavra "futuro" não tem muito sentido pois, se avançássemos bastante no ciclo, acabaríamos recaindo no que denominamos passado. Rodolphe não perde a esperança de chegar a esse ponto. Foi aliás, por isso, que construiu a sua máquina. Contudo, esse passado só poderá ser atingido se avançarmos, e jamais se recuarmos. Se chegar algum dia a reproduzir sobre o seu *écran* as visões do mundo pré-histórico, Rodolphe só o poderá fazer depois de ter atravessado todas as eras futuras. Exatamente como, em princípio, no universo einsteiniano, de tanto avançar voltar-se-ia ao ponto de partida.

Creio que já perorei a bastante para satisfazer ao leitor mediano. Isto é, para deslumbrá-lo, preparando-o para admitir seja lá o que for. Entretanto, como medida de segurança, acrescentarei mais algumas "explicações". Além disso, não posso deixar de dar uma pequena , idéia do que vem a ser o aparelho de Rodolphe. Atingir o passado: eis o seu verdadeiro objetivo. Num determinado momento, apaixonou-se pela pré-história e pela exploração das grutas. Tudo isto ainda hoje o entusiasma. Contudo, profundamente desencantado pela pobreza e insuficiência das informações fornecidas pelos homens das cavernas, sonhava reconstituir, ou melhor, reencontrar na íntegra a existência da humanidade primitiva. Desejava transformar-se em explorador do tempo para visitar os homens da aurora

dos tempos. Sonhava com uma temporada entre os neandertalenses ou entre os pitecantropos javaneses, a exemplo de outros que foram observar de perto os costumes dos fueguinos ou dos wambatus. Quem sabe, talvez um dia o consiga, por mais inverossímil que isto nos pareça, pois *sua máquina é realmente espantosa. É perigosa também. O pobre Le Cateau que o diga.* Trata-se, portanto, de uma máquina para percorrer o tempo, mas num único sentido, visto como qualquer outra direção que não seja "para a frente" constitui uma impossibilidade e um absurdo. E quando digo "percorrer o tempo", nem esta expressão é exata, ou pelo menos não o era, de início. Quanto à máquina, não lhes direi ao certo o que é, pois sou incapaz de explicá-la, e vocês, incapazes de compreendê-la. Duas excelentes razões que me dispensam de fornecer outras. Entretanto, posso dizer-lhes o que se vê. O que se vê é muito simples: é uma espécie de cinema. Quer dizer: o que há, sobretudo, é uma tela, e sobre esta tela surgem cenas estranhas, vindas, ao que parece, do futuro, dos frontões do tempo. É pelo menos o que afirma Rodolphe, e eu acredito no que ele diz. Acreditem, se quiserem. Em suma: graças a este cronoscópio (é o nome que lhe dá Rodolphe, até certo ponto por brincadeira) podemos ver, ou entrever, coisas que se passam, ou vão se passar (este futuro, porém, é apenas um indício da insuficiência de nossa linguagem e de nossa fragilidade intelectual), no ano 3.000, ou 4.000, ou 10.000... Como quisermos. Ou melhor: não exatamente como quisermos. O aparelho tem defeitos, ainda não está bem ajustado. Nunca se sabe com exatidão, com uma margem de erro de alguns séculos, em que época se está. Deve-se isto às variações futuras dos relógios astronômicos e à relatividade do tempo. Foi o que me disse Rodolphe. Tanto melhor, se isto lhes bastar.

Além disso — e pela mesma razão, ou pelas mesmas razões, se é que são razões — não há meio de fazer funcionar o aparelho para um futuro próximo. As graduações teriam de ser demasiado finas, compreendem? O aparelho ainda é muito rústico. Seu alcance continua limitado. Só começa a proporcionar uma visão clara a partir dos três mil anos, aproximadamente. Antes disso, as imagens ficam baralhadas. Para ir adiante, é mais fácil. Em princípio, podemos avançar até cinqüenta milhões de anos, mais ou menos. Na realidade, não se chega a tanto. Ou melhor: não se chega tão longe sem interrupções. O filme apresenta vazios. O que sempre acontece, em todas as épocas, tornando-se porém mais freqüentes à medida que se avança. Em resumo, para ser inteiramente franca, o que sei é que vislumbro sobre a tela

uma série de imagens desconexas, desordenadas, por vezes absolutamente loucas; e Rodolphe Carnage afirma que essas imagens representam o futuro. E eu faço fé no que ele diz.

Evidentemente, há pessoas — haveria, pois ainda não tratamos do assunto com ninguém — que o qualificariam de charlatão. Contudo, essa gente dificilmente chegaria a explicar o que aconteceu com Sylvain Le Cateau. E acredito que até para os célicos os espetáculos que agora passo a evocar serão fascinantes.

Rodolphe vive em Passy, no alto da colina, numa das casas vizinhas à linha elevada do metrô. De uma de suas janelas, avista-se obliquamente o Sena. Avistam-se também, mais diretamente, os pilares que sustentam o leito dos trilhos e as composições de vagões que passam, rascantes, como um enorme brinquedo. Mas a sala do tempo, ou a sala T, dá para uma rua encravada, quase sombria. Aliás, seus amplos janelões ficam invariavelmente vendados por cortinas de cor càqui, através das quais, mesmo em pleno dia, infiltra-se uma luz pálida e fria. O que não tem nenhuma importância, pois é sobretudo à noite que se trabalha. O regimento das sessões assemelha-se mais ou menos ao das sessões de cinema, com a diferença de que o aparelho fica situado por trás da tela — eu não saberia explicar por quê. Foi por isto que mal cheguei a vê-lo (o aparelho) e que me seria difícil fornecer-lhes uma descrição que, de qualquer forma, seria decepcionante e incompleta. Mesmo que lhes falasse até amanhã de reostatos, de bobinas de indução e de tomadas de corrente, isto pouco lhes adiantaria: muito provavelmente, eu só teria descrito os acessórios. Contudo, desejo apontar um pormenor, para satisfazer aos amantes do pitoresco: num canto, ao fundo, à direita, por trás da tela, há um objeto vagamente parecido com uma bigorna. Uma bigorna com seu martelo móvel, que se liga ao bico da dita bigorna por uma charneira. E esse martelo seria antes um malho, pois tem uma cabeça muito grande e um cabo bem curto. Quando comuniquei essas observações a Rodolphe, ele riu: — Um martelo! Uma bigorna! Se você tivesse dito pelo menos um cadinho, eu poderia compreender. — E foi só o que eu consegui extrair dele. No entanto, ao que me pareceu, este martelo-cadinho era uma peça essencial. Bem; para fazer funcionar a tela na sala T, é preciso um martelo que se parece com um cadinho, ou um cadinho parecido com um martelo. Tanto pior para vocês, se isto não os satisfaz.

Estou brincando, evidentemente. Mas, acreditem ou não, estou brincando mais ou menos à maneira de uma criança que ri bem alto para esconder o

medo. Naquela sala, havia realmente uma atmosfera de feitiçaria. Ser-me-ia impossível dizer ao certo o porquê, e de onde vinha aquilo; mas, desde a porta, era como se um manto de inquietação nos caísse sobre os ombros. Um mal-estar surdo, que se tornava em seguida lancinante, intolerável. E quando o aparelho funcionava, quando as imagens incoerentes e loucas se projetavam sobre a tela por entre fulgores violáceos, sentíamos-nos tensos como numa cadeira de dentista, quando ele passa insistentemente o seu motorzinho na cavidade de um grande molar. Podem ver por aí se era uma sensação agradável. Não obstante, o pior é que ninguém tinha vontade de sair. Ficava-se como que fascinado. Era impossível despregar os olhos daquelas visões absurdas. Queríamos *ficar*, era preciso *ficar até o fim*.

Muito mais intensamente do que sobre mim mesma, este fascínio se exercia sobre uma outra pessoa: sobre o pobre Le Cateau. Era preciso vê-lo, com as mãos crispadas sobre os braços da poltrona, o corpo inclinado para a frente, de olhos esbugalhados e boca escancarada, como um forno, por baixo do seu ridículo bigodinho no meio da cara redonda e bochechuda, fígado, atraído, arrebatado, irresistivelmente arrebatado pela ronda fantástica dos pesadelos sem seqüência, que se sucediam sobre a tela, em sombras lívidas ou fuliginosas. Dir-se-ia que ele desejava ser absorvido pelo plano temporal, que todo o seu ser ia precipitar-se para aquelas imagens, para entre elas perder-se, que toda a sua pessoa presente ia desaparecer, tragada pela realidade extravagante do futuro. E creio que foi isto que aconteceu.

Pelo menos, é o que tudo leva a crer. Mas como e quando aconteceu exatamente é o que não sabemos dizer. No momento em que tudo ocorreu, Le Cateau estava sozinho. Ele costumava prolongar e multiplicar as sessões, delas saindo com um ar cada vez mais estupidificado, ausente, como que fora de si mesmo. Não se prestava muita atenção a isto, pois sua inteligência já não era naturalmente muito brilhante. Rodolphe, entretanto, se dera conta de tudo: já lhes disse que ele nutria por esse rapaz gordalhudo e insignificante uma amizade descabida. Pediu-lhe que espaçasse as sessões e, como o outro não lhe quisesse dar ouvidos, proibiu-lhe a entrada no laboratório. Durante algum tempo, pelo menos. Como dizia, um período de repouso fazia-se indispensável a Le Cateau. Aquelas projeções no tempo estavam acabando de perturbar o equilíbrio mental de Sylvain. Quanto a isto, creio que ele tinha razão.

A princípio, Le Cateau protestou veementemente, depois acalmou-se de súbito. Manso como um cordeiro. Parecia aceitar os motivos invocados pelo

amigo. Aquela submissão não era natural. Deveríamos ter desconfiado. Passaram-se alguns dias. Faz agora três meses ou, mais exatamente, três meses dentro de três dias, Fernandeu, dito Fernand, o fiel criado de Le Cateau, veio nos procurar. Como bom burguês de *vaudeville*, Le Cateau tinha um fiel criado de quarto. Fernand lhe era realmente fiel. Um tanto ou quanto ladrão, um pouco dissimulado e mentiroso, mas tão fiel! Aliás, não tinha o menor interesse em deixar um emprego e um patrão, ambos excelentes. Mas vamos aos fatos.

Como ia dizendo, naquela manhã de fevereiro, o fiel Fernand foi-nos procurar. Todo comedido, enfar pelado em seu terno preto, passeava da direita para a esquerda o inquieto olhar de seus olhos redondos. Sempre tinha, até certo ponto, aquele arzinho pouco seguro. Naquele dia, entretanto, sua inquietação não era fingida. Fui eu quem o recebeu, por ser a menos ocupada da casa.

- A senhora não viu o meu patrão? — perguntou sem preâmbulos, embora timbrasse, em geral, em demonstrar uma polidez obsequiosa.

Retruquei-lhe que ninguém o havia confiado à minha guarda. Mostrei-me, porém, mais circunspecta ao ser informada de que Le Cateau desaparecera há três dias. Desaparecera por completo, sem deixar nenhuma pista, como se diz nos romances policiais. Saíra de casa e não voltara. Nada mais.

O estúpido Fernand já havia alertado a polícia. Um comissário registrara gravemente a sua declaração. Desde então, Sylvain Le Cateau estava oficialmente "desaparecido". Seu "desaparecimento" estava devidamente constatado em documento devidamente classificado. E era o que bastava.

À Fernand, afinal de contas, é que aquilo não bastava. Queria saber quem lhe pagaria os salários, se Le Cateau não voltasse. Mas a polícia não soubera informá-lo a este respeito.

Foi quando Rodolphe chegou. Fez com que Fernandeu repetisse o seu relato e compreendi, logo às primeiras palavras, que ele suspeitava ou temia alguma coisa. Pôs-se a interrogar o criado como que ao acaso, mas por detrás de suas palavras eu pude adivinhar uma hipótese secreta.

— Você está dizendo que seu patrão saiu quinta-feira. (Estávamos no sábado.) Sabe para onde ele foi?

— Não exatamente.

— O que quer dizer com isso?

— O patrão não me disse para onde ia. Não tinha obrigação de me dizer nada. Podia ter dito; porque, sem me gabar, sou homem de toda confiança.

Mas, enfim, tive a impressão de que ele vinha para cá.

— Por quê?

— Bom, foi uma impressão. Ele nunca saía pela manhã, a não ser para vir aqui.

Rodolphe franziu o cenho.

— Se ele esteve aqui, é fácil verificar. Mariette vai-nos informar.

Mariette era a criada. A nossa. Esqueci de dizer que tudo isto se passou, na realidade, em nossa casa, pois Rodolphe tinha somente um quarto no andar superior a fim de poder dedicar todo o seu tempo aos trabalhos que empreendia com meu pai.

Com grande surpresa de nossa parte, Mariette declarou que Sylvain Le Cateau viera, de fato, visitar "seu amigo Carnage" na quinta-feira pela manhã.

— É estranho — disse Rodolphe. — Ele sabe que eu tenho aula nesse dia.

— Foi o que eu disse ao senhor Le Cateau. Ele respondeu que tinha esquecido e saiu quase imediatamente. Disse que voltaria.

— E ele saiu quase imediatamente?

Mariette hesitou.

— Vamos, o que é que há?

— Bem, para dizer a verdade, eu não vi quando ele saiu. Havia um assado no forno e, como o senhor Le Cateau é amigo da casa... Eu o deveria ter acompanhado... Mas deixei-o com um pouco de pressa... Estava sentindo cheiro de queimado. E quando voltei ao salão, eh já tinha saído.

— Ou melhor, você supôs que ele tivesse saído.

— Bom, ele não estava mais aí.

Rodolphe ergueu os ombros e assumiu um ar preocupado. Livrou-se de Fernand com algumas palavras banais e encaminhou-se para o laboratório. Eu o acompanhei.

— O que é que há, Rodolphe? Você não está pensando que Le Cateau possa ter-se escondido na sala T?

— Exatamente, é o que estou pensando.

— Mas ele não poderia ter ficado escondido ali desde quinta-feira!

Rodolphe não respondeu logo. Tínhamos chegado à porta da famosa sala. Ele ficou a contemplá-la com ar ausente.

— É preciso que eu lhe diga, Belle, — começou por fim. — Eu não entrei nesta sala nestes três dias. Tive outras preocupações. Algumas providências a tomar para um outro invento...

Fez uma pausa e ficou a olhar para a porta com uma expressão de intensa inquietação.

— Ora, vamos, Rodolphe! Você não está imaginando que vamos encontrar o cadáver de Sylvain Le Cateau atrás desta porta!

— Não...

Pronunciou um "não" arrastado e pouco convicto.

Eu girei a maçaneta. A porta não estava nem sequer fechada a chave. Um sol novinho em folha brilhava por trás das cortinas, iluminando toda a sala. Aliás, bem pouco atravancada. Os aparelhos eram complicados, mas pouco volumosos. Não havia onde se esconder. Se Le Cateau, vivo ou morto, ali estivesse, nós o teríamos visto ao primeiro olhar.

Rodolphe entrara depois de mim, com visível repugnância. Tornou a fechar a porta cautelosamente e se pôs a vasculhar tudo. Aparentemente, sua inquietação ia num *crescendo*. Contemplou o quadrante do aparelho-Tempo e percebi que sentiu violenta emoção. Eu, entretanto, nada via de anormal. Deu uma volta em torno da tela, manipulou alguns parafusos, acendeu um projetor. Percebemos então, esparsos diante da tela, alguns fios escuros, espalhados numa área bastante extensa. Rodolphe se abaixou e apanhou alguns...

— Cabelos — disse ele.

E, desta vez, ele me pareceu não apenas receoso, mas horrorizado.

— Vou examiná-los ao microscópio, — acrescentou depois de um silêncio.

— Mas são cabelos mesmo, tenho certeza.

— Isto é ridículo! — exclamei. — Le Cateau não veio até aqui para cortar os cabelos!

— Não, não foi para isto que ele veio. Mas veio. Esses cabelos são dele: tenho certeza. Aliás, poderemos prová-lo. Há testes para isso.

— Admitamos que esses cabelos sejam dele. E daí? Mesmo que tivesse estado aqui, aqui ele não ficou.

Rodolphe pareceu a ponto de dizer alguma coisa. Depois, dando de ombros, voltou a contemplar o tufo de cabelos (pois eram mesmo cabelos) que tinha na mão. Disse, por fim:

— Se é verdade o que estou pensando, provavelmente seremos logo informados. Seja como for, não há nada a fazer. O caminho que Sylvain talvez tenha tomado é, na verdade, uma estrada sem retorno.

Deteve-se depois destas palavras enigmáticas, recusando acrescentar qualquer explicação. Confesso que o deixei de muito mau humor.

Os testes feitos logo no dia seguinte comprovaram que se tratava realmente de cabelos, e de cabelos pertencentes a um indivíduo com a idade, o temperamento e todos os traços físicos de Sylvain Le Cateau. Por conseguinte, este se havia introduzido sub-repticiamente no laboratório, depois de dar à empregada a impressão de que tinha saído, e viera dar voltas em torno da tela. Até aí, nada de muito surpreendente, considerando-se a espécie de fascinação que essa tela exercia sobre ele. Mas, e depois?

Não tardaríamos a descobrir o que acontecera depois. Na segunda-feira, dois dias depois deste incidente, Rodolphe, que permanecera quase o tempo todo fechado na sala T, mantendo-se por outro lado em mutismo quase absoluto, veio para a mesa na hora da refeição do meio-dia, muito pálido, com as mãos trêmulas e algo de febril em toda a sua postura. Não comeu nada. Com olhar fixo no vácuo, nem sequer dava mostras de nos estar vendo.

Finalmente, sem conceder nem um olhar à sobremesa, atirou o guardanapo sobre a mesa e fez sinal a meu pai e a mim para que o seguissemos.

Levou-nos, naturalmente, para a frente da famosa tela. Escurecida a sala, mal nos havíamos sentado, ele pôs o aparelho para funcionar...

Por certo, muitos espetáculos miraculosos e incompreensíveis já se haviam desenrolado, diante dos meus olhos, sobre essa tela. Talvez venha a contar um dia o que eram aquelas primeiras visões, de certa forma preparatórias. Contudo, por mais curiosas, inverossímeis e cheias de mistério e terror que tenham sido muitas vezes, não passaram de frívolos divertimentos diante da surpresa que nos esperava.

Sobre a famosa tela, no meio de um cenário cuja estranheza a princípio não percebi, a tal ponto absorvia o personagem central toda a nossa atenção, vi o rosto angustiado, suplicante, desesperado, de Sylvain Le Cateau.

Ele devia supor ou adivinhar que pudéssemos vê-lo pois, de quando em quando, estendia as mãos em nossa direção — ou na direção de algo desconhecido, com uma expressão de infinito sofrimento. Víamos seus lábios se mexerem; adivinhava-se que um torvelinho de palavras, de palavras de súplica e lamento, jorrava incessantemente de sua boca. Mas, naturalmente, nada se ouvia.

Era realmente Sylvain Le Cateau. Não havia dúvida possível. E, no entanto, havia em sua pessoa algo de bizarro e inédito. Em primeiro lugar, o seu traje. Falarei mais tarde daquele traje colante e cheio de listas longitudinais, vagamente felpudo, sem cintura, semelhante a um toção pouco espesso.

Mas o que me impressionou logo de saída foi a calvície de Sylvain. Uma calvície total.

Pobre Le Cateau! Eu sempre o achara, e ainda o acho, tão apagado, tão tolo e limitado. Mas a sua estultícia toda servia agora apenas para aumentar o patético de sua situação. É justamente porque ele era — porque é — um pequeno- burguês de espírito estreito, estreitamente encerrado em seu pequenino círculo de preocupações cotidianas e locais, que o fato de se ver assim naufragado em não se sabe que região desconhecida do tempo e do universo representava uma tragédia ainda maior para ele que para qualquer outro. Quanto desamparo se podia ler em seus olhos! Não podíamos nos comunicar, mas eu adivinhava sem dificuldade o que se passava naquele espírito tão simplório, de mecanismo infantil. Pobre Le Cateau! Devia ser como se estivesse realmente morto. No reino das sombras. Todo o seu universo pulverizado, volatilizado, desaparecido. Acabara- se o chocolate com leite, pela manhã, acompanhado de torradas com manteiga e do *Petit Parisien*. Acabaram-se os passeios, o bulevar, o *Bois de Boulogne*; o alfaiate, Paris, o conforto... Em lugar disso tudo, o quê? Eu ainda não o sabia, mas já entrevia algo, imensamente desconcertante.

Pobre Le Cateau! Eu não gostava dele; mas, se tivesse podido, procuraria mostrar-me amável para tentar, pelo menos, tranquilizá-lo. Mas aí é que está: ele não nos via. E era este o aspecto mais terrível da situação e que, aliás, ilustrava com precisão magnífica e implacável a teoria da irreversibilidade do Tempo. Nós podíamos vê-lo, nossos pensamentos dirigiam-se para ele, mas nada podíamos receber em troca.

Não vou descrever a angústia de Rodolphe, infinitamente mais intensa que a minha pois, como já disse, ele experimentava uma afeição muito real por aquele pobre fantoche. Permanecia imóvel, durante horas, diante da tela, torcendo as mãos, presa de mudo desespero. Deixei bem depressa de me preocupar com Le Cateau: já me parecia bastante a preocupação que me causava Rodolphe.

— Nada podemos fazer — ficava ele a repetir. — Não há nada a fazer! É impossível que ele nos veja. E, quanto a falar, evidentemente...

— Mas — retruquei um pouco ao acaso e com a intenção, sobretudo, de distrair Rodolphe — não seria possível ler as palavras sobre os seus lábios, como fazem os surdos-mudos?

— Poderíamos tentar; isto e muitas outras coisas. Ele poderia fazer sinais com os braços, como os marinheiros. Poderia até escrever: se as letras

fossem suficientemente grandes e o papel voltado para o nosso lado, poderíamos ler com facilidade por cima de seus ombros. (E, com efeito, como hão de ver, o que aconteceu foi coisa parecida.) Mas, — continuava Rodolphe — o terrível é que não podemos sugerir-lhe nenhuma idéia. É preciso que venha dele mesmo. Ou de alguém de lá... Que ele tenha a idéia de escrever, ou de fazer sinais de uma maneira qualquer...^{2}

Observei mais tarde, ao verificar as datas, que este período de abatimento e indecisão durou dois dias. Tinha-me parecido bem mais longo, como é natural. Só abandonávamos a sala T para ir tomar nossas refeições. Mas um de nós sempre ficava de guarda junto da tela, mantida em contínuo funcionamento. Le Cateau nem sempre aparecia; pelo contrário, suas aparições pouco depois se fizeram breves e erráticas; mas voltava persistentemente, como se adivinhasse que o podíamos ver. De fato, sua narrativa irá explicar que essas aparições não eram devidas inteiramente ao acaso.

Nos intervalos dessas aparições, multiplicavam-se as imagens barrocas e desconexas. E também indecisas. A iluminação era fraca e irregular, todos os objetos cercados de fluida auréola: como que torres mais largas no alto que na base, pirâmides invertidas, florestas esvoaçantes, passagens furtivas de seres fantásticos... Como posso saber? Mas é inútil ficar a insistir sobre essas visões fugidias e deformadas, pois Le Cateau irá descrever o que viu de perto.

Aliás, não prestávamos a menor atenção àquelas coisas. Rodolphe caminhava de um lado para o outro, com as mãos nas costas, lançando apenas um olhar de quando em quando ao filme incoerente do futuro, só para verificar se seu amigo aí aparecia. Só se detinha quando Le Cateau surgia em cena.

Após um intervalo bastante prolongado, que nos deixou agoniados, as aparições de Le Cateau se fizeram mais regulares e sua atitude modificou-se. Seus gestos se tornaram mais firmes, mais bem coordenados. Dava a impressão de esboçar, esboçava sinais. Oh! tão desajeitado! Aquele eterno paspalhão era realmente o homem mais destituído de condições para se desenrascar em aventura tão extraordinária. Suas lamentáveis gesticulações davam vontade ao mesmo tempo de rir e de chorar. Ele próprio parecia perceber a futilidade de suas tentativas porque, depois de ficar a agitar durante algum tempo os braços de maneira incoerente, como Charlie Chaplin em alguns filmes, balançava a cabeça e se afastava. Dir-se-ia,

entretanto, que alguém velava por ele. Finalmente, na noite do segundo dia, quando já começávamos a perder as esperanças e eu buscava a melhor maneira de convencer Rodolphe de que seria melhor colocar um ponto final naquela espera inútil e deprimente, Le Cateau voltou a aparecer, revelando uma alteração qualquer em toda a sua atitude.

Para falar a verdade, não tinha um ar satisfeito — oh, nada disso! — mas seu porte demonstrava mais segurança, mais decisão. Trazia nas mãos uma espécie de cartolina para desenho e o que se me afigurou, naquela luz indecisa, um porta-lápis, mas que deveria ser um objeto bastante diferente. Jamais ficamos sabendo ao certo o que era. Em suas mensagens, ele não se refere, ou refere-se pouco, à maneira pela qual as enviava até nós — ou talvez as explicações pormenorizadas se encontrassem nas partes que não nos alcançaram. Tivemos entretanto algumas vezes a impressão de que ele não estava sozinho, que alguém o observava, o guiava, talvez. Como interpretar aquelas sombras todas, a ondular, a fundir-se umas nas outras?

Sylvain sentou-se sobre uma coisa qualquer, perdida na franja obscura que se projetava à borda da tela e, dando-nos as costas, começou a escrever.

E foi assim, sem olhar para nós, voltando-nos as costas, a nós, gente do passado, sem poder adivinhar se sua mensagem chegaria jamais a nos atingir, que ele se pôs a nos contar o futuro. Assim procederam sempre todos os profetas, sem dúvida.

De quando em quando, sempre que sua "lousa" estava cheia, ele fazia um gesto estranho e, bruscamente, a superfície ficava outra vez virgem de qualquer escrita. Teria ele apagado o que havia escrito, como faria com uma lousa de verdade? Seria uma espécie de bloco com folhas destacáveis? Nunca ofereceu explicações a este respeito.

Le Cateau reapareceu desta maneira, para nos enviar mensagens através do tempo, durante um número bastante grande de sessões regularmente espaçadas. Ou, pelo menos, bastante regularmente. Enquanto a primeira de todas as aparições ocorreu à noite, as sessões de escrita se processaram quase sempre à mesma hora: um pouco antes do meio-dia. Mas sempre se produziam com um pequenino avanço, com uma defasagem progressiva, de modo que o horário ia sempre avançando para a manhã; a tal ponto que fomos obrigados, por fim, a estar a postos às seis horas da manhã para captar as mensagens.

Houve, entretanto, variações e flutuações no método empregado. Pode-se admitir igualmente que ele se tenha aperfeiçoado, ou que o foram

aperfeiçoando ao longo das experiências pois, nos últimos tempos, Le Cateau parece ter muito maior liberdade de escolha do momento e do lugar de expedição de suas mensagens. Dir-se-ia até, segundo levam a crer algumas palavras de sua derradeira mensagem, que a posse de uma "lousa" se tornara a única condição indispensável.

No começo, ele desenhava todas as frases em maiúsculas, o que não andava depressa. Mas não o fazia sem motivo. Bastava que a "lousa" ficasse um pouquinho deslocada para que as letras nos aparecessem em perspectiva, deformadas, por vezes ilegíveis em certos trechos da mensagem. Depois, sentindo-se mais seguro, ou mais apressado, passou a rabiscar na escrita habitual e lançando mão de uma infinidade de abreviações que complicavam, e bastante, a nossa tarefa. Em seguida, apresentou-se com "lousas" já preparadas; colocava a primeira voltada para nós e, de repente, pelo misterioso processo de que já falei, punha em seu lugar outra "lousa" — ou folha — contendo a seqüência da mensagem. Isto também não deixava de ter os seus inconvenientes: a folha desaparecia por vezes antes que houvéssimos conseguido decifrar mais de uma ou duas palavras. Este inconveniente agravou-se ainda mais quando, nos últimos tempos, deixamos totalmente de ver Le Cateau para vislumbrarmos apenas uma espécie de pedestal onde as lousas se sucediam como que por obra de magia (ou melhor, por obra de algum processo mecânico), mas em ritmo acelerado.

Acrescentemos também que, desde o início, tornou-se-nos evidente que o estado moral de Le Cateau fora comprometido, mas o desarranjo de seu espírito foi-se agravando. No fim, sua mentalidade estava tão pouco de acordo com a nossa que tínhamos dificuldade em compreendê-lo, mesmo quando chegávamos a receber na íntegra uma mensagem. Tínhamos a nítida impressão de que ele enlouquecera. Mas, talvez estivesse apenas começando a adaptar-se a seu novo meio.

Por todos esses motivos, o relato cuja transcrição será lida a seguir, comporta inúmeras lacunas, impressões e incoerências. Assim como muitas repetições e contradições. Peço-lhes desculpas. Mas era preferível deixar que essa desordem e essas lacunas subsistissem, sem preenchê-las ou tentar remediá-las através de suposições ou de alterações fantasiosas. E, para o que diz respeito às repetições e contradições, observe-se que, embora algumas possam ser atribuídas à minha negligência, muitas outras são devidas exclusivamente ao fato de que Sylvain corrigia-se a si mesmo.

Descreve-nos as coisas tal como as vê, e nem sempre as vê da mesma maneira. Certos aspectos sucessivos do misterioso mundo onde foi cair revelam-se a ele sugerindo-lhe interpretações também sucessivas e por vezes opostas. Não me julguei com o direito de fazer escolhas entre essas diversas interpretações. Em que momento estaria ele errado?

Além disso, é claro que Le Cateau não pôde ver tudo e, muito menos, compreender tudo. Ele, menos que qualquer outro, coitado! Mas é preciso convir também que qualquer outro teria ficado desorientado. Se um homem de Neandertal ou de Cro-Magnon surgisse entre nós, que narrativa de sua aventura, que descrição de nosso mundo poderia fornecer a seus contemporâneos?

Durante pouco mais de três meses, dia após dia, fui a fiel secretária do fantasma de Le Cateau. Copiava num bloco de notas, estenografando por vezes todo o conteúdo das mensagens que ele ia oferecendo sucessivamente aos nossos olhos. Rodolphe me substituía, por vezes. Mas sempre revi seus apontamentos e procurei concatená-los com os meus. Esforcei-me o quanto pude para não fazer literatura. Se houver alguma, terá vindo do próprio Le Cateau: como já disse, ele lia todos os prêmios Goncourt. Procurei apenas concluir as frases inacabadas, acrescentando algumas palavras, quando estas pareciam se impor, e foi só. Mesmo assim, a parte que cabe à interpretação ainda é excessiva, sem dúvida. Era imprescindível, no entanto, fornecer algo inteligível; e para nós, que tão bem conhecíamos o nosso Sylvain, impunham-se inúmeras interpretações. Com toda a honestidade, acredito poder afirmar, em suma, que o relato que se vai ler representa a transcrição fiel dos cronogramas endereçados a Rodolphe, através dos milênios, por seu infortunado amigo.

Quanto ao interesse destas mensagens, cabe-lhes agora formar uma idéia pessoal do mesmo. E, se não lhes interessarem, sempre poderão fechar o livro.

A NARRATIVA DE SYLVAIN LE CATEAU

PRIMEIRO FRAGMENTO

Ó vocês, para quem escrevo, será que me lêem, será que me vêem?

Não o saberei jamais.

Não me é possível vê-los; impossível saber se minha mensagem consegue alcançá-los. É possível, pelo contrário, que todo o esforço que faço, o fastidioso trabalho que representa traçar todos estes caracteres sobre uma superfície, sobre uma substância cuja natureza e textura desconheço, seja um trabalho tão derrisório quanto o de uma criança a traçar com um pedaço de pau os seus vagos rabiscos sobre a areia, na hora da maré montante. Possível? É até provável. Mais do que provável. Sim, é mais do que provável que o meu esforço esteja destinado a cair no vácuo, logo que produzido. Rodolphe, meu pobre amigo, onde está você? Será que me pode ver? Estamos separados por espaços, por mundos intransponíveis e me vejo obrigado a voltar-lhe as costas. Aliás, mesmo que me virasse, eu não o conseguiria ver. Não veria nada. A muralha transparente e infinita do tempo, transparente apenas para você, nos separa como impenetrável cristal.

E, no entanto, você não deve estar longe. Vocês não devem estar longe, pois adivinho que Belle, sua noiva e minha amável inimiga,^{3} deve estar a seu lado, durante as suas pesquisas. Se assim for —, e é preciso que seja assim, caso contrário jamais teria a coragem de continuar — vocês estão aí, os dois, a poucos metros de mim, tão perto, e não obstante tão longe, e lêem por sobre o meu ombro.

Eu quero que seja assim. É assim. Caso contrário, o que significaria esta plataforma para onde me orientaram cuidadosamente, por meio de marcos muito precisos? Para que esta espécie de quadro, de televisor portátil, onde julguei reconhecer — onde reconheci — por ocasião de um primeiro reconhecimento, os sítios onde eu havia caído, para fora do abismo do tempo? São facilmente identificáveis e estou certo de que as letras que aqui desenho são igualmente visíveis no lugar em que surgiu inopinadamente neste mundo bárbaro e transtornado. E, creio agora, estou certo de que este

lugar, com a diferença de uns poucos centímetros, é o mesmo em que vocês se encontram. Ah! se eu pudesse voltar... Mas nunca hei de voltar. Embora não compreenda muito bem o que me está acontecendo, compreendo o suficiente para ter certeza disto.

Tudo indica, porém, que vocês me vêem. Em todo caso, foi tudo arranjado para que pudessem ver-me. Vigiam-me, observam-me enquanto escrevo, eu o sei, eu o sinto, embora não possa vê-los. Os seres misteriosos desta misteriosa região do tempo fazem experiências comigo. Sou uma cobaia para eles. Mas que importância tem, se isto me permite comunicar com vocês! Eu faria muitos outros sacrifícios além do da minha dignidade para obter semelhante favor. E ele me foi concedido, sem que o pedisse.

Não se preocupem. Não se preocupe, Rodolphe, mesmo que eu divague um pouco. Divagar assim me faz bem: acalma-me. É como um comprimido de aspirina. Se eu pudesse conseguir uma aspirina! E ninguém virá perturbar-nos! Não há perigo. Eles são incapazes de compreender o que estou fazendo, e jamais poderão compreender: no mundo em que me encontro, ninguém sabe ler nem escrever. Ainda mais: ninguém tem a menor idéia do que seja a escrita. Caso estejam vendo o que faço, adotam por certo a atitude desdenhosa e divertida do explorador a observar um selvagem ocupado a manipular os seus fetiches. Aliás, é esta a atitude geral à meu respeito.

Para dizer a verdade, existem uns dois ou três bonzos, uma espécie de acadêmicos, ou coisa que o valha, que sempre ouviram falar em alfabeto e chegaram a ver alguns textos. Não digo textos antigos, pois seria tautologia: agora, só existem textos antigos. Eles sabem o que vêm a ser essas coisas e a que correspondem; mas é só. Além desta vaga noção de que a escrita constituía um meio de expressão, creio que não possuem nenhum informe preciso sobre qualquer espécie de escrita, embora possuam alguns espécimes. Se esses indivíduos me estiverem observando, poderão adivinhar o que estou fazendo, mas não saberão ler. Talvez, por curiosidade pessoal ou por ambição, alguns deles busquem decifrar minhas garatujas, mas duvido que o consigam. Quando muito, chegarão a elaborar, a meu respeito e tomando-me como pretexto, uma série de sábias insanidades. Quanto aos demais, meus rabiscos lhes devem parecer algo tão fútil, tão indizivelmente vão, que deles se desinteressam imediatamente.

Mas, por que estou eu aqui? Você o quer saber; pois saberá. É uma história idiota, do gênero das que eu lia na Moral em Ação, quando era criança:

Sylvain, ou a Curiosidade Punida. Como você sabe, a tela me atraía irresistivelmente. Quinta-feira passada...

Aqui estou eu a me exprimir como se ainda houvesse quinta-feira, como se ainda houvesse pouco tempo que... O tempo! A palavra tempo e todas as outras que com ele se relacionam perderam para mim todo significado. Atrapalho-me até na conjugação e poderia a cada momento usar tanto o futuro quanto o imperfeito. Mas, enfim, digamos quinta-feira passada para encerrar o assunto. Naquela quinta-feira, portanto, eu penetrei em sua casa graças a uma artimanha que você deve ter descoberto depois. Em sua casa, ou melhor, na sala T. Eu queria ver o aparelho, sozinho. Ver e tentar acioná-lo. Parecia-me que aquela história do Tempo interessava-me mais que a qualquer outra pessoa, que eu poderia extrair daquilo, mais coisas ainda. Mais do que você. Sentia-me como que investido de uma missão. Idiota, não? Mas fui bem castigado.

Voltemos aos fatos. Eu estava nervoso, pois sentia-me em falta. Nervoso e apressado, como um garoto que se meteu num lugar proibido e procura mexer em tudo, mais que depressa, antes que o descubram. Também eu tive pressa de mexer em tudo. Eletricidade, comutadores, manivelas, alavancas, porcas, parafusos, manipulei tudo ao mesmo tempo, ou quase. Eu seria incapaz de reconstituir com exatidão a seqüência de minhas ações, o que talvez pudesse ajudá-lo a me compreender. Eu estava com medo. Com um medo danado. Como naquela vez em que nos tínhamos esgueirado para a sala de trabalhos práticos, no liceu, em lugar de ir para a sala de estudos, lembra-se? E ficamos a brincar com as amostras... Mas ali, no seu laboratório, eu havia desencadeado ruídos insólitos. Aquilo tudo roncava, rangia. E depois, umas tremuras, como um perpassar sedoso, muito suave. O que queria dizer aquilo? Diabos me levem se eu estava sabendo. E um diabo me levou.

Eu me havia aproximado da tela, trepado num banquinho para enxergar melhor. Era algo com que eu sonhara, mas jamais tivera a coragem de lhe pedir. Para "enxergar" melhor! Era a quintessência da imbecilidade. Uma vez trepado no meu tamborete, com o nariz em cima da tela, eu já não enxergava mais nada.

Depois, não sei dizer. Tive como que uma vertigem. Terei "caído" imediatamente, se é que se pode qualificar aquilo de cair? Ou terei feito mais algumas coisas, mais algumas tolices? É bem possível. Tenho como que uma vaga impressão de ter dado mais uma volta pela sala antes de

tornar a subir no meu tamborete. Ou talvez nem tenha voltado a subir. Já nem sei. O certo é que, quando me foi possível tornar a pensar de maneira coerente, eu já não me encontrava no meu universo costumeiro.

Retorno ao meu comunicado, Rodolphe, mesmo que você não esteja aí. Tanto pior. Agarro-me a esta correspondência, talvez ilusória, a estas cartas, que confio ao correio do Nada. Tenho necessidade deste liame, mesmo que fictício, com meu universo de outrora. Sem o quê, creio que resvalaria para a loucura.

Meu universo de outrora? Acabarei não mais sabendo como era, de tal forma este me obseda e me oprime. Mas, perdoe-me: se você me está ouvindo, isto é, se você me vê, deseja saber, evidentemente, como é este mundo em que me encontro. Quer fatos e não lamúrias. Quer pormenores, muitos pormenores, pois este mundo, quem o descobriu foi você. Você é o seu Colombo. Pois bem; vou-lhe contar o que vejo. Serei o seu olho, seu instrumento de observador. Pelo menos, eu lhe terei servido para alguma coisa, Rodolphe, apesar da minha imbecilidade. Será o meu último consolo. Você há de me desculpar, por exemplo, se eu não for sempre claro, ou se der a impressão de estar a me contradizer. Você sabe que não sou capaz de traçar um roteiro: é o meu defeito. Lembra-se das queixas do padre Lecafre, em Janson: — Onde está o roteiro, senhor Le Cateau, onde está o roteiro? O senhor é incapaz de fazer um roteiro!

Ah! Bons tempos aqueles!

Ai de mim!

Enfim, tome as coisas como elas vierem. Fica a seu cargo o tal plano. Há de ser bem melhor assim. Além disso, é preciso que eu lhe diga: há um mundo de coisas que não compreendo¹. E há um mundo de coisas que eu julgava ter compreendido muito bem e que eu verifico depois não serem de modo algum como eu havia pensado. De modo algum, mesmo. E depois, serei muitas vezes obrigado a lhe transmitir informações abreviadas, sem explicar como as consegui: levaria muito tempo.

Finalmente — o que quer você! — hei de fazer o que puder. Eu lhe direi o que vejo, ou o que julgo ver. Mas, esteja prevenido. É pegar ou largar.

Em primeiro lugar, a coisa fundamental, o que mais se vê, e creio que, quanto a isso, não há meio de estar enganado, este mundo é um mundo subterrâneo. O lugar em que me encontro, onde você me vê — se é que me vê — é um recanto de imensa caverna, ou melhor, de uma série de cavernas,

quase todas situadas abaixo, bem abaixo das mais profundas minas de nosso tempo.

Por que isto? Foi o que eu me perguntei desde logo, o que perguntei assim que consegui tentar perguntar alguma coisa. Pelo que pude entender, a superfície já não é habitável. A atmosfera da Terra se rarefez, como a da Lua, e lá em cima faz um frio cósmico, um frio negro: o homem pereceria ali imediatamente. Não é nada engraçado. Assim, o homem se fez toupeira: *exemplum ut taipa*, como dizia o padre Gazier, lembra-se? Coitado do padre Gazier! Já está morto. E eu!... Pobre de mim!

Mas prometi contar-lhe o que estou vendo, sem floreios nem explicações, ou melhor, sem pseudo-explicações. Cabe a você compreender ou adivinhar. Quanto a mim, confesso que me perco. Desenrede-se como puder, no meio deste pesadelo, e desenrede-o.

De modo que, aí está! Quando cheguei... Será que posso dizer que cheguei? Bem, quando comecei a pensar e a refletir, tive a impressão de estar numa caverna. Não porque não conseguisse enxergar com clareza; eu podia ver até de maneira bem satisfatória. Mas tinha a impressão de que a iluminação vinha de lado, obliquamente, como em certos efeitos de cena, no Châtelet.

De modo que era como que uma imensa caverna. Quanto mais olhava, mais me dava conta de sua imensidão. Uma nave de catedral, diversas naves de catedral, dúzias de naves somadas, ligadas umas às outras, catedrais para gigantes de Brobdingnag. Mas os pilares e as esculturas eram curiosamente irregulares. Havia colunas e até colunaras; mas as pequenas colunatas, agrupadas como os tubos de um órgão, e os pilares das grandes arcadas, que se perdiam nas sombras, sucediam-se de maneira caprichosa. E depois, colunas de jaspe, riscadas de veios, sarapintadas de verde, e translúcidas; e depois, pilares de um azul profundo e escuro; e depois, como que enormes canteiros de quartzo atravessados por jorros de luz alaranjada, onde cintilavam reflexos azuis lembrando centáureas.

Levantei-me, esfregando os olhos, e depois as costelas. Estava contundido, moído, quebrado, exausto. Creio que devo ter caído, rolado por uma encosta, por diversas encostas. Já não me encontrava em meu ponto de partida. Talvez até houvesse caminhado, percorrido distâncias bem grandes, em meio a um delírio que não deixara vestígios em minha memória. Esfreguei minha cabeça e foi então que percebi que estava calvo: não compreendi porquê. Avancei a gemer, e a fantástica paisagem foi se complicando à medida que eu avançava. Era preciso ora descer

intermináveis ladeiras, ora subir encostas do inferno, com túneis que escancaravam suas goelas avermelhadas, para em seguida transpor passarelas fantásticas, que de longe pareciam como que pontes suspensas feitas dos fios de seda de uma aranha. E divisavam-se planícies, cheias de ágatas esparsas, como um jogo de bolas de gude abandonado por escolares do tamanho de Gargântua.

E aquela luz constante, vinda de lado, irreal, inverossímil. O céu — isto é, o lugar onde deveria estar o céu — perdia-se numa sombra abafante, impenetrável.

Dei-me conta, bem depressa, de uma coisa bastante penosa, da qual minha atenção ficara afastada pela novidade do espetáculo e pelo inesperado da situação: o solo era extraordinariamente duro e parecia ir-se tornando cada vez mais duro, de uma dureza ofensiva. Com arestas cortantes e um sem-número de saliências pontiagudas. Em determinado momento, tropecei e caí com as palmas das mãos para a frente... Ergui-me com as mãos ensangüentadas. Estava caminhando sobre espadas; percorria campos floridos de pregos e de lâminas Gillette. Explicaram-me mais tarde, ou julguei compreender, que estivera atravessando uma caverna onde nunca tinha chovido, onde jamais se infiltrara umidade alguma. O relevo cristalino permanecera inalterado, sem nenhum abrandamento de sua severidade. Em todo caso, as solas dos meus sapatos ficaram em breve reduzidas a frangalhos e eu só me atrevia a avançar dançando sobre os saltos, que ainda me forneciam alguma proteção.

Caminhei assim durante muito tempo. Ou talvez, pelo contrário, não tivesse sido por muito tempo. Não sei dizer. O tempo não significa coisa alguma. Tive, finalmente, a impressão de ter chegado a uma espécie de capela particularmente escura. Havia ali sombras, sombras sem conta, a se agitarem. Gritei estupidamente, louco de terror.

Fiquei depois como que sufocado, aniquilado. Senti a cabeça a girar. Não vi mais nada. Teria sido o cansaço? Ter-me-iam feito perder os sentidos? Há um período para o qual minhas recordações são como que um sonho, não muito nítido. Parece-me que fui carregado, e depois trancado.

Não estou muito certo disto. Não está nada claro. E, sem dúvida, isso não tem nenhuma importância. Quando — não direi: quando voltei a mim — mas, digamos, se quiserem, no momento em que as minhas recordações tiveram novamente início, eu não estava sozinho.

Eu estava numa sala — se é que aquilo se pode denominar uma sala, pois parecia-se antes com uma bola. Tinha-se a impressão de estar dentro de uma bola translúcida, toda envolta por uma luz vaporosa. Como se estivéssemos no interior de um globo de escritório, mas sem a lâmpada lá dentro e, mesmo assim, com a sua luminosidade.

É uma mobília estranha, também toda redonda, ou pelo menos composta de superfícies redondas. Voltarei a falar nela mais tarde.

Naturalmente, minha atenção dirigiu-se em primeiro lugar para os seres que me rodeavam. Homens? À primeira vista, sim. O aspecto geral era o mesmo, assim como a disposição do corpo. Mas dir-se-ia que eles estavam revestidos de uma espécie de malha felpuda. Ou seria um tosão? Seja como for, a cabeça era nua e calva, recoberta apenas de leve penugem através da qual cintilava a luz. Os cabeleireiros não devem fazer fortuna neste país.

Havia cinco ou seis, talvez sete ou oito daquelas criaturas na sala, a agitarem-se ao meu redor, a me roçarem, gesticulando, conversando ou dando a impressão de conversar entre si, e comigo. E, coisa estranha, eu tinha a impressão de compreender desde logo pelo menos o teor geral do que se estava dizendo. Um daqueles seres enigmáticos, que parecia ter-se encarregado de mim, mantinha-se constantemente à minha cabeceira. Delgado, magricela mesmo, com ares vagamente efeminados, apesar da coloração de marfim antigo de seu rosto de velhinho asseado, ele me inspirava uma "confusa mescla de impressões diversas", como dizia Laforgue. Julguei compreender a princípio que ele se chamava Cubilo, pois designou-se várias vezes a si mesmo pronunciando essa palavra. Depois, tive a impressão de me haver enganado e de se aplicar a palavra igualmente aos outros seres presentes na sala. Cubilo, por conseguinte, devia ser a palavra equivalente a homem na linguagem deste outro mundo.

Cubilo — ou o cubilo — vendo que eu parecia ter recuperado o livre exercício das minhas faculdades e que estava observando com interesse o que se passava a meu redor, começou a despejar sobre mim um jorro de palavras, fazendo acompanhar seu discurso de intensa gesticulação. Seria porque falava depressa demais? Desta vez já não estava compreendendo mais nada. Maquinalmente, ergui-me sobre um cotovelo, para enxergar melhor, com a vaga idéia de que talvez compreendesse melhor se enxergasse melhor. Porém, mal fizera este esforço e minha cabeça descaiu novamente, tomada de vertigens.

O mal-estar foi passageiro. Eu tinha fechado os olhos. Quando tornei a abri-los, tinha sob o nariz uma espécie de gaiola gradeada, no interior da qual se via uma bexiga amarelada. Dela se escapava uma espécie de corrente de ar infinitamente fresco e revigorante. Aquilo me lembrou um balão de oxigênio, e soube mais tarde que não estava muito enganado.

Cubilo agarrou suavemente a gaiola gradeada e afastou-a de meu rosto; depois, aproximou de meus lábios uma ampola translúcida, larga e achatada, cheia de um líquido incolor. Ofereciam-me algo para beber. Eu bebi. Estava com sede. Mas, ao tempo em que me desalterava, o líquido também me alimentou. Não era insípido: tinha um sabor bem pronunciado de guisado de lebre. Não era nada disto, evidentemente, mas creio que se tratava com efeito de uma espécie de caldo, alimento e bebida ao mesmo tempo.

Senti-me, de súbito, perfeitamente disposto. A aventura parecia-me agora quase divertida; os seres que me cercavam, estava pronto a achá-los simpáticos. Distinguia mais claramente e com interesse crescente os pormenores que se iam oferecendo à minha vista, e estava ávido de ver e ouvir mais, mais e mais coisas novas.

A maioria dos cubilos presentes agrupara-se num canto, ao redor de algo que parecia entretê-los, excitá-los e mesmo diverti-los bastante. Examinando melhor os objetos amontoados à seus pés, ou que iam passando de mão em mão com estranhos cacarejos, vi que eram roupas. Um paletó, calças, cujos vincos ainda podiam ser percebidos, calçados de couro marrom, uma camisa... Ora esta! Quer dizer que ainda existiam alfaiates e camiseiros naquela terra?... Estaria eu sendo vítima de alguma mistificação? Iria tudo explicar-se, esclarecer-se? Iria encontrar-me, de repente, entre os meus amigos de Auteuil, sentindo-me um tanto ou quanto ridículo, mas muito tranqüilizado?

Curta alegria! Pois seria imensa a minha alegria se saísse deste sonho esmagador! Por acaso, volto o olhar para mim mesmo e compreendo. Estou nu, inteiramente nu. Aquelas roupas são as minhas. São os meus despojos pré-históricos, que divertem de tal forma os novos homínidas. Aqueles excitados modos de moleques que fizeram uma descoberta... Sua maneira de explodir de rir, sem dúvida. As calças, sobretudo, parecem diverti-los intensamente. Vão de mão em mão, ininterruptamente. Calças, com vincos! É forçoso reconhecer que eles têm razão. Haverá coisa mais barroca? Sobretudo para homens das cavernas. E, sobretudo, para homens das

cavernas do ano 5.000, ou 15.000, ou 50.000, ainda não sei ao certo. Saberei jamais?

Minhas reflexões tomam em seguida um outro rumo. Começo a achar infinitamente embaraçoso estar nu, particularmente diante de estranhos. E aqueles seres me são infinitamente estranhos. Continuam assim, ainda agora, e assim foram desde os primeiros instantes; assim hão de ser, para sempre. Para mim, continuam distantes, extraordinariamente distantes. É como se houvesse um contínuo nevoeiro transparente entre mim e eles.

Eu havia maquinalmente cruzado os braços sobre o meu peito, numa desajeitada tentativa de cobrir minha nudez. Sou um tanto gordo e tenho o peito bastante desenvolvido. Esta particularidade de minha anatomia sempre me causou bastante embaraço quando as circunstâncias me forçam a apresentar-me despido. Embaraçava-me bastante naquele momento, embora aqueles seres mal fossem homens, ou pelo menos homens como eu. (E, com efeito, não eram exatamente meus semelhantes, como ficaria sabendo em breve.)

Graças, porém, à uma certa finura que lhes é peculiar (eles são um misto singular de intuição e incompreensão, capazes de requintes de delicadeza, mas também da mais obtusa estultícia), eles pareceram perceber o meu embaraço. Cubilo foi o primeiro. Quero dizer, o meu cubilo, o que parecia afeto à minha guarda. Abaixou-se imediatamente, fez como se estivesse abrindo uma espécie de alçapão e trouxe à luz um tosão semelhante ao seu, meio espólio de homem, meio pele de macaco. Estendeu-a para mim, convidando-me evidentemente a vesti-la. O que fiz, bem depressa. De modo que o tosão daquela gente era realmente artificial; eles tinham roupas, ou melhor, um só tipo de roupa, leve e sedosa, uma malha sem costura. Entrava-se nela por uma fenda vertical, aberta nos rins, e que se fechava por si mesma, como descobri logo, graças à elasticidade do tecido, se é que aquilo é um tecido. Era, em todo caso, colante e flexível, sem fechos nem cordões. As bordas da fenda aderiam uma à outra logo que se revestia o traje. Como, não sei ao certo. Uma das centenas de coisas, pequenas e grandes, que não chego a compreender.

Seja como for, eu estava equipado, desalterado, alimentado, pronto para bancar o explorador. Meu cubilo o compreendeu e convidou-me com um gesto a erguer-me para sair. Eu o segui.

Era realmente a uma exploração que eu ia proceder. Do ponto de vista do cubilo, era um simples passeio; mas um passeio durante o qual eu fazia

descobertas a cada instante. Estarrecedoras descobertas, fazendo a cada um de meus passos surgir uma singularidade qualquer — que digo eu? —, dúzias de singularidades, mistérios desconcertantes.

Descemos por uma escada em espiral. Quando digo escada, é por uma questão de hábito. Minha linguagem, meu passado emprestam seu colorido e impregnam à minha revelia tudo que digo a respeito desta cidade misteriosa, que desta forma lhes deve parecer, a vocês, meus longínquos amigos, quase conhecida, quase familiar, ao passo que...

Minha sensação de impotência e de isolamento, suspenso como estou entre dois mundos, um dos quais sobrevive dentro de mim enquanto o outro me cerca e me aprisiona, este sentimento, que retorna a cada instante como um acesso de febre, provoca em mim um intolerável desconforto.

Prossigamos, porém. É preciso prosseguir. Não posso, não quero me deter nesta impressão de impotência. Eu não subsistiria. Procuremos fazer com que este novo mundo penetre em mim, para expulsar o outro, o antigo.

Imaginem vocês... Mas eu estava dizendo que havíamos descido por uma espécie de corredor em espiral, cujo piso constituía um plano inclinado com rugosidades formando quincôncios, que não eram degraus, mas que podiam substituí-los. Tendo, portanto, descido, eu esperava sair diretamente no rés-do-chão. Nada disto. Chegamos diante de um janelão que parecia obstruído por uma cortina de cobrinhas amarelas e cinzentas. Meu guia afastou-as e meu olhar descobriu o vazio.

O vazio, um vazio imenso, banhado naquela meia-luz oblíqua de que já falei, pontilhado aqui e ali de zonas mais claras e distantes. Abaixo de nossos pés, nada — ou melhor, uma espécie de cabo ou de vara muito fina, que vai descendo. E, finalmente, de tanto esbugalhar os olhos, vislumbro lá embaixo algo que se assemelha ao solo.

Mas não tive tempo de refletir. Apareceu de súbito uma mancha, deslizando ao longo do cabo e subindo em nossa direção. Aquilo foi se aproximando, foi deslizando, sem esforço, e ei-la a nossos pés: é uma espécie de plataforma, de elevador de carga, que foi deter-se bem ao nível do patamar, diante do que bem podia ser denominado porta, com um clocl, um baque muito suave e familiar. Meu companheiro deu um passo para a frente e se postou sobre a plataforma. Imitei-o; não podia fazer outra coisa. Mal nos puséramos de pé sobre o aparelho e lá começou ele a descer. Oh! Com um deslizar tão suave! Mas não havia parapeito e fui apanhado tão de improviso que caí sentado sobre o traseiro. Meu guia ergueu-me,

complacente. Deve ser dotado de um senso de equilíbrio espantoso. Não parece experimentar nem a necessidade de sentar-se, nem a de apoiar-se num lugar qualquer.

Estou porém cansado de designá-lo como "meu guia". Prefiro contar logo o que descobri naquele mesmo dia, no decorrer do passeio: ele se chamava Palem. Será assim, portanto, que passarei desde já a chamá-lo. Palem ergueu-me e, pronto, tínhamos chegado. A distância era menor do que eu imaginara.

Apeamos. E fico a olhar, deslumbrado, confuso, ofuscado, mergulhado cada vez mais numa atmosfera de sonho, de pesadelo.

Estávamos no fundo de uma imensa caverna com um céu de pedra. E, suspensas deste céu, dependuradas daquele teto, um sem-número de casas, suspensas pelas patas como morcegos ou coladas às rochas como enxus de abelhas. Adivinhei desde logo que eram casas. Aliás, não acabáramos de sair de uma delas, que avistei outra, na extremidade do cabo, semelhante a uma lanterna veneziana. E à seu redor, inúmeras outras, uma infinidade de outras, em forma de lanternas, de lampiões, de lanternas japonesas, de guarda-sóis chineses, de liteiras sem carregadores, de pagodes invertidos, de revérberos sem pedestal, coladas ao firmamento rochoso.

Algumas se parecem com enormes lâmpadas elétricas, com bolas de vidro soprado. São de vidro, com efeito.

Foi o que explicou Palem e eu toquei nas paredes de algumas. (Não posso evitar que o que adivinhei e o que aprendi se misturem ao que vi.) Há casas-ampolas, terminadas em ponta. Há outras, embora mais raras, alongadas como lagartas, coladas ao ventre do céu rochoso como cabinas de dirigíveis ao ventre de seus aerostatos. Creio que são hangares ou lojas, ou edifícios públicos. Mas não tenho certeza. De que terei eu certeza?

Descem cabos de muitas dessas casas, e por vezes vê-se uma coisa, que se assemelha a uma folha seca ou a uma grande borboleta, deslizando rapidamente para o solo ao longo do cabo. São os ascensores, ou melhor, os descensores em funcionamento. Examino o nosso mais de perto. É estranhamente parecido com um pequenino aeroplano acachapado, de asas curtas, levantadas num ângulo de 45 graus, e uma cauda também curta erguida para o ar quase em linha reta. Eu a princípio só vira uma plataforma. Suponho porém que se trate de uma espécie de aviões teleguiados, os únicos possíveis na atmosfera restrita deste país intraterrestre. A descida não é rigorosamente vertical.

Palem contempla-me com expressão bizarra. Deve rir de mim, por certo. Mas eles, sem dúvida, não riem como nós. Faz-me sinal para acompanhá-lo. À nossa frente, inicia-se um verdadeiro caminho, cujas sinuosidades contornam rochedos arredondados. Mas serão realmente rochedos? Tenho por vezes a impressão de estar passeando numa espécie de parque artificial. Entre os rochedos redondos, desabrocham como que repolhos pálidos, regularmente distribuídos.

Em seguida, esqueço-me de olhar a meu redor, todo absorvido por uma tentativa de conversa com meu guia. A princípio, tive a impressão de estar aprendendo a sua língua com extraordinária facilidade, de fazer progressos por assim dizer instantâneos. Tenho agora as minhas dúvidas. Aliás, tenho dúvidas a respeito de tudo. Por vezes, tenho a impressão de haver compreendido tudo. E, de repente, tenho a sensação profunda, irresistível, arrasadora, de não haver compreendido nada, e de ser para todo sempre incapaz de compreender, de estar envolto por todos os lados num opaco nevoeiro de mistério e de ininteligível.

Mesmo assim, creio ter compreendido naquele momento que meu companheiro se chamava Palem. E Palem fala comigo, e eu falo com ele. Pensando bem, quem mais fala sou eu. As palavras dele são extraordinariamente breves e raras, às vezes acompanhadas de gestos singulares, como se estivesse a traçar hieróglifos no espaço. Não obstante, julgo compreender. Mas, será que compreendo, ou será que invento?

Vamos caminhando. Ao longo da vereda, sobressaem tufos acinzentados de líquens gigantes e moitas de algas pálidas e rastejantes. Por vezes, uma mancha de parietárias de um amarelo pálido. Por cima de nossas cabeças, na meia-luz, a cidade desfere como que centelhas, daqui e dali. Algumas não permanecem imóveis; disparam, ágeis, ao longo do teto, com paradas bruscas, como pirilampos caprichosos, como vagalumes velozes. Pergunto o que são. Palem profere uma série de sons roucos e suaves, faz sinais que não chego a compreender. Vejo, entretanto, que ele me aponta um planador descensor, parado não muito longe de nós... Creio ter compreendido: trata-se de alguma empresa de transporte comum. Devem ser uma espécie de bondes subterrâneos, com troles suspensos a um trilho que corta o teto cavernoso. Exprimo o meu pensamento em voz alta, em francês; pronuncio uma frase semelhante à que acabo de escrever. E Palem aprova, como se tivesse compreendido as minhas palavras; como se compreendesse o francês. Mostra as gengivas pálidas e coriáceas, num sorriso sem dentes.

É tudo muito estranho. Mais estranho, entretanto, é que ele sorria novamente — se é que isto é realmente um sorriso — e aponta para o teto, dizendo com uma ligeira e singular vibração:

— Tramway!

Mas, então, ele fala francês? Não entendo mais nada.

Trata-se, porém, realmente, de uma espécie de tramway. Vou receber uma confirmação. Detive-me, como se já estivesse cansado. Talvez esteja mesmo cansado, com efeito. Ainda não estou bem em forma. Palem deve tê-lo compreendido. Ou talvez tenha julgado que eu estava exprimindo o desejo de entrar num daqueles "bondes"? A verdade é que me arrastou para um rochedo escuro, maior que os outros e que nos domina. A superfície à nossos pés é lisa e uniforme. Palem mete a mão numa fenda. E quase imediatamente se faz ouvir uma espécie de frêmito. Um cabo negro, levemente oscilante, surge bem perto de nós, como que materializado das profundezas do espaço. E um descensor plana acima de nossas cabeças, e desliza rapidamente em nossa direção, com a cauda a vibrar como um peixe-voador. Palem convida-me a instalar-me na plataforma e, de repente, subimos. Agarro-me ao ombro do meu guia. E eis que chegamos.

Chegamos diante de uma espécie de bolsão aberto no flanco de um daqueles hangares em forma de dirigível, cujo aspecto já anotei; penetramos no ventre do dirigível, de paredes perfuradas por vigias e, mal entramos, ele se põe a caminho. O que eu tomara por um hangar era o próprio tramway. Mas, por que tramway? Ter-se-ia a língua francesa perpetuado até ali, pelo menos em algumas palavras? É pouco provável. E, aliás, que estupidez a minha! Tramway não é uma palavra francesa.

Espio pelas vigias e vejo desfilar as casas da... ia dizendo da rua. Sim, por que não? Um certo tipo de casas e um certo tipo de rua. Casas semelhantes a lampadários e candelabros, a quebra-luzes virados; pavilhões chineses às avessas, com terraços localizados entre os recurvos ângulos de seus telhados invertidos, onde bizarros mandarins tomam a fresca olhando-nos passar sem dar mostras de nos ver.

O tramway-aetóstato, o aeróstato que se assemelha a um tramway, acaba de parar. Sigo meu companheiro como que num sonho. Minha narrativa deve estar terrivelmente desconexa, e isto não me agrada. Eu preferiria um relato bem ordenado. Sou favorável à tradição; eu preferiria, gostaria de escrever como Bossuet. Mas não há meio. Minhas próprias impressões são, na verdade, por demais descosidas: uma mixórdia, uma confusão, um

coquetel, dez mil coquetéis de sensações diversas, grotescamente díspares. Para lhes dar uma idéia, eu teria de escrever como Maldoror. Não há Bossuet que se agüente. Desde que estou aqui, vivo como que dopado. Estou fora da vida, fora da minha vida; os instantes se telescopam, tudo se embaralha, se mistura, se confunde.

Eu seria incapaz de dizer como foi que saí do tramway. Lembro-me vagamente de uma espécie de passarela, mas isto talvez seja invenção de minha parte, uma explicação posterior. Aqui estou eu de novo dentro de uma casa, se é que se pode chamar a isto de casa. Apresentam-me, quero dizer, mostram-me a diversos indivíduos, todos peludos, a macacos peludos, com seu pêlo louro muito fino. Macacos calvos, muito suaves e sutis. Caminham para lá e para cá dentro de uma espécie de colmeia de vidro translúcido. Esse vidro deve ser-lhes extremamente útil, considerando-se a escassa luminosidade da atmosfera; existem, porém, como que cortinas de correr, que tornam possível isolar as células da colmeia, criando uma espécie de intimidade. As cortinas são de cor vermelha e laranja, e fica-se imerso em fulgores sangüíneos ou alaranjados quando elas são puxadas, isto é, empurradas. A porta de entrada — já o deveria ter dito — fica situada no alto, juntinho do teto rochoso, e desce-se de um andar para o outro por uma espécie de espirais em forma de saca-rolhas, sem degraus, porém rugosas.

As residências são redondas, os cômodos redondos e os móveis redondos, quando os há. Não existem ângulos em parte alguma. É moda, ou quem sabe, talvez eu tenha caído no meio de gente que aprecia as curvas. Ficarei sabendo mais tarde.

Encontro-me em pé, junto da superfície encurvada de um painel alaranjado, suavemente perfurado no centro por uma zona translúcida. Aproxima-se de mim um indivíduo mais corpulento que os outros, de tórax estufado, muito desenvolvido. Será algum atleta? Creio que me examina curiosamente. Em seguida, todos põem-se a falar ao mesmo tempo. Julgo compreender que o indivíduo de tórax amplo se chama Bovrilo, ou é um bovril. Que nome esquisito! No entanto, bem que ele parece forte como um boi. Que sonho absurdo! Mas não é nenhum sonho; eu ouvi bem: bovril. E os outros, os mais magros, se chamam cubilos ou pubilos, ou as duas coisas, não sei ao certo. Invade-me um cansaço irresistível. E perco os sentidos.

Parece-me antes que adormeci. Mas agora já está tudo confuso em minha memória, pois estou retomando minha narrativa depois de um intervalo de vários dias (deveria dizer girações). De modo que é preciso recuperar o

tempo perdido e fazer um resumo de tudo o que aprendi ou compreendi (talvez tudo às avessas) nesses dias. É preciso. Caso contrário, impossível.

Eu resido com o meu cubilo— é realmente um cubilo, e cubilo é um nome genérico, sendo Palem o seu nome próprio — mas creio já ter dito isto. Resido numa casa-lanterna e durmo numa espécie de divã circular. A pessoa é obrigada a se enrolar quase que como uma bola, e por isso durmo mal. Mas terei necessidade de dormir, quando estou sonhando o tempo todo?

Procurem imaginar, vocês que me estão vendo — pois estão me vendo, eu o quero — Sylvain Le Cateau disfarçado em macaco, com uma pelagem loura, tomando sua refeição, a única do dia, em companhia de outro macaco sedoso, diante de uma espécie de mesinha baixa, como uma mesa turca. Que mesa! Que companheiro! Que refeição!

Não é nada mau. Eu me habituarei. Afinal de contas, é possível que o estômago seja o que melhor se adapta, aqui.

O que se come com maior freqüência é uma espécie de cogumelo, frituras de cogumelos, assim como líquens em salada. Em compotas também. Desconfio que costumam injetar neles hormônios, vitaminas e "sol simpático", ou pelo menos que se tenham submetido esses alimentos subterrestres à influência de determinadas radiações, pois não se tem necessidade de comer muito — são muito nutritivos. Aqui está como poderia ser reconstituído o meu "menu" de hoje, se eu estivesse na terra: Compotas de abricô — Barbas de capuchinho ao óleo branco — Amêndoas de pinhão — Nozes moles (servidas sem casca, com gosto de perna de rã) — Girolas e outros cogumelos fritos.

Naturalmente, tudo isto não passa de comparações. Na realidade, não comi nem abricôs, nem salada, nem amêndoas, nem nozes, nem girolas. Na verdade, trata-se realmente de plantas, mas de plantas subterrâneas, preparadas de acordo com métodos peculiares a este universo subterrâneo. Não são cozidas, não. Desconhece-se o cozimento, já que se desconhece o fogo. Disto eu me dei conta bem depressa e julgo não estar enganado. O fogo deixou de ser utilizado; se ainda é conhecido, há de ser no máximo como curiosidade de laboratório. A temperatura subterrestre é mais ou menos uniforme em toda parte: não há dia, nem noite, nem chuva, nem estações; por conseguinte, o aquecimento seria inútil. Os alimentos são ingeridos frios, isto é, mornos; vi, uma ocasião, algo parecido com um banho-maria aquecido por um aparelho elétrico, mas não era fogo. E não parece de uso muito generalizado. Os subterrâneos gelam mais do que

cozinham, a julgar pelo que me oferecem, e os frigoríficos devem ter substituído os caloríferos. O homem atual já não sabe fazer fogo, não sabe sequer o que seja o fogo. Não se fuma. Dou-me conta, aliás, de que a fumaça permaneceria estagnada e seria incômoda, nesta atmosfera confinada. Para mim, constitui uma grande privação a falta de cigarros e de charutos, mas não há nada a fazer: essas coisas são desconhecidas aqui. Em compensação, torno a encontrar algumas das excitações artificiais que nos pareciam tão necessárias no século XX, na bebida — em algumas bebidas. No que qualifiquei, por troça (estou reduzido a troçar comigo mesmo), de coquetel vibratório. No interior de balões transparentes, agitam-se camadas de fulgores cambiantes, com todas as nuanças do prisma, em contínua vibração. É ótimo: provoca na gente uma espécie de sacudidela, a "petite secousse" tão cara a Barrès; embriaga-nos, sem nos pôr knock-out e tem gosto ora de frangipana, ora de angélica, ora de curaçu, ora o sabor é totalmente inédito. É uma das poucas coisas que me poderiam reconciliar com este baixo mundo — quero dizer, com este mundo subterrâneo.

Como fiquei sabendo de tudo isto? Ora! Por vezes diretamente. O coquetel vibratório, eu o conheci bebendo-o; é o melhor método. Mas nem sempre pode ser usado. Há coisas que Palem contou-me, pois aprendi a língua, pelo menos em parte. Ou julgo tê-la aprendido. Em todo caso, consigo comunicar-me com meu guia, que nunca se afasta de mim.

Mas é uma língua engraçada. Nem chega a ser bem uma língua, para falar a verdade. Parece-me uma espécie de álgebra. Tudo é muito abreviado. Pensa-se e fala-se resumidamente, projetando para a outra pessoa monossílabos que significam um sem-número de coisas, "conceitos que subsumem", como dizia o padre Vidalon, nosso professor de filosofia. E, de acordo com esta ou aquela inflexão, o conceito se aplica a este ou àquele objeto em particular. E a língua é em parte cantada. Assim como gesticulada, o que é possível numa terra em que não existem períodos de obscuridade. Há como que acentos indicados pelo gesto e gestos com valor de expoentes, isto é, que modificam a palavra a que se aplicam em proporções tão consideráveis quanto os expoentes da matemática. Com um gesto do polegar, assim, o que queria dizer coquetel de amêndoas passa a significar: venha, vamos sair. Com toda esta complicação, nem sempre chego a compreender.

Aliás, estarei eu certo de ter compreendido seja lá o que for? Há momentos em que me faço esta pergunta. Pioje de manhã, percebi que Palem está

usando cada vez mais freqüentemente palavras que parecem saídas do meu vocabulário. Depois de tramway, ele usou coquetel; depois, há algum tempo, descensor, que é uma palavra inventada por mim. Se esta palavra existisse na língua dos novos homens, a coincidência seria realmente extraordinária. Creio que meu companheiro vai incorporando ao seu vocabulário palavras colhidas no meu, para melhor explicar-me as coisas. O que eu estaria falando e entendendo seria uma espécie de saber intermediário, fabricado empiricamente para nós dois, no decorrer de nossas conversas, e participando simultaneamente do francês e da língua de Palem, mas não seria de fato essa língua. Li outrora um romance no qual dois enamorados, um francês e uma jovem espanhola, haviam criado assim uma língua mista para seu uso pessoal, meio francesa, meio espanhola, sendo, porém os únicos a compreendê-la, pois não era nem francês, nem espanhol. Talvez seja mais ou menos isto, por aqui.

Excetuando-se que Palem não é meu noivo. Quero dizer: minha noiva. Estou me atrapalhando. Mas também, tudo aqui é tão incerto! Não sei sequer se esta gente tem sexo. À primeira vista, dir-se-ia que existem apenas machos. No entanto... Decididamente, ainda tenho muito que aprender.

Enfim, continuarei a dizer as coisas como elas me forem aparecendo. Há de ser, talvez, um mero tecido de ilusões. Eu talvez descreva apenas o que se passa em minha cabeça, e de modo algum o que se passa neste mundo subterrâneo. Mas, afinal de contas, não é sempre assim? Nunca dizemos nada, a não ser o que se está passando em nossa cabeça.

Ao que me parece, este mundo não é muito antigo, relativamente. Este mundo, ou melhor, este habitat. Os homens entre os quais estou vivendo são descendentes dos homens entre os quais vivi. Meus descendentes! Mas, quão longínquos! Desde que se separaram de mim por gerações sucessivas, a Terra resfriou-se, a atmosfera do globo se rarefez como a da Lua. Não existe mais ar, nem calor. A parte de cima da crosta tornou-se inabitável. De modo que o homem, como uma pulga, afundou-se na epiderme planetária. Isto não aconteceu de repente. Durante muito tempo, subsistiram humanos na superfície. E até mesmo, se é que compreendi direito, ainda subsistem alguns. Quanto às cidades superficiais, creio ter visto algumas representações, como que desenhos em relevo, coloridos e de uma substância diversificada. São como que bolhas de cristal, pousadas sobre uma superfície cinzenta, fendilhada como um fundo de pântano drenado.

Por vezes, à sua volta, existem como que campos de neve. Evidentemente, as pessoas que vivem debaixo daquelas taças transparentes recebem ar e calor do fundo da terra. Serão muito numerosas? Ignoro-o. Serão postos avançados, ou observatórios, como aqueles observatórios empoleirados nas alturas, que encontrávamos nas montanhas do meu tempo? Ou serão, pelo contrário, cidades-matrizes, desempenhando algum papel importante e desconhecido?

Falei em ar e calor. Tenho razões para supor que, aqui, ar e calor devem ser artificiais. Pelo menos em parte. A residência atual da humanidade se compõe de uma série, de uma cadeia, se preferirem, de bolhas intraterrestres distribuídas a alguma distância da superfície — a distâncias variáveis. Será que já existia uma atmosfera respirável no interior desses vacúolos quando o formigueiro humano aí se refugiou? Talvez uma parte da atmosfera superficial também tenha afundado, absorvida, reabsorvida, ao mesmo tempo que os viventes. Seja como for, o ar natural, admitindo-se que tenha um dia existido aqui, deve ter-se tornado rapidamente insuficiente. O ar que respiramos, que eu respiro, se isto tudo não for um sonho, deve ser fabricado por mecanismos enormes, que ainda não pude ver. Aliás, esses mecanismos não teriam de ser necessariamente imensos. Mas devem fabricar o ar em quantidades imensas.

E esse ar, como será que ele circula? Na verdade, ele não circula de maneira alguma. É uma das coisas que me impressionaram desde o início e que eu não chegava a compreender, a explicar: nestas cavernas, não existe nenhuma corrente de ar. A atmosfera é sempre calma, imóvel, a não ser por uma constante evaporação para o alto, que se processa de modo insensível. Procurei conversar com Palem a respeito desta ausência de correntes de ar, mas encontrei uma dificuldade enorme para me fazer compreender. Obtive afinal uma resposta impregnada, ao que me pareceu, de um divertido desdém, e que se gravou em minha mente sob a forma de uma frase que poderia ser formulada da seguinte maneira: "Ah! Sim! Compreendo! Você se refere àquilo que os poetas chamavam de vento!" E tive a impressão de que a palavra que traduzo por poetas, e que talvez esteja interpretando mal, era articulada com um desdém muito acentuado.

Esta história de ar e atmosfera, aparentemente banal no entender de Palem, perturba muitas vezes as minhas reflexões. É obscura e importante. Se eu chegasse a compreendê-la, compreenderia um sem-número de coisas.

Está claro que eu caí no meio de uma sociedade meticulosamente organizada. Mas, como e visando a quê? Devo admirar o que vejo, e que me parece admirável, devo admirá-lo sem restrições? Terei algo a rezeir? Existirão aqui ferocidades ocultas? No entanto, tudo parece normal e pacífico. As preocupações materiais estão aparentemente distantes dos que me cercam. A exemplo dos lírios do campo, eles não tecem nem fiam, e o alimento parece distribuído gratuitamente. Aliás, dir-se-ia que poderíamos dispensá-lo: estou comendo cada vez menos. O ar daqui talvez possua qualidades nutritivas e também parece ser distribuído gratuitamente, por obra do Estado, se é que se pode falar em Estado. Os meus comensais não parecem ter muito que fazer. Não sofrem. Dispõem de uma infinidade de distrações requintadas e inéditas. Entre eles, doença e miséria são aparentemente desconhecidas. No entanto, não consigo livrar-me de um surdo mal-estar, de uma inquietação constante. Mas isto talvez seja um simples efeito de minha estranha desambientação.

Em todo caso, embora não existam aqui violências, nem guerras, nem revoltas, há, não obstante, uma hierarquia. Não é uma sociedade de pares. Disto tenho certeza, e não me espanto. A igualdade é uma quimera: nosso professor de filosofia já nos demonstrou isto há muito tempo, você se lembra?

Existe, portanto, uma hierarquia entre eles; mas a que corresponde? E será realmente razoável e benéfica? Quanto a isto, não tenho certeza.

É bastante esquisita essa hierarquia, mas há tantas esquisitices aqui embaixo! Sim, é o caso de dizer: aqui embaixo; é a expressão mais adequada.

Creio que existe por aqui uma aristocracia, uma "classe dominante", como diziam nossos bons comunistas. É a esses aristocratas que se dá o nome de bovrilos. Nunca tive de lidar com eles; não se interessam por mim. Contudo, um dos personagens que vi quando cheguei era um bovrilo: uma espécie de prefeito, ou de comissário. Deve ter-me inscrito nalgum registro, sem dúvida, e depois disto esqueceu-me; o meu dossiê estava classificado. As coisas não ocorrem de maneira alguma como geralmente acontece nas viagens às diversas Utopias, quando o herói é invariavelmente recebido com grande pompa pelo soberano do país, o qual lhe oferece refrescos variados e lhe dá um curso completo de política, desmontando-lhe e demonstrando-lhe todas as engrenagens secretas do governo do reino.

Não; o soberano, se é que existe um soberano, não me recebeu e ninguém me explicou coisa alguma. O que sei, o que julgo saber, foi respigado no convívio (digo propositalmente convívio e não conversa) com Palem. Na verdade, Palem não me explica grande coisa; entretanto, deu-me muitas e boas ocasiões para refletir.

Palem não aprecia os bovrilos; isto é visível. Mas creio que tem medo deles, embora este medo não se manifeste abertamente. Ele, em todo caso, não é um bovrilo! isto é certo. Sei até o que ele é: um cubilo. Deve ser a casta ou raça inferior. Acredito que eu mesmo tenha sido catalogado como cubilo. Os cubilos talvez constituam o proletariado da época; neste caso, houve progresso, pois os que vejo não são infelizes. Dir-se-ia, porém, que lhes falta alguma coisa — não sei dizer o quê.

Estou cansado. Vou dormir.

É possível que eu me tenha enganado ao dizer que não era um hóspede de categoria, e que me haviam incluído na classe inferior. Nestes últimos dias, parece realmente que tenham feito com relação a mim justamente uma das coisas que costumam ser feitas nas utopias de que zombei. Seja nalguma terra austral desconhecida, nalguma misteriosa região centro-africana ou na Lua, o soberano costuma oferecer ao nobre estrangeiro que o vai visitar, com risco de sua própria vida e graças a algum invento fabuloso, o regalo de uma caçada ou de uma excursão pelos recantos mais selvagens e mais pitorescos do país.

Pois bem; pelo menos por uma vez, dir-se-ia que se empenharam em tratar-me como um nobre forasteiro. Para falar a verdade, ainda não avistei o rei do país, se é que existe rei. Nem mesmo um daqueles personagens aristocráticos, que identifiquei como prefeitos. Mas Palem veio buscar-me logo cedo, isto é, assim que acordei. Estava muito calmo e deu-me algumas rápidas instruções nesta língua telepática e algébrica que, aparentemente, é a deles.

Compreendi vagamente que se tratava de uma viagem. Fez com que eu ingerisse uns líquidos azulados fluorescentes e uma dupla ração, colocando-me nas mãos uma espécie de bolas de marfim presas a fios. Em seguida, a coisa começou a ficar interessante.

Atravessando a cidade em tramway de teto, como de costume, descemos depois pelo descensor até o solo rochoso, num local que eu ainda não conhecia. Ali chegando, entramos numa espécie de cabana sumariamente construída e sumariamente mobiliada. Mas não era uma cabana feita de

tábuas. Parecia-se antes com um daqueles armários de pedra que se viam ao longo das estradas, no meu século, e no alto das quais estava escrito: Alta tensão. Perigo de morte. Uma casinhola desse tipo, porém mais alta e mais ampla; uma espécie de chaminé gargantuesca, ali caída por acaso, com uma abertura bem pequena, embaixo. Entramos e, antes que tivesse tido tempo de ver onde estava, meteram-me pela cabeça uma espécie de capacete de escafandrista. É espantoso como essa gente daqui é por vezes apressada. Embora, em geral, sejam muito morosos.

Antes de chegar a compreender o que me estava acontecendo, eu já me encontrava do lado de fora, arrastado por Palem e cinco ou seis outros que me pareceram também cubilos. Entretanto, depois de alguns passos, eu já tomara consciência de uma espécie de silvo muito suave, nas proximidades de minha orelha direita, enquanto uma aragem revigorante me acariciava incessantemente o rosto. A compreensão esclareceu-me: uma máscara respiratória, com um suprimento de oxigênio, sem dúvida. íamos descer, provavelmente, para as cavernas selvagens, para as lapas do mundo subterrâneo, as situadas mais para baixo, onde não existe atmosfera, mas apenas gases irrespiráveis? Mal fizera esta descoberta e tive a impressão de ouvir uma voz no interior de meu capacete, uma voz a dizer:

— Bravo, Sylvain! Adivinhou. É realmente para isso que serve o seu capacete, assim como todo o aparelho do respiro!

Virei a cabeça, atônito. Atrás de mim, ninguém. A meu lado, porém, Palem a sorrir. Ou, pelo menos, trazia estampada aquela estranha expressão fisionômica que neles corresponde ao sorriso. Esqueci de dizer que os tais capacetes eram feitos de uma espécie de mica muito leve e transparente, não resistente como o cristal, mas que cedia e se deformava sob as pancadas ou pressões. De modo que a fisionomia de Palem era perfeitamente visível e reconhecível. Tínhamos todos a cabeça como que no interior de uma grande bolha de sabão. Entretanto, se aquela bolha encerrava completamente a cabeça toda, como podia a voz de Palem chegar até mim? Por uma espécie de T.S.F., sem dúvida, incrustado nos aparelhos?

Embora aceitável, esta explicação não me satisfaz. Naquele momento, mais intensamente que nunca, tive a impressão, tantas vezes experimentada, de que não era realmente a voz de meu interlocutor que eu estava ouvindo, que não era nem sequer uma verdadeira voz. Não sei como explicar-me; parece-me porém às vezes que sou eu, apenas eu, quem reconstitui as frases e as palavras que julgo ouvir, a partir de não sei que percepção. Ondas, talvez...

Como posso saber? No meu século, explicávamos tudo através de ondas. Mas o que significa isto? Não me seria nada fácil explicar o que são ondas. E pouco importa. Já nem sei se estou vivo, morto, ou sonhando. Sou, talvez, um espírito desencarnado; duvido da realidade de meu próprio corpo. Entretanto, se eu não tivesse corpo, não precisaria de respirol.

Lá vamos nós. Depois de alguns passos, olho para trás. Agora, só se avista a cidade distante, lá no alto, como uma espécie de nuvem irregular, uma nuvem serrilhada e esfarrapada, curiosamente imóvel. Meteram-me nas mãos, assim como aos demais, um poste telegráfico em miniatura: uma vara bastante longa, quase da minha altura, com uma espécie de pente transversal, adornado de pequeninas bolas na extremidade dos dentes. Para que servirá isto? Impossível saber.

Vamos em frente. Ao cabo de um certo tempo de caminhada sobre um solo desigual, vejo surgir à nossa direita umas estruturas bizarras e irregulares. Dir-se-iam mastros desprovidos de velas, pousados diretamente no solo, ou semáforos dotados de círculos metálicos nos pontos de junção dos cabos e vergas. Noto que meus companheiros observam atentamente esses mastros, e que os círculos debilmente luminescentes mudam de cor a cada instante. Ora, as bolas do meu rastelo-poste telegráfico também mudam de cor, embora não sincronicamente.

Semáforos? Telégrafos portáteis? Transmissores de energia?... Se o impossível se realizasse e se retornasse deste país fantástico, eu me sentiria incapaz de descrever os hábitos, costumes, leis e mentalidade dos habitantes deste mundo subterrâneo. Ou, então, faria sem dúvida, involuntariamente, uma caricatura de tudo, grotesca a mais não poder. Uma interpretação eivada de não-senso e de contra-senso.

Pensando bem, não é sempre assim? Inclusive com relação ao nosso mundo pseudo-familiar? Hoje em dia, tenho por vezes uma suspeita de não haver compreendido absolutamente esse século XX em que eu vivia; de ter ignorado as coisas mais importantes da existência naquela Paris que me servia de morada...

Vamos caminhando. E como o solo vai-se tornando particularmente áspero, começo a me perguntar por que esta gente que, sob outros aspectos, me parece tão eficiente, que me dá a cada instante a impressão de serem mágicos, não instalou aqui uma ferrovia, um meio de transporte qualquer? Por que se condenarem a caminhar sobre este solo desigual, quando dispõem de tantas fontes de energia e de tantos aparelhos maravilhosos?

Mais um enigma.

Mas, é provável que um homem primitivo, vindo das profundezas do tempo, tendo acompanhado De Saussure na ascensão do Mont Blanc, houvesse feito a mesma pergunta. Talvez as cavernas para onde nos dirigimos constituam reservas inabitadas, equivalentes aos continentes selvagens, aos desertos, savanas e florestas virgens...

Talvez. Digo talvez e, no entanto, tudo que veio em seguida serviu apenas para confirmar esta primeira hipótese.

Andamos durante um tempo bastante longo. E, neste ponto, sou forçado a fazer um comentário que contradiz tudo o que foi dito há pouco. Mas não é verdade que tudo neste mundo é contradição e incoerência? Afirmei, pois trata-se de um fato que pude observar muitas vezes, que em muitas ocasiões o tempo parecia escoar-se mais depressa para os meus companheiros que para mim. Eles parecem capazes de acumular um sem-número de pensamentos num curto espaço de tempo. No entanto, seus gestos parecem geralmente mais lentos que os meus. Eles caminham, por exemplo, muito menos depressa. Nenhum destes que aqui estão consegue igualar a rapidez de minhas passadas.

Por quê? Encontrei uma explicação, de que me orgulho, embora talvez seja absurda. Já comentei que os subterrâneos eram quase todos pálidos, descorados, desbotados, despigmentados. O que não é de espantar, pois vivem em cavernas, sem sol. E, sem dúvida pela mesma razão, por estarem habituados a viver em altitude extremamente baixa, muito abaixo do nível do mar, devem ter menos glóbulos vermelhos. Com relação a eles, eu sou um montanhês, um homem das alturas. Suas combustões internas são mais lentas. Devem respirar num ritmo retardado, em frequência reduzida. Naturalmente, isto tudo não passa de suposição: não tenho meio algum de proceder a observações rigorosas; aliás, eu não seria capaz de tanto; e, além do mais, eles não haveriam de se prestar às mesmas. Mas este aspecto lívido e descolorido estaria bem de acordo com um excesso de linfa. E, se compreendi direito o que ouvi Rodolphe dizer um dia a propósito das altas pressões, o sangue deles deve conter em suspensão uma grande quantidade de gás.

Mas será que eles têm mesmo sangue, de verdade? Isto tudo, bem o receio, não passa de devaneio.

Em todo caso, certos aspectos exteriores do mundo subterrâneo poderiam confirmar as minhas hipóteses. Subimos, a princípio, algumas encostas,

depois penetramos na goela de uma espécie de mealheiro gigantesco, de solo árido e áridas paredes, cujo teto erguera-se aos poucos, elevando-se mesmo, meio bruscamente, até uma grande altura, em amplos canais que se perdiam no indistinto. Depois, arqueamentos que terminam em fendas, se multiplicam e se alargam; eis-nos chegados a uma região de canyons e de precipícios, onde o mundo mineral assume as formas mais bizarras: arborescências duras, mondmilch petrificados sobre os paredões, figueiras com galhos de pedra — ramos retorcidos, desprovidos de folhas; e muitas outras surpresas no país de granito: cactos de mármore branco, ou azul, cardos avermelhados com espinhos de ametista...

E, para além desta fantasmagoria, a penumbra profunda onde se adivinham elevações e gargantas, cavernas dolomíticas com inúmeras cavidades, enormes buracos de imensa esponja de granito.

Até agora, tudo lembra ainda, por sua natureza, a caverna pela qual penetrei neste mundo espantoso. Isto não passa de uma falsa vegetação, de arborescências rochosas; trata-se de um mundo exclusivamente mineral. Mas estaria muito enganado se tivesse chegado à conclusão de ser este o aspecto ordinário do país das cavernas. Tornamos agora a descer. A abóbada da caverna fantástica fica novamente visível e violácea, sem deixar de ser muito alta, e atingimos finalmente a região da umidade e da vegetação, das águas e das plantas. São as plantas que primeiro me impressionam. Não crescem, por assim dizer, sobre o solo, que permanece quase inteiramente árido sob nossos pés. E no teto, nos espaços do céu terroso, que se desenvolve o que não é ainda uma floresta mas sim uma savana ou matagal. Singular savana, estranho e fantástico matagal, feito de tonalidades pálidas, de nuances evanescentes. Esta característica é ainda mais acentuada pela iluminação insuficiente e difusa: musgos espumejantes, filamentos flutuantes, reposteiros e cortinas de chamalote branco, bulbos farinhentos, cachos de sílicas transparentes, rendas cremosas de um orgíaco ponto-de-Alençon, babas e lágrimas, excrescências saponáceas, com bolhas opalinas à guisa de frutos...

E depois, os animais. Seres! Animais! Finalmente! Eu ainda não vira nenhum e não sabia o que me estava faltando. Por entre aquela vegetação fantástica, esgueiram-se lagartixas de vidro verde, apeadas do último coche de Cinderela, tritões e proteus, salamandras vermelhas e salamandras amarelas. Vamos caminhando e o paredão, por vezes, desce até nós de cada lado e nas encostas abruptas crescem lunárias, sempre-vivas e cardos

brancos. Plantas de verdade, agora, mas sempre tão estranhas! Os cardos se enfeitam com campânulas e campainhas carnudas, de hastes espessas e nodulosas.

E, por esses bosques perpendiculares, ou suspensos do teto, perpassam vôos de morcegos velhíssimos, pois todos têm pêlos muito brancos: vampiros ou rinólofos, com um penacho de cristal ou de prata sobre o focinho em forma de ferradura.

E, depois, gafanhotos esbranquiçados, do tamanho de andorinhas, corujas albinas de olhos de rubis, brilhantes como lanternas vermelhas; gigantescas borboletas, negras e brancas como pegas, serpentes inofensivas lembrando compridas lingüiças brancas — repugnantes. Estas últimas deslizam por vezes pelo chão, mas também as vemos passar sobre as encostas e até pelo firmamento rochoso, entre a lívida vegetação, afastando seus tufo com um movimento lento, graças a não sei que aderência. Imagino que devem segregar alguma baba viscosa, como as lesmas. E, por falar em lesmas, aqui estão elas, sobre este muro oblíquo: lesmas prateadas, arrastando nas costas uma concha sinistrogira em forma de pêra.

Sou obrigado, a cada instante, a reformular as noções que considerava mais solidamente estabelecidas. Descrevi a princípio este mundo intraterrestre tal como o estava vendo e supondo: sem vento, sem água, seco e imóvel. O que era verdade, quanto às primeiras cavernas que pude ver. Aquela em que "aportei" era completamente seca e cheia de arestas cortantes, que me dilaceravam os pés. Parece, entretanto, que se tratava de uma caverna distante e raramente visitada. Os enormes bolsões subterrâneos, que vamos agora atravessando, são extremamente úmidos. Mas a umidade desta região subterrânea fica concentrada e condensada sobretudo no paredão superior, no teto. Deve vir de fora, talvez das camadas de neve que recobrem, ao que parece, a superfície exterior; e acumula-se acima de nossas cabeças em lençóis finos como películas, em filetes e filamentos de aspecto viscoso, culminando por vezes em cortinas de cascatas ou escorrendo até os paredões distantes, onde se transformam em rios oblíquos, subitamente tragados por fendas gigantescas.

E, embora pareçamos à primeira vista perdidos como exploradores em meio a estas solidões, por aí existem contudo algumas estradas — e ferrovias, do tipo suspenso ao teto, a que dei o nome de tramway e cujos vagões lembram cabinas de dirigíveis. Pois acabo de ver lá longe, por sobre reluzente rio, delgada folha de estanho, fita translúcida a engalanar as frisas rochosas,

delinear-se o ventre de uma ponte. O arco é único e côncavo. Ao contrário do que se fazia no meu tempo, o tabuleiro é que é encurvado, de modo que, ao passar sobre a ponte, a água nos deve estar por cima da cabeça.

Às margens deste rio aéreo, que parece bastante importante, vicejam vegetações liquenóides, gigantes, como enormes ramalhetes de chifres de rena e, mais próximas de nós, umas formações bizarras. Um campo de hastes lanosas, recurvadas como báculos. Milhares de J maiúsculos, presos lá em cima, porém espessos e ressumantes como caudas de ovelhas. A maioria, esbranquiçada. São, julgo eu, uma espécie de cogumelos; mas há outros de um amarelo brilhante. Sobre uma vasta extensão, pululam em nosso firmamento sólido os fungos leitosos e os fungos dourados.

Caminhamos durante algum tempo sob o dossel desta estranha pradaria; depois, dobramos à esquerda e nos distanciamos do rio suspenso. A curva da ponte desapareceu às nossas costas. Os báculos danosos ficam mais raros, mas também maiores: são quase árvores. Detenho-me um instante para examinar um deles, de um belo amarelo translúcido, quando tenho a impressão de o ter visto mexer. Recuo, estremecendo. Esses pseudovegetais seriam animais? Alguma espécie de vermes brancos e pegajosos? Bah! Que horror! E pensar que eles poderiam desprender-se da abóbada e soterrar-nos sob sua massa fervilhante e viscosa.

Mas não. São plantas, realmente. Os três passos que dei para trás modificaram meu ponto de vista e distingo agora a coisa que se mexeu e que não foi o cogumelo lanoso, não sendo porém menos horrenda. É uma espécie de polvo agarrado ao solo superior, e que agita no ar, — a vinte ou trinta metros, felizmente — seus tentáculos de porcelana flexível com ventosas de prata.

Permaneço um instante siderado, apressando-me em seguida a ir juntar-me a meus companheiros. O que é feito com facilidade, em poucas passadas; já expliquei por quê: eles caminham mais lentamente. O polvo branco não se mexeu. Talvez se trate de um animal preso a um ponto, tão incapaz de abandonar o seu habitat quanto as caudas de ovelhas. Quem sabe? Talvez me tenha assustado desnecessariamente. Talvez tenha escapado a um grande perigo. Nunca o hei de saber.

A paisagem torna-se mais clara e mais ridente, embora a vegetação luxuriante continue a vicejar quase só no teto. Sob os nossos pés, apenas alguns líquens acinzentados. Lá em cima, porém, flores deslumbrantes. Flores? Sou eu que assim me exprimo, por falta de outra palavra, embora na

verdade não saiba de que se trata, nem sequer se aquilo tem vida: parecem campos de diamantes brancos, que se alternam com campos de diamantes negros. Em seguida, a natureza subterrânea se faz menos brilhante e mais ridente, familiar e quase hortícola. Aqui está o fogo de artifício glauco e cinza das cenouras selvagens e o guarda-sol branco dos sabugueiros, tudo de cabeça para baixo, evidentemente, como reflexos sobre um lago. Aqui estão as chicórias branquinhas, as barbas-de-capuchinho, os arbustos de rosmaninho descorado, agarrados às encostas. Escolopendras gigantes, de longas folhas recortadas, hepáticas lívidas e vicejantes, rizomorfas de aspectos inquietantes, isto tudo atingindo as proporções dos arbustos e, por vezes, das árvores.

O vasto fosso dilatado por onde caminhamos há algum tempo alarga-se a perder de vista; o teto rochoso perde-se nas alturas indecisas, na franja indeterminada das florestas, pois, desta vez, temos sobre as encostas verdadeiras florestas de couves-flores gigantes, engalanadas de lianas glaucas, verde-azuladas, azuladas. Dir-se-ia que tudo foi adornado para alguma festança de aldeia — uma aldeia de vidro, pois tudo é quase sempre quase translúcido ou iridescente. Está claro que a assimilação da clorofila não pode processar-se aqui, por falta de sol, sendo impossível existir verdura de fato.

Evidentemente... Mas o que me parece evidente talvez seja refutado daqui a pouco. Já não ousa fiar-me nas evidências. Elas não merecem crédito neste mundo. É o que acontece com o vento. Afirmei que ele deixara de existir aqui. E que Palem confirmara meus dizeres. Mas, será que confirmou mesmo? Estarei certo de o ter compreendido? De ter compreendido' seja lá o que for?

Não, não estou certo. Aquilo de que estou certo — de que julgo estar certo — até nova ordem, é que, em algumas destas cavernas, existe vento, apesar de tudo. Só que é um vento vertical, vertical e ascendente. O ar, ou o gás, não sei bem, pois minha cabeça está metida na minha ampola de mica flexível, é continuamente aspirado para cima. Provavelmente, vai ter à superfície por entre as finas e múltiplas fendas, para evaporar-se como o nosso velho ar no espaço interastral. E, pelos mesmos canais invisíveis — ou por outros — a água desce incessantemente em direção aos abismos. Aqui embaixo, o ar foge e a água se perde. As duas coisas mais necessárias à vida estão sempre em fuga: uma para o alto, outra para baixo, ou melhor, uma para o espaço, outra para o centro do globo. Entretanto, por algum

tempo ainda, estas cavernas representam um ponto de encontro, de encruzilhada e aprazamento, para a água e para o ar, para o líquido e para o gás. De seu encontro, nasce e nutre-se a vida. Encontro passageiro, vida precária. Mas a vida não terá sido sempre assim?

Seja como for, não obstante o que eu possa ter dito, não deixa de haver aqui um regime atmosférico. Pelo menos nesta série de cavernas, onde talvez, onde sem dúvida não existe ar respirável, já que não nos desfazemos do nosso respirol. E isto me vai ser confirmado. Penetramos agora em outras cavernas, onde a vegetação se faz mais rara, quase ausente. Não por nos estarmos aproximando da superfície; pelo menos, não o acredito. Não tenho a impressão de estar subindo. Pelo contrário: as rampas vão se alongando, sempre para baixo. E, se nos estivéssemos aproximando da superfície, o frio seria provavelmente maior; ora, tenho a impressão, pelo contrário, de que a temperatura se está elevando.

Sim, está se elevando; mas já não me atrevo a explicar por quê. Pois vou enfrentar um novo desmentido, deparar-me com nova contradição. Afirmo que aqui a água desce sempre. E eis que ela sobe.

E com que força! Acabamos de desembocar numa imensa caverna geiseriana. Água por todos os lados, jatos d'água, jatos de vapor. Água quente, fervendo, jorros d'água, buquês d'água, sóis, constelações, penachos, leques esbranquiçados, um verdadeiro fogo de artifício. Como fumaças de centenas de locomotivas a se espalharem em longas caudas, a acumularem-se em nuvens.

E o barulho! Silvos também de locomotivas, explosões de caldeiras, pipocar trovejante, detonações repetidas. Dir-se-ia a terra a aliviar-se em borborigmos cavernosos e gigantescos. Acredito que exista nas cercanias algum bufador, algum buraco assoprador, ou mesmo diversos, que provocam neste sítio tempestades sifonantes acompanhadas de jatos de vapor, de chuvas quentes e de eructações estrondosas. Talvez algumas das quedas d'água que avistei sejam recalçadas para dentro de trompas e em seguida expulsas pelas fendas do rochedo, depois de aquecidas ao longo dos paredes.

Quantas hipóteses, todas sem dúvida bastante frágeis! Servem pelo menos para transmitir as minhas impressões. Mas, por que motivo teremos vindo até aqui? Meus companheiros se detêm no interior de uma vasta anfractuosidade, pousam as bolsas e picaretas que carregavam — ou os objetos semelhantes a bolsas e picaretas. Por um instante, assemelhamo-nos

a heróis de Júlio Verne, o que me tranqüiliza e reconforta. Já não vemos vegetais bizarros, ou repugnantes, nem polvos ameaçadores. Cena idílica, excursão, piquenique, refeição e repouso de viajores. Bem junto de nós, um pequenino gêiser irisado abre o leque, como um pavão branco.

Quando me refiro a refeição... Bom, é quase isto. Passa-se de mão em mão um cilindro provido na extremidade de um tubo flexível; o tubo insere-se numa válvula do capacete de mica, de modo que se possa absorver, sem se descobrir, o que denominei coquetel vibratório.

O que nos reconforta e nos alimenta.

A parada chega ao fim e nós levantamos acampamento. Avançamos pela floresta geiseriana. Embarafustamo-nos pelo dédalo de uma pirotecnia líquida, branca e cinzenta. As colunas de água quente, ora esguias, ora robustas, vão-se espaçando. Seria um efeito do vapor d'água? Apesar do respirol, tenho a impressão de que a atmosfera se faz mais pesada. Avisto aqui e acolá, ao nível do chão, montículos como que de algodão, de um algodão ora lívido, ora avermelhado. Termogênio. Deve haver por aqui gases pesados, que permanecem estagnados em lençóis, charcos, lagos gasosos, ora visíveis, ora invisíveis, como pântanos fluidos... Posso imaginar que não exista nenhuma vida nestas cavernas.

E, no entanto, existe. Os animais que vemos ter-se-ão adaptado a esta atmosfera? Ou teremos saído da zona de lençóis irrespiráveis? Mais uma pergunta sem resposta. Talvez o ar normal esteja ao nível do teto, e os gases pesados apenas a nossos pés. Pois todos os animais que agora vejo permanecem nas proximidades da rocha. Têm seu habitat no firmamento, no firmamento cavernoso. O espaço situado acima de nossas cabeças é subitamente obscurecido por uma nuvem de rinólofos. Morcegos gigantescos, do tamanho de águias, abrem sua envergadura úmida, as vastas asas cinzentas, de vôo pesado e mole. Julgo ouvir seus gritos agudos, mas talvez seja apenas uma ilusão. Em todo caso, quando essas criaturas voltam a cabeça ou voam em nossa direção, vejo distintamente o pequenino penacho que trazem na extremidade do nariz.

Serão uma presa ou um perigo? Esses animais fantásticos serão o que viemos buscar? Assim parece. Meus companheiros se detiveram. O grupo se espalha e eles me fazem pensar em caçadores a se prepararem para massacrar um bando de perdizes. Mas onde estarão as espingardas? Ora, vejam só! Parece que são essas espécies de rastelos, que comparei a postes telegráficos. Lá estão eles agora com jeito de querer usá-los como se fossem

trabucos. Palem, que torno a ver de repente ao meu lado, me faz uma demonstração. Segura o rasteio e — ia quase dizendo: leva-o ao ombro, mas não, não o leva ao ombro — apóia-o contra o esterno... e lá se vai uma seta. Ora essa! Não sei de onde ela saiu. Oculta e deitada ao longo do eixo, do cabo, de uma maneira qualquer? Talvez... Já não me atrevo a afirmar coisa alguma. Em todo caso, a flecha sai e voa. Palem não fez nenhuma mira. Decididamente, esta gente do futuro é por vezes bastante atrasada! Com este sistema, eles serão obrigados a esvaziar muitas aljavas antes de atingir o alvo. Pois bem, nada disto! Enganei-me, mais uma vez. A flecha não é flecha, e se Palem não faz pontaria é porque não é preciso fazer pontaria. A flecha — que é distintamente uma flecha, com ponta e guarnição de penas — disparou a princípio numa direção qualquer; mas é uma flecha mágica, dotada de vida. Eis que começa a perseguir, como se o estivesse vendo, o rinólofo mais próximo. Corre atrás dele, ataca-o; ele vira para a esquerda, ela vira para a esquerda; ele sobe, ela sobe; ele desce, ela desce. É mais veloz que ele, alcança-o e crava-se na nuca do monstruoso morcego, que trepida, de asas enlouquecidas, e depois se inteiriça e cai a pique como um guarda-chuva revirado pela tempestade. E, por toda parte, a nosso redor, uma revoada de flechas mágicas a perseguir uma revoada de fantasmas negros; e os morcegos, lá adiante, parecem chover do firmamento rochoso como flocos de fuligem.

Palem e os outros permanecem imóveis. Mas seus dedos tamborilam o cabo de seus estranhos instrumentos, mais ou menos como se tocassem guitarra. O que quer dizer isto? Parece-me vislumbrar... Lembro-me de que também eu trago nas mãos um destes instrumentos. Examino-o. Com efeito: sobre o cabo, ou coisa que o valha, existem botões análogos aos das campainhas elétricas. Serão comandos? As pseudo-flechas serão minúsculos torpedos teleguiados? Flechas automotrizes? Já não me atrevo nem a fazer suposições. Todas elas são bem depressa desmentidas. Não ousou fazer uma experiência com o rasteio que pesa em minhas mãos. Já não ousou agir, nem pensar.

Os cadáveres dos rinólofos cobrem o solo rochoso como poças negras. Os sobreviventes se refugiaram nas frestas e anfractuosidades; o ar da caverna está expurgado de vida. Somente os gêisers continuam a desdobrar às nossas costas os seus penachos monótonos. Meus companheiros deixam pender novamente as armas (se é que são armas!). A caçada chegou ao fim — se é que foi realmente uma caçada.

Um deles avança, junta os morcegos e os empilha a um canto; cobre-os com uma espécie de lona. Sem dúvida, alguém virá buscá-los mais tarde. Novas manipulações; tubos, válvulas, nova ração de "coquetéis". Acabou-se; vamos voltar.

Voltamos, mas não pelo mesmo caminho. Pelo menos foi o que me pareceu. Tenho, mais uma vez, de rever as minhas concepções. Há um regime atmosférico variável. Por toda parte, leves tempestades. Todos os objetos, pontas de rocha, cumes, estalactites, ápice dos cogumelos gigantes, estão cercados por um halo. Em determinados momentos, uma infinidade de pequeninas auroras boreais tomam os quatro pontos cardeais e o horizonte cavernoso. E sinto perpassar pelas minhas pernas os sopros perpendiculares de uma brisa vertical.

As cavernas por onde passamos a princípio, as cavernas elétricas, são quase nuas de vegetação, povoadas apenas pelo minério e pela luz. Cascatas luminosas, retas e descendentes, ou a regirar em espirais de fogo branco, em refolhos de espuma transparente. É a seqüência dos gêisers. Em seguida, ladeamos poços e túneis, fendas, precipícios e abismos, por cima dos quais julgo entrever vibrações de não sei que emanações radiais. Em seguida, vêm como que chaminés gigantescas por cima de crateras lunares e, mais uma vez — será que estou sonhando? — tenho a impressão de que essas crateras são obstruídas por válvulas gigantes. Em seguida, das frestas da rocha, jorram fontes fervilhantes. Mas não se trata de água; percebo-o perfeitamente pela cor, pelo brilho e pela compacidade do jato. Fontes de mercúrio? De estanho ou chumbo fundidos? Ou, pelo contrário, gases líquidos, supercomprimidos? Como posso saber?

Vamos adiante. E nossa passagem é por vezes assinalada por chuvas de pedras que se destacam da abóbada. Prova de que a região é perigosa, pouco habitável. Aliás, não parece mesmo habitada.

Mais uma vez, falei muito cedo! A vida não está muito distante. Mas, que vida? Crepuscular e infernal. No domínio por onde avançamos, domínio de muralhas de xisto, de paredões rajados e folheados, quase indistintos na penumbra, surgem zonas curiosamente estreladas... Mas essas constelações se mexem: são as patas de milhares de insetos, horrenda tapeçaria... Em minha pressa pânica, choco-me contra algo morno e sedoso, um animal enorme, e quase caio. Estrangula-se um grito no interior de meu capacete... Mas vislumbro o animal a fugir, tão assustado quanto eu: um enorme rato cinzento, do tamanho de um cão de caça, de olhos salientes como bolas de

bilhar, vastas orelhas e bigodes de formidável envergadura a se agitarem de cada lado do focinho, como hastes de uma balança.

Sob uma arcada rochosa, gracioso portal que se abre para uma semiclaridade, avisto as silhuetas dos meus companheiros. Trato de ir ao seu encontro.

Apressamos o passo, e estou começando a sentir-me cansado quando atingimos mais amenas províncias. Se estivéssemos na superfície da Terra, eu diria que estamos chegando ao fim da jornada. Áspera jornada.

A paisagem tornou-se mais suave, e mais louca. Eis novamente, no interior de cavernas espaçosas, alguns vegetais, quase árvores, quase uma floresta. Como já disse, não árvores verdadeiras: imensos cogumelos ramificados que, a distância, podem dar a impressão de árvores copadas, sobretudo, quando vistas assim coladas ao teto. Como uma espécie de couves-flores gigantescas e invertidas.

De perto, não passam de cotos e talos, de intumescências esbranquiçadas. Alguns estão recobertos de uma espuma, semelhante à espuma de sabão. Outros, que devem ser muito velhos, se reduzem quase a troncos, mas esses troncos se apresentam por vezes barbados como anciãos: ostentam, na atmosfera cavernosa, uma coroa de doze ou quinze barbas floridas. Abrem-se em corola quando a árvore está presa aos paredões, recaem em forma de sino ou de saia quando fixada ao teto.

Mas o meu cansaço é maior do que poderia exprimir, por ter visto tantas coisas, por ter caminhado tanto tempo com a cabeça colhida numa bolha de ar artificial, por mais puro que seja. Minhas pernas se recusam a carregarme. E por maiores que sejam as maravilhas que se oferecem à minha vista, eu já não as vejo.

Creio que meus companheiros também estão cansados, pois se detêm num campo de espuma de sabão, na orla de um bosquezinho de cogumelos pára-sóis. Num abrir e fechar de olhos, extraíram não sei de onde compridos colchões flexíveis (colchões pneumáticos, talvez); mas, em lugar de os estender no chão, fixaram-nos por meio de ventosas às saliências de um paredão rochoso, numa altura razoável. E bem depressa estamos todos deitados sobre aqueles colchões-redes. Dormimos.

Ou, pelo menos, trata-se de algo parecido com o sono.

Teremos realmente dormido, e durante quanto tempo?

Em todo caso, esse período de tempo pareceu-me extraordinariamente curto. Quando acordei, tive a impressão de que não se haviam passado

cinco minutos desde que eu fechara os olhos.

Neste mundo inferior, as viagens de exploração (se é que o que fazemos agora é uma viagem de exploração) são bastante cômodas. Uma vez acordados, é só levantar. Os pacotes como que se refazem sozinhos, como por encanto. Nada de acender fogo, de procurar lenha, de ferver água, de fazer café... Desencadeia-se não sei que aparelho: um coquetel vibratório e, a caminho! Chego a me perguntar se não sonhei com este acampamento.

Como com tudo o mais.

As extravagâncias do continente cavernoso desfilam de novo diante dos meus olhos abrigados debaixo do glóbulo de mica flexível. Percorremos uma série de canyons impregnados, apesar de sua selvageria, de uma atmosfera estranhamente íntima. Seguimos ao longo de paredes verticais, de muralhas rochosas, que parecem cobertas de longas faixas de esmeril. Um Colorado subterrâneo, que transmite, porém, não sei porquê, uma impressão de algo falso.

Eis-nos agora diante de um precipício. Uma fenda perpendicular, hiante sob nossos passos. Mais ou menos como o Roummel, em Constantina, salvo que não existe nenhuma torrente lá embaixo. Ou, caso exista, está tão profundamente soterrada nas entranhas da terra que não a podemos ver nem ouvir.

Mas, que estamos fazendo aqui? Vamos ficar eternamente imóveis a contemplar este precipício intransponível?

Intransponível? Ainda desta vez, falei cedo demais. Um de meus companheiros procede a não sei que manipulações sobre o seu rasteio-trabuco. Fixa aos dentes, ou melhor, suspende neles, pois parecem funcionar como polias, uma espécie de fio muito fino. E lá se vai esse fio negro a voar por cima do abismo, preso a uma das flechas-torpedos. O torpedo alado vai, vem, sobe, desce, como um animal obediente e bem treinado. Atravessou o precipício; desaparece lá longe por trás da ponta de um rochedo, e depois volta velozmente, com o focinho pontudo voltado para nós. Recuo instintivamente... Idiota que eu sou! Esta flecha não é malévola. Volta de mansinho para o seu senhor. E traz, complacente, o fio negro em sua companhia. Este, que agora se balança por cima do abismo, fica bem depressa preso ao paredão mais próximo, por meio de grampos. E temos um funicular. Uma polia de ganchos é passada por sobre o fio... e é a mim que empurram em primeiro lugar em direção ao transportador improvisado. Homenagem que eu dispensaria perfeitamente. Será que estão

querendo me utilizar para a experiência? Se o fio se partir... Não me dão tempo para pensar. Passam-me um largo cinturão sob as axilas; sou erguido, puxado, impelido. Uma força irresistível arrasta-me em louca velocidade. As fisionomias dos meus companheiros, com a auréola esférica de seus respectivos glóbulos, as pontas rochosas, o traçado negro do precipício, tudo vai desfilando, deformado pela absurda rapidez da minha passagem, como as árvores de uma estrada quando estamos sobre uma motocicleta a 120 por hora. E aqui estou eu, do outro lado. Um impacto, um esboço de náusea, como a que pode produzir a parada demasiado brusca de um elevador, e o gancho-polia solta-se por si mesmo; meu cinturão se desfaz, e eu me vejo em pé, um tanto ou quanto atordoado. A polia-gancho voltou sozinha para a outra margem e mal tive tempo de retomar fôlego e estávamos de novo todos juntos. O fio funicular soltou-se por si mesmo, enrolou-se e voltou a se aninhar numa sacola. Tornamos a partir.

A paisagem, a princípio eriçada e rochosa também deste lado, muda bem depressa de natureza. Reaparece a vegetação. Sempre dentro da mesma gama desbotada e cinzenta — não obstante, que infinita variedade! Tão variada quanto a nossa, aí em cima, sob o sol tropical. A princípio, são pradarias suspensas de plantas carnosas e mortas. Muitas, do gênero "lampadário". Lembro-me dos magníficos lustres para sala de jantar que enfeitavam outrora os catálogos de presentes de festas, e que as lojas do Louvre e do Bon Marché ainda propunham para o esplendor das salas de jantar burguesas dos tempos da minha infância. Ó lanterna de vestíbulo em ferro forjado, cantada por Courteline! Suspensão de cobre lavrado de bojo arredondado, lustre de palhetas imitando cristal... aqui está tudo isso, só que envelhecido, enegrecido, enferrujado, antigo, pré-histórico. Este aqui, todo corroído de azinhavre, mal se reconhece a sua forma, mas o vidro de lâmpada esbranquiçado que dali sai muito reto não permite enganos. No entanto, este vidro de lâmpada é uma haste. E vós, candelabros leprosos, lanternas cadavéricas, lustres esplêndidos e sombrios, de penduricalhos de cristal negro, que devem ser, que são com certeza, frutos dele! Que fazeis por entre essas moitas de lívidos espinheiros a vicejar no teto apodrecido, por onde perpassam, numa meia-luz de necrotério, lagartixas de vidro, mosqueadas de amarelo e cinza!

E eis que a paisagem torna a se modificar. Depois de uma selva de juncos transparentes, chegamos a uma verdadeira floresta. Floresta invertida, como de costume. O solo que pisamos é rugoso e cortante, e o espaço cavernoso

continua iluminado pela mesma luz neutra e ubíqua. A abóbada, até agora bastante baixa e semelhante a uma seqüência de arcadas rebaixadas, como numa catedral, mas caprichosas, informes, irregulares, essa abóbada vai se elevando obliquamente e se perde numa distância tenebrosa. E, agarrada a ela, a floresta.

Pois se trata realmente de uma floresta, de uma floresta como a que pode haver neste mundo sem sol e sem verdura. A assimilação da clorofila é aí, evidentemente, desconhecida; suponho que tenha sido substituída (ou talvez alterada) por trocas subordinadas à ação das radiações abissais. Ficaria assim explicada a freqüência de certas tonalidades violáceas, que parecem muitas vezes negras ou lívidas nesta claridade incerta.

O certo é que a floresta aí está. À primeira vista, porém, dir-se-ia que a abóbada está toda forrada de estandartes, de gloriosos estandartes enegrecidos ou semi-queimados. Isto tudo se agita lentamente, lugubrememente, sob a ação do vento vertical. Depois, à medida que vamos avançando, verificamos que aquilo que tomáramos por tecidos pendentes é, na realidade, uma tessitura de finas agulhas, mais ou menos como as agulhas dos pinheiros, ou melhor, como filamentos lívidos. Em seguida, as asas e as aletas compõem penachos fúnebres e, por vezes, cálices pendentes como fritilárias gigantes e glaucas. E isto se estende a perder de vista, monótono e rapidamente indistinto. O alcance do olhar, aqui, é sempre muito limitado.

Por vezes, embora raramente, há uma espécie de clareira, um espaço mais livre na floresta oblíqua e suspensa, e nesta clareira voltamos a encontrar plantas já conhecidas: caudas de ovelhas e cactos, pálidos, mas atrofiadas. Assim como aqui e ali, solitárias, duas ou três couves-flores e cogumelos gigantes.

Minha vista se tardara numa dessas clareiras quando minha atenção foi atraída por um certo rebuliço na marcha de meus companheiros. Tive a impressão de estar ouvindo gritos longínquos.

Creio que já disse que nossos capacetes transparentes não pareciam inteiramente impermeáveis aos ruídos de fora. Os gritos vinham da esquerda. Volto-me para essa direção. O solo, daquele lado, mostrava-se particularmente irregular e desagradável. Não obstante, vou avançando — vamos avançando, pois os outros fazem o mesmo. Em breve, oferece-se a nossos olhos um espetáculo singular e, para mim, vagamente repugnante. Uma espécie de aranha cinzenta, do tamanho de uma criança de doze anos,

uma aranha peluda e gigantesca jaz sobre o solo cristalino e, daquela massa acinzentada, parecem sair gemidos e lamentos quase humanos.

Que novo pesadelo é este?

Olho, fito o inseto horrível e nauseabundo: mexe-se, agita-se debilmente e eu tenho a impressão de que, do meio da massa peluda, ele volta para mim uma cabeça quase humana. Não! É minha imaginação a me pregar peças! Um aranha com cabeça humana? Absurdo! Intrujice válida apenas para algum péssimo conto de fadas.

Sim, mas acontece que não é nenhuma aranha. Ao me aproximar, muda a perspectiva e distingo melhor o animal. Trata-se, na verdade, de um macaco, um macaco muito pequeno de corpo, com uma cabeça muito grande, membros muito longos, sem falar numa cauda robusta, da grossura de suas coxas, e recoberta, assim como os outros membros, de pêlos acinzentados, compridos e emaranhados. Está a gemer, sofrendo evidentemente. Examinando melhor, percebe-se que está sangrando: parece mesmo quase exangue, e um de seus pulsos foi quase inteiramente seccionado do antebraço. Quem o teria ferido dessa maneira?

Ninguém. Tive imediatamente a intuição do que se passara, ou melhor, creio que Palem, que se aproximou, comunica-me a explicação por esta espécie de telepatia-telefonía, cujo mistério não consegui penetrar. Esses macacos, pois só temos aqui um exemplar da raça, são animais muito evoluídos, habitantes da floresta suspensa. Graças a seus cinco membros extremamente robustos e preensores, munidos de unhas enormes e recurvas como foices, não têm dificuldade alguma em permanecer empoleirados a vida toda, e devem encontrar alimentos com facilidade na floresta. Não andam e não sabem andar. Saltitam constantemente, agarrando-se ora às asperezas do céu de rocha, ora aos galhos, ramagens e troncos dos pálidos pinheirais. Dormem em redes naturais, formadas pelas lianas, e as coroas invertidas dos cogumelos gigantes servem-lhes de bancos de repouso. Sua cabeça move-se em quase todas as direções, e eles podem olhar para baixo, permanecendo agarrados lá nas alturas, sem apanhar nenhum torcicolo. Seus grandes olhos globulosos têm um olhar estranhamente humano, mas seus cinco longos membros peludos e irradiantes conferem-lhes uma aparência aracnídea. Quando caem acidentalmente, ficam inteiramente desamparados e, nesse caso, cortam-se quase sempre mortalmente nas arestas cristalinas. Os sílices e os quartzos, instrumentos mortíferos, estão sempre à espreita dos desastrados, por baixo da floresta. Mesmo quando

conseguem escapar-lhes, incapazes de tornar a subir para a sua floresta e estéril. É, com toda a certeza, o destino que aguarda este natal, eles acabam morrendo de fome no solo desnudo aqui, aliás já moribundo.

Depois de rápido exame, meus companheiros continuam a caminhada com a indiferença do botânico que deixa cair por terra um espécime de grama vulgar. Contra minha vontade, volto-me para trás e não posso deixar de me sentir tola e profundamente emocionado pelo olhar de desamparo e súplica que vejo — ou julgo ver — naqueles grandes olhos tão estranhamente humanos.

Mas está acabado. Tornamos a partir em rápidas passadas e o macaco agonizante sai, depressa, de nosso campo de visão e eu desisto de me voltar para vê-lo. Não obstante, sinto o coração apertado. Não caí eu também num mundo de sílex de arestas cortantes, incapacitado para todo o sempre de remontar o curso do tempo para rever as savanas da minha época?

Não me sobra tempo para refletir, pois nossa expedição está chegando ao fim. Nós nos desviamos e passamos sob um ângulo da floresta aérea, e percebo, pelo aspecto mais ordenado das coisas, que nos estamos aproximando da cidade.

Torno a avistar um rio superior a rebrilhar no firmamento. Talvez seja o mesmo que vi ao partir. Com uma ponte subtendida. E lá estão de novo, a princípio um pouco espalhadas pela superfície da imensa abóbada, novamente livre de plantas, as casas semelhantes a reflexos de um iate sobre um lago. As casas-conchas, conchas enormes e pré-históricas, amonites e belemnites dextrogiras e sinistrogiras, coladas ao teto, como caracóis gigantes e imóveis. Lá estão os hangares-cabinas, colados ao ventre da crosta terrestre à maneira de crisálidas, e os tramways suspensos que circulam entre as casas-estalactites.

E aqui está o armário de pedra, com o cabo do descensor, que, desta vez, nos servirá de ascensor para voltarmos ao nosso home, à nossa gaiola. A excursão terminou.

Terá sido uma excursão? Ou uma viagem de exploração? Ou uma caçada? Que terão pretendido fazer? Que pretenderão fazer comigo?

NOTA DE BELLE SIMS

Interrompo neste ponto a transcrição das mensagens de Sylvain Le Cateau, em obediência aos escrúpulos a que já me referi. Se hã literatura nas suas descrições — e há — o mérito ou demérito cabe exclusivamente a ele. Todo aquele belo fraseado, os achados felizes ou infelizes, eu simplesmente me limitei a livrá-los da ganga do estilo telegráfico, a bruni-los sem os burilar. Contudo, na altura a que chega agora a narrativa, só tenho a meu dispor uma série de mensagens muito curtas, fragmentárias e obscuras. Foram anotadas no decorrer de um certo número de sessões bruscamente interrompidas, não sei por que motivo, e eu seria realmente forçada a sair de meu papel de copista para extrair uma narrativa concatenada desse amontoado de frases mutiladas. Limitar-me-ei, portanto, a transmitir aqui, independentemente do texto propriamente dito, e sob minha exclusiva responsabilidade, um resumo dos aspectos mais interessantes do que pude colher ou entrever nessas mensagens.

Depois da expedição às cavernas geiserianas, nosso pobre amigo começou a participar da vida social da Sub-terra. Ali encontrou determinados tipos de indivíduos, a um tempo barrocos e terríveis, a que se refere com um misto de admiração e horror. Entre outras coisas, impressionou-me bastante o que ele diz a respeito de certos técnicos, cujo poder e influência são enormes e que correspondem aparentemente, até certo ponto, aos nossos filósofos, mas que, segundo compreendi, passam o tempo todo entretidos a resolver uma espécie de problema de palavras-cruzadas. Isso tudo, entretanto, é bastante obscuro e não estou certa, de maneira alguma, de ter compreendido direito o que se refere a esses eminentes personagens. Bastante enigmáticas também são as primeiras alusões, que aparecem nas mensagens desse período, à Grande Coruja Branca. Parece que essa Grande Coruja é uma espécie de ave branca, enorme e muito feroz, que habita uma caverna distante. Ali, perpetuamente pousada sobre um banco de mica, ela exige de seus fiéis uma perpétua exaltação de sua bondade. Não consegui compreender através de que meios ela obtinha essa

obediência por parte deles, e fico a me perguntar como e por que é possível tolerar, entre os homens do futuro, um volátil tão ridículo e malfazejo.

Há também duas categorias de indivíduos com os quais Sylvain parece ter entrado em contato durante esse período e a respeito dos quais conta coisas dificilmente acreditáveis: os artistas e os criminosos. Sim, porque os há também na Subterra, ao que parece. Mas diferem bastante dos de nosso tempo, pelo menos aparentemente. Certa vez, Sylvain viu-se bruscamente diante de um indivíduo em traje de gala. Não faltava nada: peitilho branco e reluzente, roupa preta, escarpins, cartola... Diante dessa figura familiar, que lhe trazia à memória tantas e tão agradáveis recordações, o nosso amigo atirou-se para o impecável clubman derramando lágrimas de alegria e emoção. Julgava ter encontrado outro naufrago do século XX, igualmente perdido naquele mundo inferior. Mas puxaram-no para trás, como se tivesse pretendido atirar-se nos braços de um leproso, e o elegante gentleman, ele próprio, não dava mostras de estar compreendendo semelhante manifestação de simpatia.

— Que é que você está pensando? — disseram ao nosso amigo. — Este indivíduo é um forçado. Foi condenado a vinte anos de cartola por ter lesado a companhia de gás.

Ou, pelo menos, pelo que julgo ter compreendido, fizeram-lhe discursos dessa ordem. Não posso dizer com exatidão em que momento ocorreu este incidente, nem como se deu o encontro. Mas afirmo que Sylvain declara explicitamente que, na subterra, o traje de gala é obrigatório para os condenados. Sobre este ponto, ele foi muito claro.

Vamos aos artistas. Na Subterra, todos os músicos são surdos; todos os pintores, cegos. Ou, quando não o são, fingem ser. Isto é imprescindível à sua boa reputação. Sylvain foi certa vez levado à casa de um pintor que, para sua desgraça, nascera dotado de bons olhos. Encontrou-o fechado num reduto sombrio, onde se aplicava a pintar com os olhos vendados. Perguntou o motivo de tão bizarras preocupações. O pintor parece ter respondido: "É para conservar minha espontaneidade. A visão do mundo exterior tolhe o impulso da vontade criadora e destrói a originalidade."

Todos os presentes aprovaram, mas, ao saírem do ateliê, um amador reputado, pertencente à respeitada classe dos bovrilos, declarou desdenhosamente que aquele pintor jamais chegaria a ser um verdadeiro

artista, pois era obrigado a colocar uma venda sobre os olhos. Os maiores pintores, disse ele, são todos cegos de nascença.

Foi, pelo menos, o que compreendi. Se esses pormenores parecem por demais inverossímeis, ou em contradição com outras partes da narrativa, queiram culpar apenas a mim, à minha estultícia ou à minha incompreensão. Transmito-os, repito, sob minha exclusiva responsabilidade, e sem afirmar coisa alguma. Basta, porém; retomo daqui por diante a minha modesta função de enfermeira gramatical, da qual talvez jamais devesse ter-me apartado. Espero conseguir ater-me a ela, daqui por diante.

SEGUNDO FRAGMENTO

Já faz agora algum tempo que venho circulando pela cidade subterrânea e me acotovelando com seus habitantes. Uma série de coisas que me espantavam tornaram-se quase familiares, e eu me admiro freqüentemente do absurdo de minhas primeiras explicações sobre o que a princípio julgara adivinhar, fiado nas aparências.

Mas, terei realmente o direito de zombar assim de mim mesmo, e as minhas novas interpretações serão mais consistentes que as primeiras? Não estou certo disso. Assim, por exemplo, há quanto tempo estarei aqui? Quanto tempo terá decorrido desde que, pela última vez, tentei entrar em comunicação com meu amigo Rodolphe Carnage?

Se Rodolphe me pudesse interrogar, haveria de fazer essas perguntas todas, certamente, ele que gosta de precisões e de precisão, da precisão científica. Mas não me seria nada fácil responder-lhe. Ora! Fiz o melhor que pude! Procurei saber, informar-me. Existe aqui uma medida do tempo e instrumentos para medir o tempo. Há um, sobretudo, mais importante que os demais. É uma espécie de giroscópio gigante, colocado num alvéolo representando o céu azul, com suas constelações, representadas com grande exatidão, tudo isto incrustado no céu rochoso deste mundo subterrâneo. Esta instalação está situada na praça central da cidade (tornarei a falar mais adiante dessas "praças" e da própria cidade). O stellarium, quero dizer essa semi-esfera azul, serve de habitáculo para um vasto volante giroscópico, que dá voltas sobre si mesmo em 24 horas, pelo que pude comprovar. De

modo que eles teriam conservado o nosso dia. Quando interroguei a esse respeito uma pessoa de que falarei em breve (ele ou ela, vocês hão de ver que não estou bem certo a respeito disto), respondeu-me que a revolução desse aparelho corresponde ao período de tempo que decorre entre duas marés. Pelo menos, foi assim que interpretei aquelas palavras. Mas, que marés? É que não existem mares aqui e os de lá de cima estão há muito congelados, como explicarei. Seja como for, o enorme giroscópio é uma espécie de rapa gigantesco, a girar sem trégua no interior de uma concha de grades; o conjunto todo fixado ao teto do stellarium, dir-se-ia que por seu próprio equilíbrio, a girar lentamente sobre si mesmo. Nas residências, existem também aparelhos semelhantes, porém menores, e igualmente fixados ao solo ou ao teto, como queiram, e que parecem servir de relógios. Isso lembra um apartamento, mas a palavra apartamento, assim como casa ou residência, aplica-se muito mal quando se está falando das habitações subterrâneas. O que tenho a dizer a este respeito há de parecer bem pouco digno de crédito, mas nem mais nem menos que o resto.

Nossas casas — quero dizer, as casas de vocês, ó bárbaros do século XX — são comprimidas umas contra as outras, e é por isso que as paredes são superfícies planas. Mas as casas da cidade suspensa e subterrânea ficam todas isoladas, dispersas, cercadas por um espaço livre. Adquiriram portanto uma forma independente, geralmente arredondada. Cada uma tem o seu próprio centro. Se fizéssemos as suas plantas, obteríamos círculos, elipses, perfis de pêras ou cortes de conchas. Ou ainda, de quando em quando, margaridas achatadas, com o miolo representando o vestíbulo central ou o que corresponde ao vão da escada, e as pétalas seriam os diversos cômodos. Assim, os cômodos e a própria residência assumem formas arredondadas e isto repercute, naturalmente, na mobília. Nada de armários nem de móveis com ângulos retos e cortantes; aliás, há poucos móveis: divãs arredondados, concebidos de modo a acompanhar a redondez das paredes, e a ela integrados como banquetas; poucas mesas, quase todas redondas e de pequena dimensão, portáteis. Como cadeiras móveis, as mais comuns são as em forma de X, parecidas com as que no meu tempo denominávamos dagoberts. Outras apresentam apenas superfícies curvas: depressões que se juntam ou se prolongam.

Como penso já ter dito, a parte superior das residências, a que fica mais próxima do céu rochoso — do solo, por conseguinte, se quiserem — é a única habitada. O fundo das casas, afundado no espaço, e geralmente de

forma mais ou menos cônica, tem sempre paredes opacas e é utilizado como armazém ou sala de despejo, à maneira, mais ou menos, dos antigos sótãos. O resto das casas tem paredes de vidro, transparentes ou translúcidas, ou pelo menos rasgadas por enormes janelões de cortinas translúcidas. De modo que quase todas se parecem com quiosques invertidos, tampas de garrafas ou conchas gigantes, coladas e adormecidas no firmamento de rocha. Mas é infinita a variedade das formas. Perto da casa onde fui alojado, e onde costumo dormir, existe um edifício que tem exatamente a forma de uma ampulheta, com os dois cones soldados e transparentes. Mas não sei de modo algum para que serve.

Nunca cheguei a enumerar todas as taças, cúpulas, bolas e intumescências, frascas e colmeias que pululam, por vezes aglomeradas — ou parecendo aglomeradas, por obra da perspectiva — nas partes mais povoadas da cidade. Sob a iluminação uniforme, à meia-luz um tanto ou quanto úmida e permanente da subterra, elas se irisam como ágatas sinuosas, carbúnculos espiralóides, campânulas marmóreas e gigantes, de um mármore aeriforme, leitoso, transparente e cortado de veios.

Devo dizer, aliás, que só conheço a cidade pelo que dela pude ver de baixo, e que poucas vezes passeio por ela.

No entanto, apesar de seu caráter suspenso, não é impossível passear por ali. Por certo, não existem ruas propriamente ditas: apenas espaços livres do firmamento duro entre as habitações, piriformes ou espiraliformes. Mas, em determinados percursos, a rocha foi aplainada, sendo possível circular por ela, graças a uma espécie de carros providos, não na base e sim na parte superior, não sob o piso e sim no teto, de rodas com ventosas que aspiram continuamente o teto, sem deixar de girar. Muitos desses carros, os menores, feitos para uma ou duas pessoas no máximo, são abertos e descobertos, como simples tamancos de mica. Outros, mais amplos, são fechados e contêm até uma dúzia de pubilos ou de bovrilos e correspondem, se quiserem, a automóveis ou ônibus. De resto, entre uma casa e outra, ou mesmo ligando uma série de conchas, existem passarelas suspensas, sobre as quais pode-se circular normalmente, a pé. Essas passarelas ficam sempre presas bastante baixo, para não perturbar a circulação dos tamancos de mica. Quando se alteiam para atingir a entrada das casas, e também de distância em distância ao longo do seu percurso, elas são cortadas por uma espécie de poete levadiça que obedece a comandos invisíveis. Tive ocasião de vê-las muitas vezes, erguendo-se e abaixando-se. Trata-se de uma das

coisas que me levam a suspeitar que possam existir perigos nesta cidade tão pacífica e bem ordenada. Que perigos, porém? Uma possível invasão por parte de algum inimigo temível? Onde estaria ele? De onde viria? De que espécie seria? Animais, monstros desconhecidos, ou outros homens?

Embora me deixem circular de quando em quando, livremente, pelas passarelas, jamais me deram qualquer instrução quanto à maneira de dirigir um dos tamancos de mica, e ninguém parece ter a intenção de me confiar um deles.

Ninguém... De quem estou falando? Seria esta uma boa oportunidade para esboçar o plano da estrutura social, tal como fiz com relação à disposição da cidade, e à arquitetura das habitações. Todavia, embora possa confiar em meus olhos, poderei confiar em meus raciocínios? Em minhas deduções e suposições? É quase certo que minha descrição será apenas uma grotesca caricatura. Contudo, experimentemos.

Já me referi aos bovrilos e às bovrilas, que formam a classe superior. O fato capital, ao que me parece — em todo caso, o que mais me impressionou — é que o casamento e talvez até os sexos, as relações sexuais, aparentemente só existem nessa classe superior. Em outras palavras: existem bovrilos e bovrilas, e parece que todos os outros membros da comunidade ficam englobados sob a designação de pubilos. É um nome genérico: existe o pubilo, como existe o ganso, o cachorro marinho... Dir-se-ia até que a palavra pubilo pode ser usada na acepção que tinha entre nós, no século XX, a palavra público. O pubilo é uma espécie de neutro, como os existentes entre as formigas, desempenhando todas as funções úteis; não é macho nem fêmea, e não há casamento entre eles. Pelo contrário, entre os bovrilos, o casamento é obrigatório; em todo caso, o celibato é extremamente raro. Os cônjuges chamam-se zigotos; ou melhor, distingue-se a zigota, isto é, a esposa, e o zigoto, isto é, o marido. O estado de matrimônio chama-se zigote ou gigote, e creio que essa palavra serve também para designar o patrimônio familiar, embora eu não compreenda muito bem em que consiste esse patrimônio. Aliás, as palavras que acabo de citar são apenas transcrições, talvez arbitrárias, influenciadas pelo meu vocabulário arcaico. Assim é que zigota e zigoto soam-me por vezes como gigota e gigoto, ou mesmo gigolo. Já me manifestei a respeito dessa questão lingüística, e não voltarei ao assunto.

Naturalmente, existe uma enorme variedade de empregos entre os pubilos. Os que freqüentei até agora, Palem por exemplo, parecem uma espécie de

funcionários; mas já captei inúmeras alusões aos "zanganos" e sobretudo aos "zeróis", sem saber até agora, ao certo, de que se trata. Contudo, fala-se geralmente nos zeróis com um desdém mesclado de piedade. Parece, por vezes, que eles constituem a classe mais baixa: são os párias, os intocáveis desta estranha cidade. Referem-se muitas vezes a eles como se vivessem imersos num estado de irremediável embrutecimento.

Em todo caso, eles também são neutros, salvo exceção — pois julgo ter compreendido que alguns deles, em determinados casos, podem reproduzir-se. Mas não chego a compreender como. A neutralidade, isto é, o fato de ser assexuado, parece ser a característica mais difundida nesta sociedade. Isto, no fundo, não me surpreende muito. É apenas um resultado natural de tendências que já se manifestavam no meu tempo, quero dizer, no século XX da era pseudo-cristã. Lembro-me — ou julgo lembrar-me — de que um sábio escocês daquela época já observara que a mulher das classes médias de seu tempo era maior e mais forte que a das gerações precedentes, mas que havia ganho em esqueleto e musculatura às custas dos órgãos propriamente femininos. Tornando-se mais capaz de esforços físicos, fizera-se menos apta a procriar. Esse tipo de mulher esportiva e masculinizada, de pélvis estreito e seios quase ausentes, era com efeito bastante difundido naquele tempo, e nele se poderia ver um primeiro esboço dos pubilos da Sub-terra.

O que deveria confirmar esta minha idéia é o fato de ter julgado compreender que os subterrâneos — ou pelo menos os bovrilos — praticavam a poliandria. Ao que parece, cada zigota tem o direito de ter vários zigotos, ou gigolos, com os quais compartilha o seu gigote. Em todo caso, são as mulheres que escolhem o macho; disso tenho quase certeza. Atribuo esta circunstância ao fato de terem restado muito poucas mulheres fecundas, susceptíveis de se tornarem mães; elas devem ter escasseado no decorrer dos tempos. As mulheres fecundas se tornaram uma espécie de mães-abelhas, revestidas de uma espécie de dignidade matriarca!, mas quase inteiramente absorvidas por sua função reprodutora. É fato, em todo caso, que jamais se encontram crianças pelas ruas, se é que se pode qualificar de rua as fitas aplainadas que serpenteiam pelo firmamento da cidade.

Confirmam-me também nestas idéias os contatos que pude ter com a ciência médica deste estranho país. Com efeito: passei recentemente por um período de indisposições que parecem ter durado dois ou três dias, a julgar

pelas revoluções do grande giroscópio. Essas indisposições talvez se devessem à perturbação provocada em meu organismo por minha singular viagem; ou pela mudança de regime, ou pela atmosfera opressiva... Seja como for, estive doente.

Pelo menos, o que se qualificava de doente na existência de superfície da humanidade cortical. Eles parecem desconhecer a doença. Existem médicos, na verdade, pois eu os vi; vieram examinar-me. Mas são antes higienistas, funcionários encarregados de velar pela preservação da saúde pública, e não pessoas incumbidas de tratar de doenças que não mais existem.

Eu disse que não mais existem porque, se compreendi corretamente o que me disseram, ou o que disseram em minha presença, por meio dessa estranha telepatia algébrica que quase dispensa as palavras (tenho certeza de que sou apenas eu, ou quase, que forneço o revestimento verbal sob o qual as idéias assim comunicadas aparecem aqui), a raça foi submetida a uma série de vacinações e de seleções responsáveis pelo desaparecimento, ou quase, das moléstias contagiosas. Conseguiram atingir elementos misteriosos para a época de vocês, e cuja combinação hereditária forma o que se denominava personalidade. Pode-se até mesmo, ao que parece, manipulá-los, ordená-los à vontade. Os gens não-imunizados foram eliminados, natural ou artificialmente; de modo que a peste, a sífilis, o tifo, a tuberculose, o câncer desapareceram para sempre.

Benefício colossal, evidentemente. Mas — não sei se vai aqui um resto de minha mentalidade atrasada, de minha personalidade pré-histórica de burguês do século XX, a despontar à minha revelia — tenho a impressão de que muitos sentimentos, muitas nuances, e delicadezas... uma infinidade de coisas outrora tão apreciadas, embora dificilmente definíveis, desapareceram ao mesmo tempo. Essas relações entre os sexos, por exemplo, essa vida sentimental por vezes tão incômoda e dolorosa, é bem verdade, mas, enfim, tão rica e tão complexa, tão pejada de emoções sempre a jorrar, parece-me que tudo isso deve ter cedido lugar à frieza deliberada de uma série de deveres cívicos e de formalidades administrativas...

Mas isso também talvez não passe de uma ilusão. Em todo caso, a dar crédito a meus olhos, ao simples aspecto das coisas, a raça nem sempre lucrou com essas modificações. Se a mulher se fortaleceu, o homem parece ter-se enfraquecido, anemiado, apequenado. Os pubilos são todos de tamanho mediano, e até pequeno; a maioria mal chega ao meu ombro. Só

alguns bovrilos atingem mais ou menos a minha altura, e eu tinha apenas 1,70m, medido na época do serviço militar. Se cheguei a compreender certas alusões, foram os mais férteis e não os mais vigorosos que melhor resistiram às diversas seleções, e deles resultou uma raça pequena, pouco apta a proezas musculares e bastante átona, tanto intelectual quanto fisicamente. Os neutros!

Não são entretanto inteiramente neutros, penso eu. O macho neutro aproximou-se, porém, da mulher neutra, e os dois, abolidos os apetites sexuais, tornaram-se indiscerníveis. O que manifestasse um retorno aos antigos tipos sexuais, quer pelo aspecto do corpo, quer pelos pendores, seria evidentemente considerado um ser anormal, uma revivescência do tipo ancestral — do meu. Eu, Sylvain Le Cateau, com meu apreço pelo sentimento e pelos sentimentos, sou para a gente daqui uma espécie de pitecantropo. Já o suspeitara mais de uma vez, mas o próprio fato de deitar por escrito esses raciocínios me confere a certeza com relação aos mesmos. Mas estou divagando. Eu pretendia falar de médicos. Neste ponto, limito-me a contar a minha experiência, e nada mais. Já não preciso formular hipóteses nem comentários. O que tive foi uma moléstia pulmonar, não sei qual, ao certo. Nem sempre se pode respirar bem neste mundo. Ou, pelo menos, eu nem sempre posso respirar bem.

Tive, portanto, há alguns dias, uma espécie de pneumonia ou de pleurisia, não posso precisar, pois não fiz estudos de medicina. O certo é que os meus pulmões estavam inflamados. Disto estou certo, porque os vi.

Sim, eu os vi. Depois de um período de semiconsciência e talvez de delírio, — embora me seja bastante difícil, em meio a todas estas aventuras, dizer onde começa e onde acaba o delírio — eu me vi transportado para dentro de uma enorme sala envidraçada translúcida e circular — o equivalente de uma sala de hospital, segundo suponho. Estava deitado sobre uma mesa de vidro em forma de feijão. Alguns pubilos, de cabeça nua, calvos e vestindo apenas uma fina malha de pelúcia, agitavam-se ao meu redor. Atarefados, competentes e, aliás, perfeitamente assexuados. Médicos, sem dúvida alguma. Manejavam objetos estranhos, mas de formas extremamente simples: sobretudo uma espécie de telas fluorescentes, providas de fios ou de apêndices flexíveis. Assim como taças alargadas ou copinhos, compridas flûtes para champanha, sem pé, repletas de líquidos incolores...

Num determinado momento, colocam diante do meu busto, depois de me terem feito sentar, uma tela maior que as outras. E sobre ela vejo o interior

do meu busto. Sobretudo os meus pulmões, nítidos, tão nítidos quanto nas gravuras das aulas de história natural, no liceu. Vejo o tubo da traquéia e o desabrochar das duas colmeias avermelhadas, que se estufam e se esvaziam periodicamente quando respiro. Vejo sua superfície invadida por erupções ora verdes, ora rosadas, e humores a fluírem em camadas, a progredir e a regredir sobre a pleura, e o avanço febril dos glóbulos nas veias...

Vejo também que os pubilos médicos procedem a vaporizações, inalações, pulverizações sobre a minha pessoa. Fazem-me respirar balões de oxigênio — ou, se não é oxigênio, parece. Uma tempestade de ozônio em miniatura invade a floresta verde dos pulmões e varre, submerge, extingue as erupções e os fluxos.

Tudo isso se passa, para mim, numa semi-consciência, que se transforma finalmente em completa inconsciência. Sei apenas que me mostraram os meus pulmões inflamados, os quais em seguida foram invadidos por um sopro revigorante, e que depois adormeci...

Minha convalescença durou duas revoluções do grande giroscópio, mais ou menos. Cerca de quarenta horas, pelos meus cálculos, mas posso estar enganado. Estava num quarto com balcão, abrindo-se para a cidade em estalactites, e varrida por aragens revivificantes como a brisa do mar. Mas creio que vinham de ventiladores.

Foi logo depois — depois do meu restabelecimento, quero dizer — que conheci Milvane. Outro pubilo, mas quão singular...

NOTA DE BELLE SIMS

Neste ponto, interrupção de vários dias nas mensagens de Le Cateau. Parece que, para completar sua convalescença, decidiram levá-lo em excursão pela superfície da Terra, definitivamente abandonada, mas não inacessível, como ele julgara a princípio. Foi durante os preparativos para essa excursão e no decorrer da mesma que o nosso Sylvain travou melhor conhecimento com o personagem a que acaba de se referir, o pübilo Milvane, que passa agora a desempenhar um papel relevante. Os primeiros comunicados relativos a este período foram algo descosidos, de modo que eu tomei a liberdade de condensar até certo ponto o seu texto.

Depois da minha operação, se é que foi realmente uma operação e um hospital, perdi durante um período de tempo bastante longo a noção clara do que se passava. Talvez me tenham aplicado algum anestésico. Talvez...

Ao recuperar realmente a consciência, vejo-me estirado sobre um divã circular, semelhante a um enorme verme branco, bem junto de um dos amplos janelões da casa onde já residíamos, com mais freqüência, Palem e eu. As cortinas corrediças estão descerradas e diante de mim estende-se uma "alameda" sinuosa por entre a bizarra perspectiva suspensa da cidade subterrânea. O céu-solo inclina-se ligeiramente em direção ao horizonte, a partir do lugar onde nos encontramos, e eu avisto uma miscelânea de cúpulas invertidas, de revérberos e lampadários truncados, de terraços suspensos, de conchas irisadas ou claras, de espadas fincadas até o punho no firmamento. Uma espécie de fosforescência

violácea flutua na atmosfera, indo do lilá bem claro até o roxo episcopal, colorindo com reflexos de ametista o ampulheta dependurado na esquina da avenida. Mas nenhuma brisa. Está tudo imóvel. Dir-se-ia um crepúsculo imóvel, um pôr-de-sol permanente.

Esqueço-me de tudo ao contemplar a paisagem. De distância em distância, na avenida, avistam-se lampadários invertidos. Serão realmente lampadários? Há um aqui bem perto, ao lado do edifício-ampulheta. É uma espécie de pilar reto, fincado no firmamento, e que vem até bem baixo: sete ou oito metros, pelo menos. Na extremidade do pilar, no espaço, uma

espécie de coroa ou disco, com o que me parece, visto daqui, uma série de talhos. Mas vi, há dias, bem de perto, um desses objetos e sei que na verdade a coroa é feita mais ou menos à maneira de uma roda dotada de pás, e essas pás seriam tubos achatados. Para que servirá isto?

Para nada, provavelmente. Simples ornamento. Mas não o creio. Desisto, porém, de inventar explicações. As mais plausíveis são sempre as mais depressa desmentidas.

Um leve ruído. Milvane está junto de mim. Milvane parece ter substituído Palem. Não saí perdendo com a troca. Acho Milvane mais amável, mais a meu alcance. Palem é um bom funcionário, sério, consciencioso, mas que raramente sorri. Seus lábios finos permanecem sempre imóveis e cerrados. Não se sabe nem mesmo se ele tem dentes. Parece-me que não: a maioria dos bovrilos e dos pubilos que me revelaram por acaso o interior de sua boca mostraram-me gengivas perfeitamente nuas.

Milvane é baixinho, como todos os pubilos. Dir-se-ia uma criança, um garoto; contudo, em lugar de parecer uma criança velha, mergulhada numa existência de deveres escolares e de punições, como quase todos os pubilos, ele revela de fato algumas das graças da infância. Sua malha peluda é feita de fina pelúcia cinzenta, seus ombros e braços são graciosos, há uma certa nota de afoiteza em toda a sua pessoa. Seu rosto de queixo pontudo, de fronte ampla e olhos bem fendidos, não deixa de ter um certo encanto e — coisa rara aqui — a sua calvície, a calvície universal e desgraciosa, de regra entre bovrilos e pubilos — fica quase inteiramente dissimulada por uma espécie de lenço de um tecido que lembra a casca da cebola.

Finalmente, Milvane tem algo que se parece com um sorriso. Sim, sem dúvida alguma, está a sorrir para mim, neste momento. Sorri para mim e — oh milagre! — mostra uma dentadura perfeita, uma feira de finas pérolas, de gotas de nácar.

Não consigo impedir-me de lhe fazer um elogio: digo em voz alta:

— Que lindos dentes você tem, Milvane!

O sorriso se apaga instantaneamente. Milvane fecha a boca precipitadamente, oculta os dentes, cerra os lábios num muxoxo amuado e furioso. Todo enfarruscado, vira-me as costas ostensivamente e se encaminha para a outra metade da sala. (Não posso dizer para o outro canto, pois é uma sala circular.) É um moleque, decididamente. Está amuado. Mas o que terei eu dito, que o contrariou? Dei mais uma rata, como no dia em que pretendi apertar a mão do forçado... Sinto minhas idéias afundarem-se

em areias movediças. Estou perdendo pé. Nenhum apoio em parte alguma, nada fixo, nada estável.

Mas a zanga não dura muito. Milvane tem um bom temperamento. Volta para mim e, o que é melhor, parece resolvido a distrair-me. Fala comigo. Chega a me dar a impressão de uma verdadeira conversa, pois recorre, com maior freqüência que Palem, à palavra propriamente dita, àquela que sai da garganta: a telepatia, ou o que eu assim qualifico, só vem como reforço.

E torno a perceber como é pouco o que sei a respeito de sua linguagem. Milvane aprendeu com Palem três ou quatro palavras francesas, e as intercala em seu discurso; o que é muito bom; pois sem isto eu não compreenderia quase nada.

O que chego a compreender neste momento é que ele está tentando distrair-me. Talvez tenha recebido esta incumbência. Sim, é isto mesmo: eu estou convalescente e, como tal estão me tratando. Com precauções e consideração; na verdade, a gente daqui é gentil.

Milvane dirigiu-se para uma tela colocada ao lado do janelão. Manobra a corrediça; a paisagem de fora desaparece, oculta por um painel móvel. Só a tela fica visível, levemente translúcida.

Sei o que significa isto; já vi esta "distração" funcionando. Parece encantar os pubilos, e até mesmo os bovrilos; a mim, não me diverte nada.

Trata-se, ao que parece, de uma combinação de jornal mural e de cinema. Julguei compreender, por certos comentários, que aquilo transmite informações a respeito de acontecimentos recentes. A mim, transmitiria antes uma enxaqueca, pois só consigo ver uma série de imagens absolutamente incoerentes a se sucederem sobre uma tela. Contudo, tenho a impressão de que algumas dessas imagens, ou mesmo a maioria delas, possuem um valor simbólico. São ideogramas, a um só tempo álgebra, estenografia e escrita, e mais do que as três juntas. Pelo menos, é o que julgo entrever.

A título de amostra, aqui vão algumas das imagens que se desenrolam hoje diante de nossos olhos e que parecem despertar vivo interesse em Milvane.

Surge uma espécie de barca, a dançar sobre ondas estilizadas; em seguida, uma mulher estirada (é realmente uma mulher, como prova o volume dos seios). Veste um maio, está deitada com a cabeça apoiada sobre o cotovelo e, acima da cabeça, como se acabasse de sair dali, esvoaça uma espécie de papagaio ou de falcão, trazendo no bico o número 13. Sim, são realmente os Algarismos 1 e 3, bem reconhecíveis. Mas, eis que a mulher desaparece e

surge em seu lugar um rei de carta de baralho, com seu manto de arminho. Abre a boca barbuda e ouve-se como que o ladrar de um cão. Em seguida, outro rei, ou melhor, um papa, com sua tiara, um velho papa bem escanhado, e ouve-se o grunhido de um porco e as narinas nos são assaltadas por um odor de alho. E logo depois desfilam uma palmeira dentro de um dedal e, entre as palmas, piscando o olho, uma cabeça de satanás, zombeteira e chifruda. Mas, em lugar de uma risada diabólica, ouve-se o canto mavioso de uma voz de contralto, acompanhado de baforadas de heliotrópio...

Isso tudo, aliás, nem um pouco no gênero dos desenhos esquemáticos das charadas, como se poderia acreditar. Seria antes um cinema em relevo, visível, tangível e reforçado por sons e odores.

Mas isso tudo me aborrece. No meu tempo, os surrealistas já faziam coisas quase tão boas. Só que aqui não se trata de nenhuma transcrição de poema surrealista; seria antes o equivalente de despachos, de telegramas. E tudo isto tem um sentido muito preciso e muito claro.

Mas não para mim. Bocejo. E esse bocejo faz Milvane rir; mas deve ter compreendido, pois aperta um botão e a tela emudece. Depois, ele se aproxima de mim, torna a sorrir, percebe que está a mostrar os dentes e os esconde depressa com um gestozinho açodado, pondo a mão na frente da boca. Tal como faria uma melindrosa do século XX, abaixando depressa a saia depois de mostrar um pouco demais as pernas.

Em seguida, fala comigo demoradamente. Não me é possível reproduzir a sua algaravia, que adivinho mais do que compreendo; e talvez a telepatia ainda me ajude a compreender com maior frequência do que imagino. Se não me engano, Milvane quer saber se já estou suficientemente forte, bem restabelecido. Promete-me um passeio, um belo passeio, para quando eu estiver completamente curado... Neste ponto, garanto a minha interpretação, pois a palavra francesa promener surge tal e qual nos discursos de Milvane. Mas, de que tipo de passeio se trata? Quanto tempo deverá durar?

Milvane declara que vai me deixar descansar ouvindo música. Aperta um novo botão e aqui estou sozinho, junto do janelão aberto outra vez de par em par, contemplando as casas-reflexos, o crepúsculo permanente e o horizonte sólido, enquanto na sala circular dançam os compassos de uma música caprichosa e funambulesca e, não obstante, encantadora...

E tranqüilizante.

Não sei se foi a música que me restabeleceu. É bem possível. Já vi aqui, neste tempo, coisas mais espantosas.

Já me referi aos coquetéis vibratórios. Por que não haveria curativos sonoros, bálsamos musicais?

Em todo caso, na próxima revolução estarei pronto para o passeio.

E que passeio! Quantos horizontes me desvendou! Passeio! Meu pobre Milvane, como você conhece mal o francês! Tão mal quanto eu conheço o seu idioma e seus bizarros ideogramas.

O passeio acabou sendo uma viagem, uma expedição tão perigosa e árdua quanto uma expedição polar... Em suma, talvez tenhamos mesmo ido ao pólo. Em todo caso, foi o que pareceu. Procedamos, porém, com ordem, se é que desejo que meu amigo Rodolphe compreenda alguma coisa.

Para começar, Palem, Milvane e eu saímos da cidade como da primeira vez, quando fomos à caça dos rinólofos, pelo descensor. Mas já não foi pelo mesmo aparelho e este não nos deixou no mesmo lugar. O ponto em que descemos era mais ou menos como uma estação. Havia diversos armários de pedra (dum mineral cinzento, pelo menos), do tipo que já descrevi, e uma dezena de vias de um só trilho, partindo em todas as direções. Assemelhava-se mais a uma estação de brinquedo que a uma verdadeira estação. Sobre esses monotrilhos partiam a cada instante trens, mas trens individuais, por assim dizer. Vou explicar: sobre os monotrilhos, não são colocados vagões de verdade e sim pequenas plataformas pousadas sobre duas rodas e de tamanho apenas suficiente para que se coloquem ali os pés. No ângulo esquerdo, da frente, aparece uma espécie de haste em que nos podemos segurar, pois este metrô a céu aberto sacoleja tanto quanto o nosso velho metrô.

Para dar a partida, é muito simples. Agarra-se uma plataforma pela haste (existem aos montes, à direita e à esquerda), pespega-se sobre o trilho e embarca-se. E a maquinazinha começa a rodar por si mesma. Muito simples. Ou, pelo menos, parece. Desconfio, porém que existe por aí, nos armários de pedra ou noutra lugar qualquer, um chefe de estação, ou algum mestre-linhas, que nos fornece a força motriz de uma maneira ou de outra, desencadeando nossa partida e determinando nossa direção através de processos desconhecidos.

Encontro-me entre Palem e Milvane. Estamos usando, os três, o nosso traje habitual: malha de pelúcia e nada mais: vamos de cabeça descoberta, exibindo nossa calvície, exceto Milvane, que conserva o seu lenço de casca

de cebola. O monotrilho serpenteia sobre o solo xistoso e vai se elevando insensivelmente. Subimos uma encosta suave. De um lado e de outro, escalonando-se, os bizarros lampadários que já observei nas avenidas da cidade suspensa; mas aqui estão em sua posição normal — normal para mim; quero dizer que aquela espécie de roda com pés está voltada para cima. Mas sua haste é muito curta: meio metro, quando muito; chegam mais ou menos à altura dos nossos joelhos. E tenho a oportunidade de me assegurar de que a roda é realmente formada por tubos achatados, e que gira constantemente, devagar, deixando escapar um silvo muito suave.

Já vi muitas coisas, de aspecto bem mais espantoso, e não deveria surpreender-me a presença desses objetos ao longo de uma via onde podem representar um equivalente dos discos de sinalização, ou de tantas outras coisas banais que atulham as margens das estradas do século XX. Intrigame, entretanto, a recorrência do mistério. E pergunto em voz alta:

— O que vêm a ser estas rodas?

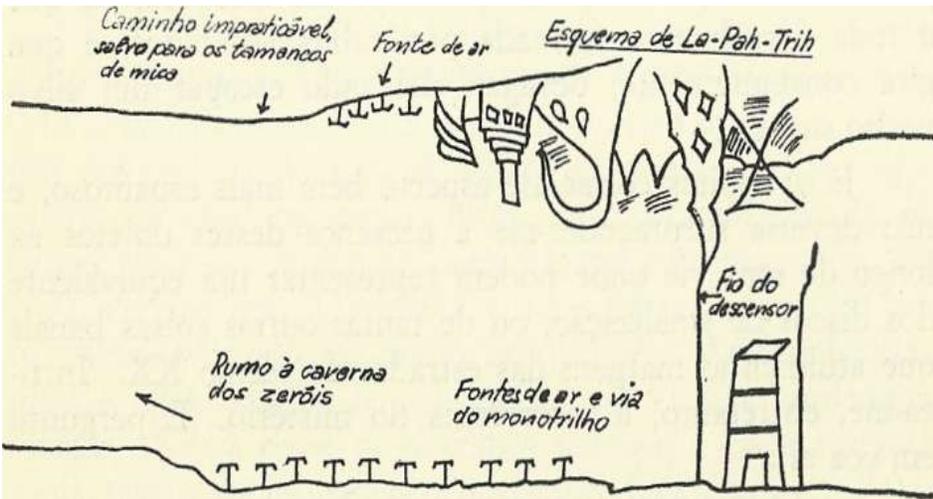
— Fontes de ar.

Terei ouvido bem? Foi Milvane quem falou. Mas sua resposta não elucidada nada. É sempre assim. As explicações complicam as coisas e os esclarecimentos as obscurecem. Eu teria feito melhor se me tivesse calado. Aliás, eu devo ter compreendido mal. Ou talvez Milvane é que tenha compreendido mal a minha pergunta. Se, todavia, foi comigo mesmo que falou. Talvez estivesse falando com Palem, em sua linguagem tosca, e tivesse dito algo parecido com "fonte de ar", mas significando coisa totalmente diferente.

Peço desculpas por reproduzir integralmente essas reflexões, mas este exemplo, colhido entre outros dez mil, servirá para fazer compreender a dificuldade que representa qualquer tentativa de conversa com os subterrâneos e o motivo pelo qual raramente reproduzo por extenso essas conversas.

Continuamos a subir. Escalamos a encosta, entre as fileiras de "fontes de ar", dispostas em quincôncios dos dois lados do monotrilho. E, naturalmente, acabamos nos aproximando do firmamento. (Passarei a empregar essa palavra para designar comodamente o céu rochoso).

Cá estamos, numa região onde a abóbada de rocha não é sensivelmente mais elevada que o teto de certas salas muito altas, entre os europeus. Aliás, uma abóbada irregular, que por vezes se abaixa até a altura de um homem, atingindo quase o solo, o verdadeiro solo, à nossa esquerda. ^{4}



A ladeira chegou ao fim. Estamos rodando agora sobre um terreno plano, ou quase. À nossa direita, abrem-se, escancaradas e negras, cavernas de teto baixo, cuja profundidade não consigo avaliar. Aliás, aparece de repente um gradeado metálico, que delas nos separa. Será realmente um metal? Não, dir-se-ia antes amianto: é um material branco e vagamente peludo. Esse gradeado sobe até o teto de rocha e nos separa inteiramente das cavernas baixas, mas suas malhas são suficientemente largas para permitir que enxerguemos através delas. Estamos ali ao abrigo das moscas, como frutas preciosas. Mas, que moscas? Estou prestes a dar de ombros diante desta precaução absurda. De repente, porém, avisto alguns seres, sombras a se moverem no interior das cavernas, por detrás do gradil de amianto.

São homens, não há dúvida. Seu aspecto não tem mais nada de estranho para mim agora. Vestem a indefectível malha peluda, mas a pelúcia é negra. Vão e vêm, ao longo dos paredões e do gradil; de quando em quando, alguns vêm colar o rosto alvacento à grade, examinando-nos com olhar vago. Não sei por quê, julgo ler em suas fisionomias lívidas ódio e desespero. Como já disse, o jogo fisionômico nestas paragens difere do da Terra e, além disso, eu posso estar enganado. Por que nos haveriam de odiar essas criaturas?

Observo que muitos deles ocultam a calvície sob uma espécie de lenço de cabeça, como Milvane; trata-se porém de lenços negros. Ali dentro, estão todos de luto. Mas de quê? Dou de ombros, mal acabo de formular para mim mesmo esta reflexão absurda. Minha noção de luto, sem dúvida, lhes é tão estranha quanto as suas verdadeiras noções o devem ser para mim. Não é apenas uma barreira de amianto que se ergue entre nós.

Atravessamos uma região mais bem iluminada — ou talvez sejam os meus olhos que se habituaram à penumbra dessas cavernas baixas — e consigo distinguir grupos de seres negros a se agitarem do outro lado da grade. Têm modos bastante singulares. Muitos passeiam o rosto macilento pelo céu rochoso e baixo, parecendo procurar ou farejar alguma coisa, como cães a seguir uma pista lasciva ao longo das calçadas.

Estou tão curioso que, esquecendo mais uma vez as minhas sábias resoluções de me conformar com uma inevitável incompreensão, torno a perguntar:

— Que gente é esta?

E, mais uma vez, a voz de Milvane, que vem rolando atrás de mim, me oferece uma breve resposta:

— Zeros!

Zeros! Nada! Bela resposta! Tão bonita que fico certo de ter ouvido mal... E, de repente, um clarão... Sim, eu ouvi mal. O que Milvane usou não foi a palavra francesa zero (zero) e sim uma palavra da língua deles — uma palavra que eu já ouvi. O que Milvane disse não foi zero e sim zeróis. Os zeróis. É isto mesmo — eu já ouvira falar neles. Mas não sabia o que vinham a ser. Estou vendo agora: trata-se de uma categoria social, uma raça, um grupo de homens, em todo caso. Essa gente que comprime as fisionomias desvairadas contra o gradil de amianto, como macacos de zoológico, a farejar incansavelmente o teto rochoso de suas cavernas de trogloditas, são os zeróis. Mas que farão eles?

É possível que eu nunca chegue a saber.

Noto de repente que as "fontes de ar" desapareceram da paisagem (desde quando?) e que uma forte corrente de ar atravessa a espécie de túnel por onde circulamos.

Mas este estado de coisas não dura muito. O firmamento ergue-se aos poucos: surgem novas cavernas, mas desta vez à esquerda e despovoadas, pelo que posso ver. Estamos de novo num local vasto e relativamente descoberto, semeado de construções bizarras e desgraciosas, muito diferentes das casas-reflexos da cidade.

Creio que chegamos, pois nossa velocidade diminui. A curva do mon trilho se desvia e vamos desembocar no centro de uma populosa encruzilhada, onde inúmeras silhuetas apressadas caminham de um lado para outro. Poderia até acreditar que estamos no centro de alguma cidade industrial, de

Saint-Etienne ou de Saint-Chamond; e julgo, com efeito, que se trata de algo parecido.

Só que aqui as fábricas e residências dos operários — se é realmente esta a utilização dos edifícios que avisto — não possuem teto. Para quê, se não chove nunca? Ou então, se preferirem, o firmamento rochoso é que serve de teto universal. As ditas residências são, por conseguinte, simples recintos, com muralhas mais ou menos altas, substituídas às vezes por simples grades de metal. Por toda parte, inúmeros monotrilhos sulcam o solo, mas não transportam apenas homens. Vemos por aqui trens, verdadeiros trens, compostos de vagonetes carregados, ao que parece, de minério. Devemos estar entre metalúrgicos. Neste caso, os zeróis, ou pelo menos os daqui, são operários metalúrgicos. São muitos; posso identificá-los pela malha negra, pelo lenço na cabeça e pela expressão de tristeza concentrada. Agitam-se ao redor dos vagonetes. Há também inúmeros pubilos que parecem comandar as manobras. E também, nas esquinas das "ruas" e das vias, ou melhor, nos cruzamentos das idas e vindas, há outros personagens, do meu tamanho e até maiores, que parecem pertencer a outra raça. Usam malha branca, felpuda; diversos cintos brilhantes cingem-lhes o torso; envolve-lhes o crânio uma espécie de turbante branco, e estão de mãos abanando; não fazem nada. No entanto, alguns deles trazem na mão algo bastante parecido com as ventoinhas vendidas às crianças nas feiras: uma varinha de madeira branca, tendo na extremidade uma rosácea de canudos de papel ou de celulóide, pelos quais se engolfa o vento, fazendo-os girar incessantemente. Só que aqui, como não existe vento, as ventoinhas não giram. Parecem simples ornamentos. E os personagens que os carregam também parecem estar ali apenas para se exhibir, completamente desocupados. Ficam a olhar para quem passa, com ar plácido e ruminante, sem fazer o menor esforço para participar da atividade geral.

Nem penso em perguntar o seu nome, não me adiantaria muito. Aliás, vamo-nos aproximando de um edifício singular e que, no entanto, não é o único de sua espécie. Avisto mais dois ou três, iguaizinhos, logo adiante.

Parecem altos fornos, cuja alvenaria subisse até o firmamento, aliás muito baixo, em lugar de se perder nos ares. Ou, ainda, chaminés de ferreiro, fechadas na frente por uma espécie de pórtico ou portal, em arco e avermelhado, e cuja coifa, de aparência granítica, sobe reta e vai-se perder na rocha.

No flanco dessa espécie de forno, apóia-se urna construção baixa, em forma de telheiro de porcos, mas também de pedra, ao que me pareceu, e encimada por um mealheiro gigante, parecido com as caixas de correspondência inglesas, aqueles volumosos cilindros vermelhos que brotam das calçadas londrinas de distância em distância. Só que o cilindro, aqui, é cinzento, e não vermelho, e sua fenda é tão grande que quase dá passagem à cabeça de um zeroí.

Já faz algum tempo que deixamos os nossos patinetes e que vamos circulando a pé. Palem vai na frente. Contornamos a estrutura que acabei de descrever e avisto, num dos lados do que qualifiquei de telheiro de porcos, uma entrada baixa. Acompanha-nos um personagem, que se afastou há pouco de um grupo azafamado: é um pubilo, igual a todos os outros.

Percebo então que o que qualifiquei de telheiro de porcos não passa de uma espécie de poterna. Em seu flanco, recorta-se a esquadria de uma grade, que se ergue para nos dar passagem. Essa entrada é bem baixa; sou obrigado a me curvar.

Transposto, porém, o limiar, descemos diversos degraus e chegamos a uma sala bastante ampla, onde podemos circular à vontade. Esta sala se estende à esquerda pelas profundezas do paredão de rocha. Dir-se-ia uma oficina ou armazém. Móvel nenhuma, mas pilhas de objetos indistintos, amontoados na penumbra, e enormes prateleiras, também repletas de uma miscelânea de coisas. É meio fábrica, meio depósito de carvão.

Aí estão três indivíduos que parecem nos aguardar. Dois deles são muito parecidos e seu aspecto me é positivamente repugnante. Velhos, evidentemente. Quero dizer: apresentam todos os indícios de velhice, mas isto não prova nada, neste mundo. Lembram ao mesmo tempo uma velha squaw, um velho sábio caduco e um boxeur sonado. O crânio devastado por uma alopecia total, o rosto enrugado, o nariz achatado como que por algum murro e as orelhas acabanadas estão recobertas uniformemente de tinta vermelho-tijolo. Têm lábios pendentes e olhar apagado. Seu corpo pequeno é todo encurvado. O terceiro parece mais jovem, porém não menos enigmático. Bastante alto para um pubilo, atarracado, quadrado, de ombros largos e traços igualmente quadrados, mas de olhar tão embaçado quanto os demais, não se sabe ao certo se é o chefe deles ou algum fiel servidor. Sua cabeça está coberta por um lenço negro, como o dos zeroís.

Um rápido diálogo. Compreendo que os dois velhos peles-vermelhas se chamam Pelars e Bejars, e o outro Padhmeon, e que nos servirão de guias

numa expedição ao teto do mundo. Sem dúvida, mais uma extravagante viagem pelo teto. E procedemos imediatamente ao cerimonial do equipamento.

Nossos apetrechos lembram bastante os dos alpinistas. Envergamos um traje de escafandrista com calças bufantes e mais um capacete-globo de mica, como o do "passeio" anterior. Mas, desta vez, o globo transparente apresenta uma nova peculiaridade. Bem no fundo, diante do occipital, encontra-se uma espécie de calota preta. Dir-se-ia que o globo foi enegrecido, enfumaçado numa superfície mais ou menos do tamanho de um solidéu. O que isso quer dizer? Mas estou começando a me habituar a perguntas destinadas a ficar sem resposta. Fazem-me sentar e prendem-me patins aos pés. Não patins com rodinhas e sim patins munidos de lâminas serrilhadas. Pespegam-me às costas um knapsack (decididamente, trata-se de alpinismo) e colocam-me na mão uma longa haste de metal terminada em forquilha, cujos três dentes não ficam no mesmo plano; divergem, como os pés de um tripé, e terminam em pontas muito agudas. Entregam-me finalmente — suprema ironia — uma ventoinha de canudos de celulóide, semelhante às que descrevi há pouco. Seria alguma insígnia honorífica? Afinal, se tivessem condecorado um pubilo com a legião de honra ele não ficaria mais espantado. Ou se trata de algo deste gênero, ou o objeto em questão não está destinado a ser utilizado imediatamente, pois vejo que meus companheiros suspendem o brinquedinho ao flanco de seu knapsack. Faço o mesmo.

Aqui estamos, de pé, tropeçando em nossas lâminas serrilhadas. Para onde vamos?

Não muito longe, para começar. Abre-se uma espécie de porta ou de alçapão no flanco do alto-forno, bem à nossa frente. Empurram-me por ali, ladeado por Palem e Padhmeon. A meu lado, Milvane tranqüiliza-me com um sorriso que exhibe todos os seus dentes. Estamos numa espécie de túnel perpendicular, como um poço de elevador ou de mina, como queira, que sobe indefinidamente e no qual a vista se perde em trevas indistintas.

É um poço de elevador, decididamente. Uma caixa de mica, maior que os tamancos usados na cidade, mas parecida com eles sob certos aspectos, e vem deslizando ao longo de uma das paredes como um inseto gigantesco. E cá estamos agora, de pé, dentro desta cabina irregular. Vamos subindo, subindo.

E durante muito tempo. Não saberia dizer se o movimento é sempre vertical ou se passa a ser oblíquo. Sinto a cabeça a girar. Idéias confusas turbilhonam dentro do meu crânio. Estou quase a acreditar que voltei para a superfície da terra. Tenho a impressão de estar participando de uma daquelas peças barrocas do Châtelet, a que outrora ia assistir para contemplar a pobre...

Um baque. Chegamos. Meio atordoado, acompanho meus companheiros até desembocarmos numa estufa. Uma gigantesca estufa. A parede de vidro, evidentemente circular, arredonda-se a perder de vista.

Pisco os olhos, deslumbrado pela luz do dia, subitamente reencontrada. A meu redor, construções pouco elevadas, bastante semelhantes às marquises das grandes estações, mas protegidas por pequenos parapeitos. Abrigos de tetos côncavos.

O que vem a ser mais esta...? Ia dizendo mais esta caverna. Porém, e a luz? A iluminação! Ergo a cabeça e, lá em cima, através da cúpula de vidro, avisto um disco amarelo cercado de um halo tríplice... O Sol. O céu. Eu estou de volta à Terra!

Sim, mas que Terra? Sou obrigado a tomar três inspirações profundas antes de me ver em condições de observar e de raciocinar com frieza. Só então consigo abranger num olhar, através da campânula de vidro que nos recobre, a paisagem de uma desolação lunar e polar. O céu está inteiramente negro e a terra inteiramente branca. Branca, achatada, de uma desolação uniforme. Apenas algumas ondulações de terreno, lá longe.

Mas não tenho tempo para refletir demoradamente. Meus companheiros se apressam. Desparafusam os capacetes de mica e, pela primeira vez desde que cheguei, bebo algo que se parece com as bebidas do meu tempo. Fazem passar de mão em mão xícaras contendo uma coisa que lembra o café. Talvez seja isso mesmo. Quem sabe? Tudo aqui é possível, até as coisas banais. Em seguida, enchem, com esse quase-café, frascos que lembram garrafas térmicas e que metemos em nossas sacolas; tornamos a aparafusar os capacetes, empunhamos as picaretas-tridentes e, a caminho.

Com passo tardo e tropeçando por causa das lâminas serrilhadas, caminhamos por entre os abrigos onde julgo avistar como que redes. Isto aqui é sem dúvida uma espécie de estação ou de observatório. A altura da cúpula de vidro é reduzida, com relação à sua extensão. Há poucos momentos, quando estava bebendo, pude observar que reina sob esta cobertura uma temperatura regular, parecida com a de baixo. Mas vamos

agora penetrando num imensa válvula, colada ao flanco do cristal; em seguida, essa válvula nos lança para fora e, imediatamente, apesar de meu traje de escafandrista, que me recobre inteiramente, sinto, ou melhor, percebo o frio.

Caminhamos em silêncio, durante muito tempo, sobre a terra gélida e rachada. Em certos pontos, ela se apresenta desnuda e cheia de fendas, como o fundo de um pântano drenado. Mas, logo que se eleva, cobre-se de gelo ou de neve, perfurados de quando em quando por rochedos cinzentos. O Sol, a princípio pálido e morto no céu negro, passa aos poucos a incidir a pique sobre as nossas cabeças e o calor se torna intenso. A ponto de se transformar em verdadeiro tormento, até eu me sentir próximo de uma congestão. Detenho-me. Ninguém me dá atenção. Sim, alguém: Milvane. Milvane vem para junto de mim, olha-me, sorri, mostra-me sua própria cabeça. Observo então que a calota negra que garante o fundo do seu capacete deslocou-se, de modo a constituir um anteparo contra os raios mortíferos. Milvane sorri mais uma vez, remexe não sei como nas correias de minha sacola e, pronto: minha calota negra está colocada. Sinto-me imediatamente protegido, aliviado; mas, há mais ainda: o bom samaritano se apodera de uma espécie de espada, que me bate nos flancos. Não é uma espada e sim um guarda-chuva, ou melhor, um guarda-sol. Procedese como se se estivesse a desparafusar o cabo e aparece um disco na outra extremidade, dando origem imediatamente a outros discos, que se vão alargando concentricamente. E cá estou eu de posse de um anteparo opaco, que posso colocar à vontade, à direita ou à esquerda, para me proteger contra as flechadas do implacável arqueiro. Julgo compreender. Estamos caminhando pela superfície de uma Terra que foi privada de atmosfera, ou que pelo menos só dispõe de uma atmosfera muito rarefeita. Assim, privada de sua camada de algodão protetor, daquele colchão gasoso, a Terra fica exposta sem trégua às radiações destruidoras. Sim, a superfície de nosso pobre globo tornou-se realmente inabitável.

Tenho a impressão de ter caminhado durante muito tempo. Campos de neve e de gelo sem fim. Frio mordente das altitudes extremas, alternando sem transição com um calor seco e arrasante. Mal nos colocamos ao abrigo, à sombra de alguma vaga ondulação do terreno, de algum pedaço de rocha, ou de uma colina de gelo, e o frio absoluto, imperioso, se apodera imediatamente de todo o nosso ser. Depois, de repente, assim que

abandonamos a zona abrigada, vem a metralha dos raios cósmicos, contra os quais capacete e guarda-sol só nos oferecem uma proteção imperfeita.

Não me seria possível anotar aqui, ordenadamente, todos os pormenores dessa caminhada. Creio, entretanto, que a primeira etapa foi curta, embora me tenha parecido longa. Não sei como me teria arranjado sem os cuidados afetuosos de Milvane, que vai, vem, volta, gira a meu redor como um cão amigo, encorajando-me e apoiando-me.

Devemos ter partido pouco antes do meio do dia, pois o Sol está declinando e diminuindo. Com velocidade cada vez maior. E o frio, agora mais uniforme, poderia dizer quase humano, nos obriga a apressar o passo.

Em seguida, descemos. Chegamos agora a uma espécie de vale fantástico, como o fundo seco de um vale renano, de flancos coroados de burgos esfrangalhados. Ou antes: fantasmas de burgos, espectros de ruínas, pois as ameias e muralhas são feitas de gelo, de gelo lívido contra o céu negro, e as fortificações se recortam na neve. Há também montículos fúnebres em forma de túmulos, e agulhas de gelo ou de rocha imitando espectros de pinheiros.

O cansaço me arrasa e, por tudo no mundo, eu gostaria que a etapa chegasse ao fim.

Mas continuamos descendo. Os dois velhos peles-vermelhas caminham com passo uniforme, incansável, ignorando-nos por completo. Padhmeon volta-se para mim, sempre que me detenho, para lançar-me um olhar severo. E lá vou eu parar novamente... Ali, saindo do talude, rompendo a muralha de gelo e de neve... julgo ter entrevisto ruínas de verdade.

Sim. Vou-me aproximando. São realmente muros desmoronados, um cadáver de edifício. Mas, de quando será? Impossível responder. Dos tempos egeus ou da guerra de 1914... ou de muito depois. Seria preciso parar, escavar.

Milvane me faz sinal. Estão-se impacientando. Meus companheiros são incapazes de compreender a emoção que me oprime. Sou obrigado a arrancar-me à contemplação.

Continuamos a descer. Meus passos estão mais pesados, o cansaço mais intenso. E eis que tornamos a deparar com uma planície infinita e desolada. Contudo, sua monotonia se vê logo interrompida por pontos negros semeados sobre o gelo. O que pode ser isto ainda? Vamos passar pelo meio deles. Minha curiosidade é satisfeita: são cadáveres. Corpos de homens

estirados, de pernas abertas como bonecos desarticulados. Noto que muitos estão mutilados.

Já não me sobram forças para me sentir horrorizado. Avançamos. Os cadáveres surgem em número cada vez maior. Dir-se-ia um exército. Algum antigo campo de batalha, talvez.

Não. Eu havia imaginado que se tratava de velhos cadáveres, contemporâneos das ruínas. Examinando melhor, verifico, por seu pequeno tamanho, pela calvície, pelo velo que ainda os recobre, que são homens de lá de baixo, pubilos ou zeróis.

Como terão vindo morrer aqui?

Nunca senti tão pouco desejo de me esfalfar o entendimento com problemas insolúveis. Meu cansaço atingiu o auge.

Chegamos, felizmente. Até que enfim, terminou a etapa.

O Sol está baixo. A noite, prestes a cair, rápida como uma cortina de ferro. É por isto, sem dúvida, que estugamos o passo em direção a uma espécie de campânula para queijo, que reproduz em ponto menor a disposição da estufa de cristal, de onde saímos pela manhã.

No interior, na temperatura uniforme, abertas as mochilas, desparafusados os capacetes de mica, faço, pela primeira vez nesta minha nova existência, uma verdadeira refeição.

Temos café, ou seu ersatz, e pirões, que se parecem com pirões de legumes. É reduzido, mas reconfortante. As velhas squaivs Pelars e Bejars, assim como Padhmeon, estiram-se nas redes. Palem, Milvane e eu somos contemplados com colchões pneumáticos. Palem deita-se e dorme imediatamente, num sono de verdade.

Porém Milvane, que se está tornando decididamente um verdadeiro amigo, permanece sentado ao meu lado, contemplando-me com seus olhos brilhantes.

A noite, com efeito, caiu de súbito como uma cortina negra, e o negro céu constelou-se de estrelas douradas. O jantarzinho revigorou-me um pouco e o cansaço faz vibrar meus nervos. Ao contrário dos outros, sou eu quem não consegue adormecer hoje. Refaço mentalmente a penosa caminhada, revejo as sombras dos burgos, as ruínas, os mortos.

Tento obrigar Milvane a falar. É difícil, mas não impossível. Evoco o campo de gelo semeado de cadáveres e pergunto: como foram eles morrer ali?

Imediatamente, sou tomado de assalto por um jorro de palavras acompanhadas de gestos ideográficos e de um fluxo telepático. Milvane quer explicar tudo ao mesmo tempo e de três maneiras diferentes. Sou obrigado a resumir o que pude apanhar de relance.

Pelo que pude compreender — embora desta vez não me seja possível ter dúvidas — aqueles mortos não vieram morrer ali. São mortos comuns. Morreram lá embaixo, na subterra, de uma bela morte. Depois do quê, seus corpos foram expulsos para a superfície. A crosta terrestre, a antiga paragem dos vivos, transformou-se em paragem dos mortos. Os antigos países dos vivos servem agora de cemitérios. Pode haver algo mais natural? Já que os vivos tomaram o lugar dos mortos e afundaram terra adentro, era forçoso que os mortos tomassem o lugar dos vivos. Na cidade subterrânea, já não se enterram os mortos: exterram-nos.

Havíamos simplesmente atravessado um dos campos de despejo, onde eles vêm livrar-se dos cadáveres.

Alguns desses mortos acumulados podem ser muito antigos, pois o frio os conserva.

Milvane adormeceu junto de mim, com o torso meio desembaraçado do seu invólucro hermético, com um braço sob a nuca, como uma criança do meu tempo, mas eu permaneço muito tempo sentado à beira do meu colchão pneumático, a meditar. A noite totalmente negra, o céu profundo e também negro estendem-se indefinidamente ao redor da campânula protetora. A noite... Pela primeira vez desde o início de minha extraordinária odisséia, vivi um dia verdadeiro e estou vivendo uma noite verdadeira. Que desolação e que decepção! Como resultado deste fato tão simples, a aventura parece-me de repente terrivelmente real. Até agora, acontecesse o que acontecesse, era sempre como um sonho. Como uma história vivida por outra pessoa, que eu estivesse a ler, ou melhor, a decifrar. E, agora, vejo-me bruscamente acordado. Acabaram-se os pesadelos descosidos. Tornei a pisar na terra, na terra nua e fria.

Parece-me até que se dissiparam em parte os mistérios que cercam a nova sociedade dos vivos. Parece-me ter compreendido integralmente, e sem dificuldade, o que me dizia Milvane. Mas talvez seja por me estar acostumando. Ou talvez Milvane tenha feito progressos no seu francês.

Seja como for, o meu pessimismo empresta um colorido sombrio a tudo que me cerca. Meus companheiros são bem gentis. Fazem o que podem para me distrair. Mostram-me todos os aspectos de seu universo. Sou bem tratado,

não posso dizer o contrário. No entanto... Não sei porquê, a friidez de suas maneiras opõe uma espécie de barreira à minha gratidão. As duas velhas squaws, Pelars e Bejars, sobretudo, parecem tratar-me com frio desdém, como um ser inferior, um exemplar de laboratório.

Mas como? Existem em toda parte pessoas altaneiras ou antipáticas. Existiam, no meu século e na minha terra. E aqui, afinal de contas, julgo ter encontrado um amigo.

Olho para Milvane e adormeço.

Tornamos a partir no dia seguinte. Estas palavras "dia seguinte", têm finalmente um sentido e posso exprimir-me naturalmente. Tomamos café outra vez. Creio que é realmente café, mas sintético. Saímos muito cedo e a princípio não há sol, de modo que andamos depressa. Vamos sempre descendo. Tenho a impressão de estar caminhando sobre o leito de algum antigo mar gelado ou seco, e que as falésias e colinas que se sucedem à nossa esquerda representam um antigo litoral. Mas qual? Inútil tentar descobri-lo. A configuração da Terra teve bastante tempo para se alterar desde que me escapuli de meu tempo.

O Sol se ergue de súbito, iluminando novo campo de mortos. Muito maior que o de ontem. São inúmeros os cadáveres desta vez, e sua multidão lastimável, com os membros revirados, deslocados, cobre o chão interminavelmente. Vou saber, aliás, de onde saíram...

De quando em quando, no flanco das falésias litorâneas, avista-se uma pequena abertura obstruída por uma coisa qualquer, negra. Dir-se-ia uma boca de esgoto, um orifício obscuro. E, com efeito, é realmente algo assim.

De súbito, à nossa frente, abre-se um desses orifícios. Como, exatamente, estou distante demais, não o posso ver. Porta corrediça, alçapão, válvula? Seja como for, do orifício aberto jorra um cadáver, expulso como um excremento, e depois outro... mais cinco, seis. Caem ao pé da falésia como escarros ou dejeções. Depois, surge uma cabeça na parte de cima da abertura. Mais um? Não, é um dos operários — dos coveiros — que lança um olhar para fora, para se certificar de que a tarefa havia sido bem executada. Ele se recolhe, em seguida, rapidamente — está fazendo frio — como um cuco de relógio volta para a sua casinha, e o orifício é novamente obturado. Acabou-se. Simples operação de limpeza pública.

Sinto-me vagamente chocado. Mas por que, afinal de contas? Se eu fosse um ser subterrâneo e visse os mortos, os nossos mortos do século XX, caindo dentro de uma fossa...

Há uma coisa que me intriga, entretanto. Se tudo se passasse sempre desta maneira, os mortos deveriam estar empilhados, aos montes, ao pé dos orifícios. Ora, estão espalhados por toda parte. Seria por obra do vento, das tempestades? Não sinto vento nenhum por aqui. É bem verdade que com o meu escafandro... Resigno-me mais uma vez a ficar sem compreender.

Apressamos o passo e eu acompanho de muito boa vontade o movimento, pois a região se fez mais deserta e mais sombria. Lembro-me da expressão: inferno de gelo, lida não sei onde, em Júlio Verne, acredito. Pobre Júlio Verne! Nunca sonhou com uma coisa destas, e fez muito bem, pois não teriam deixado que as crianças o lessem. Mas, se jamais houve um inferno polar e glacial, é bem este que estamos atravessando. O Sol ergueu-se e, num instante, tornou-se calcinante, torturante. Falésias sucedem-se a falésias, melancólicas e recortadas, mais baixas que as do início, e em seus flancos se abrem largas fendas, estuários de antigos rios, aberturas de vales outrora férteis. O que estou vendo é a múmia do meu antigo habitat; não a Terra que conheci, mas sim a sua carcaça gelada, enrijecida e defunta.

No entanto, ainda existe vida sobre esta Terra. Numa volta do esporão da falésia, na abertura de um dos vales a que me referi, avisto um rebanho de animais brancos que fogem quando nos aproximamos. Não! Não são ovelhas; pelo contrário, são lobos. Lobos brancos. Uma variedade de coiotes, provavelmente. Ou algum animal novo. Mas de que vivem eles, que ar respiram?

Não tarda muito e eu o descubro. Os bandos de coiotes vão surgindo cada vez mais numerosos, cada vez mais freqüentes. Fogem à nossa vista, mas vejo aparecerem outros animais, mais pesados e menos tímidos. Numa curva do litoral, descubro novo campo de mortos.

E em cima de um dos primeiros cadáveres, a oito ou dez metros apenas à nossa frente, agacha-se enorme abutre todo negro. Suas asas noturnas formam um imenso abrigo a encobrir o morto, do qual só se vêem as pernas. Pelars e Bejars, que caminham na frente, passam sem voltar a cabeça, indiferentes. Não posso deixar de me deter, e Milvane se detém a meu lado. Não consigo impedir-me de achar repugnante esse espetáculo. Apanho um pedaço de rocha e lanço-o, desajeitadamente, contra o abutre. A ave levanta de entre as asas negras um pescoço ignóbil e pelado e volta lentamente para mim a cabeça rapace. Tem no bico um pedaço de carniça. Milvane e Palem me observam, como se eu fosse uma criança que se detém para colher raminhos de ervas ao longo do caminho. A cólera apodera-se de

mim. Apesar do cansaço que se segue ao menor gesto, sob este Sol abrasador, rei do negro céu, apanho outra pedra e a lanço com toda a força. Desta vez, atinjo o animal. Ferido entre as asas, o abutre abre a negra envergadura e se ergue pesadamente no negro céu. Mas não durante muito tempo, e nem muito alto.

A cinco ou seis metros de distância, quando muito, ele pára e torna a cair, como se tivesse batido o crânio exíguo contra algum teto invisível.

Julgo ter compreendido. Devem existir ainda alguns restos de ar, resquícios de atmosfera nos fundões e nos vales deste mundo deserto, e é o que respiram os abutres negros e os lobos brancos. Compreendo também de que eles se alimentam e por que faltam braços e pernas a tantos cadáveres. Graças ao frio, os cemitérios dos homens servem de armazéns e de fábricas de conservas para esses comedores de carniça. Vão apanhar os corpos ao pé dos excretores e os arrastam até o fundo dos bolsões de ar, onde os devoram.

Percebo igualmente a infantilidade do meu gesto. Eu seria incapaz de dominar minha náusea, mas torno a partir, desviando o olhar. O abutre baixou um pouco adiante sobre outro cadáver, a banquetear-se de novo.

Enquanto caminhava, continuei minha meditação. A esperança que obscuramente concebera, durante um instante, de que pudessem existir outros animais familiares na superfície da Terra, desvanecera-se mal tomara forma. Lembro-me de ter lido num lugar qualquer que só os animais suficientemente gordos podiam resistir convenientemente ao frio. De modo que é inteiramente improvável que animais de pequeno porte se ocultem nas gretas destas falésias. E não vislumbrei em parte alguma o menor vestígio de vegetação. Aliás, que planta poderia resistir a semelhantes temperaturas, a essas alternativas de frio e calor, a esse bombardeio de eflúvios cósmicos, que não pode ser detido pela delgada cobertura de ar, gasta e esburacada, reduzida a farrapos — pois está fora de dúvida que agora só restam farrapos de atmosfera. Além disso, não existe água; tudo está gelado. Por certo, sob a influência do Sol mortífero, o gelo pode muito bem derreter-se em alguns pontos, em algumas cavidades, em quantidade suficiente para permitir que lobos e abutres encontrem água para beber; mas só para tornar a congelar-se algumas horas mais tarde; a água deve voltar a congelar quase instantaneamente, assim que o símile-crepúsculo cai como uma mortalha sobre a Terra morta. Não; a única seara que esta Terra madrasta e macabra

pode oferecer é a de seus cadáveres, e só é capaz de alimentar a esses comedores de carniça.

Com efeito, andaremos horas e horas, sem avistar outra coisa sobre esta extensão gelada e cinzenta, além de lobos e abutres. O tipo de alimentação possível nestas circunstâncias colocou um ponto final na seleção natural. E, por certo, o resultado foi admirável.

Temos de atravessar um bolsão de ar singularmente extenso, e que nos traspassa, sem o querermos, apesar da impermeabilidade de nossos trajes, pois eu me sinto revigorado e rejuvenescido. Minha respiração parece normalizada e, apesar do aspecto desolado de tudo o que me cerca, apesar do calor terrível e irradiante que incide sobre nós como golpes de martelo, sobre nossos ombros e sobre as calotas de nossos capacetes, sinto-me propenso a ver as coisas de um ângulo otimista. Caminho, animado, ao lado de Milvane, atrás do grupo formado por Palem e Padhmeon que, por sua vez, seguem atrás de Pelars e Bejars. Meus companheiros agora me parecem quase simpáticos. Afinal de contas, eu estou na Terra e a espécie humana talvez não tenha perdido a esperança de voltar a instalar-se em sua superfície, pois, de quando em quando, fazem-lhe uma visita. São tremendamente engenhosos esses novos homens; isso é incontestável. E, pensando bem, não são assim tão maus. Palem e Milvane, por exemplo, são uns bons sujeitos. Há não sei quanto tempo vêm fazendo tudo por mim. Sobretudo Milvane. Como eu gostaria de lhes revelar os meus sentimentos, a minha gratidão, mostrando-lhes que o homem do meu século não era assim tão inferior, afinal de contas. Gostaria de poder fazer alguma coisa por eles... Eles haveriam de ver uma coisa se um lobo branco ou algum abutre atacasse Milvane, por exemplo!

Enquanto vou-me perdendo nesses devaneios dom-quixotescos, apresso o passo, sem perceber que me vou afastando do caminho trilhado pelos meus companheiros. E, de repente, verifico que eles desapareceram. Por trás daquele promontório rochoso, lá adiante, ou melhor, daqueles escombros. Estou sozinho. Tenho de correr para alcançá-los.

Mas, antes que pudesse tomar impulso, um rebanho de coiotes surge à minha frente, irrompendo do promontório. Quer dizer que meus companheiros não estão daquele lado? Num relâmpago, entrevejo o terrível destino que me poderia estar reservado se ficasse abandonado ali, sozinho, na superfície deste planeta morto, em companhia de cadáveres e de hordas necrófagas. Mas, por assim dizer, não tive tempo de ter medo. Os coiotes

me avistaram e viram que eu estava sozinho. Devem ter esperado, manobrando para me isolarem.

E agora estão me cercando. Seus olhos injetados desferem chispas e seu pêlo branco brilha sob o sol melancólico. A língua pendendo da goela voraz, eles babam de desejo, olhando para mim. Aparentemente, embora os cadáveres constituam a base de seu regime, eles não desdenham o sangue quente nem a carne fresca quando se apresenta uma ocasião. Já devem ter-se regalado dessa maneira, algumas vezes.

A única coisa que me resta fazer é defender-me, procedendo como aqueles heróis de quem me lembrava há pouco — mas em benefício próprio. Trata-se de salvar a minha pele, e não a de outro qualquer. Mas como?

Para dar a mim mesmo algum tempo para refletir, começo a recuar. Recuo tanto que logo me vejo encurralado de encontro a um contraforte da falésia, sobre um terreno gelado e desigual, rodeado por um semicírculo de goelas ameaçadoras, de olhos chamejantes e línguas pendentes. Mas eles estão hesitando. Não se atrevem a atacar. E agora? E se eu investisse? Com a coragem do desespero, poderia quase dizer, do medo, eu me atiro contra o semicírculo ameaçador. Os lobos recuam, erguidos nas patas traseiras e tornam a cair de lado. Abrem uma passagem. Só que...

Só que, ao avançar dessa maneira, eu expus os meus flancos. Um dos coiotes executou um movimento rotativo e saltou no momento em que tomei impulso. Só compreendi o que se estava passando quando ele cravou as presas no fundilho do meu escafandro. Sinto-me perdido. Mas, no momento em que julgava entrever o círculo de goelas famintas fechando-se sobre mim, surge uma figura esguia que espanta os lobos e, passando por trás de mim, roça de maneira estranha o meu traje hermético. Reconheço Milvane. O lobo foge, levando porém entre as presas um farrapo do meu escafandro: ouço uma espécie de assobio às minhas costas e sinto como que uma queimadura nas coxas.

Mas sinto-me imediatamente colhido pela cintura e derrubado. Milvane sentara-se sobre uma saliência rochosa e me obrigou a sentar sem cerimônia sobre os seus joelhos. Aplaca-se a sensação de queimadura. O globo de mica do meu amigo está muito próximo do meu, sobie o meu ombro, e seu braço, ultrapassando o meu corpo, agita um objeto estranho: a ventoinha de conchas a que me referi. Pois bem, esse brinquedinho produz um efeito realmente mágico. Assim que é apontado na direção dos lobos brancos, assim que ele se põe a girar — pois ele se põe a girar — os coiotes

disparam a correr com quantas pernas têm. Alguns deles não vão longe. Depois de uns dez metros, levados pelo impulso, escorregam como se estivessem num ringue de patinação: os corpos giram sobre si mesmos, duas ou três vezes, e ficam estendidos, rígidos, de patas para cima.

Lembro-me então de que eu também trazia uma daquelas ridículas ventoinhas presa à minha sacola. Ainda está ali. Estava munido de uma arma fulminante. E não desconfiara disso nem por um instante. O povo desta terra é realmente muito parcimonioso de explicações — quero dizer, a gente deste tempo.

Não tem importância; não sejamos ingratos, Milvane é um companheiro muito gentil. Mas devo estar a cansá-lo — ele é tão frágil — pesando assim sobre os seus joelhos. E por que me terá tomado assim ao colo, como se fosse um bebê? Acho minha posição um tanto ou quanto humilhante, e faço um movimento para me levantar. Milvane me obriga a sentar de novo, com uma força de que eu não suspeitara. Além disso, eu não insisto. Sento-me obedientemente, pois compreendi; compreendi por que Milvane escolhera aquela posição. O ar, o ar quimicamente puro, saudável e apropriado ao meu organismo, que enche o meu escafandro, escapa instantaneamente pelo rasgão assim que faço um movimento.

E foi por isto que senti uma espécie de queimadura, ainda há pouco: era a queimadura do frio. Neste momento, as coxas nervosas de Milvane, juntando as dobras do traje-escafandro, cobrem o rasgão; mas basta que nos levantemos para eu morrer de frio, e dentro de um prazo muito curto; de frio, de asfixia ou de congestão... Torno a afundar instintivamente no cálido regaço de Milvane. Os contornos de seu corpo se amoldam exatamente aos meus. Em seguida, passado o primeiro sobressalto, sinto-me a um só tempo contrariado, inquieto e furioso. Estou amedrontado e torno-me ridículo. Terei de morrer estupidamente, por causa de um fundilho rasgado? Teremos de ficar aqui indefinidamente? É muito gentil, muito abnegada e muito engenhosa esta maneira improvisada de remediar um rasgão; não passa, porém, de um expediente. Vale durante alguns minutos, quando muito, mas não podemos continuar desse jeito. Eu agora quase que chego a detestar esse Milvane, esse moleque expedito, vivo e esperto, esperto demais. Que tinha ele de vir cuidar de mim? Era só deixar que eu me arranjassem sozinho. Afinal de contas, eu mesmo teria afugentado aqueles lobos. Acabaria me lembrando de que possuía a tal ventoinha.

Não pude entregar-me demoradamente a essas reflexões, impregnadas de vergonhosa ingratidão, confesso. Milvane cuida de tudo. Movimenta-se; ouço estalidos; deve estar fazendo não sei que tipo de sinais, com o auxílio de aparelhos que desconheço; eu desconheço tantas coisas! Seja como for, depois de um lapso de tempo bastante curto, vemos Padhmeon que vem chegando, seguido de Pelars e Bejars. Palem ficou para trás. Não sei por quê. Não sei grande coisa.

Padhmeon dirige-se a mim, com as maneiras amáveis de um jovem hipopótamo. Tento, instintivamente, levantar-me de novo. Ele me planta outra vez no colo de Milvane, de maneira bastante rude. Decididamente, deve ser algum técnico. E os técnicos devem ter liberdade de ação.

Este desafivela metodicamente a sua sacola e dali extrai diversos objetos: algo que lembra uma câmara de ar de automóvel, mas que não passa, como vejo logo, de uma simples faixa de não sei o quê, muito larga; uma azeiteira, mais ou menos parecida com as que eram usadas antigamente para lubrificar as locomotivas, e meadas de uma espécie de categute. Estranha combinação! Ninguém discute, porém. Estamos à sua mercê. Entregue a mim mesmo, fico tão desamparado quanto um uakikuyu bruscamente arrancado de sua selva natal e depositado por milagre na plataforma de uma estação de metrô. O selvagem sou eu.

Com grande habilidade, o técnico Padhmeon prepara a sua faixa; ergue depressa a minha perna, passa a faixa por baixo e enrola-a. Um silvozinho, e pronto. A seguir, entra em cena o categute. Não me é fácil acompanhar os pormenores da operação, visto ser eu o operado; mas é tudo rápido e bem feito. Em dois tempos, fico reparado como um Ford velho, e de pé, afinal, sem depender de Milvane. Mas não acabou ainda. É preciso tornar a me encher. Sinto, com efeito, que a atmosfera do meu escafandro não é mais a mesma. Depressa, a azeiteira. A azeiteira, estou compreendendo agora, eu que não compreendo nada, é um equivalente daqueles bonecos Michelin que víamos no meu tempo (por onde andaré o meu tempo?) plantados na porta das oficinas mecânicas. É, porém, mais portátil. Deve conter ar muito concentrado. Aplicam-me o bico da azeiteira por trás do ombro esquerdo — deve haver ali uma válvula qualquer — e logo sinto um ar fresco que me sobe ao rosto, e o meu traje recupera o seu intumescimento habitual. No caso, sou eu quem fica mergulhado.

Pronto; aí está. O técnico guarda os seus instrumentos e nos pomos novamente a caminho. Com a diferença que trago uma espécie de faixa de

uma borracha qualquer ao redor da coxa, como um pneu velho. Assim como — mas isto eu só saberei mais tarde — uma enorme pastilha do mesmo tecido em pleno traseiro. Mas, afinal, passa tão pouca gente sobre a Terra, hoje em dia! E pensar que talvez estejamos nas vizinhanças de La Baule ou de Deauville. Não me espantaria nada se estivéssemos em Deauville. Pois a caverna onde fui parar...

Meus companheiros não se amofinam com tantas reflexões. Retomaram a caminhada e eu sou forçado a acompanhá-los. Milvane mantém-se a meu lado, segurando-me afetuosamente pelo braço — sim, afetuosamente — e sorri para mim através da dupla parede dos nossos capacetes. É um dos poucos seres que vi sorrir aqui. Confesso, porém, que ele me irrita neste momento. Cuida demais de mim. Prefiro Pelars e Bejars que, pelo menos, me deixam em paz.

Mas, ao nos aproximarmos de Palem, que permanecera de guarda junto à pilha de bagagens encostadas a um monte de rochas desmoronadas, percebo até que ponto é injusta a minha atitude. E lembro-me de uma antiga comédia a que assisti outrora, na Terra, na minha Terra, e cujo herói era um certo Perrichon. Tal como eu, esse Perrichon implicava com um rapaz que o havia salvo. Eu sou até mais Perrichon do que ele que, pelo menos, manifestara de início uma certa gratidão.

Essas reflexões fazem oscilar, por assim dizer, os meus sentimentos, de modo que eu aperto contra o meu flanco o braço de Milvane. E deixo de dar atenção à paisagem, sempre desolada, aliás, até o fim da jornada, já bastante próximo.

Mas esta mudança de atitude vai-me acarretar algumas surpresas.

Nessa noite... Este início de frase lembra os romances mais ou menos psicológicos, analíticos ou sentimentais que eu costumava devorar nos idos tempos da minha outra existência. Se ainda acreditasse, se ainda pudesse acreditar no estilo e nas idéias desses romances, teria agora a possibilidade de escrever um belo capítulo. Mas já não posso acreditar em muita coisa. Foi tudo transtornado, subvertido, varrido dentro da minha pobre cabeça; só resta agora a dúvida, o cansaço e o abatimento.

Tenho porém de narrar em que pé estamos e que novas extravagâncias estavam à minha espera, quando eu já me considerava embotado pela série ininterrupta de extravagâncias.

Detivemo-nos debaixo de uma campânula para queijo, como havíamos feito antes. O costumeiro abrigo, com suas redes e suas camas, suas provisões e

seu material de reserva. Pelars e Bejars, Palem e Padhmeon deitam-se imediatamente, depois de beber o seu sucedâneo do café. Na certa, cansou-os o esforço a que os obriguei.

Milvane, porém, não sente a menor vontade de dormir. Senta-se à beira da cama com o torso desembaraçado do traje de escafandro, como de costume, e lança para mim um olhar equívoco e malicioso, por entre os seus longos cílios. Malicioso, mas sem maldade.

Cerca-nos a noite, a noite tão negra e profunda deste mundo morto. Os outros, com toda a certeza, não vão acordar. Em suas redes, lá nas alturas, eles não tomam conhecimento de nós. O vago clarão das estrelas difunde-se através da vidraça, transformando-nos em sombras. Estamos realmente sozinhos. Milvane continua a olhar para mim e eu torno a pensar na viagem do senhor Perrichon. Perrichon tomara-se de amizade pelo rapaz que, por sua vez, ele salvara ou julgara salvar. E eu me dou conta de que também Milvane é Perrichon. Eu sou uma propriedade sua daqui por diante, e ele vai passar o tempo a me cercar de cuidados, já que me preservou. É quase como se me tivesse criado, como se me houvesse posto no mundo. Seu olhar tem algo de maternal. O que me entenece e me irrita.

Milvane aproxima-se de mim, chega perto, bem perto, e sorri, mostrando os dentes. Estou prestes a reproduzir o elogio, tão mal recebido da outra vez, e me contenho: seria uma maldade. Depois, deliberadamente, por nova reviravolta, para me vingar da irritação que provoca em mim o incômodo garoto, eu reedito o equívoco elogio:

— Você tem lindos dentes, Milvane.

Disse isso em francês, olhando para o meu amigo com provocadora insolência. Milvane, porém, fez progressos surpreendentes e rápidos, tão surpreendentes quanto rápidos, na língua francesa. E sempre aquela espécie de telepatia. As frases inacabadas concluem-se por si mesmas em minha cabeça. Eu o farei exprimir-se como julguei ouvi-lo exprimir-se, sem procurar estabelecer uma distinção entre o que adivinhei e o que compreendi.

Milvane não se zanga. Seus lábios sorriem ainda mais francamente e ele se aproxima, roçando-se contra mim como um gato e dizendo:

— Os das mulheres do seu tempo eram bonitos assim?

Fico interdito. Olho para aquele ser estranho, sem saber como responder. De repente, com um só gesto, o torso de Milvane fica livre da túnica felpuda, como já se livrara do escafandro, e o que surge a meus olhos é um busto de

jovenzinha, com seios pequenos, porém pronunciados, nitidamente desenhados.

E é realmente uma mulher que está a se esfregar contra mim, com afagos de gata, murmurando:

— Dizem que eu me pareço com as mulheres do seu tempo. É verdade?

Diante desta revelação da feminilidade de Milvane, eu me sinto a princípio aterrorizado e vazio de pensamentos. Depois, experimentei uma nítida repulsa. Estava de tal modo habituado a considerar aquela criatura como um garoto, um companheiro, que teria a impressão de me haver tornado de certa forma homossexual se correspondesse às suas provocações... às carícias que ele já me estava fazendo. Ele, ou melhor, ela. Nesta terra, a gente se atrapalha com os gêneros, e não sem razão. Mas voltarei a este assunto mais tarde.

O que produziu em mim uma nova reviravolta de sentimentos foi um pormenor que, normalmente, deveria reforçar as minhas repugnâncias. Não era somente a presença de uma dentadura que distinguia Milvane de suas congêneres. Arrancado o lenço de sua cabeça, pude ver um crânio que devia ter sido raspado, mas sobre o qual os cabelos louros cresciam fortes e abundantes há vários dias. Milvane não era calva. Pelo contrário. Seu sistema piloso era tão arcaico quanto a sua dentição. Notei, de repente, que suas axilas eram providas de uma verdadeira cabeleira. Luxuriante. Anéis louros saíam espessos de sob seus braços magros, e um longo pega-rapaz dourado enrodilhava-se debaixo de um de seus seios. Evidentemente, aquilo podia sugerir uma selvagem, ou mesmo alguma macaca, mais do que uma mulher. Mas, justamente, havia ali um certo quê de animalesco...

Não procurarei desculpar-me. Aliás, isto talvez não passe, sem dúvida, de um sonho, e nos sonhos manda-se a moral às urtigas.

Depois dos momentos sempre iguais em que não se diz nada, porque os corpos se falam e se descobrem sem necessidade de ferir o ar com sons bizarros, sobrevieram, tal como na Terra, na minha Terra, os minutos de entrega total, quando se tem a impressão de que é possível dizer tudo ao outro. E fiquei sabendo de coisas espantosas.

Foi só então, e graças a Milvane, que comecei a vislumbrar o que era realmente o mundo em que eu baixara.

Futilidades, de início, mas quão reveladoras! Houve um dialogozinho, mais ou menos como o seguinte (vou transpor, sou obrigado a isto, mas garanto que minha transposição é tão exata quanto possível):

— Você gosta mesmo dos meus dentes? (Ela retomara a conversa naturalmente, no ponto em que a havíamos interrompido).

— Sim, mas por que é que você se aborrece quando eu o digo? Você se zangou da primeira vez?

Neste ponto, uma longa e confusa explicação, com repetições, que sou forçado a resumir. Ao que parece, aquela dentadura perolácea, tal como a cabeleira, constitui entre os subterrâneos um fenômeno atávico, algo que lembra o animal e o primitivo e, por conseguinte, representa uma peculiaridade de que ninguém se envaidece e que se procura antes dissimular. Portanto, ao cumprimentar Milvane, que eu estava vendo pela primeira vez, pela sua dentadura, eu cometera uma indelicadeza e até mesmo uma grosseria.

Era como se, ao encontrar uma jovem do século XX, provida de soberba penugem castanha sobre o lábio superior, eu a cumprimentasse pelos seus lindos bigodes...

Em geral, Milvane procura ocultar os dentes. Por inadvertência, cometera uma espécie de inconveniência ao mostrá-los e julgara que eu a estava censurando, de maneira aliás bastante rude, por aquela impolidez involuntária. Daí a sua atitude embaraçada.

Impõem-se agora algumas palavras a respeito das relações existentes aqui entre os sexos, a julgar pelo que pude compreender nessa noite. Antes de tudo, porém, tenho de convir que eu andara muito enganado a este respeito, e que é muito difícil evitar que isso aconteça. É que os subterrâneos consideram antes de tudo a função, a atividade social dos indivíduos, e os classificam do ponto de vista de sua utilidade, relegando para segundo plano, ou mesmo ignorando inteiramente, as características fisiológicas. Por conseguinte, eu havia interpretado, segundo o meu ponto de vista europeu e sexual, uma classificação cujo fundamento é social; daí os meus erros.

Foi assim que afirmei de início a existência do sexo apenas entre os aristocratas, os bovrilos, tendo declarado que todos os pubilos eram neutros, como as formigas operárias. Isto só é verdade do ponto de vista oficial, administrativo. Na realidade, muitos caracteres e tendências sexuais subsistem entre os pubilos, em graus aliás bastante variáveis. Alguns deles são realmente neutros, os dotados de uma sexualidade muito atenuada; o que é raro, entretanto. A verdade é que, sob a sua aparente uniformidade, ocultam-se ora machos mais ou menos completos, ora fêmeas quase perfeitas. E a própria língua registra essas diferenças; mas predomina aí

também o ponto de vista social e administrativo: denomina-se pubilo, seja ele macho ou fêmea, o pubilo que permanece infecundo; o termo designa, por conseguinte, os efebos ou virgens; e designa-se com o nome de cubilo, ou cubila (eu preferiria redigir desta maneira, mas creio que seria apenas um capricho de minha parte), chamam-se portanto cubilos as fêmeas fecundas, ou susceptíveis de o virem a ser. Ao concluir esta explicação, Milvane chegou-se bem a mim, dizendo com muita convicção: — Eu sou o teu cubilo.

Todavia, ela não o poderá ser oficialmente, pelo menos não o creio. Sucede, por vezes, quando assim o exige o interesse público, e quando o permite um conselho de bovrilos que não sei bem qual seja, que algum pubilo núbil receba autorização para se transformar em cubilo (isto, naturalmente, só pode suceder às fêmeas) para tentar procriar. Neste caso, entretanto, elas são fecundadas por bovrilos, geralmente com o objetivo de fabricar gerações suplementares de zanganos ou de zeróis, que formam, segundo penso, a classe baixa, o operariado.

Excetuando-se, porém, esses casos admitidos, a sexualidade dos pubilos comporta uma infinidade de manifestações secretas, clandestinas, assimiladas a vícios, pois são proibidas pelo Estado. Os semi-machos e as semi-fêmeas que pululam entre eles entretém um sem-número de idílios impossíveis, inverossímeis, forçosamente secretos e quase sempre incompletos; na maioria das vezes, tudo se reduz a brincadeiras de moleques viciosos, que aguçam os dentes a tentar morder o fruto proibido, não chegando a constituir amores verdadeiros. Não raramente, aliás, os bovrilos também participam dessas brincadeiras, embora o neguem. Parece-me, entretanto, que são sobretudo os bovrilos machos, permanecendo as bovrilas absorvidas por sua função de poedeiras. Só que, quando isto acontece — e aí está uma nova fonte de confusão — os bovrilos não se preocupam de maneira alguma com o que seja exatamente o pubilo com quem se divertem: consideram "cubilo", indiferentemente, tanto o efebo como a virgem que foram buscar nas fileiras dos pubilos.

Não pretendo alongar-me em comentários sobre esses costumes estapafúrdios. Já disse tudo o que podia, procurando ser claro. Mas a nossa conversa, a minha e de Milvane, prosseguiu durante quase toda a noite. Devo acrescentar, para dizer toda a verdade, que não foi consagrada exclusivamente à sociologia.

No dia seguinte, e assim devia permanecer durante bastante tempo, senti-me num estado de espírito muito singular. Embora eu não tivesse dormido nada, por assim dizer, e nos tivéssemos levantado à hora habitual, não me sentia cansado. Meu pensamento, porém, estava de certa forma em perpétua oscilação. Ora sentia-me prestes a entregar-me a uma absurda alegria e a entoar velhas canções que me vinham à lembrança, ora experimentava um desejo incoercível de repudiar, de varrer por completo da minha vida e da minha consciência aquele absurdo episódio, semelhante a um sonho nauseante.

Nossos companheiros, entretanto, não haviam modificado absolutamente a sua atitude, o que me ajudou a recuperar o equilíbrio. Durante a caminhada, Milvane a cada instante se chegava a mim e me segurava o cotovelo como para me guiar — ia dizendo afetuosamente — mas eu sabia agora que era amorosamente. Fazia-o, contudo exatamente como na véspera, e nada fora mudado, salvo no meu espírito.

Caminhamos outra vez durante quase o dia todo. A paisagem não sofria modificação alguma. Mas íamos nos afastando gradualmente da falésia. O terreno era plano, sem a menor ondulação, mas constantemente rachado, fendido, gretado. Tive a impressão de estar atravessando o fundo de um antigo braço de mar. O panorama era cada vez mais árido e desolado. Aquela extensão plana e uniforme, espreado-se a perder de vista, com suas melancólicas gretas, que davam a impressão de sinais de velhice e decrepitude — a velhice da Terra — tudo, até o Sol tristonho e amarelo naquele céu negro e que parecia semi-apagado apesar de suas candentes mordidas, tudo contribuía para transmitir uma sensação de desamparo opressivo. Agora, nem um só lobo nem um animal nem um vegetal, nada. Nos pontos por vezes ensolarados, um pouco de água lamacenta, ou, antes, de gelo derretido, estagnava nas fendas. Parecia-me estar a contemplar uma paisagem lunar, tal como a imaginava a fantasia dos ilustradores dos livros da minha infância inspirando-se nas fotografias do relevo da Lua, com seus vulcões, suas crateras de contrafortes ameaçados e seus vastos mares dessecados. Não estaríamos nós, como já nem sei que intrépido viajor, a atravessar o Mar das Nuvens, o Lago dos Sonhos ou o Mar da Serenidade? No entanto, faltavam as crateras: Arzachel ou Guericke, Arquimedes ou Autolycus. Mas lá estão elas, a surgirem dos confins do horizonte. Ao nos aproximarmos, entretanto, verifiquei que eram crateras muito modestas. Sua grandeza só era devida à perspectiva. A maioria delas mal superava em

altura os montes de areia ou de cimento dos canteiros de obras dos pedreiros. Contudo, algumas chegavam a três ou quatro, e até a cinco ou seis metros de altura. O que as distinguiu, porém, era o fato de que dali jorravam, a intervalos irregulares, verdadeiras colunas de ar, gêiseres gasosos. Observando melhor, via-se até um colar de vegetação leprosa à borda de certas crateras. E, nessas paragens, voltavam a aparecer animais. Os gêiseres de gás jorravam dos vulcões de ar com um ruído crepitante, que conseguia chegar até nós mesmo através dos capacetes. Dir-se-ia que, lá embaixo, algum Vulcano patusco desenvolhia gigantescas garrafas de champanha para um banquete de Titãs. Mas não se viam as rolhas. No entanto, de repente, foi possível imaginar que se tinha visto uma espécie de bola negra, colhida no jorro de ar, que torvelinhou e subiu de um jato até o zênite, mas não sem semear algumas plumas à sua volta. Era um abutre, O estúpido animal deixara-se apanhar pela corrente de ar vertical ao voejar em torno do minúsculo vulcão. A bola negra foi cair ao longe e permaneceu imóvel. A ave estava atordoada, talvez morta. Pouco importava.

O importante era que, como ia perceber, tínhamos chegado ao fim de nossa viagem.

A caminhada agora não seria longa, mas era preciso tomar precauções pois o terreno era traiçoeiro. De um lado e de outro, à medida que íamos avançando, saíam, não apenas das crateras como também das fendas cada vez mais numerosas, vapores visíveis, amarelados ou lívidos, e provavelmente deletérios. Em todo caso, meus companheiros não davam mostras de pretender retirar o capacete. Pelo colorido das fumaças, suspeitei de que fossem sulfurosas. Estaríamos então numa região realmente vulcânica? Não me parecia verossímil. As crateras eram bem pequenas. Mas eu ia receber uma prova de que se tratava de coisa muito diferente. Eu me encontrava simplesmente sobre o teto do mundo, a circular por entre as chaminés e tubos de aquecimento.

Nosso grupo se deteve diante de uma espécie de redoma achatada, mais ou menos do tamanho de um carrossel de cavalos de pau — um carrossel do qual só houvesse restado a plataforma. Por baixo corria uma estreita fenda circular, que parecia no momento vedada por painéis de ferro fundido. Julguei até entrever as cavilhas. Em todo caso, um deles deslizou e nós entramos. Fui quase forçado a rastejar.

Encontrei-me numa sala circular, a princípio completamente escura, que se iluminou de repente, graças a uma luz difusa vinda de baixo. O assoalho

sobre o qual pousavam os nossos pés, em nível sensivelmente mais baixo que o do solo exterior, pareceu de súbito tornar-se transparente.

Em seguida, o enorme disco oco começou a descer, inteirinho.

Cinco minutos, talvez dez, de descida ininterrupta, em velocidade que eu não saberia precisar. Um deslizar silencioso, insensível e prolongado. E tocamos o fundo. Eu já compreendera que estávamos retornando à Sub terra e que todas as emanações gasosas provinham da cidade interior: exalações dos altos-fornos, atmosferas viciadas pela respiração de milhões de indivíduos, tudo isto a se escapar para o ilimitado esgoto da superfície.

Logo que o aparelho se deteve, um janelão, um enorme janelão desta vez, recortou-se na muralha, oferecendo-nos o espetáculo de um formigueiro subterrâneo quase idêntico àquele de onde havíamos partido: vagonetes a circular sobre monotrilhos, zeróis apressados, zanganos gigantes postados nos cruzamentos, toda aquela sombria animação jamais refreada que tanto me impressionara.

Por dez ou doze vezes já, o grande giroscópio rodou sobre si mesmo dentro de sua concha azul, depois que retornamos dessa viagem à superfície da Terra, viagem que há de representar por certo uma das mais significativas etapas de minha nova existência. Se estas mensagens alcançarem um dia o meu amigo Rodolphe (e, apesar da insensatez desta esperança, sinto, por não sei que intuição, que ela não será vã), ele só poderá extrair das minhas anotações uma narrativa muito descosida e obscura. E como poderia ser de outra forma? Meu próprio raciocínio se acha em estado de perpétua confusão e perplexidade. A cada instante, vejo-me obrigado a voltar atrás em minhas conclusões e a rever os meus julgamentos. Pois, embora procure evitá-lo, não consigo impedir-me de formular incessantes juízos, muitas vezes sem o perceber. E estou sempre enganado.

Estou ainda a me perguntar que idéia devo fazer, em conjunto, desta civilização em cujo seio vim cair. Impossível duvidar de que se trate de uma civilização, e muito avançada. Encontra-se nela até uma infinidade de coisas admiráveis e que eu não deixo de reconhecer: ordem perfeita, ausência de enfermidades e mesmo, ao que parece, de miséria; surpreendente uso do ambiente subterrâneo, com sua fauna e sua flora extravagantes, suas paisagens prodigiosas... E, no entanto...

No entanto, embora admire, não consigo evitar uma surda e constante inquietação. Antes de mais nada, existe um número excessivo de coisas, que continuo a ignorar e que talvez encerrem mistérios horríveis e repugnantes.

O que são ao certo esses zeroís e zanganos, que só me permitem ver de passagem? Sobretudo os zeroís. Como me seria possível esquecer aquelas fisionomias macilentas, que vinham lentamente colar-se ao gradil de amianto, fixando-nos indefinidamente com seus olhos encovados?

Existe aí um enigma cuja explicação terei de encontrar algum dia.

Além disso — e quanto a isto tenho mais do que simples suspeitas — esta civilização tão brilhante me dá em certos momentos uma impressão de futilidade irremediável. Assim, qual a finalidade daquela viagem à superfície? Não chegou a ser nem mesmo uma caçada; não trouxemos nada conosco. Também não foi uma viagem de exploração, pois todo o terreno já havia sido percorrido anteriormente e demarcado com muito cuidado. Por conseguinte, apesar do cansaço que nos foi imposto, aquilo não passou de simples distração para desocupados, tal como as proezas dos alpinistas ou dos caçadores de feras, com as quais tanto se compraziam muitos ricos ociosos do meu tempo.

A prova de que é realmente isto que acontece, eu a posso colher em minhas conversas com Palem, que continua a me visitar. Habituei-me até certo ponto aos ideogramas e aos gestos subterrâneos, mas a minha compreensão permanece instintiva, irraciocinada, e continuo incapaz de analisar essa linguagem. Só consigo transmitir os resultados. Palem confirmou minha opinião acerca da inutilidade de nossa expedição à superfície. Ainda mais: contou-me que todas as saídas, passeios e excursões a que me tinham levado eram do mesmo gênero; como eu suspeitara, a caça aos rinólofos não passara de um esporte, de uma diversão. Melhor ainda: aqueles prados e florestas suspensas que atravessamos são artificiais ou artificialmente mantidos. Trata-se de uma espécie de parque de Yellowstone, e não de uma selva natural. Existem de fato cavernas desertas, mas são em geral inexploradas; ninguém se atreve a aventurar-se nelas. Mesmo nos parques onde pululam os cogumelos gigantes, naquelas florestas habitadas por macacos-aranhas, ninguém poderia aventurar-se sem precauções. A atmosfera em que ficam mergulhados é artificialmente insuflada com o auxílio de máquinas e é uma atmosfera especialmente viciada, boa apenas para vegetais e para certos animais resistentes, como os macacos cinzentos. E isto, ao que parece, para impedir que alguém vá passear naqueles parques sem autorização. Caso contrário, seriam invadidos pela multidão dos zeroís, que ali iriam respirar aquele ar, o ar do campo, de certa forma.

Aliás, esta questão do ar tem uma importância muito grande, uma importância capital, ao que parece. Tenho certeza, agora, de que todo o ar que se respira aqui é artificial, fabricado pelos homens. E este ar é distribuído, é isto mesmo que estou dizendo, distribuído como todos os serviços públicos, como a água, o gás, a eletricidade, mediante uma taxa. E eu que julgara ter aportado numa Utopia! Que decepção!

Mas os discursos de Palem, embora obscuros sobre muitos pontos, não dão margem a dúvidas; existe um sistema de distribuição e de cobrança de taxas, embora não me tenha sido possível captar-lhe o mecanismo. Em algumas partes da cidade, de propriedade comunitária — é o caso daquela em que vivo — o ar circula livremente. De resto, ele tem sempre tendência a subir para o teto e a escapar para o exterior através de milhares de fendas imperceptíveis, infiltrando-se constantemente, de uma maneira ou de outra, através do teto cortical. Há vazamentos, inúmeros vazamentos. É por isto que se faz necessário renovar o ar constantemente. Em certos lugares públicos e de passagem, correspondentes às nossas estações ou a nossas praças públicas, a distribuição é feita de forma gratuita e contínua, graças a difusores-ventiladores, cuja parte visível é constituída pelos lampadários de que já falei: são as famosas fontes de ar! Na realidade, não são lampadários e sim aparelhos comparáveis a tubos de irrigação providos de coroas giratórias, como os que se vêem nos jardins. Nos edifícios e apartamentos existem da mesma forma ventiladores-distribuidores semelhantes, geralmente dissimulados nos cantos ou sob os móveis, sendo por esta razão que eu não os havia notado. Todos esses aparelhos são alimentados por tubulações, tal como outrora o gás de iluminação era fornecido ao público nas ruas, onde era aproveitado sob forma de luz nos revérberos, e nas residências, onde supria aos fogões das cozinheiras. E assim como existiam usinas de gás e gasómetros, existem aqui usinas aerógenas, onde o ar é armazenado sob pressão em vastos reservatórios. E em cada residência há um medidor, ou pelo menos algo que corresponde ao antigo medidor de gás, e a conta a ser paga chega mensalmente, se é que se pode falar em mês nestas paragens. É uma maneira de falar. Na realidade, creio que o ar é pago como uma espécie de imposto, de foro; existe uma taxa sobre o ar, tal como havia no meu tempo, em certas cidades, uma taxa sobre a água.

Há muito tempo que a atmosfera natural desapareceu. Seria o caso de dizer que ela escapuliu para outros céus, já que se evaporou no espaço interastral. Até o ar que respiram os lobos e abutres, no fundo das bacias da superfície

cortical, não passa de ar artificial da subterra, que escapa pelas fendas, falhas ou camadas de terra porosa, e estaciona lá em cima durante algum tempo, antes de desaparecer aos poucos. De modo que não seria possível cobrir um trajeto de alguma importância nesse mundo sem contar com um escafandro para respirar. E é melhor assim, ao que parece, visto como, se se pudesse circular livremente, os zeroís invadiriam tudo.

Outra vez os zeroís! Aparentemente, entretanto, entregam-lhes escafandros e capacetes de quando em quando, segundo me disse Palem, respondendo a uma de minhas perguntas. Quando se trata de alguma expedição difícil ou perigosa. Por vezes acontece isto. Os rinólofos das cavernas e os abutres das superfícies são muito procurados em determinadas épocas, pois seus corpos contêm substâncias especiais, difíceis de serem fabricadas sinteticamente e cujas propriedades julgo serem comparáveis às atribuídas às vitaminas, no meu tempo. Mas essa coleta de corpos de abutres ou de morcegos não constitui uma caçada: é uma operação industrial, pouco divertida. Confiam-na a uma categoria de profissionais que me parecem tão pouco valorizados quanto os limpadores de ruas e os lixeiros, entre nós.

Por conseguinte, repito, o ar aqui é uma substância volátil que tende a escapar, a fugir espontaneamente. Dir-se-ia que tem horror ao planeta: assim que é criado, busca afastar-se para bem longe dele. É por isto que, em geral, as fontes de ar são colocadas em baixo, o mais baixo possível. O ar que sai, graças aos seus giros, sobe imediatamente em direção ao firmamento rochoso, onde permanece estacionado durante bastante tempo antes de se infiltrar pelos poros do planeta. E assim é criada a atmosfera da cidade. Se não fosse mantida, renovada por um esforço constante, empobreceria bem depressa e desapareceria, substituída pelos gases irrespiráveis emanados das entranhas da Terra, e a população toda morreria asfixiada.

Explica-se assim por que motivo tudo o que tem vida, homens, animais e plantas, localiza-se sempre o mais perto possível do firmamento subterrâneo, ou mesmo, sempre que possível, no próprio firmamento. A vida acompanha o ar em sua via ascendente, desabrochando em toda parte onde ele pode acumular-se.

Mas já faz muito tempo que essas acumulações atmosféricas só podem ser produzidas e mantidas graças a um trabalho incessante. A maior parte do esforço da cidade, quase toda a animação daquelas "vilas industriais", que apenas entrevi, destina-se, ao que parece, à renovação do ar respirável. O

problema da alimentação ficou relegado para o segundo plano. Ninguém parece temer ficar privado de alimento e, aliás, come-se pouco. Mas a humanidade trabalha sem descanso para atender às necessidades de seus pulmões: se parar, morrerá imediatamente, asfixiada. Já não é o pão o que os homens devem ganhar com o suor de seus rostos: é o ar.

Por certo, vai aí uma certa grandiosidade, que pode ser considerada, em certo sentido, como uma espécie de desmentido ao meu pessimismo. Mas isto não basta para me tranquilizar. Também no meu tempo havia algo de grandioso nas civilizações mais corrompidas.

Passo agora boa parte de minha vida em companhia de Milvane. Experimento por ele — quero dizer por ela (esta distinção é desconhecida na língua daqui) — uma mistura de sentimentos confusos, a mesma alternativa de atração e repulsão, idêntica à que experimento com relação ao conjunto da sociedade subterrânea. Por certo, tornou-se-me cara a companhia deste bizarro andrógino, que raspa a cabeça e oculta os cabelos como se fossem alguma ignomínia, escondendo sob o tosão neutro encantos tão femininos... Por vezes, entretanto, o que existe nele (ou nela) de moleque vicioso, o caráter clandestino que têm e sempre terão, necessariamente, as nossas relações, de súbito me repugna; e eu gostaria de vê-lo ou vê-la desaparecer para sempre. Imagino que era em momentos como esses que se cometiam outrora, no meu tempo, o que chamávamos imbecilmente de "crimes passionais". Eu, até agora, nunca tinha tido a menor idéia deste sentimento.

O que torna o meu desgosto ainda mais intenso é por vezes a suspeita (quase transformada em certeza) de que ela foi deliberadamente escolhida para me ser oferecida como companheira. E não pelas suas qualidades. Muito pelo contrário. Deve ser porque ela representa provavelmente aos olhos deles uma espécie de fenômeno atávico, de regressão ao tipo primitivo... Como se, no século XX, houvessem encontrado um antropopiteco, um homem-macaco, no fundo de alguma selva e lhe houvessem dado, para amenizar os lazes de sua solidão, uma selvagem quase animal, uma espécie de mulher-macaca.

Paciência. Eu preciso dela. Em primeiro lugar, por causa do *Vae Soli* que lateja em minha medula, como dizia Jules Laforgue (como vão longe os dias em que eu lia Laforgue escondido!). E, depois, porque a mentalidade de Milvane está quase no mesmo plano que o meu. O que não é nem um pouco desvanecedor para mim, depois do que acabo de dizer, mas é

verdade. Eu a compreendo melhor que aos demais e ela também me compreende. Responde rapidamente a todas as minhas perguntas. Sei muito bem que a consideram uma criatura acometida de uma espécie de infantilismo, e que isto representa uma maneira de me atribuírem uma mentalidade infantil. Pouco importa: ela fez o que ninguém mais quis fazer por mim neste baixo mundo: debruçou-se sobre mim. E tornou-se assim, não somente a minha companheira, como também minha mestra, minha intérprete, meu elo com o resto dos homens. Comenta e é a única a poder ou a querer comentar o desfilar das nuvens desnorteantes, informes e multicoloridas que se sucedem diante dos meus olhos desde que estou aqui. E é possível também que eu tenha outros motivos menos confessáveis, isto é, que não me atrevo a confessar. É fato que foi Milvane quem me desvendou os vícios deste mundo. E com isto revelou-me igualmente as suas taras, o que é muito instrutivo. E confirma as minhas inquietações, todas as minhas inquietações. Amargos são os frutos da árvore da ciência e, neste decepcionante paraíso, quem os trouxe a mim foi ainda uma Eva. Há vícios complicados. Tudo é complicado neste mundo, ou assim me parece. Há drogas aqui também, e um sem-número de processos para excitar os nervos. Fizeram-me saborear uma espécie de superpeiete que, assim que é absorvido, gera sob as pálpebras fechadas um insensato formigar de imagens bizarras e multicoloridas. Por vezes, essas imagens se compõem espontaneamente, formando seqüências que aparentam oferecer uma sombra de lógica. Acreditar-se-ia quase ter vivido uma história, um sonho. Por vezes, cheguei a perguntar a mim mesmo se tudo que julgo ter vivido desde que aqui estou não constitui um desses sonhos. Há uma coisa porém que me tira este receio, ou esta esperança: as imagens proporcionadas pelo novo peiete são sempre extremamente coloridas, por mais variadas que sejam. Ora, apesar de certos aspectos sedutores e das paisagens a que não falta grandiosidade, este mundo sempre se revela embaçado e cinzento: as cores mais luminosas são tonalidades glaucas ou arroxeadas, quando não são apenas sombras glaucas e reflexos arroxeados. O curioso é que eu, que sou sem dúvida o primeiro e talvez o único homem a se ter deslocado no tempo, fiquei surpreendido ao verificar que os novos homens haviam inventado drogas que lhes permitem alterar o valor do tempo. Possuem um líquido a que dão o nome de extiro ou etiro, geralmente apresentado em cápsulas ou bombons solúveis, e que tem a propriedade de retardar ao máximo o escoar do tempo — ou pelo menos a sensação que

temos desse escoar. Dentro de um lapso de cinco minutos giroscópicos, pode-se acumular uma infinidade de sonhos, de reflexões, de lembranças e meditações... uma existência toda. Caso tenha compreendido direito, essa droga serve, sobretudo para as pessoas muito ocupadas, muito apressadas, que desejem utilizar ao máximo os breves momentos de repouso ou de lazer de que dispõem. Podem assim comprimir seis ou sete horas de devaneio ou de farniente, ou mesmo de sono, em alguns minutos. Como é natural, eles dispõem também da droga contrária, a que comprime o tempo, o brevo. Esta tem de ser bebida, por ser necessário absorvê-la em quantidade maior para que faça efeito. Tendo-se bebido uma quantidade correspondente ao conteúdo de uma caneca, as horas passam com rapidez inaudita. Esta droga tem um poder idêntico ao da bobina mágica de uma história de minha infância: bastava puxar o fio, e as horas, os dias, os meses se desenrolavam num instante. Era possível, de certa forma, passar por cima dos períodos penosos ou aborrecidos da vida. É o que possibilita também o brevo, cujo uso é muito difundido. Às pessoas entediadas, às que são obrigadas a esperar alguém ou alguma coisa, basta ingerir alguns copinhos de brevo e o tempo elástico se condensa num breve instante.

Existem igualmente outras drogas ministradas, não mais sob forma líquida ou sólida, mas sim sob forma de gases ou vibrações. Mas não posso falar das mesmas com conhecimento de causa pois, aparentemente, permaneço insensível a elas, ou então eles evitam que eu as utilize, por uma razão qualquer. Creio ter compreendido que provocam diversas espécies de exaltação ou de embriaguez. Além disto, há por aqui muitas orgias, nas quais o sexo tem o seu lugar. Milvane me falou de bovrilos que se entregam a orgias de vibrações em companhia de pubilos e de cubilas, mas eu jamais presenciei nenhuma dessas sessões de prazer. Permaneço sempre mais ou menos isolado da verdadeira vida social, sempre acompanhado e como que vigiado por alguns companheiros escolhidos, sem os quais eu seria aliás incapaz de me desembaraçar e até mesmo de encontrar o meu rumo.

É preciso, entretanto, que eu diga alguma coisa a respeito dos ares de luxo, problema que se relaciona, mais ou menos, com o dos vícios. E como, sobre este ponto, eu fui beneficiado por uma experiência direta, será melhor contar o que aconteceu.

Estou sozinho com Milvane numa das salas do pavilhão situado perto do edifício-ampulheta e que dá para uma avenida de teto, plana e sinuosa, balizada de fontes de ar. Do janelão, só avistamos acima de nós uma parte

de avenida e o cone inferior da ampulheta, pois estamos numa das salas mais baixas, mais próximas da extremidade do pavilhão, voltado para o solo. Este pavilhão, como vim à saber, é disposto em forma de espiral, e os diversos cômodos sucedem-se em seu interior de modo descendente, cada vez menores, à maneira das divisões de uma concha de náutilo.

Nosso quarto, ou o meu quarto... Creio que é antes o meu quarto, o que me foi destinado, porém Milvane movimenta-se nele como se estivesse na casa dela... Ia dizendo na casa dele. À minha revelia e apesar da nossa intimidade, ela me dá sempre a impressão de ser um moleque, um moleque vicioso, que de vez em quando se faz de mulher...

O que estava eu dizendo? Ah! Sim... Estou no quarto com Milvane. Uma hora de relaxamento que lembra — de longe — as cinco às sete nas garçonnières do meu pobre século. A verdade é que cedi mais uma vez diante do encanto perverso e equívoco do meu companheiro. Desocupado, fico a olhar pela janela e meu olhar mergulha até o fundo rochoso da caverna, a cem ou duzentos metros lá embaixo. Por que não construíram as suas casas embaixo? Teria sido mais simples. Lembro-me, porém; já me explicaram: é por causa do ar, do ar que sobe incessantemente, em direção à pátria dos abutres, o carnicheiro dos defuntos oceanos. Milvane caminha de um lado para o outro no quarto de móveis arredondados. Ouço passos, tateamentos, cliques, e depois uma espécie de silvo... Viro-me.

— O que é que você está fazendo?

Milvane agora se exprime em francês de maneira bastante aceitável. (Assim como Palem.) Eu desisti de colher em sua álgebra lingüística mais do que alguns vagos esclarecimentos. Minha pergunta é acolhida por um gorjear incontido. Milvane é um grande tagarela, ou uma grande tagarela. Como de costume, só reproduzirei a parte essencial de suas explicações. Quando dou início a uma destas mensagens, nunca sei durante quanto tempo poderei continuar.

E aqui vai o que me disse Milvane, carinhosamente aconchegada a mim no divã circular. A cabeleira acinzentada, despenteada e desgrenhada, cai sobre suas coxas e, exibindo impudicamente o torso nu, ela enrola em torno de um dedo descuidado os louros anéis de suas axilas. Ao que parece, o que acabamos de fazer exaure o ar (sempre o ar). Tudo o que constitui atividade ou prazer exaure o ar. Depois de cada orgia, ou mesmo no seu decorrer, quando ela se prolonga, é preciso renovar o ar. Milvane acaba de ligar um ventilador. E, com efeito, sinto uma corrente de ar fresco passar por nossos

rostos. Mas ainda não basta. O meu gracioso sagüizinho atira para trás a cabeleira toda. Não é sempre que a vejo inteiramente nua. Encaminha-se para uma série de objetos estranhos, dependurados a uma das paredes. Parecem extintores de incêndio mas, em lugar de serem pintados de vermelho, são da cor do estanho ou do mercúrio. Ela apanha um deles e o coloca embaixo de uma espécie de tripé, onde sobe em seguida. Fico a me perguntar o que irá acontecer, mas não acontece nada, a não ser alguns ruídos diferentes. Mais um ritual absurdo e incompreensível. Milvane volta para junto de mim sorrindo, segura-me pela mão, me obriga a subir no tripé (esqueci de dizer que eu também estava nu) e coloca um extintor sob os meus pés. Junto as pernas, meio inquieto. Ela dá uma gargalhada. Sinto-me de repente imerso em eflúvios de um perfume acidulado, de menta ou verbena.

— O que vem a ser isto?

— São ares de luxo.

Sinto-me rabujento e resmungão, aborrecido por ter dado a impressão de estar com medo. Porém Milvane ri, alegre. De pernas abertas, mãos nos quadris, ostentando sem remorsos toda a graça de sua anatomia juvenil, ela passa a explicar: aqueles reservatórios (os pseudo-extintores), contêm ares de luxo, muito dispendiosos, nos quais a pessoa imerge para apagar todo vestígio do pecado que acabamos de cometer.

— Ares de luxo? Pagos? Mas quem os paga?

(Devo estar com um ar completamente estupefado.)

— Ora! A pensão concedida a você pelo conselho dos bovrilos permite isto e muitos outros luxos.

Quer dizer que eu tenho uma pensão concedida pelo conselho dos bovrilos? Não sabia disto. Mas estou começando a me habituar a caminhar por entre mistérios. Continuo em voz alta, mais para mim mesmo:

— Quer dizer que certas categorias de ar custam muito caro?

— Todas as categorias de ar — emenda Milvane. — Existem medidores em todas as casas para o ar comum e uma taxa para o ar das fontes; e cada reservatório como este é pago separadamente, é claro.

Estou cada vez mais estupefado — no entanto, isto não deveria acontecer. Já não me haviam explicado que o ar aqui é todo fabricado, artificial?

— E a quem são pagos esses ares? Para quem vai o dinheiro?

— Para os proprietários das usinas. Quase todos são membros do conselho dos bovrilos.

— E vendem caro o seu ar — acrescentou.

Ela disse isto como se fosse uma coisa muito natural, e volta tranqüilamente a se aconchegar a mim, no divã. Mas não dou atenção aos seus agrados. Continuo a interrogá-la:

— Mas então, não é o mesmo ar em toda parte?

— Nas ruas sim, é claro. É o ar público, o das canalizações. O mesmo que é fornecido aos zeróis, embora racionadamente. Mas, nas residências de La Pah, aqui, nós já temos um ar de melhor qualidade e mais caro. E os ares de luxo, que custam muito caro, são vendidos apenas em reservatórios.

— E existem muitos desses ares de luxo?

— Muitos. Existe o ar para banho, depois da orgia (sim, ela disse isto, textualmente, mas fui eu quem lhe ensinou a palavra), e há também ares excitantes para o pensamento. Você quer experimentar?

Faço um sinal, concordando. Milvane se encaminha novamente para a coleção de extintores. Toma um deles, tão pequeno que mais parece um vaporizador, dotado de um reservatório globular, duplo. Volta para mim e dirige o bico, recurvo como o de alguma ave, para o meu rosto. Um sopro vivaz, mordente e refrescante, salta-me ao rosto, em cheio. E sinto que meu espírito se lança, por assim dizer, para fora de mim mesmo. Sinto meu pensamento modificado, inteiramente renovado, alerta, como sucede por vezes em certas manhãs privilegiadas, depois de um bom sono, quando o vento vivo e fresco de uma madrugada de primavera nos acaricia as faces e nos envolve dos pés à cabeça, depois de atravessar campos cheios de macieiras floridas.

Agora ouço apenas como um confuso zumbido a parolagem de Milvane; não obstante, compreendo, ou melhor, sinto tudo o que ela está dizendo. Entrevejo até o que ela deixa de dizer e que permanece informulado ou mal formulado em seu pensamento. Vejo, percebo, abranjo com um único olhar a estrutura social deste mundo bizarro, que me dá agora a impressão de uma caricatura do nosso — do que foi o meu. Compreendo o poderio dessas famílias senhoriais de bovrilos, que detêm a posse exclusiva dos reservatórios de ar, onde se misturam o ozônio e o nitrogênio e aos quais bastaria pronunciar uma simples palavra para que perecessem asfixiados todos os seus contemporâneos. Adivinho toda a organização dos medidores domiciliares e dos medidores públicos reguladores das fontes de ar, permitindo que os bovrilos vendam o necessário à respiração, tal como no meu século havia quem vendesse o necessário à iluminação e à alimentação.

Por entre a parolagem infantil de minha companheira, vislumbro a série de lutas, disputas, fraudes, logros e mesquinhas trapaças que pululam ao redor das usinas e dos enormes tanques onde se acumula o ar indispensável à cidade. Os medidores "viciados", os algarismos falsificados, os roubos de ar por meio de ligações clandestinas nas canalizações-mestras; assim como as fraudes por parte dos possuidores: má qualidade dos produtos químicos empregados, ar impuro excessivamente carregado de nitrogênio ou de remanescentes deletérios, ar nauseabundo, lançado em quantidades enormes nas praças da cidade ou nas cavernas povoadas pelos zeróis... E compreendo de repente o enigma daquelas faces lívidas, a se comprimirem por detrás do gradil de amianto ou farejando as fendas do teto rochoso, a fim de aspirar um pouco mais de ar, desse ar vital que lhes escapa e que lhes é servido parcimoniosamente.

Minha excitação intelectual se dissipa bastante depressa, como uma embriaguez passageira (com certeza, o pequeno vaporizador continha apenas uma dose fraca). Mas permaneço sob o impacto de tudo o que entrevi, e meu abatimento é ainda acrescido pelas explicações suplementares fornecidas pela risonha Milvane.

Ao que parece, variando a mistura de gases que formam a atmosfera e acrescentando certos ingredientes, conseguem-se fabricar diversas qualidades de ar. As diferenças entre os ares de luxo e os resultados por eles produzidos são surpreendentes. A superoxigenação do neopálio pelos ares ricos leva por vezes à criação de novos sentidos. Alguns filhos de ricos, que, assim como suas mães, foram criados em atmosfera de luxo, tornam-se capazes, segundo parece, de perceber intuitivamente o continuum em quatro dimensões. Mas ainda não se controlou a hereditariedade dos resultados assim obtidos. Por outro lado, acontece muitas vezes que os cérebros superoxigenados de alguns bovrilos ou bovrilas naufraguem no gatismo. Excessivamente irrigados por um sangue rico demais, esses cérebros ficam por assim dizer cozidos, queimados pelo líquido que os devia manter e alimentar. Em contraposição, apesar da pobreza da atmosfera vulgar, continuam a aparecer cérebros de luxo entre os zeróis. O que, aliás, não traz nenhuma felicidade aos seus possuidores, pois não pode haver nada mais doloroso do que possuir um cérebro de luxo numa atmosfera pobre.

Mas isto é exceção. De um modo geral, entre os zeróis, as crianças são raquíticas, mirradas, embrutecidas, de tão intoxicadas pela má qualidade e

pela insuficiência do ar que respiram. Seu cérebro é atrofiado, estando aí a grande diferença existente entre eles e os bovrilos. É uma diferença infinitamente mais acentuada que a observada entre os corpos. Um púbilo atlético — existem alguns — pode dar saltos duas ou três vezes maiores, no máximo, que os de um cidadão comum; mas o espírito de um bovrilo especializado na meditação e na reflexão tem algo de divino e de sobre-humano, ao lado da mentalidade degenerada da maioria dos desgraçados zéris. Para dar uma idéia do abismo que os separa, basta dizer que algumas dessas pobres criaturas estão reduzidas à visão plana, como os cavalos do século XX. Seu universo tem apenas duas dimensões, eles perderam o sentido da perspectiva, enquanto os bovrilos, como já disse, chegam a conceber e a perceber quatro dimensões. Meu espírito, impregnado das idéias democráticas do meu retardado século, conturba-se e se inquieta diante dessas realidades. Não consigo impedir-me de perguntar ingenuamente:

— Mas como pode acontecer que se careça de ar? E a ciência dos bovrilos, que é tão grande, não poderia chegar a fabricar ares de luxo com tanta abundância quanto o ar vulgar?

Devo ter dito uma tolice. Pois Milvane fica séria. Pára de agitar a perna esquerda no ar e interrompe a importante atividade que consiste em tornar a se meter no tosão.

— Infelizmente, bem que poderia acontecer o que você está dizendo.

— Infelizmente? Por que infelizmente?

— Isso mesmo; se os ares de luxo forem produzidos em grande quantidade, já não valerão mais nada, e será um desastre. E já corre o boato de que alguns púbilos e bovrilos possuem fórmulas que permitiriam arejar luxuosamente todas as cavernas. Elas são mantidas em segredo, mas temos sempre medo de que sejam roubadas e utilizadas.

Milvane, porém, não é de temperamento melancólico. Expulsa mais que depressa esses tristes pensamentos e passa a falar de outra coisa. Convida-me a experimentar um outro tipo de ar, recentemente lançado, sob forma de uma nova ducha. Ela me faz trepar desta vez numa espécie de pedestal, mais ou menos parecido com um daqueles descansos de prato musicados que eu admirava quando criança em casa de minha tia Hauteroche. Mas a parte superior deste é perfurada como uma peneira. Ainda estou despido; minhas reflexões me perturbaram a tal ponto que nem pensei em tornar a me vestir. Desencadeia-se a corrente de ar vivo e fresco, banhando-me todo.

É como um suco gasoso de limão a me envolver e a ti tilar os meus poros. Passado o primeiro momento de surpresa, a sensação não tem nada de desagradável.

Aparentemente, portanto, as abluções aqui são feitas de preferência com ar e não com água. Existem ares próprios para toailete. No momento, o que está a detergir a minha epiderme é um ar de toailete super-requintado. Mas, pronto, acabou. Desço do pedestal.

Enquanto vou-me metendo de novo no meu tosão, fico a observar Milvane, que se entrega a singulares manobras. Ao tomar a minha ducha, eu não havia notado a existência, no teto, em cima da minha cabeça, de uma coisa muito parecida com os canos de ventilação vistos nos steamers do meu tempo. Trata-se, porém, de um cano de ventilação invertido, cuja boca alargada deve ter captado a corrente de ar que me vinha banhar. Milvane apanhou agora uma espécie de garrafinha provida de um bico flexível, que ela está adaptando ao flanco do cano de ventilação. Ouço um gluglu apressado. Não posso impedir-me de perguntar: — O que está fazendo? — E ela responde muito tranqüila, interrompendo o contato e pousando a garrafinha:

— Isto é para os pobres zeróis. Estou guardando o ar da ducha. Vou levá-lo para eles, com as senhoras-corujas. Você poderá ir conosco, se quiser.

Ainda não sei o que são as senhoras-corujas, mas compreendi a idéia geral e o que compreendi me faz correr um frio pela espinha. Este ar usado, poluído pelas exalações de nossos corpos no cio, está sendo guardado pela caridosa Milvane, que o irá distribuir entre os zeróis para saciar seus pulmões famintos de ar puro...

E é isto mesmo. Na revolução giroscópica seguinte, acompanhei Milvane na visita aos zeróis, como ela havia prometido.

Que espetáculo! Mesmo que eu viva aqui várias existências, jamais chegarei ao fim de minhas descobertas.

As cidades-cavernas onde os zeróis, que constituem a parte mais numerosa da população, levam a sua existência zeróica são muito diferentes das que pude ver até agora. São como que telheiros gigantescos, nos quais a cabeça de um indivíduo de talhe mediano toca em muitos pontos o teto desigual. Estão quase todas muito mais perto da superfície cortical que Trih, a cidade dos bovrilos, onde eu vivo. Acham-se, contudo, ligadas a esta pelo mesmo firmamento. É o mesmo teto rochoso que se prolonga desde a cidade suspensa, com suas avenidas transpostas por passarelas côncavas e suas

fontes de ar, até as cavernas baixas e sombrias, onde se agitam, mergulhados em eterno crepúsculo, os zeroís antropóides. Se as belas avenidas que ladeiam as residências em forma de conchas dos bovrilos fossem prolongadas até lá, um tamanco de mica poderia ir em muito pouco tempo da cidade aérea às cavernas subterrâneas, dispensando as rodas de ventosas. Mas as poucas emanções das derradeiras fontes de ar, as avenidas planas, ficam bruscamente interrompidas no meio de um deserto caótico de picos agudos, um intransponível Colorado do teto, cheio de estalagmites. Não existe passagem entre o céu dos bovrilos e o dos zeroís.

Para ir de um lugar para outro, é imprescindível descer, passar pelo fio do descensor, apeiar junto de uma das estações já descritas e tomar os patinetes do monotrilha. O acesso à cidade suspensa torna-se assim muito difícil, para não dizer impossível, aos zeroís. De resto, eles nunca vão até lá e nem devem ir. As leis da Subterra o proíbem formalmente. Se lhes ocorresse a idéia de infringir essas leis, teriam de se apoderar, antes de mais nada, das estações e de todo o sistema de monotrilhos. E mesmo que levassem a cabo esta difícil façanha, ela de pouco lhes serviria. Encontrar-se-iam, quando muito, no início da empreitada, embaixo dos descensores cujos cabos estariam nesse momento, com toda a certeza, cortados ou erguidos. Que poderiam fazer, impotentes ou desarmados, a sessenta ou oitenta metros de distância vertical de uma cidade presa ao teto rochoso, bem em cima de suas cabeças e cujos habitantes, senhores do único mecanismo de descida, poderiam comodamente desafia-los, bombardeá-los ou aspergi-los com gases pesados, lá de cima de seu poleiro?

E não é somente isto. Como precaução suplementar, as estações do monotrilha são constantemente guardadas, no decurso de toda a revolução giroscópica, pelos zanganos. São os gigantes que eu já havia observado nos cruzamentos da vila industrial e que me deram a impressão de pertencer a uma outra raça. Na realidade, são apenas púbilos especialmente desenvolvidos do ponto de vista atlético, graças a uma alimentação particular e a determinados ares. Ao que parece, muitos deles saem até mesmo diretamente do meio dos zeroís. Como acontecia entre as abelhas, parece ser possível transformar radicalmente a progenitura regular das matriarcas bovrilas, ou a progenitura ocasional dos neutros, graças a um regime apropriado.

Por conseguinte, para ir à cidade dos zeroís, é preciso primeiro descer do nosso céu. E aqui estamos no descensor, Milvane e eu. Não estamos

sozinhos. Milvane convidou várias amigas, ou melhor, convidou-me a ir com elas.

Quando digo suas amigas, é preciso não interpretar mal. Não imaginem que se trate de belas damas farfalhantes. À primeira vista, a pessoa recém-chegada do século XX, como eu no princípio, não teria visto no grupo toda nada mais do que um bando de cubilos iguais aos outros, um grupo de neutros. Na verdade, a dar crédito a Milvane, os dois sexos estão representados debaixo do uniforme de tosões dourados ou argênteos, com reflexos ora de mercúrio, ora de bronze, e colantes como malhas. Mas isto não tem a menor importância; quer se pareçam com os atributos masculinos, quer lembrem as graças femininas a que meus contemporâneos davam tanto valor, nem por isto deixam eles todos e elas todas de ser meros cubilos ou cubilas, como queiram, de alguns figurões dentre os bovrilos.

E, afinal de contas, depois de estar algum tempo em sua companhia, a observar as suas maneiras insinuantes, o flexível ondular de todo o corpo quando andam e a graça equívoca que, em meus recuados tempos, era apanágio de certos efebos, assim como os seus rostozinhos pálidos de uma graça velhusca, ficamos a pensar que, de fato, isto não tem nenhuma importância e que eles ou elas são realmente seres da mesma espécie: parasitas de luxo, como objetos de toalete dotados de vida, aparentados ao mesmo tempo a animaizinhos de estimação e a bidês incrustados de pedrarias.

Depois de breve permanência numa estação-armário de pedra, subimos a encosta do monotrilha e atingimos a caverna zeroíca. Pode-se circular por ela sem escafandro. O ar, ali, sem dúvida, é de má qualidade. Mas tanto eu como os demais viemos munidos de uma espécie de esponja branca, um coral flexível, que basta comprimir contra a boca e as narinas, de quando em quando, para aspirar uma baforada de ar fresco e revigorante.

Que espetáculo oferece o povo dos zeroís! Mas, para alguém como eu, vindo de outro mundo, tudo é espetáculo. Espanta-me o aspecto dessa gente, que eu ainda não vira de perto. São realmente como eu os havia entrevisto por trás da grade de amianto, e ainda piores: lívidos, esgazeados, exânimes. Vagueiam como criaturas perpetuamente esgotadas no interior de suas cavernas baixas. Muitos farejam incessantemente as fendas das paredes de rocha, para aspirar o ar em movimento, que se exala pelas frestas para ir-se desvanecer lá em cima, no deserto cortical. No interior desses hangares subterrâneos existem inúmeros cantos sombrios, onde zeroís de todas as

idades se acocoram e se amontoam. Vêm-se muitas formas encarquilhadas, de olhos esbugalhados a luzir nas sombras — fêmeas, evidentemente — a segurar nos braços crianças, ou pelo menos formas de cabeças arredondadas que julgo serem crianças.

Sim, são realmente crianças. Milvane e uma de suas amigas, Calandri, outro moleque vicioso de toção louro, me explicam que as zeroínas têm filhos e continuam mesmo a amamentá-los, embora há muito tempo já não se faça isto entre os bovrilos. Os zeroís adultos comem mais ou menos à maneira dos homens dos tempos antigos, mas não têm necessidade de se preocupar com a alimentação: ela é distribuída gratuitamente no local do trabalho. — Que trabalho? — Ora, o trabalho todo. Tudo o que precisa ser feito. Contudo, os mais numerosos são os trabalhadores das minas, de onde são extraídos certos minérios, e os das usinas, onde é fabricada a atmosfera. Vêm em seguida os prepostos à conservação e ao funcionamento das máquinas distribuidoras, que podem ser chamadas bombas de ar, e de todo o aparelhamento acessório. Nas cavernas em que nos encontramos, as canalizações vão dar em difusores controlados pelos distribuidores automáticos. É pelo menos assim que os designo, pois, de acordo com o que me disseram e me mostraram, eles fazem pensar nos aparelhos que víamos no meu tempo nas estações: — Coloque uma moeda na abertura... — Aqui, a coisa é quase exatamente a mesma, pois os zeroís recebem dos contramestres, em troca do seu trabalho, bolas rigorosamente calibradas que devem ser lançadas numa urna para garantir o funcionamento dos difusores de seu bairro, gruta ou recanto de gruta, durante um tempo determinado.

Mas nunca dispõem de bolas em número suficiente, a não ser os mais fortes, os que trabalham mais. Parece que esse racionamento é imprescindível para que haja aplicação no trabalho. De modo que eles vivem quase constantemente com deficiência de ar. Arquejam, sufocam ou definham como peixes fora d'água, e olham para nós com olhos mortiços, quando passamos na penumbra de suas cavernas. As senhoras (estou me referindo às cubilas, mas não posso resistir ao desejo de qualificá-las assim) circulam entre aqueles miseráveis sem perder um ceítil de sua encantadora e frívola alegria. Eles — não, elas — trouxeram consigo pequenos vaporizadores, semelhantes ao que vi nas mãos de Milvane; e, quando avistam um zeroí particularmente magro e ofegante, ou alguma pobre fêmea quase inerte num canto, derribada pela fraqueza e sem forças nem mesmo para se manter de pé a fim de sugar o ar das partes altas, elas se inclinam

compadecidas sobre essa pobre gente e manobram debaixo das narinas dos moribundos os vaporizadores, com os restos do ar de luxo usado em suas abluções íntimas e nas de seus amantes.

A zeroína ou o zeroí objeto desta generosa atenção mostra-se um instante revigorado e emprega uma parte da força que acaba de recuperar a entoar uma grosseira e estranha melopéia que, segundo julguei compreender, corresponde a uma ação de graças, a um agradecimento. E assim, caminhando de grupo em grupo, as encantadoras companheiras dos gordos bovrilos, inclusive a minha (pois vejo perfeitamente que eu também estou sendo visto como um personagem de luxo), atizam o pouquinho de vida ainda restante nesses corpos exaustos. Graças a elas, a combustão respiratória, prestes a extinguir-se em tantos peitos cansados, se reanima e adquire novo ímpeto.

Mas não somos os únicos a desempenhar esta nobre tarefa, ou antes missão. Enquanto eu estava a assistir, estupefato (a estupefação transformou-se em mim em estado crônico) às manobras de Milvane, de Calandri e de suas amiguinhas, esforçando-me por compreender, vi surgir de uma caverna lateral, que constituía uma espécie de corredor, outro grupo estranho. Eram fêmeas também, na maioria, segundo me pareceu. Porém, mesmo para olhos tão pouco exercitados quanto os meus, estas eram incontestavelmente mais idosas que as que me acompanhavam. Os rostos baços e encovados, os olhos sem fulgor, de olhar apagado e maldoso, o andar pesado e cansado (algumas pareciam sofrer de elefantíase) revelavam antigas cubilas decaídas, muito contra a sua própria vontade, sem dúvida, num estado de neutralidade integral. O que acentuava ainda mais a sua aparência repugnante era a circunstância de que seu crânio desnudo e polido não se ocultava nem debaixo de um lenço nem sob enfeites, como os das minhas graciosas companheiras; mas a parte superior daqueles crânios ebúrneos adornava-se com um cogumelo vermelho desabrochado. Dir-se-ia que aquela vegetação fantástica proliferava a partir de seus cérebros embolorados. Só com muita dificuldade me seria possível transmitir com exatidão o aspecto grotesco e macabro desse ornamento, a coroar as cabeças nuas de olhos encovados, lembrando cabeças de mortos.

— Quem são essas criaturas? — perguntei a Calandri, que se achava junto de mim.

— Mochas.

Compreendi que era este o nome das bizarras criaturas. Mas aquilo não me bastava. Procurei Milvane com o olhar e a vi não muito longe, distribuindo entre uma criançada ramelenta e descorada algumas bolinhas transparentes. As crianças imediatamente aproximavam do rosto aquelas bolas, ou melhor aquelas bolhas, e as explodiam junto do nariz, aspirando com evidente prazer o gás que delas se evolava. Lembrei-me dos bombons e drágeas que caridosas senhoras costumavam distribuir entre as crianças pobres, numa época para sempre passada.

— Milvane, quem são essas velhas com cogumelos vermelhos?

Milvane fez ouvir um raspar de garganta que, nela, equivale a uma risada de mofa.

— São mochas, corujas. Distribuem ares de luxo em honra da Grande Coruja Branca. São velhas bovrilas, e seria muito melhor se as exterrassem logo. Só têm serventia para os abutres negros. Mas isso as faz importantes. Como se tornaram forçosamente neutras, elas pregam a neutralidade e nunca lavam o seu sexo morto com ares de luxo; mas vão esmolá-los daqui e dali, nas casas das pessoas que deles se servem, para levá-los em seguida aos zeroís, em nome da Grande Coruja.

Milvane nunca fizera um discurso tão longo. Estava claro que as mochas lhe inspiravam uma violenta aversão.

— E os cogumelos?

— Não são cogumelos; são uma insígnia de sua dignidade. Elas acreditam que isto as torna corujas ainda mais elegantes. ^{5}

E continua neste tom, mas a aversão pelas mochas torna as frases de minha amiguinha algo incoerentes. Confirma, entretanto, que o cogumelo vermelho é um ornamento postiço, muito incômodo para as velhas corujas, mas do qual elas se orgulham imensamente e de que não se desfariam nem por um império. Com efeito, observo que elas evitam cuidadosamente aproximar-se do nosso grupo e se mantêm a respeitável distância.

Caminham de um lado para outro, separadas de nós por toda a largura da caverna, distribuindo reservatórios-inaladores entre os zeroís e, preferentemente, entre as fêmeas providas de filhos. Milvane e Calandri explicam-me mais uma vez que esses recipientes contêm os aromas usados, os restos de bacias, ou melhor, os restos de frascos, os remanescentes de perfume, as baforadas de ozônio rançoso que as mochas vão pedir nas casas das gordas bovrilas, ou das cubilas clandestinas dos bovrilos. Alguns desses receptáculos contêm ar comprimido em quantidade suficiente para

alimentar os pulmões de um zeroí durante uma revolução completa. As mochas fingem que não nos estão vendo, mas lançam dissimuladamente para o nosso grupo olhares altivos e furiosos. Aversão e desprezo são recíprocos. Excitada pelo encontro, Milvane me fornece novos detalhes. Ninguém mais acredita, diz ela, na virtude ou no poderio da Grande Coruja, mas todo mundo finge acreditar. Os bovrilos dirigentes e os pobilos burocratas odeiam e desprezam secretamente a Coruja e seus asseclas; continuam, porém, a apoiá-los, pois os consideram úteis, sempre que se faz necessário acalmar os protestos e o descontentamento dos zeroís. (Quer dizer que existe insatisfação? Faço a pergunta, porém Milvane não dá mostras de ter ouvido.) Aliás, as mochas não são as únicas emissárias da Grande Coruja, nem estão em primeiro plano entre os seus ministros. Os verdadeiros servidores da Coruja se chamam cerdotes. Pergunto, curioso:

— E como são esses cerdotes?

— São menos numerosos que as mochas, mas são vistos com freqüência na companhia delas. É de admirar que estas tenham vindo sem um cerdote... Ah! eu não disse?... Lá vem um deles.

Milvane me aponta um singular personagem que acaba de aparecer atrás das corujas. Pelo que pude ver na penumbra daquelas cavernas, ele veste uma farda exatamente igual ao uniforme de gala dos almirantes ingleses. Bicórnio enfeitado de plumas, túnica cheia de alamares, cinturão com enormes borlas, galões na gola e nos punhos, calças com frisos e escarpins de verniz. Tem até o peito atravessado pela fita de não sei que ordem, e uma pequena, minúscula espada de corte pendente do lado: mais parece um brinquedo.

Mais do que nunca, fico a me perguntar se tudo aquilo é apenas um sonho, um pesadelo. Qual a finalidade de um costume arcaico e guerreiro como esse num indivíduo cuja função e papel social corresponderiam antes aos de um eclesiástico, de um vigário, por exemplo?

Mas o meu espanto só faz é crescer quando tenho a oportunidade de examinar mais de perto o personagem. Verifico então que, na realidade, o traje todo não passa de uma encenação. Em lugar de ser constituído de várias peças, como o de um verdadeiro almirante, trata-se apenas de uma espécie de macacão de mecânico, sobre o qual foram pintados, ou melhor, grosseiramente esboçados os alamares, os dourados, os botões, galões e tudo mais. A própria espada e o bicórnio, embora constituam peças distintas, são igualmente fictícios, falsificações. A espada é pequenina,

como já disse, e está claro que bainha e lâmina formam uma peça só e que, no interior, não há lâmina alguma. O chapéu é apenas uma sombra de chapéu; é inteiramente chato: é uma espécie de crista, sobre a qual foram pintadas as plumas, e não uma peça de indumentária com uma cavidade para a cabeça. Para firmá-lo, tiveram de fazer na frente e atrás algumas pinças, que prendem a frente e o occipúcio. Em suma, dir-se-ia que o todo foi fabricado tomando-se como modelo alguma velha gravura, e por alguém que nunca tivesse visto outra coisa além dos tosões sem costuras dos pubilos e que não tivesse a menor idéia a respeito da maneira pela qual se ajustavam as diversas peças de um vestuário antigo.

E, provavelmente, é isto mesmo. Enquanto voltávamos — porque, depois deste encontro surpreendente, não nos demoramos muito tempo mais entre os zeróis — fiz algumas reflexões que atenuaram a minha surpresa. Afinal de contas, os cardeais não usavam, no meu tempo, a púrpura romana, originalmente reservada aos imperadores e aos chefes dos exércitos? E esta púrpura coloria muitas vezes trajes cujo corte teria desconcertado os cidadãos romanos, habituados a se envolverem na toga. A explicação sugerida por esta comparação é confirmada pelas palavras de Milvane, enquanto, em pé, um ao lado do outro, nós nos agarramos à haste vertical de um patinete monotrilha e descemos a toda velocidade em direção ao fundo rochoso, onde nos aguarda o cabo do descensor.

Parece que a função principal dos cerdotes, embora participem e até mesmo presidam por vezes à distribuição dos ares de luxo, é pregar a submissão e a resignação aos zeróis. Eles lhes afirmam que, depois de mortos, irão viver lá em cima, na superfície da Terra, em regiões desconhecidas e maravilhosas, preparadas especialmente para eles pela Pomba, mãe da Grande Coruja. É muito singular que uma Pomba seja mãe de uma Coruja, mas, segundo parece, é precisamente esta singularidade que seduz a imaginação dos zeróis. E regozija-os a idéia de ir viver para sempre no maravilhoso país lá de cima, onde existem árvores verdes e uma luz deslumbrante, e no qual vive-se constantemente mergulhado em massas infinitas de ar puro e fresco, sempre miraculosamente renovado, sem que se precise pagar coisa alguma. Ar fabricado sem auxílio de nenhuma máquina, por obra e graça exclusivas da Coruja e da Pomba, e cuja movimentação vem roçar pelos rostos em carícias infinitamente suaves — carícias, maravilhas lendárias, a que os antigos e, sobretudo os poetas davam o nome de brisa ou vento...

Para dizer a verdade, muita gente, até mesmo entre os zeroís, já não quer acreditar nesses contos para crianças. Além disto, por seu cego apego às tradições antigas, os discípulos da Coruja ficam proibidos de propagar essas idéias por outros meios que não a palavra, processo arcaico e pouco eficaz.

— Quer dizer que existem outros meios mais modernos e eficazes de propagar mentiras e ilusões?

Mas um último salto do patinete corta-me a palavra no momento em que me disponho a multiplicar as perguntas. Somos forçados a descer do monotrilho, a nos agrupar na plataforma do descensor. Meu cérebro fervilha de repulsa, surpresa e admiração. Mas vamos numa desfilada vertical, em velocidade acelerada, e o peso que me oprime o diafragma impede-me de falar e de pensar de maneira coerente. Milvane não me respondeu.

NOTA DE BELLE SIMS

Vejo-me obrigada a interromper novamente a narrativa. Apesar de meu desejo de permanecer na sombra na medida do possível, sou forçada a observar — por simples desejo de absoluta fidelidade — que a série de mensagens comporta aqui novas lacunas. Através de um amontoado de frases truncadas ou desconexas, Rodolphe e eu pudemos entrever que Sylvain entrou em contato, por diversas vezes, nessa época, com técnicos cubilos. Havia ali pormenores de interesse primordial, mas que fomos obrigados a desistir de conhecer, pois as mensagens que os continham foram irremediavelmente baralhadas. A única parte que emergiu, quase intacta, desse caos, foi a narrativa de uma visita feita a uma escola. Será encontrada mais adiante; talvez de maneira um tanto ou quanto artificial, nós a encaixamos no que vem a seguir.

*Mais uma palavra. Fomos compelidos a nos perguntar se essas lacunas, esses vazios nas mensagens de Sylvain eram devidos exclusivamente ao acaso. Considerando-se que nosso amigo, evidentemente, só conseguiu nos "telegrafar através do tempo" graças à condescendência dos seres entre os quais estava vivendo, não teriam esses seres tomado algumas medidas para sujeitar os telegramas a uma espécie de censura? Não terão eles deliberado impedi-lo de nos comunicar certas coisas? Sylvain afirmou de início, não há dúvida, que os sábios subterrâneos não sabiam ler nem escrever, e que as mensagens dele, *Le Cateau*, lhes eram inteiramente ininteligíveis. Mas, não poderia estar enganado? E, mesmo que estivesse certo de início, esses homens do futuro que, sob tantos aspectos, deram provas de tamanho engenho, não teriam encontrado alguma maneira de penetrar os mistérios da linguagem de *Le Cateau*? Eles nos deram a impressão de ter realizado muitas outras façanhas...*

A questão permanece aberta. Cada qual que forme a sua própria opinião, a partir dos dados fornecidos pela narrativa. Voltamos a dar a palavra a Sylvain.

TERCEIRO FRAGMENTO

Creio que estão confiando mais em mim. Percebi que os bovrilos me haviam posto em observação. Desconfiavam de mim. Muito desnecessariamente! Mesmo que o quisesse, o que poderia eu tentar contra eles, nesse universo em que tudo me é estranho, onde tudo se me tornaria hostil de um momento para outro se eu recusasse submeter-me a seus usos? Mas nem por isso deixo de compreender a desconfiança dos bovrilos. Pode-se lá saber que temível barbárie será capaz de surgir dos confins das eras no momento em que se vê adiantar-se um ente pré-histórico, vindo dos abismos do tempo?

Creio, entretanto, que estão começando a compreender que as minhas intenções são puras. Permitem que eu vá para toda parte, sempre acompanhado, é verdade, ou pelo menos vigiado. Sinto constantemente fixados em mim olhares suspeitosos.

Isto não me incomoda. Tranqüiliza-me até. Experimento enorme necessidade de ser tranqüilizado neste mundo onde tudo pode ocultar uma cilada.

Fui visitar uma escola — o equivalente de uma escola. (É preciso ter sempre presente que as palavras francesas, que sou forçado a empregar, só correspondem de maneira muito imperfeita às realidades por entre as quais circulo.)

Digamos, portanto, que se tratava de uma escola. Era, em todo caso, um lugar onde se educavam os jovens. Só muito raramente tinha eu visto crianças até aquele momento. Parece que não se misturam à vida dos adultos.

Ou então, não faziam questão de que eu as visse. Foi graças a Calandri, a amiga de Milvane, que tive acesso a uma escola. Calandri, que na realidade é um macho, segundo os nossos conceitos, não deixa por isto de ser a cubila do personagem que é aqui, de certa forma, o grande reitor da Universidade. Em meu século, este alto personagem teria sido, portanto, considerado um pederasta, o que teria sido um escândalo — se o fato se tornasse conhecido. Mas, aqui, nuanças desta ordem são desprezíveis. De resto, não há nenhuma

distinção exterior entre Calandri e as outras cubilas. Sua aparência é até bem mais feminina que a de Milvane, e, se eu não o tivesse visto... Deixemos, porém de lado esses pormenores.

De modo que Calandri levou-me a visitar uma escola. Talvez eu devesse dizer um liceu, pois ali só se vêem filhos de bovrilos. Desconheço, porém se existem escolas para os filhos de zeróis.

Situada um tanto ou quanto distante da cidade, num daqueles edifícios que comparei a gigantescas nacelas, esta escola tem como móveis, em lugar de bancos, balanços presos ao teto. Durante todo o tempo das aulas, os alunos ficam a se balançar em cadência. Não se veja, entretanto nisto nada que se pareça com o que denominávamos, no meu tempo, algazarra. Não; aliás, uma coisa dessas não poderia acontecer; todas as precauções foram tomadas. A maior parte do tempo que os alunos passam nas classes é consagrada ao amolecimento de seu crânio. Tarefa tanto mais facilitada porque, como se lembram, os jovens bovrilos vêm ao mundo com o crânio nu e continuam calvos a vida toda. Em todas as escolas, regam-lhes a cabeça demoradamente com loções tépidas. Torrentes de emolientes, fluidos, líquidos ou oleaginosos, rios de shampoos amaciadores são despejados constantemente sobre as caixas cranianas, dessas jovens esperanças, a fim de prepará-los convenientemente para a educação que vão receber. Ou melhor: esse tratamento constitui parte integrante do programa. Com efeito, logo que os crânios estão suficientemente amolecidos, os jovens bovrilos são transferidos para a Grande Coneria, que corresponde mais ou menos à nossa Universidade, assim designada porque as cabeças são ali moldadas em forma de cones. Os crânios adolescentes, que se tornaram tão fáceis de amassar quanto blocos de barro, são metidos em moldes cónicos, de onde saem perfeitamente moldados em forma de cone, de tronco de cone, de cone duplo ou triplo. Clínicos especializados conservam-nos dentro desses moldes, até que tenham adquirido uma consistência definitiva. Acontece por vezes que algumas cabeças se mostrem refratárias à modelagem: serão outros tantos indivíduos fracassados. Felizmente, os casos desse tipo são bastante raros. Na maior parte das vezes, a operação obtém um êxito total, e a fábrica de cones pode orgulhar-se de seus produtos que, por seu turno, também se orgulham de terem sido tão bem moldados. Quando se tem o direito de colocar depois do nome: cone tríplice diplomado, ou: ex-aluno da Grande Coneria,^{6} pode-se olhar de cima para os contemporâneos e há toda probabilidade de que se

venha a conquistar em breve o direito a uma barba postiça que desça até o umbigo.

Mas estou antecipando as coisas. Eu tinha começado a contar que se procede também — o que não é menos importante — à educação dos pulmões dos alunos. Ensinam-lhes a respirar um ar especial, o droggaz, irrespirável para os não-iniciados. Isto deu motivo, aliás, no início de minha visita, a um pequeno incidente, em que desempenhei um papel bastante ridículo. Ao entrar na sala de aula, senti-me de repente tomado de náuseas e vertigem. Julguei a princípio que se tratasse de um fenômeno puramente psicológico, provocado pelo espetáculo de todos aqueles corpos a se balançarem em cadência, tal como vocês sentem a cabeça a girar quando ficam a olhar um carrossel. A minha indisposição, entretanto, aumentou rapidamente. Eu estava sentindo todos os sintomas do enjôo a bordo; passavam nuvens diante dos meus olhos e minha testa estava coberta de suor. Ia desfalecer. Calandri foi o primeiro a percebê-lo. É realmente gentil. Agarrou depressa, numa espécie de móvel para guardar miudezas preso ao tabique, um objeto qualquer muito parecido com uma máscara contra gases, e o ajustou rapidamente à minha cabeça. Senti-me imediatamente aliviado. Foi explicando ao mesmo tempo, e com as maiores precauções e desculpas, que minha indisposição fora provocada pelo droggaz de que estava impregnada a atmosfera da sala. O meu delíquio não era de surpreender, pois eu não tinha recebido uma educação de bovrilo e, por conseguinte, nunca havia respirado uma atmosfera como aquela. Aliás, afirmou-me Calandri que os próprios bovrilos adultos, tendo perdido o hábito, ficam muitas vezes nauseados ao entrar por acaso numa escola.

Esses comentários serviram de bálsamo para o ferimento feito em meu amor-próprio, pois eu estava considerando a mim mesmo como um pitecantropo desgarrado no interior de uma Faculdade de Direito, e esmagado pela erudição profusa e sutil dos doutos professores de ciência jurídica. Devo acrescentar, entretanto, que meu espírito permaneceu como que envolto por um nevoeiro durante toda a minha permanência no interior da escola. Perdoem, portanto, as incertezas ou a insuficiência de minhas explicações.

O que mais me interessava, naturalmente, era descobrir o que se ensinava aos jovens bovrilos. Numa palavra: eu teria gostado de ficar sabendo quais eram as matérias do programa. Tive de esperar algum tempo antes de formular os meus desejos, pois reinava na classe uma algazarra atordoante.

Todos os alunos, sem cessar de impulsionar vigorosamente seus balanços, berravam em coro uma espécie de estribilho. Evidentemente, eu não compreendi nada. Contudo, depois de certo tempo, o barulho cessou como que por obra de magia. Os alunos todos se calaram e, de olhos fechados, pareceram adormecer nos balanços que ainda oscilavam de leve. Pudemos então nos aproximar do professor, um pubilo atarracado e pesadão, sentado num balanço mais próximo do solo que os demais, no fundo da sala. Era inteiramente calvo, evidentemente, porém provido de uma bela barba encaracolada. Era a primeira vez que me deparava com um indivíduo barbado no mundo subterrâneo, o que julguei de bom augúrio, pois ele assim me parecia mais próximo de mim, ou de meu século. Mas, qual foi a minha decepção quando Calandri explicou que a barba era postiça! Era apenas uma insígnia, análoga às fileiras de arminho das togas do meu tempo, e o comprimento daquela barba indicava que o mestre em cuja presença nos encontrávamos estava munido de inúmeros diplomas universitários.

Esse professor, cujo nome era Hanotu, falava uma língua inteiramente incompreensível. Eu me envaidecia dos enormes progressos que havia feito na língua dos pupilos; mas Hanotu encarregou-se de destruir as minhas ilusões. Foi preciso que Calandri nos servisse de intérprete. Manifestei o meu desejo de obter informações sobre os programas. O magister barbado se pôs imediatamente a falar com extrema volubilidade. Resumirei somente o que cheguei a entender das explicações fornecidas por Calandri.

Nas escolas dos bovrilos, são preconizadas sobretudo duas ordens de estudos. As crianças e os adolescentes consomem a maior parte de seus jovens anos e a flor de sua idade a assimilar os dados tradicionais transmitidos de geração em geração, desde a época em que os homens viviam ainda na superfície da Terra, a respeito do regime de ventos e marés, e das leis que presidiam às tempestades nos oceanos de outrora, hoje desaparecidos, secos ou gelados. Por conseguinte, uma das ciências mais prestigiadas aqui embaixo é a que os homens de meu tempo denominavam meteorologia.^{7}

Embora satisfeito pela homenagem prestada à minha época, senti-me um tanto surpreso. Por que, perguntei, dedicar tanto tempo a aprofundar a ciência da atmosfera e dos oceanos quando, justamente, já não têm atmosfera nem oceanos? O que farão os adolescentes com os seus

conhecimentos sobre regimes de marés já que, se forem um dia passear na superfície da Terra, atravessarão os mares sem molhar os pés?

Embora eu continue pouco familiarizado com os jogos fisionômicos dos pubilos, percebi, quando Calandri traduziu a minha pergunta, que todo mundo olhou para mim com um desprezo mesclado de piedade. Para eles, mais do que nunca, eu era o antropopiteco inculto, o gorila humano egresso do fundo das eras, do qual seria inútil esperar um pensamento racional. Não obstante, o professor barbado, cheio de magnífica indulgência, teve a condescendência de me responder. Desta vez, falou muito pausadamente, como fazemos quando nos dirigimos a um interlocutor particularmente obtuso. Para minha grande vergonha, devo confessar que nem por isto compreendi melhor o que ele disse.

Aqui vai, entretanto, o essencial, segundo traduziu Calandri.

— É precisamente — disse o douto Hanotu — por não terem a menor utilidade prática que esses conhecimentos são belos e proveitosos para o espírito que os adquire. Tanto mais belos quanto mais inúteis, tanto mais proveitosos quanto mais alheios à realidade sórdida. Constituem para os espíritos jovens a melhor das ginásticas. Depois de conviverem longa e familiarmente com essas noções, livres de toda a impura complexidade dos fatos imediatos, os jovens bovrilos estarão ainda mais aptos a desenredar essa complexidade quando mais tarde forem chamados a dirigir e administrar a Subterra.

Falou ainda muitas outras coisas, neste mesmo tom. Mas não compreendi tudo e transmito apenas a substância de sua argumentação. Fiquei sabendo, em seguida, qual era a outra matéria essencial de que me haviam falado. Para completar a educação dos jovens bovrilos, obrigam-nos a decorar velhos poemas descritivos, conservados há milênios, em estado de fragmentos desconexos. Exaltam as belezas da natureza superficial: o verdor primaveril, as flores, as aves, os rios e águas correntes, o pôr-do-sol sobre o mar. O professor exibiu-me com orgulho um volume antigo com folhas de alumínio ou de outro metal leve qualquer, uma das pretensas coletâneas mais antigas desses poemas. Mas os sinais que cobriam as páginas metálicas eram para mim indecifráveis. Tratava-se, sem dúvida alguma, de um volume composto e fabricado muito tempo depois da minha morte.

Diante do meu ar decepcionado, Calandri e Hanotu pareceram espicaçados. Trocaram algumas réplicas muito animadas, cujo sentido não pude

perceber; em seguida, Calandri deu-me a entender, em sua algaravia, que iam-me mostrar algo que, com toda a certeza, desencadearia o meu entusiasmo.

Fizeram-me então percorrer um longo corredor obscuro. Desembocamos a seguir num edifício exatamente semelhante a uma estufa invertida, iluminado de baixo para cima, graças a enorme vidraça. As paredes e o teto eram opacos e cobertos por várias séries de enormes gavetas, como as de uma mercearia. Julguei compreender que era o museu da educação nacional. Com solenes ares de mistério e compunção, o professor nos levou para diante de uma gaveta quase tão grande quanto as outras e desprovida de fechadura aparente. Mas devia haver, com toda a certeza, algum mecanismo secreto em seu interior porque, depois de ter o professor barbudo passeado os dedos pelo contorno, a gaveta abriu-se por si mesma, sem ruído. Com as maiores precauções, o nosso homem, que a meus olhos parecia cada vez mais um macaco, retirou lá de dentro alguns objetos estranhos: uma caixa quadrangular, uma espécie de panquecas... Foi-me necessário um enorme esforço para reconhecer um antigo gramofone e alguns discos não menos veneráveis. A tal ponto já me desabitei dos objetos mais familiares do meu século! Satisfeito com a minha surpresa, o barbudo colocou o fonógrafo sobre um pedestal, pôs um disco no devido lugar e, com gestos de oficiante, girou a manivela. O fonógrafo começou imediatamente a berrar:

"Allons enfants de la... pa... trie...!"

A Marselhesa! Levei maquinalmente a mão à cabeça para me descobrir, mas compreendi que isto seria impossível, pois não usava chapéu. O gesto foi registrado pelo olho do professor que, com toda a certeza, o transformará em ponto de partida para alguma sábia teoria.

Não me seria possível exprimir o misto de impressões confusas e diversas que provocou em mim essa audição. Emoção e desdém, enternecimento e agudo sentimento do ridículo. Sentia-me desligado, arrancado de minha época. Minha época? Qual seria, agora? A do fonógrafo, que me parecia tão distante e antiquada, ou a do professor com sua barba postiça, a que eu permanecia tão profundamente alheio? Compreendi que se, por um milagre, me fosse possível retornar ao meu século XX, nunca mais poderia olhar as coisas e as pessoas com os mesmos olhos, que nunca mais eu me sentiria ali à vontade. Mas também não me sentia à vontade neste tempo. Aquele macaco barbudo, que passava a vida a amolecer o crânio maleável das

jovens gerações, aquele hermafrodita equívoco e astuto, seriam eles homens e meus semelhantes? Dominava-me um transe doloroso, lancinante, como se todos os laços terrestres e humanos se tivessem rompido definitivamente, e eu flutuasse atordoado e solitário no oceano do tempo.

No meio dessa espécie de pesadelo, distingui a voz de Calandri a me traduzir os comentários do professor. Esse venerável disco, encontrado nas ruínas de um antigo monumento do período superficial, era o único intacto. Dos outros, restavam apenas fragmentos. Era, portanto, a pérola mais preciosa da coleção de antigüidades do museu. O extraordinário é que quase todos os sábios estivessem de acordo quanto à interpretação do canto ali reproduzido. Era, evidentemente, um canto sacro, um hino religioso, enaltecendo o manitu e os totens dos homens antigos. Embora a linguagem arcaica, na qual fora composto, permanecesse mais ou menos indecifrável, algumas palavras, perfeitamente reconhecíveis, podiam servir como indicações. Foi assim que, desde o início, se havia reconhecido o nome de La Pah-Trih, que era o da grande cidade subterrânea dos bovrilos. Estava claro que havia sido esse, a princípio, o nome de alguma divindade, de uma divindade bárbara. Todos os sábios etimologistas estavam de acordo a este respeito. Havia outras provas...

Sentia-me tão cansado, que permiti que o professor considerasse o meu silêncio como uma aquiescência. Não tive coragem de desenganá-lo. E, afinal de contas...

A visita à escola e ao museu, insignificante em si mesma, constituiu entretanto o primeiro elemento de uma série de acontecimentos que me devia levar a conhecer e a compreender muitos mistérios do mundo subterrâneo. No espaço de uns poucos dias, ou antes de umas poucas revoluções do grande giroscópio, fui levado a presenciar tantas coisas, ou a rever as que já havia presenciado, de um ângulo tão diferente que, pela primeira vez, me julguei capaz de ter uma idéia de conjunto desta desconcertante humanidade.

Em primeiro lugar, no dia seguinte a esta visita, o amante de Calandri, o velho bovrilo a que já me referi, e que era o grão-mestre de barbas postiças, isto é, da Universidade, morreu. Assisti então, pela primeira vez, a uma cerimônia de exterramento.

Calandri veio-nos buscar, a Milvane e a mim, assim que acordamos, para nos levar à residência do defunto. Era uma cúpula enorme, bastante parecida com a de Santa Sofia — invertida, evidentemente. Muitas pessoas,

vestindo tosões louros ou cinzentos, foram chegando ao mesmo tempo que nós, em tamancos de ventosas. Aquela gente toda foi-se juntando numa vasta plataforma suspensa, situada na entrada do palácio. Muitos dos recém-chegados traziam na cabeça uma espécie de cauda de peixe de um azul nacarado. Eram bovrilos importantes. Havia também, naturalmente, uma multidão de barbudos: barbas de todos os comprimentos e de todas as tonalidades, louras, brancas, grisalhas, ruivas; mas nem uma negra: seria de mau gosto. Todas aquelas barbas postiças representavam a Universidade, que comparecera em peso a fim de prestar a seu chefe uma derradeira homenagem.

Finalmente, depois de uma espera bastante prolongada, o corpo do defunto saiu da cúpula sobre um estreito carro rolante muito elevado, igualzinho a uma mesa de operações de hospital. Vinha cercado por um cortejo de velhas mochas e de senhoras muito corujalmente elegantes, que reconheci imediatamente graças ao cogumelo vermelho e aos ares arrogantes. Puseram-se em fila num dos lados do estrado volante, não sem empurrar impertinamente boa parte da assistência, que se submeteu sem protestos. Depois, vindo não sei de onde, por trás da multidão, apareceu um longo cortejo de cerdotes em traje de gala, isto é, vestindo o uniforme de parada postiço de almirante inglês. Alguns haviam pespegado debaixo do nariz enormes bigodes de fibras, que produziam um efeito barroco desconcertante. Os falsos dourados de suas espadas de brinquedo, os ouropéis de seus camisolões de gala luziam estranhamente na atmosfera fosforescente da cidade, que lembrava então a atmosfera de uma catedral. Eles se colocaram em fila, bem em frente às mochas; e imediatamente, a um sinal vindo não sei de onde e misto de gongo e de tambor, as duas filas começaram a brincar com o cadáver. Explico-me: uma das mais horrendas mochas dobrou-se sobre o carro rolante e o atirou com todas as forças para a fileira de almirantes postiços. O carro atravessou obliquamente a plataforma, como se fosse um carrinho de criança solto pela ama, e foi bater nas pernas de um cerdote desengonçado. Este, com as palmas das mãos para a frente, repeliu com um impulso o carro e o cadáver para a fileira das mochas. E assim por diante. O cadáver, bem escorado em cima da plataforma branca, ficou a ziguezaguear de uma fileira para a outra, das mochas para os cerdotes e dos cerdotes para as mochas. Ao mesmo tempo, as duas alas entoavam, ou melhor, berravam em ritmo bem marcado palavras muito diferentes da língua habitual, e mais próximas das línguas

européias que qualquer outra coisa que eu tivesse ouvido até então. Na verdade, não formavam nenhum sentido apreciável, mas sua fonética era semelhante à nossa, e é por isto que consigo transcrevê-las de maneira bastante exata:

Tararabum! Tararabum!
Parajatararab um!
Taratatzinzizipchum!
Atchum! Ratatchum!
Tararabum! Tararabum!

Essas exclamações ritmadas, berradas em conjunto, misturavam-se ao silvo doce e constante de uma enorme fonte, colocada às nossas costas ao rés da plataforma e que projetava em nossas pernas torrentes de ar acidulado. Não me seria possível exprimir a impressão profunda em mim produzida por esta cerimônia.

Finalmente, depois de terem as duas fileiras de veneráveis personagens brincado suficientemente com o cadáver (contou-me Milvane que, quanto mais elevada é a posição social do defunto, mais demorado é o jogo), a assistência debandou de repente. Em meio à desordem geral, o carro foi encaminhado para um alçapão situado no meio da plataforma. Acotovelei meio mundo para poder enxergar melhor.

E foi o seguinte: abre-se o alçapão, deixando ver o início de uma rampa, um tobogã, se quiserem. Uma meia-dúzia de mochas, das mais velhas e mais feias, com os braços carregados de cogumelos brancos (verdadeiros), reúnem-se ao redor da abertura. Empurram por ali carrinho e cadáver, e braçadas de cogumelos caem por cima do morto, enquanto novos Tararabum! explodem do meio da multidão.

Terminou a parte mais importante da cerimônia. Porém alguns íntimos, entre os quais Calandri e Milvane, que acompanho sem hesitar, encaminham-se para um descensor. Embaixo, voltamos a encontrar o carro e o morto, cercados de personagens simiescos vestindo tosões brancos. Nós nos enfileiramos em cima das plataformas de um monotrilho que eu ainda não tinha visto. E lá vamos nós em direção a uma caverna desconhecida.

Não era muito longe. Do firmamento rochoso bastante baixo, cerca de vinte metros quando muito, desciam largas chaminés acinzentadas, meio incrustadas na parede. Embaixo, uma chapa de ferro fundido, ou algo

parecido, fechada por ferrolhos verticais. Empurram-se os ferrolhos, abaixa-se a chapa. Macacos esbranquiçados agarram o cadáver ainda meio encoberto pelos cogumelos, balançam-no e o atiram para a goela negra dessa espécie de forno. A chapa se ergue automaticamente e torna a fechar com um ruído seco.

Acabou-se. Agora, é só ir embora. Meus companheiros parecem aliviados, satisfeitos por terem cumprido um dever. Encaminham-se esfregando as nádegas (sinal de alegria íntima) para os patinetes do monotrilho. Mas, e o cadáver, para onde irá agora? Estou quase a fazer esta pergunta a Milvane, quando meu espírito se ilumina. Para onde vai o cadáver? Ora esta! Para a superfície, para o inferno gelado do deserto cortical. Acabo de assistir à parte cerimonial da operação de limpeza pública cuja etapa final eu já havia presenciado. Lá em cima, aspirada por um elevador de carga e em seguida lançada para o fundo dos mares mediante uma manobra qualquer, a carcaça do eminente bovrilo, do grão-mestre dos barbudos e dos cérebros cônicos, vai contribuir para o abastecimento do guarda-comidas dos lobos brancos e dos abutres negros.

No caminho de volta, sobre a plataforma do monotrilho, fiquei espremido entre cinco ou seis pubilos, entre os quais Calandri. Milvane ficara para trás. Em geral, quando muito, postam-se duas pessoas sobre essas estreitas plataformas; mas um exterro não é uma circunstância ordinária, sobretudo um exterro de luxo, e muita gente estava apressada. Junto de mim, apertado contra o meu ombro, encontrava-se um pübilo atarracado, de tosão castanho escuro. Seu crânio pelado era particularmente lúcido, mas o olhar quase apagado e os lívidos lábios da boca rasgada como que por algum golpe de espada descaíam sobre as gengivas desdentadas, formando uma ruga amarga e desiludida. Lembrava algumas cabeças de velhos encontradas entre as ilustrações das obras de Gall, sobre a fisiognomonia. Mas eu já sabia que não me podia fiar nas aparências, na Subterra. Os jogos fisionômicos dos bovrilos e dos pubilos são diferentes dos nossos. Este, na realidade, não tinha nada de um blasê; pelo contrário, observava-me com muito interesse por baixo das pesadas pálpebras, semelhantes a cascas de noz.

Para grande surpresa minha, ele dirigiu-me logo a palavra. Aquilo, por assim dizer, nunca tinha acontecido antes. Os pubilos entre os quais circulo parecem ignorar-me. Eles dão-me a impressão de que sou transparente.

A princípio, não compreendi nada do que me dizia o meu vizinho. Algo assim como: Bong-Dguio Dmalevos! Entretanto, como repetiu insistentemente esta fórmula, acabei compreendendo que ele estava tentando falar comigo em francês. O que procurava dizer era: "Bom dia, nada mal e você!" Esta saudação, cujo sentido literal evidentemente lhe escapava, era uma das coisas que eu tinha ensinado a Milvane. Mais como passatempo, de resto, pois não tínhamos necessidade de nos dar bom-dia, já que nunca nos separávamos e que a palavra dia não tinha muito sentido nesse mundo. Passado o primeiro espanto, tentei corresponder à iniciativa do meu novo conhecido. Mas não era fácil. O homenzinho sabia apenas umas poucas palavras e as pronunciava de maneira a torná-las irreconhecíveis. Entretanto, consegui entender que ele se chamava Hurra, e julguei adivinhar que era algo assim como um cientista ou engenheiro, ou as duas coisas; em suma, o que se teria qualificado outrora de técnico. Vislumbrei que ele tivera conhecimento de minha visita às escolas e ouvira falar de mim, nessa ocasião. Suspeitei que sua amabilidade fosse fingida e que, por curiosidade de especialista, ele desejasse informar-se a respeito da ciência do século XX. Azar dele!

Pouco importa, afinal de contas. Se não estou de modo algum em condições de lhe contar coisas interessantes, ele, sem dúvida alguma, pode-me dar muitos informes. Pode ajudar-me a compreender este mundo.

Voltamos para o domicílio habitual, perto da grande ampulheta, Hurra, Calandri e eu. Milvane se detivera não sei onde. Em casa, tivemos uma longa conversa, que se prolongou durante várias horas. No início, era quase impossível nos compreendermos, mas Hurra fez progressos com uma rapidez surpreendente. É muito inteligente, com uma inteligência peculiar, fechada para determinadas coisas, mas, dentro de certos limites, terrivelmente "eficiente", como diziam os americanos. Ao cabo de três horas, já sabia o francês quase tanto quanto Milvane. Compreendi que, até agora, eu só havia lidado com seres de luxo, de lazer. Este é diferente.

Milvane chegou no fim da conversa, quando Hurra me obrigava a contar minuciosamente a minha chegada à cidade subterrânea. Parecia prodigiosamente interessado. Interrompia-me apenas de vez em quando, para fazer algumas perguntas. Foi preciso, entretanto, abreviar a conversa. Milvane mostrava-se nervosa e febril. Através de diversos indícios, que eu aprendera a identificar, ela manifestava a pequena simpatia que experimentava para com o visitante. Teria alguma razão de queixa contra

ele? Não sei. Antes de partir, Hurra prometeu-me, entretanto, que me levaria para tornar a ver o local da minha chegada. Aceitei com grande entusiasmo, pois espero obter com isto novos esclarecimentos. Porém, para grande surpresa minha, Milvane tentou forçar-me a renunciar ao projeto. Depois, vendo que não o conseguiria, fez questão de nos acompanhar. E imediatamente Calandri também quis participar do passeio. Hurra concordou, sem muito entusiasmo, creio eu. Todavia, não me é fácil avaliar seus verdadeiros sentimentos.

E partimos. Milvane ficou amuada durante uma revolução toda, e Calandri se mostrou faceira (eu deveria dizer faceiro), e elas jamais se haviam assemelhado tanto às mulheres do tempo antigo. No entanto... De acordo com as noções incutidas na longínqua época em que vivi e da qual vou-me desligando cada dia mais, Calandri é um homem, ou pelo menos um efebo, e Milvane uma jovem. Mas já estou embotado com relação às extravagâncias. Sou agora apenas um espectador, uma testemunha. Em sua variedade inesgotável, em sua arrasadora novidade, o espetáculo é de tal ordem que já não deixa margem alguma à minha medíocre personalidade.

Descensor. Trajeto em monotrilha, numa direção inédita. Chegada a uma estação; armário de pedra habitual, mas também outras casinholas acinzentadas, feitas não sei de quê, mais ou menos parecidas com guaritas de agulheiros. Pessoas azafamadas vão e vêm por toda parte, zerois, creio eu, porém mais ativos, mais alertas que os das cavernas baixas. Mas há muitos zanganos também. Todos carregam, suspensa ao ombro, aquela espécie de balestra lança-torpedo, cujo funcionamento já descrevi. Hurra, que é visivelmente o chefe de nossa expedição, obrigou-nos a vestir escafandros como se fôssemos partir para a superfície. O jeito amuado de Milvane e as grotescas faceirices de Calandri vão ficar invisíveis. Já é alguma coisa.

Avançamos por uma região deserta e eu observo logo que o chão está todo eriçado de arestas cortantes, como o da zona em que desembarquei. E torno a me perguntar: por que este solo desnudo, para que esta pavimentação de lâminas de navalha? Posso conceber que a vegetação, quando existente, se acumule no firmamento, já que acompanha o movimento do ar. Mas deveria haver poeira, pelo menos...

Dir-se-ia que formulei meu pensamento em voz alta. Contudo, estou certo de que não falei; além disso, estamos todos metidos dentro de herméticos escafandros; não obstante, é como se estivesse a ouvir a voz de Hurra

respondendo. Em todo caso, aqui vai a explicação por ela formulada, ou que se formulou em minha cabeça: sim, se as coisas todas se passassem de acordo com os hábitos do mundo em que fui criado, o solo deveria estar coberto de cascalhos, poeiras, detritos orgânicos... Com efeito, tudo isto cai da abóbada por ação da gravidade. Mas o que ignoro é que ocorrem periodicamente furacões verticais de grande violência, que carregam poeira e cascalhos e os lançam ao firmamento, onde se aglomeram por efeito da umidade, sendo absorvidos pelas plantas. De modo que só muito raramente se forma algum humo sobre o próprio solo. A aproximação desses furacões é facilmente previsível e, naturalmente, evita-se sair enquanto eles estão soprando.

Outro motivo de espanto: à medida que avançamos, a luz vai-se fazendo mais clara. Eu me havia habituado à translucidez da iluminação difusa e, agora que estamos imersos numa luz comparável à do dia, sinto-me quase deslumbrado. Mas, é verdade, de onde vem ao certo esta luz? Até agora, eu ficara reduzido às conjeturas. Mais uma vez, mal formulei a pergunta, a voz, a voz irreal, que me dá a impressão de ser a de Hurra, responde: "Ar fosforescente. Inúmeros esporos libertados pelos cogumelos e que permanecem indefinidamente a flutuar no ar, poeiras luminosas. Mas aqui a luminosidade é aumentada por estarmos atravessando uma zona de ar desnaturado. Tornaram-no irrespirável, injetando-lhe substâncias que queimam devagar, numa combustão lenta e prolongada."

Mais um motivo de espanto: todo aquele ar desnaturado, queimado inutilmente, enquanto vi multidões semi-asfíxiadas de zerois a perseguirem com seu nariz esquadrinhador, até nas menores frestas, um ar fugidio! A conversa com Hurra — se é que se pode dar a isto o nome de conversa — é realmente muito instrutiva. E julgo entrever uma das razões da antipatia de Milvane e de Calandri pelo meu novo conhecido: aversão habitual do ignorante pelo sábio; do espírito tacanho, incapaz de se elevar acima de si mesmo, pelo indivíduo capaz de reflexão.

Mas eis que chegamos à região dos desmoronamentos caóticos. Não existe mais solo propriamente dito: rochas amontoadas umas sobre as outras, deixando entre si um labirinto de interstícios desiguais, por onde nos esgueiramos como ratos. Acima e abaixo, outros interstícios, inextricáveis; não estamos mais no fundo de uma caverna; vamos nos agarrando como podemos a pedregulhos gigantescos e, acima de nossas cabeças, outros

pedregulhos gigantes nos ocultam o céu — ou, quem sabe, talvez até se amontoem a ponto de tocar esse céu rochoso.

Finalmente, um espaço livre, desimpedido. Mas não desocupado: diante da cabina de pedra de arcabouço familiar, um grupo de zanganos peludos, com capacetes de mica e balestra a tiracolo. Caminham de um lado para o outro, com um ar feroz. Creio que nos aproximamos de uma zona realmente proibida.

O nosso grupinho prossegue, com Hurra à frente. Este se adianta até os zanganos e se detém, de braços pendentes. Um dos peludos posta-se diante dele e os dois permanecem um instante rigorosamente imóveis. O que estará acontecendo? Estarão falando? E de que maneira? Estarão trocando sinais, caretas, através da dupla transparência de seus capacetes? Algo que corresponda a uma senha, talvez?

Como posso saber? O certo é que, ao cabo de um minuto ou dois, o zangano se afasta, deixando-nos passar.

Desfilamos diante da cabine de pedra. Lá está ela, como uma espécie de marco à entrada de um edifício, de um monstruoso edifício. E, assim que passamos, não pude conter um grito, que ninguém ouviu. Estou reconhecendo. Os mármore e ágatas, o jogo de bolas de gude gargantuescas, as pseudo-ruínas de pórfiro e jaspe...

Viro-me para interrogar Hurra, visto ser ele o nosso guia. E me detenho estupefato: todos três, Hurra, Milvane e Calandri, retiraram o capacete, que trazem agora na mão. Agitam e balançam ao ar livre as cabeças glabras e respiram a plenos pulmões.

Ar! Nesta região deserta! E para quê? A imensa caverna deve estar cheia de ar até o firmamento, pois a lei universal dos gases determina que eles subam, que se evolem em direção ao vácuo interplanetário. Se nós, que nos postamos tão pequeninos no limiar desta enorme cripta, cujo solo se ergue gradualmente até não sei que altitudes, se nós respiramos livremente, quer dizer que a imensa cavidade da cripta acima de nós está repleta de ar, respirável.

Mais uma vez: de onde vem esse ar, e o que é que fazem com ele aqui, neste deserto, enquanto a população inumerável dos zerois ofega e sufoca lá embaixo, nas cavernas industriais? Volto-me para Hurra e formulo a pergunta, desta vez realmente em voz alta.

A atitude assumida pelo meu guia é singular. Parece não ter compreendido, mas tenho certeza de que se trata de fingimento e que ele compreendeu

muito bem. É verdade que esse Hurra é indivíduo cheio de manias singulares ou grotescas. É quase vesgo. Está sempre a fixar um ponto imaginário, situado num lugar qualquer em cima e à esquerda, como se ali fosse encontrar alguma inspiração. Quando sentado, tem o hábito de segurar um dos pés, de acariciá-lo e acalentá-lo como se fosse uma criancinha.

E é exatamente isto que se põe a fazer. Senta-se num enorme bloco, uma espécie de merengue de pedra cinzenta, e acalenta o pé direito com um ar absorto. Mas tenho a impressão de que, neste momento, a atitude é proposital e destinada a dissimular-lhe o embaraço.

Quer dizer então que a pergunta é embaraçosa? Insisto, repito-a. Por uma vez que me encontro na companhia de um sábio, tenho de aproveitar a oportunidade.

Hurra belisca os artelhos através do toão. Envesga um olhar na direção de Milvane e Calandri, que apanharam enormes fragmentos de ágata e se divertem a examinar-lhes os reflexos com alegria infantil. Decide-se por fim, mais ou menos tranqüilizado. Em sua estranha algaravia francesa, por meio de frasezinhas elípticas e abruptas, deixou-me furtivamente entrever o grande mistério da Subterra, de que eu já tivera por diversas vezes uma suspeita, e cuja lúgubre significação irei avaliando cada vez melhor, à força de refletir e de colher informações. Ainda desta vez, foram apenas algumas obscuras indicações.

— O ar, o ar artificial que se respira aqui embaixo, a princípio foi fabricado com grande dificuldade. Pubilos e zeróis fabricavam-no com seu sangue... (Sangue? Será que compreendi direito? Deve haver alguma coisa que ainda me escapa. Mas é melhor não interromper Hurra, agora que está embalado. Os esclarecimentos dos pormenores ficam para depois.) Assim, durante muito tempo, o ar foi escasso e caro. Muito desperdício no uso da matéria-prima. Todo mundo era forçado a racionar os pulmões. Só os bovrilos podiam respirar à vontade. Depois, a técnica foi progredindo: melhor aproveitamento do copra... (Mais uma palavra que não entendo. Será o mesmo que sangue?). A quantidade de atmosfera liberada, em lugar das tigelas de ar, foi aumentada, a princípio. (Neste ponto, eu compreendo tudo: as tigelas de ar são aquelas bolinhas de que já falei e que os zeróis recebem em troca do seu trabalho e que metem nas urnas dos medidores de ar.) O ar afluía para as canalizações; parecia que todo mundo iria respirar como os bovrilos. Mas era justamente isto que não lhes convinha. A autoridade deles estava enfraquecendo. Os zeróis já não precisavam trabalhar muito para

obter sua tigela de ar, e se tornavam arrogantes. A situação estava ficando perigosa. O conselho dos bovrilos decidiu fechar as torneiras dos medidores, liberando, em lugar das tigelas, apenas a quantidade de ar indispensável à vida. (Também isto eu consigo compreender: é o que se denomina contingenciar a produção.) Porém, depois da aplicação desta medida, havia ar em excesso. Ficava acumulado nos aerômetros. Não se sabia o que fazer com ele. Despejá-lo nas cavernas habitadas? Teria ficado acumulado até o chão. Era o mesmo que dá-lo de presente aos zeroís, aos pubilos, dispensando-os da obrigação de trabalhar para conquistar as suas tigelas, e abalando todo o edifício social. Então...

Então compreendi. Já não tenho nem necessidade de ouvir as explicações de Hurra e só as acompanho distraidamente. Sim, compreendi: esta imensa caverna em que nos encontramos é um despejo, um dumping ground, para onde expulsam, onde lançam todo o excedente do ar produzido. Compreendo igualmente, embora Hurra se limite, quanto a isto, a umas poucas alusões rápidas e obscuras, o papel dos zanganos e da zona de ar desnaturado, intransponível sem o recurso aos escafandros. Esta barreira asfíxica constitui uma barreira alfandegária, e os zanganos, maciços e ferozes, são os guardas alfandegários. Evidentemente, as precauções nunca são excessivas...

Mas, continuo a refletir: quem fala em alfândega fala em fraude e fraudadores e, se existem guardas de alfândega, devem existir forçosamente contrabandistas. Ao longo desta fronteira, como ao longo de todas as fronteiras... Existem, sim; eu não me enganei. Hurra descura um instante os seus artelhos para me explicar a situação. Rouba-se, tenta-se roubar de todas as maneiras. Nas próprias cidades, muitos zeroís inventam processos para ligar tubos clandestinos às canalizações de ar. São muitas vezes apanhados, mas nunca desistem. Os bovrilos constituíram um corpo de pubilos e de zanganos, especialmente incumbido de descobrir as fraudes. Eles conseguem reduzir os escapamentos, mas não impedi-los. Assim, também neste deserto não existe um só ponto da vasta canalização que leva o ar para a caverna-despejo, nem um único recanto da própria caverna que não tenha de ser minuciosa e constantemente vigiado. O ponto terminal, sobretudo, é assaltado a cada instante por valentes zeroís, que enfrentam o perigo da cortina asfíxica para vir roubar alguns volumes de ar para amigos ou parentes. Conhecem o processo que permite comprimir facilmente diversas atmosferas numa ampola de mica ou num garrafão de

cristal, processo legalmente empregado nos laboratórios oficiais, e o utilizam para vir colher aqui o ar que lhes permita respirar à vontade durante várias horas, expondo-se deliberadamente a morrer asfixiados como ratos, ou fulminados pelos zanganos alfandegários. Estes, com efeito, recebem ordens formais para fulminar à primeira vista todo indivíduo suspeito, sem qualquer aviso. Mas os contrabandistas conhecem mil artimanhas. Disfarçam-se também como zanganos, apoderam-se de balestras elétricas e, por vezes, massacram toda a guarnição de um posto. Certa vez, um bando particularmente resoluto conseguiu assumir o lugar dos guardas de um posto avançado durante três revoluções; e durante todo esse tempo os zeróis foram e voltaram ininterruptamente, enchendo os seus globos e garrações no manancial do gás nutriente. Foram até aquelas idas e vindas que chamaram a atenção das autoridades e revelaram a fraude. Os pseudozanganos foram presos, dominados e, para impressionar a imaginação dos zeróis e evitar a reprodução de semelhantes incidentes, resolveram infligir-lhes um castigo exemplar: foram exterrados vivos.

Foram atirados completamente nus, sem tosão, sem víveres, sem roupas e sem armas, à superfície do globo, numa minúscula bolsa de ar. Os astrônomos das estações-observatórios vizinhas relataram que os viram vagar durante dois ou três dias solares, defendendo a vida contra os lobos e os abutres. Conseguiram agarrar com as mãos nuas algumas daquelas aves negras e se aqueceram com seu sangue, prolongando assim a sua agonia pois, devido a uma brusca variação de temperatura, morreram gelados durante a noite.

Fico a ouvir. Ouço esta narrativa, que chega até mim em fragmentos que eu mal compreendo e que gostaria de não compreender. Mas, ai! Compreendo-a até demais. E não posso conter minha língua.

— Mas como! Enquanto tantos zeróis dispõem apenas de algumas poucas tigelas de ar viciado para manter os seus pulmões em funcionamento, e eles próprios e suas famílias ofegam, sufocam e morrem — sim, porque tenho a certeza de que muitos morrem...

— É indiscutível — declara Hurra friamente. — Nem uma só revolução giroscópica chega ao fim sem que se tragam para os hospitais miseráveis que ali vão morrer em consequência de uma lenta asfixia.

— E não existe ar gratuito nos hospitais?

— Sim, mas não o bastante. E, na maioria das vezes, o doente é incapaz de aproveitá-lo. Quando chega, seus pulmões já estão atrofiados ou

irremediavelmente atingidos.

Hurra responde de má vontade às minhas perguntas. Sentado sobre a sua pedra, fica a olhar com expressão de enfado para a extremidade do seu pé sob o toão escuro, que termina em solas mais claras, de um cinza-chumbo. Cortou a conversa de repente e, deixando de lado as desgraças dos zeroís, fala-me das origens da caverna onde nos encontramos. Imagina que o assunto me há de interessar, e não se engana. Não foi aqui que entrei em contato pela primeira vez com a Sub-terra? Devo estar não muito longe da colina de Passy — quero dizer, do lugar onde foi outrora Passy.

Estou mesmo diretamente embaixo dessa localidade, se é que estou entendendo bem as profusas explicações de Hurra, que bruscamente se tornou loquaz. A caverna-despejo fica situada acima do nível médio das cavernas-cidades e seu solo vai-se elevando em plano inclinado rumo à superfície, como me é fácil verificar logo à primeira vista. A parte superior se acha entulhada e por vezes até completamente obstruída por cascalhos e pedras, distribuídos de maneira bastante irregular e que devem corresponder às cavernas semi-obstruídas, muito antigas e próximas da superfície: metrô, catacumbas, esgotos, quem sabe? Através desses escombros, o ar excedente pode encontrar rapidamente uma passagem. É de crer até que comportem séries de lacunas que possam dar passagem a um homem, visto ter sido por entre esses destroços, a partir do centro deste desmoronamento, derradeiro vestígio das ruínas do meu antigo habitat, que consegui descer, às apalpadelas, até o campo de jogo de Gargântua, quando cheguei ao término da minha viagem no tempo.

Sim, foi isto mesmo que aconteceu, segundo confirma Hurra. Consegui atravessar a caverna de ponta a ponta, sem ser incomodado, pois os zanganos não esperavam absolutamente ver surgir um homem daquele lado. Como é fácil compreender, eles vigiam quase que somente o lado subterrâneo, pois é somente dali que podem vir os contrabandistas. De modo que cheguei sem ser visto por trás dos guardas; eles nem sequer me tinham ouvido e, quando descobriram a minha presença, eu já os havia ultrapassado e penetrava corajosamente, e às cegas, no lençol de ar desnaturado (compreendo agora por que motivo caí desacordado). Os zanganos, naturalmente, julgaram-me um contrabandista. Mesmo assim, foram me buscar e me reanimaram, pois recebem um prêmio bastante alto por cada contrabandista apanhado vivo. Mas a extravagância do meu aspecto e da minha anatomia os levou a comunicar a descoberta aos

bovriolos da cidade alta. Sábios e professores, entre os quais o próprio Hurra, vieram examinar-me...

E percebi então que ninguém sabe até agora, com exatidão, como foi que eu cheguei. A suposição mais corrente me parece absurda; entretanto, é tão natural! Complacientemente, Hurra a explica: eu sou o último representante da raça pré-histórica. Meus avós e meus pais erraram durante séculos e séculos na caverna-despejo, ou nas grutas adjacentes, e assim vivemos obscuramente (a expressão vem bem a propósito) enquanto a cidade subterrânea se desenvolvia, afastados dela e por ela ignorados.

Para os sub-terráqueos, eu correspondo à serpente marinha ou a algum dos sáurios terciários, cuja descoberta era anunciada periodicamente nalgum recanto perdido da Patagônia ou da Nova Zelândia. Sou o famoso sapo que permaneceu vivo durante séculos no interior de uma pedra porosa...

Não tento enganar Hurra. Para quê? Haverá sempre tempo para isto. Além disso, não se trata apenas de Hurra: foram propostas outras explicações, algumas das quais se aproximam da verdade.

Seria preciso que eu me concentrasse. Contudo, por mais ignorante que seja da mímica dos pubilos, tenho a impressão de que, nos últimos minutos, há um certo constrangimento, um certo embaraço, na atitude de Hurra. Percebo que está a lançar olhares inquietos por cima do meu ombro...

Viro-me. Lá está Milvane, que se aproximara de mansinho, a nos escutar. Há quanto tempo? Lembro-me da maneira repentina com que Hurra mudou de assunto há pouco, deixando subitamente de lado a questão dos zeróis e de suas fraudes. Trata-se, evidentemente, de assunto delicado... Fico até a me perguntar por que motivo teria Hurra concordado em falar sobre isso. Quanta obscuridade ainda, apesar de todas as luzes que acabo de receber.

Com efeito, mais uma vez e imediatamente, verifico que até e sobretudo no próprio momento em que julgo compreender não estou compreendendo nada. Escapam-me as coisas mais banais. Pois, rompendo o silêncio tempestuoso, Milvane se põe a me fazer uma cena de ciúme. Cobre-me de censuras, em seu francês telegráfico e argótico. Parece-me ter retornado a muitos séculos atrás. Tenho a impressão de estar desempenhando uma peça de Courteline. Milvane fala como uma amante cheia de exigências, que teme ser abandonada: Por que estou fugindo dela? Será que a companhia de Hurra me é tão agradável? O que pode ter feito Hurra para me seduzir? Quer dizer que eu estava mentindo quando elogiava a dentadura dela, Milvane? No fundo, eu sou como os outros: os dentes brancos me

repugnam, prefiro as gengivas nuas. Pois bem, bastava dizer: ela mandará arrancar todos os dentes.

Eu me agito, estremeço, atônito diante daquele dilúvio de queixas e censuras. Necessito de um bom momento para captar o verdadeiro alcance da cena. Finalmente, adivinho, mais pelo tom e pela sonoridade das palavras do que pelo seu sentido. . . Desvenda-se a verdade: Hurra é mulher!

Ora esta! É claro! É uma mulher. Ou melhor, uma cubila, mas dá no mesmo. Como é que eu não o percebi imediatamente? O seu pequeno porte, o desenvolvimento do tórax... Estupidamente, deixei-me iludir pela barba que, no entanto, sei desde o início que é postiça e usada pelos professores de ambos os sexos... Dá no mesmo; seja como for, estou sendo ridículo. Velho sábio, ou velha sábia, Hurra me é igualmente indiferente. E a indiferença é recíproca, imagino.

Mas será mesmo? A atitude contrafeita de nossa guia parece demonstrar que ele ou ela não se sente inteiramente isento de culpa. E esta observação me lança em novo abismo de perplexidade. Não chegarei nunca ao fim das minhas estupefações. Hurra tinha então flertado comigo? E eu, que nem havia percebido! No entanto... sim, ficaria desse modo explicado por que ela se deixara interrogar a respeito de assuntos proibidos. Criava-se desta maneira entre nós uma cumplicidade... propícia. E, de repente, perturba-me uma tentação contra a qual luto em vão, com uma ansiedade mesclada de esperança, pois vislumbro a possibilidade de explorar esses sentimentos — os de Hurra — para satisfazer à minha curiosidade. Mas percebo ao mesmo tempo todos os riscos, riscos de toda natureza, que comporta um empreendimento desta ordem, e eu raciocino que seria melhor renunciar a ele. E entrevejo ao mesmo tempo que não resistirei à tentação.

Foi com uma ternura cheia de hipocrisia que acalmei e acalentei Milvane, que aplaquei sua irascível desconfiança.

A viagem de volta efetuou-se num silêncio mal-humorado. Meus companheiros — eu deveria dizer: minhas companheiras — fingiam ignorar-se reciprocamente, numa exibição de cômica dignidade. Milvane voltou a se comportar com naturalidade quando tornamos a ficar sozinhos. Algum tempo depois, fui visitar Calandri. Eu julgara ter compreendido que aquela visita, uma visita de pêsames, constituía de certa forma uma formalidade ritual. Milvane não foi comigo. Ainda estava enfadada, ou talvez obedecesse a um costume qualquer.

O certo é que tornei a me defrontar com Hurra. Sua barba postiça estava mais bem cuidada que de costume. Não me seria possível dizer que impressão produzia em mim esse ornamento. Era evidente que ela estava fazendo o possível para se mostrar amável. Na sala inteiramente redonda, onde nos encontrávamos, as outras pessoas não nos davam a menor atenção. Calandri espojava-se, lânguida, sobre o divã circular e, diante dela, uma dúzia de bovrilos e de pubilos, sentados em dagobertos rondiformes, trocavam idéias ininteligíveis em frases sincopadas. Esse salão — não me é possível designá-lo de outra maneira — situava-se no alto do edifício, isto é, ao rés-do-chão, ou do céu, como queiram. Esse céu de rocha começava logo acima dos enormes janelões contra os quais se recortava o busto esguio da enlutada, vestido de um tosão cinzento. Percebia-se vagamente, em meio à atmosfera fluorescente, o emaranhado de cúpulas, de campanários invertidos, de pavilhões-reflexos e de distantes hangares, semelhantes a enormes gotas escuras prestes a cair, a chover sobre o fundo pedrento do mundo subcortical.

Se me demorava a contemplar esse espetáculo, já agora familiar, era com o intuito de evitar o olhar de Hurra, pois minha situação era bastante embaraçosa, para não dizer ridícula. Felizmente, a douta criatura mostrava-se bastante reservada. Ao contrário das cubilas que eu tivera ocasião de conhecer, ela mantinha as mãos espalmadas sobre as coxas, em lugar de as fazer voejar e zigzaguear continuamente a meu redor. Sóbria de gestos, não se divertia a puxar a barba (autêntica, esta) que fui obrigado a deixar crescer neste universo até o qual não chegou a fama do senhor Gillette. Esta barba adquiriu proporções patriarcais, o que faz pensar que deve fazer muito tempo — meses e meses — que fui desterrado.

E aqui estamos, dois barbudos, a nos examinar, de maneira bem melancólica. Porém, embora não seja nenhuma beleza, Hurra é bastante inteligente. Adivinhou o meu estado de humor. Começa a tagarelar em sua algaravia, no seu pseudo francês que, aliás, tem melhorado sensivelmente. Afirma, falando na terceira pessoa, num estilo que me recorda os discursos dos grandes chefes nas elucubrações de Gustave Aimard, de que eu tanto gostava quando criança: — Sylvain estar indisposto; Sylvain deve sair. (A culpa é minha por ela estar falando assim. Sempre começo por ensinar-lhe os verbos no infinitivo e depois ela, naturalmente, os aplica desta maneira.) E aqui está ela a me propor uma nova visita à caverna-despejo. Coisa estranha, eu não tenho a menor vontade de voltar lá. A visão daquela

caverna, lembrando-me Passy e o meu antigo universo, encheu-me de uma tristeza infinita-

Decididamente, Hurra é dotada de um tato muito apurado. Adivinha meus sentimentos. Não insiste, e começa a discorrer em tom neutro a respeito da produção de ar, das usinas aerígenas, da organização da indústria subterrânea.

Seus discursos são confusos e difíceis de acompanhar, devido sobretudo ao seu palavreado ininteligível; todavia, tenho a impressão de que ela está falando a esmo, com o intuito de me conceder tempo para mudar de humor, para me acalmar. Devo registrar, contudo, para o caso de alcançarem estas mensagens o seu destino, as poucas informações novas que pude colher nessa ocasião.

Hurra confirma a minha impressão de que as usinas aerígenas pertencem a um certo número de magnatas, que estarão em condições, se assim quiserem, de aniquilar toda a população subterrânea, por asfixia. Existe, no entanto, superprodução. Esta superprodução estende-se até os ares de luxo. Os respiróis ozonizados ou superoxigenados, as fragrâncias mais embriagadoras, são produzidas quase que pelo mesmo preço de custo do ar de consumo corrente. Entretanto, além do severo condicionamento imposto a toda a produção, é obrigatório vender os ares de luxo exclusivamente em embalagens também de luxo. As bolotas, bolhas, reservatórios e outros recipientes dentro dos quais são postos à venda os ares de luxo devem ser obras de arte, para cuja fabricação foram ressuscitados antigos processos, há muito esquecidos, complicados e onerosos. Mediante o quê, os ares de luxo permanecem inteiramente fora do alcance dos zeróis, e até mesmo dos pubilos. Diga-se de passagem, essas explicações confirmam minha idéia de que os pubilos constituem uma espécie de técnicos-burocratas, sendo os bovrilos plutocratas-aristocratas. Aliás, uns e outros apresentam um tipo físico nitidamente característico, do qual tenho agora mesmo debaixo dos olhos algumas amostras: um gordo bovrilo, de crânio enorme e pelado, de ventre abaulado sob o tosão ruivo, empenhava-se com muito ardor, e à vista de todos, em consolar Calandri, e eu pude observar com todo vagar o seu focinho espesso e as narinas achatadas que fremiam animaisicamente. Esses novos senhores da terra — do interior da terra — inspiravam-me uma verdadeira repugnância. Quão mais graciosos eram os pubilos e as cubilas, com seu corpo esguio e seus olhos ao mesmo tempo expressivos e enigmáticos.

Voltei o olhar para Hurra, cuja tagarelice acabara me distraíndo. Observei mais uma vez que ela realmente tomara cuidados especiais com sua aparência: o crânio liso estava inteiramente escondido por uma espécie de capelina de crepe — ou de algo que se assemelhava ao crepe — e que, de longe, poderia passar por uma cabeleira. Era pena aquela barba ridícula...

Eu já disse que, independentemente da linguagem ordinária, os pubilos e os bovrilos podiam comunicar uns com os outros, e comigo, por uma espécie de telepatia. Ficando, aliás, esta modalidade de comunicação sujeita a estranhas intermitências, cuja causa nunca pude descobrir. Também já disse que Hurra parecia adivinhar meus pensamentos. Mais uma vez, como se houvesse lido a minha mente, mas sem dar a impressão de estar atendendo diretamente ao meu desejo, distraidamente e como que brincando, ela levou a mão à barba postiça e a retirou. Vi então o seu rosto pálido e cheio, meio lunar, de lábios finos e olhos vagos. Não mais feia que uma outra qualquer, em suma; sobretudo agora que a calvície estava dissimulada. Mais gorda que as cubilas, de um modo geral, pois estas vivem em contínua atividade, como jovens animais, ao passo que Hurra, com toda certeza, só raramente faz algum exercício.

Deixou-se contemplar longamente. Com a barba na mão, o olhar perdido no vago, ela deixara de falar, como que imersa em seus próprios pensamentos. Mas desconfio que aquilo era apenas uma pose, uma atitude fingida. Pois, de repente, com um gritozinho, ela exclamou: "Oh, que fazer!" (Queria dizer: Que estou fazendo?) e recolocou rapidamente a barba. Perguntei-lhe de que se tratava. Explicou-me então que acabara de cometer um deslize. Retirar a barba constitui, com efeito, um gesto muito familiar, permissível apenas em presença de amigos muito íntimos — ou mesmo apenas entre zigotos ou gigolos, isto é, entre esposos ou amantes. De modo que, pelo que julguei compreender, Hurra tinha executado um gesto análogo ao de uma dama do meu tempo que houvesse deixado entreabrir o seu négligé ou erguer-se a saia, expondo a olhares indiscretos os seios ou o começo das coxas. Retirar a barba, sobretudo para uma sábia, representava uma enorme inconveniência.

Apressei-me a tranquilizar minha interlocutora, garantindo-lhe que, para um homem da minha época (isto é, do século XX), um gesto como esse não tinha importância. Eu estava muito habituado a ver fisionomias sem barba. O valor desta explicação era muito relativo; quase nenhum, evidentemente, pois estávamos vivendo numa sociedade na qual os costumes do século XX

já não tinham nenhum valor. Contudo, Hurra pareceu contentar-se com isto. Reajustou a barba descuidadamente e recomeçou a conversa no tom mais convencional possível, retomando o assunto no ponto em que o havia interrompido.

Tomei então conhecimento, pela primeira vez, das substâncias a partir das quais se fabricava o ar. E mergulhei em tamanho abismo de estupefação que esqueci momentaneamente tudo o mais. Hurra, por certo, não imaginara o efeito que ia produzir. Falava com voz monótona e despida de emoção, de um problema que, para ela, era exclusivamente técnico. Seu único intuito era restabelecer entre nós as distâncias por um instante esquecidas.

Aonde iam os subterrâneos buscar as matérias-primas para criar sua atmosfera? Esta pergunta ocorrera-me por vezes ao espírito, mas eu não me detivera a considerá-la. Apesar de minha ignorância no campo da química, ou melhor, devido a essa ignorância, eu imaginara que fosse um problema relativamente simples. O ar = oxigênio + nitrogênio. Nenhum desses dois corpos é raro na natureza. Produzi-los em quantidades industriais deve ser uma brincadeira para a avançada técnica dos pubilos. O oxigênio é encontrado na água e a água se encontra em toda parte. E o nitrogênio? Bem, quanto a este, eu não sei ao certo, mas deve encontrar-se nos minerais. Era assim que eu raciocinava. Mas ia receber um choque.

As minhas hipóteses, por certo, não eram inteiramente errôneas. Com relação ao oxigênio, eu não me enganara. Para dizer a verdade, na Subterra, a água não era assim tão abundante quanto eu havia imaginado. Contudo, certas cavernas a continham em quantidades apreciáveis, sobretudo em forma de umidade e de condensações de diversos tipos; e ainda existiam reservas quase inesgotáveis sob forma de gelo ou neve nas cavidades da superfície. De fato, as "minas" de que me haviam falado e que eu tomara por minas verdadeiras eram simplesmente esses depósitos de gelo, explorados com o auxílio de picaretas e martelos elétricos por verdadeiros mineiros. Trabalho terrivelmente penoso, aliás. Depois de cortar o gelo em blocos ou paralelepípedos, era preciso transportá-lo pelo deserto infernal das terras lá de cima, para em seguida despejar o minério hídrico em poços, nas bocas de gigantescas rampas. Aqueles tubos, ou condutos intercorticais, eram providos de válvulas e comportas para impedir a fuga do ar interior. Os mineiros brancos — zeróis — passavam a maior parte da existência metidos em escafandros e estavam sujeitos a acidentes devidos às variações de pressão, como os antigos escafandristas. Aliás, não eram operários fáceis

de governar, pois precisava-se deles. E era difícil recusar-lhes as tigelas de ar suplementares, indispensáveis a um trabalho tão penoso. Quase tão exigentes, embora mais facilmente substituídos, eram os carregadores, que recebiam o gelo na entrada dos canais verticais e o transportavam até as usinas aerígenas, onde era derretido e eletrolisado.

Até aí, de um modo geral, o processo de fabricação não se afastava muito do que eu pudera imaginar. Mas, quanto ao nitrogênio... Ao que parece, os corpos nitrogenados não são tão comuns no reino mineral quanto eu havia suposto. Constituem, sobretudo, os compostos orgânicos. Mas não havia aí nenhuma dificuldade para os pubilos químicos. Não tiveram necessidade de ir buscar muito longe para encontrar uma matéria-prima sobre a qual pudessem exercer seus talentos. Esta matéria, matéria-prima em toda a acepção da palavra, é muito corriqueira na Sub-terra, assim como em toda comunidade populosa. Tem dois nomes: um nome científico: copra ou coprao, e um nome vulgar: san. Todo corpo humano, explicou gravemente Hurra, é uma fábrica de san.

Eu o ouvia, muito intrigado, vagamente inquieto. Estremeci, a princípio, julgando compreender que san fosse sangue, e que os pubilos e zeróis, como verdadeiros vampiros, roubavam o sangue uns dos outros para ter com que respirar. Mas, quando formulei esta idéia, Hurra protestou, indignada: não, o san não era sangue, era algo muito mais natural, mais puro. Contudo, não consegui obter naquele momento maiores esclarecimentos. Tive de fazer um esforço considerável para acompanhar todas as explicações de Hurra. Incansavelmente, como verdadeira pedante, ela ia multiplicando, em tom doutoral, os pormenores técnicos. No início, aplicavam-se métodos de fabricação rudimentares; o rendimento em termos de nitrogênio puro era fraco. Além disso, explorava-se apenas um pequeno número de jazidas de gelo, susceptíveis de se esgotarem rapidamente. Porém, a seguir, audazes exploradores haviam descoberto minas virgens. Depois, aperfeiçoaram-se os métodos de fabricação do nitrogênio e o rendimento aumentou consideravelmente. Enquanto outrora cada zerói produzia uma quantidade de copra apenas suficiente para atender às necessidades de seus pulmões, aprendera-se agora a extrair de seu san cotidiano ares de luxo suficientes para embriagar dez bovrilos. Além disso... Minha interlocutora baixou a voz e passou a falar em tom confidencial. Lançou um olhar furtivo para o grupo em cujo centro pavoneava-se Calandri... Não, ninguém estava prestando atenção em nós. O gordo bovrilo

mostrava-se cada vez mais animado e a maioria das cubilas, com a mão esquerda sobre um interruptor de ebonite e a direita sob a nuca, numa atitude que eu já conhecia, embriagava-se sofregamente com vibrações.

Hurra inclinou-se até meu ouvido. Precaução desnecessária, pois tinha a possibilidade de comunicar seu pensamento sem falar. Mas talvez os outros houvessem percebido a sua telepatia. "Parece", disse-me ela, "parece..." Não fazia muito tempo que havia aprendido esta expressão.

Por conseguinte, parece que tinham descoberto um novo processo, ainda secreto, que permitia a fabricação do ar em quantidade tão grande que poderia ser fornecido quase de graça. E até completamente de graça. Só se falava no assunto de maneira velada. Mas não se falava de outra coisa entre os cidadãos de La Pah. Havia até quem dissesse que, se quisessem, poderiam reconstituir a antiga atmosfera e devolver à humanidade a superfície do planeta. Pura quimera, na certa. No entanto... Hurra deixou a frase no ar. O certo, tornou a dizer depois de um silêncio, é que seria possível, com toda a certeza, suprimir desde já os medidores e fornecer o ar à larga, a todos os habitantes das cavernas. Coisa horrível!

— Por que horrível? — perguntei ingenuamente. Com as minhas noções do outro mundo, o fato de fornecer ar de graça me parecia aceitável.

— Mas, amigo, se zeróis saber, zeróis não pagar mais! Seria o fim para os bovrilos!

De tão excitada, Hurra descurava a sintaxe. Tendo-se acalmado um pouco, prosseguiu explicando que os zeróis ignoravam esses boatos e que, mesmo que os conhecessem, não acreditariam que aquilo fosse possível. Felizmente, havia uma série de recursos para mantê-los nesse estado de espírito.

— Que recursos? — perguntei.

Hurra pareceu arrepende-se de ter falado. Murmurou algumas palavras indistintas, nas quais só pude apreender alusões obscuras; tratava-se de dez putanos, de bombas célebres e de não sei que escuelas... Não consegui entender nada. De resto, estava cansado, com vontade de me recolher. Não insisti quando, cortando o assunto, Hurra retomou a conversa sem transição, em tom despreocupado e jovial.

Não há dúvida; é uma criatura de inteligência superior. Levou-me exatamente até onde queria, sem dar mostras disto, aticando, extinguindo e tornando a despertar, sucessivamente, a minha curiosidade. Encerrou nossa conversa fazendo-me uma proposta que trazia em mente desde o início,

estou certo; disse-me que estava satisfeita por me ter conseguido distrair e que, para completar a cura e dissipar inteiramente a minha melancolia, poderia levar-me, se eu o quisesse, a visitar as usinas aerígenas.

Aceitei imediatamente e, pelo seu ar de triunfo, compreendi que ela alcançara os seus objetivos. Manobra de cubila! Sob a sua barba postiça, ela é igualzinha às mais frívolas cubilas. E estas conhecem todas as astúcias que se atribuíam a Dom Juan, em tempos passados... Pouco importa! A minha sabichona foi ainda mais bem sucedida do que imagina. Esta curiosidade, que soube despertar e que, para ela, constitui apenas uma maneira de satisfazer seus caprichos, agora me devora e me queima por inteiro.

Estou disposto a tudo arriscar para desvendar os temíveis segredos deste mundo horrível e fascinante.

Este é o meu terceiro encontro clandestino com Hurra. Sou obrigado a agir às ocultas de Milvane, terrivelmente ciumenta, embora trate de refrear o ciúme; este sentimento é aqui considerado como bárbaro: um resquício de primitivismo, como a dentição.

Repugna-me esta dissimulação. Não sou de temperamento volúvel. No mundo antigo, permaneci fiel a uma velha ligação durante anos, prestando-me às risotas dos meus amigos. Aqui, eu me contentaria perfeitamente com Milvane, que me parece mais feminina que todas as outras de quem me aproximei. Hurra não me desperta nenhum entusiasmo, com seu rosto lunar e sua mania de beliscar os dedos dos pés. Ela percebeu a irritação que provoca em mim esse tique e procura corrigir-se, mas ainda não o conseguiu. Estende por vezes a mão em direção aos artelhos, cruzando as pernas, e depois interrompe bruscamente o gesto esboçado, descruzando as pernas como se nada tivesse acontecido. Julga que não vi coisa alguma. Mas esta maneira de reprimir o prurido irrita-me muito mais do que se ela tivesse cedido ao mesmo. Eu preferiria que esfregasse freneticamente todos os dedos, com a volúpia de "um sarnento que esteja a se coçar", como também lhe acontece fazer de vez em quando, aliás. Mas não digo nada.

Porque minha curiosidade é ainda mais forte. Hurra prefere receber-me em seu laboratório, durante as horas de trabalho. Poderíamos nos encontrar noutro lugar qualquer, em casa de uma de suas amigas. Isto é comum. Mas, sem dúvida, corremos menos perigo de sermos interrompidos na usina, onde ela goza de certos privilégios. Talvez ela tenha outros motivos, que eu desconheço. O que ela não suspeita de maneira alguma é que o lugar dos

encontros exerce sobre mim uma atração bem mais poderosa que a pessoa que os marca.

Não se ponham a imaginar, entretanto, algum cenário feérico ou extravagante. De todos os lugares que vi, este é até um dos menos desconcertantes para um indivíduo do meu tempo. Imaginem, no interior de uma daquelas torres encravadas na rocha, de que já lhes falei, uma espécie de esfera oca. Entretanto, esta esfera é cortada em cima e embaixo por dois planos, que formam o piso e o teto, ambos cor de ferro fundido. Também cinzentas são as paredes recurvas, com suas vigias ovais, fechadas por conchas de vidro com reflexos sulfurinos. Essas vigias, essas janelinhas é que me atraem. A sala, em si mesma, é nua, quase vazia. Algumas banquetas esquemáticas, feitas de tubos metálicos; uma banca maciça, forjada num só bloco, em pretense ferro fundido cinzento, toda ondulada em misteriosas corcovas. (Para que servirão?) Aqui e ali, pelas paredes, há também cavidades hemisféricas, onde se poderia alojar a cabeça de um homem. Segundo pude observar, o trabalho principal de Hurra consiste em mergulhar a mão, de vez em quando, nessas cavidades... Será que encontra ali alavancas que devem ser puxadas, manivelas que devem ser giradas? Não me atrevo a interrogá-la. Em princípio, estamos aqui para namorar — namorar à moda dos novos tempos que, para mim, nem sempre é muito agradável. Além disso, na maioria das vezes, eu não entendo nada de suas explicações. Há coisas demais, que desconheço. Vão lá explicar o funcionamento de um dínamo a um bambara! Minhas noções, tenho de as desembaralhar como puder, sozinho.

E é por isto que as lucarnas me atraem, essas lucarnas ovais com reflexos amarelados. Nos intervalos da conversa, fico a passar e a repassar diante delas, apóio-me descuidado à sua moldura. Este é o meu tique. Hurra já não lhe presta atenção. Além disso, não tem de que se queixar. Conseguiu o que queria. Entre parênteses: envergonho-me por ela, uma cientista, mas ela se comporta na intimidade de maneira bestial, cem vezes pior que Milvane que, junto dela, parece requintada. Com Hurra, faz-se o amor verdadeiramente more ferarum, como dizia... Quem era mesmo que dizia isto? Já nem sei. Para mim, agora, meu passado longínquo é apenas uma indecisa infância com nebulosas recordações.

Continuemos, porém. Voltemos às lucarnas. Elas dão para o que poderíamos chamar de pátio da usina. Na verdade, acredito porém que este pseudopátio seja a própria usina. Aqui não há necessidade de teto, nem de hangares. O

teto sólido e universal do mundo serve para todo mundo. É por conseguinte ali, debaixo de meus olhos, que se desenrolam todas as fases da fabricação da atmosfera. É espantoso.

Nas primeiras vezes, eu apenas me atrevia a lançar olhares rápidos, e distinguia somente um vago movimento de idas e vindas. Ruídos confusos e inquietantes subiam até nós: choques de metal contra metal, silvos de vapor, e sobretudo melopéias fúnebres, indefinidamente prolongadas. Mas Hurra não me dava tempo para remanchar. Ela me espicaçava, em toda a acepção da palavra. Hoje, já correspondo aos seus espicaçamentos. Sua animalidade está satisfeita. Ronronando como uma gata, uma enorme gata preta, de bigodes espessos e duros, ela vem para junto de mim, ao lado da janela, onde me detive de maneira que já lhe parece natural. Apóia-se em meu ombro e lança um olhar distraído e lânguido para o incrível espetáculo que se oferece a nossos olhos.

Inclinando-me um pouco, entrevejo lá embaixo, à esquerda, uma espécie de trincheira ou canal, cuja profundidade não consigo avaliar. Daqui (estamos a uma altura que corresponde mais ou menos à de um terceiro andar), avisto apenas as bordas, de reflexos metálicos, que contornam uma abertura negra, como dois trilhos largos. Mais adiante, vêm-se reflexos de fornalha a brilhar por trás de um nevoeiro espesso, e muita gente indo e vindo. Mas essas idas e vindas são irregulares. Há pouco, o pátio — quero dizer, a usina — estava quase vazia; chegou a hora da volta ao trabalho. A maioria dos que ali estão são zeróis; são reconhecíveis pelos ombros caídos e pelo ar acabrunhado. Seu número aumenta cada vez mais; devem estar chegando por entradas e caminhos que enxergo daqui. Mas suas idas e vindas se organizam; regularizam-se as fileiras. Não espontaneamente. A movimentação é dirigida por indivíduos mais corpulentos e mais fortes, que parecem zanganos, embora não usem um toção exatamente igual. O destes é azul, de um azul escuro de aço oxidado. Interrogo Hurra. Ela está confiante; creio que conseguirei fazê-la falar hoje. — Zanganos? — Ela balança a cabeça negativamente (gesto que eu lhe ensinei). Em seguida, passa a falar em seu jargão. Não, esses indivíduos azulados não são zanganos; são serfilhos e adjubelhos. Contramestres e vigias, sem sombra de dúvida. As fileiras de zeróis ordenam-se de maneira cada vez mais metódica; lá estão quase todos, à direita da usina, reunidos em formações profundas. Já não se agitam, mal mexem com os pés. Poderíamos nos imaginar no pátio de

algun quartel, em dia de revista. O que irão fazer? Aventuro-me mais uma vez a interrogar Hurra.

Decididamente, ela está bem disposta. Consegui enternecê-la, abrandá-la, melhor do que havia imaginado. Em seu jargão híbrido e valendo-se de algumas palavras da linguagem subterrânea que pude aprender, ela explica que os zeróis vão executar uma função importante, embora cotidiana, e quase religiosa. Se é que entendi direito, eles estão se preparando para cumprir um dever nacional. É esta pelo menos a tradução mais exata que posso encontrar para os termos que usa. Em todo caso, trata-se por certo de alguma coisa muito importante para La Pah-Trih (é este, com efeito, o verdadeiro nome da cidade subterrânea, embora se diga com frequência, para abreviar, ora La Pah, ora Trih). Trata-se de uma prova diária de amor e dedicação.

Porém, o que excita no mais alto grau a minha curiosidade é que as explicações algo confusas de Hurra se referem a san e a copra. Quer dizer que vou finalmente saber de onde os subterrâneos extraem esse ar que lhes é tão precioso, em toda a acepção da palavra. Trata-se realmente de uma questão vital para a sua La Pah-Trih, a cidade onde se sufoca...

Céus! Que espetáculo! E que mundo! Mais uma vez, ele faz jorrar dentro de mim mananciais de espanto que eu julgava exauridos. Quanto mais acredito conhecê-lo, mais desconhecido ele se revela.

Latidos breves e roucos escapam da garganta dos adjubelhos e dos serfilhos. A este comando, pois é um comando, põe-se em marcha uma primeira massa de zeróis, com passos pesados. Separam-se em seguida; estavam em fileiras de quatro e agora de dois; mas tornam a se dividir e seguem em fila indiana. Tudo em perfeita ordem. Um espetáculo capaz de reconfortar o coração de qualquer sargento. Alinham-se, em seguida, ao longo da ranhura de bordas reluzentes. Imóveis, contemplam a negra ranhura com ar apático. Mais um latido. Bruscamente, os zeróis fazem meia-volta. Viram-nos as costas e seus calcanhares estão à beira da ranhura. Apoiando-se descuidada ao meu ombro, Hurra contempla a manobra com indiferença. É coisa que ela vê todos os dias. Tão banal!

E, no entanto, inaudita. Como exprimir, como descrever o que estou vendo? Quem vai acreditar?

Aquela fileira de homens apáticos, um ao lado do outro numa linha única, de costas para nós, do outro lado da trincheira negra de bordas reluzentes... De repente, a um só tempo, eles se acocoram. Seu toão se abre como a

casca de uma castanha-da-índia... a fenda solta se escancara como um calção de garoto... e eles se põem a defecar, todos juntos, dentro da trincheira. Vejo agora o que é essa trincheira: uma fossa coletiva.

Lembro-me de um brinquedo da minha infância, que certos prospectos ofereciam com freqüência aos alegres farsantes, desejosos de perpetuar a velha alegria gaulesa: o tio Lacolique. Um homenzinho de zinco, pintado de cores berrantes, acororado e sem calças. Metiam-lhe na barriga um pó qualquer e, depois, aproximando um fósforo aceso de seu traseiro, tinha-se o prazer de vê-lo pôr para fora um longo fio enovelado.

Aqui, uma fila interminável de tios Lacolique, em carne e osso, entra em ação na canaleta de La Pah-Trih.

Mas a coisa não é feita em silêncio. Daquele exército sem fim de cagões eleva-se uma melopéia arrastada, uma espécie de salmodia lamentosa e lúgubre, que sobe em nossa direção, até as vigias de vidro amarelo. Cantam, ou melhor, bradam em coro, nos intervalos dos forcejos — ou melhor, sem dúvida para ritmar esse forcejar — um refrão monótono, repetido indefinidamente, onde retornam constantemente as palavras san e La Pah-Trih. Fico estarrecido, cheio de horror e repugnância. Hurra lê as emoções em minha fisionomia, mas só apreende uma parte delas. Compreende apenas a surpresa e a curiosidade. Na euforia de sua digestão erótica, é incapaz de perceber meu assombro e meu asco. Como estamos distantes um do outro! Por certo, separam-nos milênios e milênios. Embora esteja a apoiar-se familiarmente, e até com ternura, em meu ombro, jamais abismo mais profundo cavou-se entre nós. Já não acredito na civilização dessas criaturas vindouras. O que há de comum entre um homem culto, como eu, e esses lúgubres maníacos?

Entretanto, Hurra vai falando. Responde, sem que eu tenha solicitado, a perguntas que eu nem havia formulado. Fornece-me a tradução do lúgubre e monótono refrão. E, como a lucarna amarela se entreabrirá, tendo a vidraça girado sobre o seu eixo impelida não sei por que alavanca, o próprio refrão vem lá de baixo, do grotesco inferno escatológico, onde chafurdam e se agacham os zeroís, enquanto o canto vem ritmar as frases da tradução. Aqui está a cantilena, que se balança de acordo com um ritmo surdo e sacudido, como o de uma canção de escravos:

Ofereçamos nosso san! Ofereçamos nosso san!

Sim, nosso san, todo o nosso san!

Todo o nosso san por La Pah-Trih!

Por La Pah-Trih, hi, hi, hihih; Hihi-hihih! Hihi-hihih!

Todo o nosso san por La Pah-Trih!

Pois bem... já sei agora o que vem a ser esse "san". Não se trata de sangue, é... Por que não, afinal de contas? As duas substâncias já foram confundidas, mesmo no meu tempo. E até por entendidos.

Dir-se-ia que o ritmo da canção regula o ritmo das imundas ejaculações. Eles defecam, todos juntos, na canaleta metálica; e, todos juntos, assim que terminam, erguem-se, tornam a se enfileirar, afastam-se em ordem, para serem substituídos, em perfeita ordem, por outra fila interminável de zeroís, que chegam todos juntos e, todos juntos, defecam cantando.

Quanto tempo terei permanecido em silêncio, diante deste espantoso espetáculo? Muito tempo, ao que me pareceu. Dir-se-ia, porém, que eu havia tomado uma dose de etiro, pois retomei a seguir o curso de minhas ocupações, ou antes, de minhas distrações habituais, sem que tivesse ocorrido a menor alteração.

Ao cabo de um lapso de tempo indefinido, tomei consciência de um ruído vago e cadenciado, que vinha ferir meus ouvidos. Era Hurra a falar, prosseguindo a conversa. Meio técnica, meio dona-de-casa, ela fornecia-me explicações abundantes, num tom despreocupado. Sem lhes atribuir grande importância. Para ela, o espetáculo da usina era tão banal quanto uma cena de rua para um velho parisiense.

Sua voz chegava até mim como num sonho, evocando uma série incoerente de imagens disparatadas, inverossímeis e desagradáveis, que se preferiria esquecer logo que entrevistas e que, no entanto, se impunham à memória, barrocas e vivazes. São essas imagens que tentarei reproduzir, e não as palavras de Hurra.

A canaleta que as dejeções dos zeroís iam enchendo chama-se dispote; palavra cuja tradução é dever nacional. Uma vez cumprido o dever nacional, despeja-se todo o conteúdo, por meio de comportas, em enormes marmitas infernais, em imensos caldeirões de merda, acomodados na espessura do solo. O san é ali dessecado e reduzido a pó, sendo a este pó que se dá o nome de coproa. O coproa é transportado para o fundo da usina, para o interior dos hangares envoltos em nevoeiros, e que só me foi dado entrever, de longe. Ali, o produto é torrado sobre placas de ferro aquecidas ao rubro, de onde se desprende o amoníaco, que terá apenas de ser tratado de uma maneira muito simples (ao que parece) para fornecer nitrogênio. Esta última operação é efetuada nas proximidades de vastos reservatórios,

onde é acumulada a água proveniente de diversas fontes, da umidade subterrânea ou da neve cortical, e da qual se extrai o oxigênio, que vai associar-se ao nitrogênio do san para formar ar respirável.

Este trabalho todo é efetuado por zeróis e pubilos. Mas nenhum deles fica dispensado de depositar na hora determinada, e que não é a mesma para todos, o seu óbulo íntimo e propiciatório na abertura do gigantesco mealheiro. Só os bovrilos são dispensados do dever nacional. Entre eles, só oferece o seu san quem quer. Fazem o que bem entendem com suas dejeções. Alguns as vendem, outros as conservam ciosamente, fazem-nas secar e depois macerar em perfumes, para em seguida guardar dentro de urnas, legadas a La Pah-Trih em testamento. Outros as deixam como herança a suas cubilas que, em geral, tratam de vendê-las logo; mas a cidade, La Pah-Trih, cobra sempre a sua parte. Não obstante, há bovrilos mais generosos, e que doam imediatamente o seu san a Trih, como se fossem simples zeróis. Sua generosidade é alardeada e eles são constantemente propostos como exemplos aos outros bovrilos, ou aos zeróis recalcitrantes.

Existe ainda outra maneira de utilizar o san, que só é permitida à Grande Coruja Branca e a alguns de seus discípulos, a mochas ou a cerdotes que se distinguiram por suas virtudes particulares. Suas fezes são cuidadosamente recolhidas em tecidos de seda: deixam-nas depois secar lenta e demoradamente, durante anos. Misturam-nas em seguida a outros perfumes e esta poeira odorífera é colocada dentro de pequeninos receptáculos de ouro, cujo conteúdo adquire valor inestimável. Utilizam-na como incenso nas cerimônias públicas e com ela salpicam a cabeça e os ombros dos bovrilos e das bovrilas recém-casados, para lhes trazer felicidade. Depois de dissolvida numa mistura oleaginosa, usam-na para ungir os cerdotes. Finalmente, é costume perfumar com ela a barba dos professores.

Mas, justamente por causa de seu valor, o suco de coruja é objeto de insistentes fraudes. As dejeções da Grande Coruja e de seus discípulos realmente santos não seriam nunca suficientes para encher o sem-número de frascos de perfume em circulação e disputados em todo o mundo subterrâneo. Afirmam os mais otimistas que a falsificação é apenas parcial e se limita a misturar ao san da Coruja e das mochas algumas substâncias extrínsecas e inofensivas, porém sem valor, como embriões pulverizados de morcegos ou corações de abutres. Mas a verdade, conhecida de todos, embora ninguém goste de se referir a ela, é que se vende em toda parte, sob

o rótulo de "Fezes da Grande Coruja", as dejeções sem nenhum valor de vulgares zeróis.

Mas não é só isto. Estas coisas todas são, por assim dizer, normais e fazem parte do funcionamento regular da instituição. Este funcionamento está ameaçado por perigos muito mais sérios que o representado por meia dúzia de fraudes sobre a qualidade das fezes das mochas.

E Hurra volta a se referir ao problema tabu, que obseda, entretanto, todos os espíritos da cidade e paira como uma ameaça sobre o destino de La Pah-Trih: a superprodução de atmosfera sintética.

É proibido tocar nesse assunto; mas, como sempre, quanto menos se fala abertamente numa coisa, mais se pensa na mesma. E acaba-se falando, apesar da proibição. Não se fala de outra coisa — às escondidas, evidentemente.

Durante muito tempo, como já disse, tudo funcionou muito bem: o san e a água produzidos pelas secreções dos zeróis e explorados pelos métodos ordinários, tradicionais, forneciam a quantidade de ar estritamente necessária para que todos pudessem respirar — ou melhor, no que diz respeito aos zeróis, para permitir que cada um se asfixiasse lentamente, numa agonia prolongada. Sucede, porém, que o regime das usinas aerígenas e as instituições baseadas nesse regime estão sendo ameaçadas de todos os lados. Os processos de tratamento do copra aperfeiçoam-se. O rendimento do nitrogênio aumenta a cada uma das revoluções do grande giroscópio. As estações superficiais fornecem água, em quantidade maior que a necessária, e exploradores audazes descobrem outras a cada dia que passa... Esses inconvenientes foram sanados, a princípio, da maneira mais natural possível: as atmosferas em excesso foram encaminhadas para as cavernas-despejos, onde se evaporavam lentamente, através do teto do mundo, indo perder-se no éter interastral. Existiam, por certo, algumas fraudes, que restituíam ao consumo parte deste ar, mas o perigo não era grande. Contanto que não ultrapassassem certos limites, essas fraudes contribuía até para a prosperidade geral.

Mas eis que, justamente quando se multiplicavam as descobertas de jazidas de água, verificava-se que era possível extrair nitrogênio de uma infinidade de corpos, dos quais ninguém se lembrara a princípio. Eles tinham agarrado, por assim dizer, as primeiras matérias nitrogenadas que lhes haviam caído nas mãos. Porém, alguns espíritos audaciosos de intrépidos homens de negócio tinham descoberto que era possível extrair nitrogênio não apenas

do san dos zeroís como também de seus cadáveres. Alguns não titubearam em dizer, e em mandar dizer, que em lugar de exterrar os defuntos, estupidamente e sem nenhum proveito, entregando aquelas carnes nitrogenadas à voracidade dos lobos e dos abutres, seria mais lucrativo encaminhar aquelas riquezas naturais para as usinas aerígenas, delas extraíndo alimento para os pulmões dos vivos. Houve quem passasse da teoria à prática — clandestina, é óbvio — em alguns distritos. O tráfico ilícito de cadáveres transformou-se em rendosa indústria. Citava-se mais de um gordo bovrilo enriquecido graças à substância dos mortos. Não obstante as fulminações da Grande Coruja, a força do hábito e da educação, a produção de nitrogênio de cadáver, e, noutras palavras, de contrabando, aumentava rapidamente, de maneira muito alarmante. Dali se extraía ar a baixo custo, que concorria perigosamente com o ar ordinário e permitido, extraído honesta e legalmente, através de métodos saudáveis, das dejeções cívicas.

Pelo menos os destiladores de cadáveres ainda tinham o cuidado de se ocultar, o que retardava naturalmente o ritmo de suas operações. Além disso, visando ao lucro, eles próprios tinham grande interesse em não provocar uma baixa muito grande nos preços. Mas eis que, mais ou menos por toda parte, alguns inventores audaciosos, demasiadamente audaciosos — púbilos, na maioria (espíritos conturbadores e suspeitos de cumplicidade com os zeroís) — iam descobrindo uma após outra novas fontes de nitrogênio. Aos cadáveres ordinários, já havia quem propusesse acrescentar as carcaças antigas. Por que não organizar expedições à superfície gelada da Terra, para ir disputar aos abutres negros tantas carnes preciosamente conservadas pelo frio e pelos gelos, num frigorífico natural? E isto também já estava sendo feito, de maneira igualmente clandestina, mas cada vez mais freqüente, e contando com cumplicidades que se estendiam e se ramificavam constantemente.

E não era apenas isto. Alguns atrevidos aventureiros, sempre púbilos, pretextando um amor desinteressado pela ciência, tinham ido explorar não apenas a superfície gelada como também o seu subsolo imediato. Teria sido melhor se tivessem permanecido quietos em seu canto, ou a se divertir na companhia dos gigolos. Em vez disto, tinham descoberto, ocultas sob a crosta gelada do solo, a profundidades insignificantes e em numerosos pontos da crosta, verdadeiras minas de cadáveres. Cadáveres fossilizados, sem dúvida, antigos e veneráveis vestígios de civilizações desaparecidas:

idades soterradas por cataclismos, campos de batalha, testemunhas de guerras pré-históricas e, sobretudo, cemitérios, cemitérios sem conta, onde se amontoavam os antigos mortos na paz de épocas passadas, transformados agora em verdadeiras minas de nitrogênio. Quanta riqueza inexplorada! Existiam ali possibilidades magníficas e catastróficas.

Isso sem falar nas minas de guano humano, encontradas aqui e ali, em número cada vez maior, embora o departamento de pesquisas houvesse proibido a divulgação dessas descobertas. Nas antigas aglomerações humanas encontravam-se dispersos por toda parte inúmeros bolsões de san, que os homens antigos, em sua despreocupada ignorância, malbaratavam sem conta. Desta preciosa matéria, cujo valor não suspeitavam, eles cuidavam apenas de se livrar, fosse como fosse. De modo que muitos desses bolsões e fossas não passavam agora de receptáculos vazios, ou contendo apenas alguns resíduos inaproveitáveis, por não ter sido tomada nenhuma precaução com o intuito de proteger esses depósitos. Os pré-históricos careciam de espírito cívico e descuidavam o seu dispote. Não obstante, o conjunto desses reservatórios de copra ainda continha imensos recursos, e também se encontravam contrabandistas dispostos a explorá-los. Cada revolução do grande giroscópio presenciava o aparecimento de novas explorações clandestinas.

Como resultado disto tudo, as cavernas-despejos, por mais vastas que fossem, muito em breve se tornariam insuficientes para desempenhar sua função. O preço normal da ração de ar só era mantido graças a regulamentos draconianos e a autoridade dos bovrilos via-se cada vez mais ameaçada. O mercado clandestino se desenvolvia em proporções inquietantes, e negociavam-se atmosferas inteiras por preços abaixo das normas.

Interrompi Hurra para lhe perguntar como se podia dispor dessas atmosferas, tendo-se em vista que o ar só era distribuído através de canalizações controladas por medidores. Ela observou que eu me enganava e que eu próprio tinha visto distribuir ou vender ares contidos em receptáculos ou reservatórios de diversas dimensões. Além do mais, acrescentou, já se sabia há muito tempo como liquefazer o ar, o que possibilitava o cômodo armazenamento de grandes quantidades, reduzidas a um pequeno volume. Existiam muitos aparelhos de liquefação clandestinos e, por outro lado, os estoques de garrações de ar líquido não vendidos acumulavam-se a perder de vista nos armazéns oficiais. Senti-me tão

envergonhado por não me ter lembrado desta explicação que não me atrevi a dizer a Hurra que, no meu tempo, já se conhecia o ar líquido. Ela, com toda certeza, não me teria acreditado e tomaria minha declaração como uma gabolice. Aliás, eu ia compreendendo cada vez melhor que minha experiência passada, isto é, minha experiência pessoal do passado, era incomunicável. Eu próprio, que tinha debaixo dos olhos as coisas de que me falavam, mal conseguia acreditar nas mesmas. Como poderiam eles acreditar em mim?

Não pude, entretanto, impedir-me de perguntar como encaravam os zeroís aquilo tudo e se não lhes ocorria a idéia de se unirem para exigir a gratuidade do ar e uma atmosfera abundante, já que isso parecia possível.

Hurra não acolheu a pergunta com satisfação. Agarrou o pé esquerdo, sem pensar, e se pôs a amassar o dedinho. Declarou com ar desprendido que eu não sabia se o que estava afirmando era realmente possível e que ninguém o poderia garantir, já que nunca se havia experimentado. Quanto aos zeroís, estes estavam cuidando de outra coisa. E lá veio de novo uma parolagem, cheia de obscuras alusões aos si na mãos, aos dez putanos e às bombas célebres. Essas bombas célebres começavam a despertar a minha curiosidade.

Mas Hurra recusou fornecer maiores esclarecimentos. Aconselhou-me, com irônico azedume, a procurar Calandri que, ao que parece, trabalhou nos si na mãos. Quanto a ela, Hurra, não passava de modesta pubila, que cuidava das máquinas e dos produtos químicos. Compreendi que não lhe arrancaria mais nada.

Estou cada vez mais decidido a desvendar com meus próprios recursos o mistério dos si nas mãos e das bombas célebres. Sei perfeitamente — como bem demonstra toda a minha experiência aqui embaixo — que, se for bem sucedido, conseguirei apenas abrir novas perspectivas sombrias, descobrir novos aspectos grotescos e terríveis do mundo subterrâneo — e também, sem dúvida, novos enigmas. Pouco importa. Não me é possível proceder de outra forma.

Eu havia permanecido muito tempo — mais do que imaginara — na companhia de Hurra. Quando me dispunha a sair, ela me fez entrar num ascensor de um tipo que eu ainda não conhecia, meio gaiola para galinhas, meio elevador de carga, que me levou até uma pequena passarela por sobre uma alameda da cidade. Eu não sabia onde me encontrava e sentia a cabeça a girar. Por todos os lados, meu olhar encontrava apenas uma confusão de

cones, pagodes, conchas e convólulos colados ao firmamento, entre os quais se perdia a fita contínua que passava por cima de minha cabeça. Eu não ousava baixar os olhos para o abismo hiante das entranhas da caverna, com medo da vertigem. Entretanto, de tanto esquadrihar com o olhar a floresta de convolvuláceas, acabei identificando, ao longe, a silhueta familiar do edifício-ampulheta. Se eu conseguisse chegar até ali, tinha a certeza de encontrar o meu caminho. Mas era a primeira vez que me via obrigado a percorrer sozinho um trajeto tão longo. Trens com formato de cabina de aeróstato corriam a alguma distância, deslizando sobre o seu cabo; um labirinto de passarelas cortava as estradas em quadriculados oblongos, a diversas alturas; para me meter por elas, entretanto, eu teria de realizar uma série de acrobacias, de que me sentia incapaz. Finalmente, numa estrada plana transversal, bem ao nível de minha cabeça, vi passar um tamanco de mica, que se deslocava de maneira lenta e irregular. Suas rodas-ventosas se desprendiam do firmamento e nele voltavam a se agarrar com ruídos viscosos, em lugar do costumeiro deslizar sedoso. O mecanismo devia estar falhando. Chamei o seu ocupante, que pôs a cabeça para fora do pára-brisa (ou pelo menos do que designo com este nome, na falta de um termo mais preciso) e reconheci Calandri. Ele se aproximou imediatamente, acostou-se à minha plataforma e me estendeu a mão. Com seu auxílio, embarquei atrás dele no tamanco.

Eu nunca conseguira me entender muito bem, em nenhuma das acepções da palavra, com Calandri. Repugnava-me o caráter híbrido da sua personalidade andrógina. No momento a que me refiro, entretanto, ele me surgiu como um salvador. Dirigiu-me a palavra em sua língua algébrica, entremeada de dois ou três vocábulos franceses. Compreendi, ou antes, adivinhei que nosso encontro não era produto do acaso. Ele havia saído à minha procura a pedido de Milvane e dos cinco ou seis outros pubilos que compunham o meu pequenino círculo privado. Inquietos por não me verem voltar, imaginaram-me perdido. Esta era uma maneira delicada de perguntar de onde eu vinha, mas fingi não ter compreendido. Calandri não insistiu. Do meu ponto de vista pré-histórico, eu o considerei, afinal de contas, bastante bem-educado.

O tamanco de mica voltara a deslizar sem solavancos e nós nos vimos bem depressa diante do edifício-ampulheta.

Alguns instantes depois, eu estava de novo no salão de amplos janelões que, para mim, representava o lar desde que viera ter a este mundo sub-

terráqueo.

A primeira coisa que atraiu meu olhar foi Milvane, toda enrodilhada em cima do divã circular, com a cabeça escondida entre os braços, à maneira de um cachorrinho que esconde o focinho entre as patas. Via-se-lhe apenas a nuca raspada, coroada por aquela espécie de crista artificial de crepe, a que já me referi. O quadro era ao mesmo tempo ridículo e comovente. Julguei, a princípio, que ela estivesse doente. No entanto, eu sabia, ou julgava saber, que a doença havia sido eliminada deste mundo... Mas pode-se lá ter certeza?

Aproximei-me e chamei baixinho: — Milvane! Milvane! — Ela permaneceu imóvel.

O efebo Calandri caminhava de um lado para o outro, sem nos dar atenção; olhava distraidamente para a janela, estendia a mão para um botão, a fim de proporcionar a si próprio um coquetel vibratório. Os modos equívocos nunca me haviam irritado tanto. Voltava a achá-lo odioso. No entanto, foi ele quem me ajudou a descobrir a razão do mutismo de Milvane, motivo muito simples, e que eu deveria ter descoberto sozinho. Com o estrabismo simulado que, nele, correspondia a um sorriso, tocando-me de leve, Calandri sussurrou com voz mal perceptível: — Você... Hurra... — Compreendi: Milvane estava com outra crise de ciúme.

Desta vez fui obrigado a reconhecer para mim mesmo que esse ciúme não era injustificado. Que necessidade tinha eu de correr atrás de aventuras com uma cientista mais idosa que a minha companheira habitual, e muito menos atraente? Milvane não podia compreender a curiosidade científica que me havia arrastado. Aliás, eu não tinha o menor desejo de divulgar essa curiosidade. Teria sido perigoso.

Recorri, portanto, aos meios habitualmente empregados em casos desta ordem. Quero dizer: aos que já havia experimentado sobre a Terra, nos meus tempos, e cuja eficácia conhecia. Sem ser um Dom Juan, eu tivera de enfrentar cenas semelhantes, algumas vezes.

Depois que Milvane, reconquistada, dignou-se aconchegar-se a mim, foi Calandri quem se encarregou de alimentar a conversa. Ele não havia saído da sala durante a reconciliação. As idéias dos sub terráqueos sobre o pudor diferem das nossas, isto é, das do meu tempo. Enquanto nos ia aspergindo complacientemente com ares de luxo, utilizando diversos vaporizadores, conversava com Milvane, em frases cujo sentido me escapava, mas que deviam ser banalidades. Meu pensamento seguia um curso diferente.

Parecia-me que a presença e os gestos do efebo deviam lembrar um pormenor qualquer, uma recordação confusamente recalcada em minha memória... Uma coisa qualquer, de certa importância, e que eu prometera a mim mesmo elucidar. Mas, o que seria?

E, de repente, fez-se a luz. Não me tinha alguém (mas quem?) dito que Calandri estivera relacionado com os seis na manos, os misteriosos seis na manos, cujo nome já era por si mesmo um enigma? Formulei em voz alta o meu pensamento, dirigindo-me a Milvane: somente ela me poderia servir de intérprete. Mal compreendeu, ela agarrou com unhas e dentes o que na certa lhe pareceu uma oportunidade para reafirmar a sua posição. Os sesnâmanos!^{8} exclamou... (parecia-me agora que ela pronunciava "seis naso nanos") Sim, Calandri irá vê-los com você. Prometa-me, porém, que nunca mais há de voltar à casa de Hurra.

Prometi, sem a menor hesitação. Hurra já não tinha muita coisa para me ensinar.

Entretanto, como poderei jamais afirmar que não tenho mais o que aprender de alguém, ou sobre alguma coisa, num mundo como este? Esse Calandri, que eu menosprezara desde o início, possuía também desde o início o poder de me descerrar as portas de um universo grotesco e feérico, inteiramente unsuspeitado.

Os seis naso nanos! Sim, tratava-se mesmo de anões, mas não de narizes. Aliás, seria realmente esse o nome do fenómeno?

Chi lo sa? Eis, porém, o que pude ver.

Numa caverna adjacente à cidade industrial, compacta multidão traz à minha memória os homens acorrentados da caverna de Platão. Ó recordações clássicas!

Para dizer a verdade, os zeroís não estavam acorrentados, pelo menos materialmente falando. Mas isto não fazia muita diferença. Os olhos pregados ao fundo da caverna mantinham-nos tão rigidamente imóveis quanto o poderiam fazer as barras de ferro.

Sobre o fundo achatado e luminoso da caverna — não só luminoso como também violentamente iluminado, via-se apenas uma infinidade de serpentes, de serpentes ou de fitas, não se sabia ao certo. Brilhantes, coloridas, furta-cores, enrolavam-se e desenrolavam-se, enlaçavam e entrelaçavam seus anéis e novelos, enquanto, imóveis, e fascinados, os zeroís ficavam a contemplá-las.

E era só o que se via. Nada mais. Por certo, a variedade das contorções coreográficas daquelas estranhas imagens era realmente infinita. É de crer, entretanto, que elas sejam dotadas, além disso, de algum poder mágico. Pois, enquanto dura o espetáculo, os zeroís se revelam absolutamente incapazes de arredar pé. Quando se extinguiu a dança das faixas multicoloridas sobre o fundo da caverna, eles se ergueram tateando e foram embora, pesada e lentamente, como se estivessem embriagados.

Mas não se interrompeu por isto a atividade na caverna mágica. Mal acabara de escoar-se a multidão de zeroís que outra multidão, vinda de outro subterrâneo, já acorria a substituí-la. E já voltavam a ondular sobre o fundo liso e aplainado as leves serpentes de todas as cores. Como o espetáculo já não oferecia nenhuma novidade, procurei dar a entender a Calandri que eu desejava ver de perto o mecanismo, visitar de certa forma os bastidores.

Mas Calandri não chegava a compreender. Creio que, no fundo, é um *minus habens*. Ou pelo menos, um embrutecido, abobalhado pela sua existência de parasita.

Mais uma vez, foi Milvane quem me serviu de intérprete. Completamente tranqüilizada com relação aos meus sentimentos, ela grudava-se friorentamente a mim. Com efeito, a temperatura da caverna dos seis nanos era acentuadamente inferior à que costuma predominar na Subterra. O ar que ali se respirava era de má qualidade: talvez se considerasse perigoso habituar os zeroís a uma outra atmosfera.

Tendo compreendido meu desejo, Milvane nos arrastou para um corredor lateral. Demos alguns passos numa semi-escuridão. Cansados pelo espetáculo furta-cor, meus olhos mal distinguiam uma mancha indecisa no fundo da passagem. Desembocamos, de repente, num camarim bastante amplo e hemisférico, onde se agitavam estranhas criaturas. Elas corriam, se agitavam, disparavam zigzagueando em todas as direções, à maneira de ratos — de ratos gigantes. Esta semelhança com camundongos ou ratos era ainda mais acentuada pelo cinza-escuro dos toões. Mas, logo que os observávamos com atenção, não havia possibilidade de erro: eram homens. Sim, eram homens — ou mulheres; mas, seja como for, seres humanos. Só que anões. Dir-se-ia que eram gnomos, kobolds, executando não sei que tarefa misteriosa, envoltos em sua barba grisalha metamorfoseada em vestimenta. Ou, quem sabe, minúsculos jóqueis revestidos de uma libré

felpuda, correndo como loucos à procura de seus cavalos, desaparecidos cinco minutos antes das corridas.

Mas o que faziam ao certo? Não assumo o encargo de o dizer. Os pormenores de sua atividade estão fora do meu alcance, e assim hão de estar durante muito tempo, sem dúvida, ou talvez para sempre. As atrapalhadas explicações de Milvane e de Calandri, ambos subitamente muito loquazes, me garantiram que eram realmente eles os seis naso nanos. Contudo, embora fossem mesmo anões, eram muito mais de seis. Por que seis, então? Não me peçam para elucidar este mistério, Não me interroguem muito a este respeito. O que pude, ou julguei ver, foi apenas que aqueles anões com jeito de feiticeiros iam constantemente apanhar num armazém uma espécie de odre, que transportavam para outro camarim bem mais apertado que aquele onde nos encontrávamos, e situado bem por cima da tela. Os odres continham eflúvios luminescentes, que produziam as ondulações multicoloridas que descrevi.

Surpreendeu-me o caráter primitivo do processo, que me pareceu pouco de acordo com as maravilhas técnicas que eu entrevira ou admirara com tanta freqüência neste mundo supercivilizado. Tentei comunicar minha surpresa a Calandri. Creio que ele me compreendeu; mas respondeu com expressões que não entendi. Milvane meteu-se imediatamente na conversa e condensou o discurso do efebo numa explicação que me surpreendeu ainda mais que o próprio fenômeno a ser explicado: aquilo era arte.

Aparentemente, os pubilos que se dedicam a este tipo de espetáculo teriam podido perfeitamente adaptá-lo aos recursos mecânicos, se assim o quisessem. Mas estão todos de acordo quanto a repelir desdenhosamente esta idéia. Se, por exemplo, os odres luminógenos fossem transportados para cima da tela com o auxílio de mecanismos, aquilo deixaria de ser arte. Ao passo que os seis naso nanos (parece-me que seria melhor escrever: os seis nato nanos), os seis nato nanos, esses sim, eram artistas. Artistas selecionados e treinados durante muito tempo. Daí a semelhança entre eles, o seu ar de família. Não serviam para outro trabalho, e só eles o poderiam executar corretamente, isto é, artisticamente.

Mas já Milvane e Calandri estavam a falar de outra coisa. Disputavam-se ambos — talvez fosse melhor dizer: ambas — o prazer de me dar informações. No meio de sua parolagem, surgiam para mim, de quando em quando, imagens fulgurantes ou barrocas. Os seis nato nanos representavam apenas uma parcela da vasta empresa de divertimentos públicos, através da

qual os bovrilos reforçavam o domínio que exerciam sobre o povo zeroí. Naquela mesma sala, onde assistira à dança das fitas fascinantes sobre a tela mágica, eu devia assistir a outro espetáculo. Desta vez, vindo não mais do teto e sim do solo, surgiam, subiam pequenas bolas de formas e dimensões diferentes, pintadas com as mais diversas cores. Mas essas cores se distribuía de modo a compor, quase o tempo todo, formas bastante identificáveis. Ora fisionomias grotescas e caricatas como máscaras carnavalescas: cabeças amarelentas com ríctus asiáticos, ogres de tremendos bigodes, ogras e megeras, fúrias e harpias; ou, pelo contrário, fisionomias seráficas de fadas ou querubins, de infinita doçura. Havia também paisagens completas, lembrando tudo que eu já conhecia do mundo subterrâneo; cidades suspensas, parques presos ao teto e aéreas pradarias de cogumelos dourados e de pálidas samambaias, cidades industriais, com suas encruzilhadas, onde se erguia a alta silhueta dos zanganos. E mil coisas mais.

Essas bolas, exatamente iguais às das crianças, eram cheias de hidrogênio, um subproduto da indústria aerígena. Quanto aos desenhos que as ornamentavam, julguei que fossem obra dos anões, porém Milvane corrigiu o meu engano. Tratava-se de uma tarefa altamente especializada, que os bovrilos confiavam exclusivamente a alguns pubilos, integrantes de uma casta especial de funcionários, a um só tempo extremamente dóceis e ferozmente orgulhosos: os zintelos-escuelos. A dita casta comporta, aliás, inúmeras subclasses, que se odeiam e rivalizam entre si de maneira atroz por uma infinidade de questões de precedência, considerando-se cada uma delas superior às demais. Mas os zintelos são, indiscutivelmente, servidores muito úteis aos bovrilos; pode-se até dizer que seu trabalho é indispensável ao bom funcionamento das fábricas de fantasmagorias e dos aparelhos ilusionistas. Trabalham também nas bombas célebres, que prometeram levar-me a visitar. Mas, sejam quais forem os talentos e os méritos desses homens, eles são todos escravos de um recipiente em forma de escudela que, graças a uma dessas coincidências por vezes encontradas em lingüística,^{9} é designado, com efeito, na linguagem subterrânea, com o nome de "escuelo". O dito escuela lhes é oferecido, periodicamente, repleto de um caldo bovrilo, assim chamado por ser fornecido pelos bovrilos, os únicos conhecedores e detentores de sua fórmula. Sem esse escuela, os zintelos não poderiam viver. De modo que, apesar de toda a sua arrogância,

estão sempre prontos a rastejar como lesmas, assim que ele lhes é oferecido por algum bovrilo.

A escolha das cenas ou dos personagens pintados sobre as bolas ilusionistas depende portanto inteiramente do capricho dos bovrilos. Esqueci-me de dizer que essas cenas, assim como as próprias bolas, se chamam mantrys. A preferência dos bovrilos foi há muito tempo conquistada por certos tipos de mantrys; e, de tanto os ver e rever, os zeróis também aprenderam a apreciá-los.

Antes de tudo, há cenas movimentadas, inspiradas pela existência religiosa dos ladrões ou contrabandistas atmosféricos. Eles fizeram subir diante de mim, bem devagar, uma série completa de mantrys dessa natureza. Num deles, um ousado contrabandista esgueirava-se na penumbra das cavernas acidentadas, por trás dos zanganos-guardas de alfândega, com intenção de atingir as criptas-despejos. Noutro, os zanganos descobriam os ladrões e punham em ação os seus parachores. Como fiquei sabendo nessa ocasião, é este o nome das armas semelhantes a ventoinhas, cuja utilização eu já havia presenciado em diversas excursões, porém muito mais poderosas que elas. Os contrabandistas, por sua vez, também sabiam como arranjar armas, embora o comércio dos parachores fosse proibido, de modo que o resultado freqüente era o grande número de mortíferas escaramuças. Mas os zanganos sempre acabam vencendo. A julgar pelos mantrys, pelo menos. Zombando, Calandri soprou-me ao ouvido que nem sempre era assim. Em seguida, vi subir dos celeiros para o firmamento outra série de mantrys mostrando nos mínimos detalhes um sem-número de cenas voluptuosas, alegres ou engraçadas, geralmente copiadas da existência dos bovrilos da categoria mais elevada. De tanto ver essas cenas, contou-me Calandri, os zeróis terminam convencendo-se de que também são bovrilos e esquecem a opressiva realidade de seu verdadeiro destino. Gostam de ver as gordas bovrilas se embriagarem às ocultas com coquetéis vibratórios, em companhia de seus gigolos; divertem-se vendo as mais altas personalidades do Estado embrutecidas durante horas sob a ação do brevo, ou entregues aos requintes inimagináveis de seus ignóbeis e clandestinos amores com seus respectivos cubilos. Embora muitos desses miseráveis (refiro-me aos zeróis) estertorem por falta de ar durante toda a revolução do giroscópio, eles não hesitam em sacrificar sua tigela de ar para comprar mantrys. É uma fonte inesgotável de riqueza e poder para a Bovrílca (é assim que se costuma designar o Estado bovrílico).

Enquanto Calandri e Milvane me iam comunicando todas essas informações em seu linguajar irregular, subiam ininterruptamente do solo cimentado para o teto novos modelos dessas gigantescas bolhas de sabão, irisadas e permanentes. A algumas tinha sido possível conferir formas quase geométricas: cubos, tetraedros, octaedros, de lados ligeiramente arredondados; e outras, e mais outras; bexigas oblongas ou ovais, melões aéreos de gomos profundos, e outros em forma de peixe-martelo, de cetáceos ou submarinos, pululavam diante de meus olhos espantados. Mas o excesso de espanto degenerou em cansaço; comuniquei-o a Milvane que retrucou informando que, no entanto, não se fizera nada de excepcional ou de excessivo em meu benefício. Permite-se que os zeróis possuam no interior dos odres tantos mantrys quantos possam adquirir; e chegam por vezes a acumular tamanhas quantidades que se torna impossível avistar as paredes rochosas, negras e gordurosas de suas miseráveis cavernas; elas desaparecem por completo, ocultas por cortinas de mantrys.

Esta alegre encenação poderia bastar para disfarçar a horrenda tristeza da existência zeróica se, apesar de tudo, a asfixia crônica não se incumbisse, a cada instante, de lembrar aos zeróis que eles não passam de zeróis. De modo que se faz necessário recorrer ainda a outros meios para aplacar a ameaçadora inquietação sempre latente entre eles. Assim, foi-lhes concedida a regalia dos jornais da tela e dos jornais falados, muito embora estes sejam, em princípio, invenções para uso exclusivo dos pubilos. Todavia, a invenção com a qual mais se conta para extinguir o incêndio sempre incubado, não só entre os miseráveis zeróis como também, segundo confessou Milvane, entre boa parte dos pubilos, é a das bombas célebres, por vezes designadas como bombas de informação. Já fazia muito tempo que eu ouvia falar nessas bombas. Perguntei se não seria possível ir vê-las imediatamente, pois, como já disse, já começara a me cansar dos mantrys.

— Daqui a pouco, — respondeu Milvane. — Vai ser fácil. Calandri tem amigos entre os bombeiros-informadores. Mas a visita ao museu de mantrys ainda não acabou. Ainda falta ver uma coleção.

Submeti-me a esta exigência de muito má vontade. Estava, por assim dizer, com uma indigestão de mantrys e impaciente por ver o funcionamento das bombas e as manobras dos bombeiros. Enganava-me, porém. A última coleção de mantrys era a mais interessante de todas.

A exibição se fazia noutro hangar. Quando atingimos a espécie de compartimento, de gigantesco boxe sobre cujo fundo passavam e

repassavam esses mantrys, eu me julguei a princípio transportado para o interior de uma dessas cavernas de demônios ou diabos de que falam os contos árabes. Por toda parte, eram só rostos contorcidos e demoníacos, monstros, horrores e pesadelos. Um carnaval insensato e macabro, delirante. Cabeças barbudas, eriçadas e chifrudas; goelas de dentes agudos, ríctus de feiticeiras e máscaras mongólicas; dragões eriçados de espinhos, com focinhos alongados e recurvos como lâminas de sabre; licórnios flamejantes, com peito de quimera e cauda de crocodilo ou de escorpião gigante. Por toda parte, ódio, maldade, ameaça. Tudo o que a imaginação mórbida, alimentada pelos velhos contos da carochinha sobre lobisomens, fantasmas, vampiros, bruxos, pode gerar de mais horrível ou repugnante estava ali reunido. Rostos enegrecidos com olhos avermelhados, dentes de uma brancura aguda e prontos para morder, morcegos com cabeça humana, horríveis, silvantes, rastejantes, fervilhantes, com garras, gadanhos e velos, serpentinos, viscosos e venenosos. Não faltava nada.

Uma vez dominado o primeiro estremecimento de repugnância, impressionou-me o caráter arcaico da coleção. Até a mim, homem do século XX, aquelas imagens pareciam antigas, infinitamente velhas, vindas da infância da humanidade. Para que serviriam elas? Manifestei a minha perplexidade:

— Eu acreditava que o objetivo dos mantrys era acalmar os zeróis, criar para eles um mundo de fantasia, onde ficariam sossegados entre belas imagens... Mas, neste caso, para que servem estas?

Ao que parece, minha pergunta estava acima do nível intelectual das minhas companheiras. Antes de responder, Calandri dirigiu-se a um velhinho barbudo (que talvez fosse alguma velhinha barbuda: não me esquecia de Hurra) que parecia ser como que o conservador do museu, desse museu de horrores. O velho chimpanzé, ou a velha macaca, respondeu de maneira muito afável, e transmitiram-me a sua resposta. Aqui vai ela, tal como a compreendi:

— Em geral, sim, você tem razão: a idéia é acalmar os zeróis. Existem, contudo, circunstâncias em que é vantajoso e até necessário excitá-los. Em primeiro lugar, quando estão de tal forma exacerbados que não há mais jeito de contê-los, ou quando existem indícios seguros de que isto está prestes a acontecer. Nesse caso, lança-se mão rapidamente dos espantalhos que acabam de ver. Atiram-nos em nuvens ofuscantes, que desorientam as populações zeróicas, permitindo que elas sejam levadas para onde se quer e

como se quer. É assim que elas são levadas a lutar umas com as outras, em lugar de lutar contra os zanganos, perturbando a ordeni em La Pah-Trih: ou então, quando seu número aumenta excessivamente, mandam-nos lutar contra longínquas Trihs. Para isto, entra-se em entendimento com os bovrilos da cidade em questão, quando não são eles que buscam entender-se com os nossos bovrilos. De ambos os lados, cuidam de enlouquecer os zeróis com o auxílio desses velhos mantrys diabólicos e, quando já não estão sabendo o que fazem, atiram-se uns contra os outros. Morrem centenas de milhares antes que eles se acalmem e, depois disto, respira-se mais desafogadamente nas cavernas, durante algum tempo.

Esta resposta me deixou pensativo. Desvendava-me horizontes insuspeitos. Outras cidades? Quer dizer que havia outras, e todas subterrâneas? Até aquele momento eu julgara que La Pah-Trih fosse o último remanescente da mísera humanidade...

Mas não tive tempo para prolongar estas reflexões. Milvane arrastou-me para longe da macaca sábia. Depois de minha aventura com Hurra, ela imaginava que eu tivesse alguma preferência por belezas desse tipo. Deixei-me levar sem resistência, pois Calandri anunciava que íamos finalmente visitar as bombas e bombeiros célebres.

Tínhamos que percorrer um trajeto bastante longo. Mais uma vez, tivemos de usar os patinetes de um mono- trilho, tivemos de tomar vários ascensores e descensores. A única observação interessante que fiz ao longo do percurso foi que a Subterra me parece mais vasta a cada dia que passa. A princípio, eu só lhe conhecia um pequeno recanto, e julgara que o mundo subterrâneo não passava daquilo. Agora já estou concebendo a Terra como uma esponja. E quem lhe povoa os alvéolos é o micróbio humano. Mas eis-nos chegados à cidade das famosas bombas. O conjunto lembra um pouco o das cidades industriais, porém o aspecto geral é mais alegre e ainda mais animado. Chega a haver barulho. Aqui, a terra é habitada tanto em cima como embaixo. Povoam o firmamento rochoso procissões de enormes lagartas: quero dizer que lá estão presos vastos hangares, enquanto sobre o solo verdadeiro, cuidadosamente aplainado, desabrocham, como margaridas num prado, casinholas semelhantes a abrigos ou depósitos de cantoneiros. Só que estas são de granito. E uma rede de fios liga o firmamento ao solo; aliás, aqui, esses fios estão mais próximos que na maioria das cavernas; e o conjunto lembra um teatro de marionetes, cujos bonecos, movidos por esses fios sem conta, são os inúmeros pubilos que se agitam de todos os lados.

Sinto-me mais uma vez submerso por um vagalhão da atmosfera de sonho que me envolve de quando em quando. Observo, entretanto que há muito menos ordem aqui que nas cidades industriais. Quase todos os macaquinhos que passeiam por toda parte os seus toões cinzentos afetam atitudes naturais. Atravessamos a multidão; chocamo-nos contra ágeis pubilos, que caminham rapidamente carregando estranhos fardos semelhantes a coroas fúnebres ou a almofadas de couro. Atingimos uma plataforma de granito cinzento, talhada no próprio solo e sobre a qual se ergue um edifício metálico que lembra ao mesmo tempo a torre Eiffel e um gigantesco guindaste a vapor. Bem lá em cima, balança-se uma cabinezinha cristalina, suspensa como uma lanterna ou como uma gota de orvalho. No interior da construção metálica, acolhe-nos um ascensor. Um estremecimento brusco, um estalido anunciando a chegada e a cabine do ascensor despeja-nos no cubículo de cristal. Muito maior do que aparentava, vista de baixo, a cabine está repleta de teclados e alavancas, de cornetas aparentemente acústicas, de uma infinidade de objetos bizarros, reluzentes ou rugosos, maciços ou laminados. Tem algo de posto de agulheiro e de consultório de dentista. É, no meio, um homem com algo de bovrilo e de pubilo ao mesmo tempo. Assim como de gorila. Seu crânio é branco como mármore e seu toão tem reflexos esbranquiçados, como o dos macacos velhos. No entanto, seu rosto plúmbeo tem um certo quê que lembra o meu tempo. Os velhos cabotinos de fisionomia devastada pelos cosméticos tinham essa aparência. E assumiam esta atitude quando encarnavam os capitães de indústria. Mas este não é um capitão de indústria. Milvane me prevenira, no ascensor, de que se tratava de um dos mais importantes Ordenadores das bombas célebres. Portanto, seria antes um capitão de bombeiros.

Curioso, ele me examina, com a curiosidade peculiar a este mundo. Uma curiosidade fria, apenas visível, porém intensa e desdenhosa. Sinto-me, mais do que nunca, um antropiteco primitivo exposto aos olhares dos civilizados. Mas não por muito tempo. O Ordenador recebeu ordens para nos acompanhar numa visita; ele apenas cumpre ordens. Parece que, à minha maneira, sou um visitante de categoria. Ou talvez desejassem observar minhas reações. O senhor Ordenador convida-nos a nos aproximarmos de um quadro feito de porcelana esmaltada (naturalmente, refiro-me apenas ao aspecto; pode ser algo totalmente diferente). Vejo logo que é uma espécie de mapa da Subterra, e eu o examino avidamente. Identifico a posição de La Pah-Trih, das cavernas zeróicas, da chaminé que

me levou aos desertos superficiais. Graças às diferentes tonalidades atribuídas às zonas da mesma espécie, consigo interpretar as partes do mapa que correspondem a regiões ainda desconhecidas — desconhecidas por mim. E vejo logo ao primeiro olhar que as cavernas dos zeroís são muito numerosas, muito mais numerosas do que eu havia imaginado. Mas talvez eu esteja me enganando mais uma vez. Talvez o mapa não seja completo. Provavelmente, não é. Talvez tenha sido traçado com o objetivo expresso de representar, sobretudo as regiões zeroícas, para maior comodidade dos empregadores... Nosso anfitrião fala. Fala e gesticula, aponta para diversas manchas na superfície envernizada do plano, puxa alguns comandos... Milvane e Calandri falam também, ora com ele, ora comigo. Falam e "vibram" ao mesmo tempo, se é que se pode qualificar de vibração esse meio de comunicação que, entre eles, completa e por vezes substitui a palavra. Essas coisas todas me dão vertigens. Já não estou muito certo do que ouço e compreendo. Como de costume, só me é possível transmitir um resumo de minhas interpretações, bastante sujeitas a enganos.

Ao que parece, estamos aqui no posto de comando de um vasto centro de distribuição dos gases. Vindo de todos os lados, convergem para esta usina, ou dela irradiam — pois esta cidade é também uma usina, — tubulações que, segundo a descrição que delas me fazem, assemelham-se bastante às que outrora transmitiam as mensagens pneumáticas. Mas aqui o que se transmite não é a correspondência, e sim gases. Não gases asfixiantes nem ares de luxo, mas sim gases anestésicos. Todas as vezes que a carência de ar se faz sentir de uma maneira mais particularmente dolorosa (sobretudo nas cavernas dos zeroís, evidentemente), as vastas máquinas desta usina, e de outras semelhantes, recalcam para os formigueiros zeroícos nuvens analgésicas, que enchem os pulmões dos zeroís e obnubilam os seus cérebros. Esses gases têm, além disso, a propriedade de paralisar os músculos do tórax, pelo menos parcialmente, e os que sofrem sua ação são obrigados a diminuir o número e a intensidade de suas inspirações, e o resultado é uma sensível redução no consumo de ar nas cavernas onde são injetados. Daí, uma grande economia. Para dizer a verdade, nos zeroís submetidos a este tratamento verifica-se um empobrecimento e uma atrofia dos tecidos dos diversos órgãos, com possibilidade até de redução da duração média da vida, embora os sujeitos não se dêem conta disto e não experimentem o menor sofrimento. Indiscutivelmente, esta semiparalisia

respiratória lhes é muito menos dolorosa que a asfixia pura e simples. Muitas vezes, chega a acompanhar-se de sensações agradáveis.

Aliás, os zeróis são obrigados a pagar para gozar dos benefícios da anestesia proporcionada pelas bombas célebres, e acreditam, com toda a boa fé, que compram essas nuvens tal como compram a sua tigela de ar. Na verdade, as nuvens anestésicas lhes são fornecidas por preço bem inferior ao do ar verdadeiro, e procede-se de maneira a que elas nunca lhes venham a faltar. Embora existam medidores e distribuidores especiais para medir o consumo do Burdje-Krani (nome comum e genérico dos gases asfixiantes) distribuído nas cavernas, nunca se permite, sob pretexto algum, que esses medidores e distribuidores permaneçam inativos. Seja como for, mesmo quando funcionam normalmente, eles são economicamente deficitários. Trata-se, no fundo, de uma instituição pública subvencionada pela Bovríllica. Entretanto, este fato é mantido em cuidadoso sigilo no que respeita aos zeróis. Considera-se preferível que eles acreditem de boa fé que compram o burdje-krani, como qualquer outra mercadoria.

A esta altura da conversa, se é que esta troca de frases, mais adivinhadas que compreendidas, merece o nome de conversa, não me pude impedir de fazer um comentário bastante tolo.

— Mas — disse eu —, se os bovrilos gastam tanto para fabricar e distribuir, afinal de contas, gratuitamente, esse burdje-krani, por que não usam os recursos assim consumidos na fabricação e distribuição gratuita do ar? Parece-me que com isto todo mundo ficaria satisfeito.

Para apresentar esta pergunta ao Ordenador, eu era forçado a usar Milvane como intérprete. Apesar de minha insistência, ela recusou obstinadamente traduzir a pergunta, que lhe parecia descabida. Mas o Ordenador percebeu o que estava acontecendo. Dirigiu o olhar para Milvane e "vibrou", não sei bem de que maneira. O certo é que Milvane cedeu incontinenti e traduziu a minha interrogação. O Grande Ordenador envesgou um olho na minha direção, com um ar de desdenhosa piedade, e Milvane transmitiu logo a resposta:

— Isto custaria muito mais caro. O burdje-krani e as bombas célebres equivalem, no máximo, ao preço de custo daquilo que no seu tempo se chamava, se não me engano, apólice de seguro.

Senti-me aturdido pela minha tolice e pela erudição do Grande Ordenador. Este silenciou, para se deliciar com o efeito produzido — ou para dar ao meu fraco intelecto tempo para compreender. Retomou em seguida a

conferência no ponto em que a havia interrompido. Sem dúvida, os temas tratados não deviam ser habitualmente ventilados e discutidos, pois Milvane e Calandri mostravam-se claramente tão interessados quanto eu.

Há relativamente poucos zeróis trabalhando nas bombas célebres. Os pobilos encarregados do serviço das caldeiras onde se formam as nuvens-ilusões e os que manobram as bombas ejetoras são chamados dzurs. Quando se trata de funções delicadas, o que sempre acontece, alguns dzurs, sobretudo os que elaboram as várias fórmulas do burdje-krani, são recrutados entre os zintelos-escuelos, e todos eles compartilham do orgulho e do espírito de casta desse grupo.

Tive a impressão de que havia certa ironia na exposição que o Ordenador me fez sobre estes últimos fatos. Aventurei-me, portanto, a formular outra pergunta, mais bem recebida que a anterior, e fiquei sabendo, sem dificuldade, que os mais orgulhosos dos dzurs não passavam de simples operários aos olhos dos Grandes Ordenadores. Eles eram também muitas vezes tão pobres quanto os mais pobres zeróis; e até viviam freqüentemente entre eles e como eles, só se afastando da caverna zeróica para ir servir à máquina que envenenava os seus companheiros de miséria, retornando em seguida para absorver sua cota do veneno que eles próprios haviam fabricado.

Voltemos, porém, à técnica. Era preciso, pois, conforme nos comunicou o Ordenador, tratava-se de uma necessidade do ofício variar constantemente a fórmula da composição das nuvens burdjekrânicas. Este veneno, com efeito, tinha a peculiaridade de criar logo um hábito que, por sua vez, provocava uma repugnância. Fornecer ao povo dos zeróis, em cada revolução giroscópica, o mesmo tipo de burdje levaria com mais certeza à revolta que se os deixassem entregues ao suplício da asfixia sem nenhum lenitivo. Recorria-se, portanto, aos zintelos, que não se negavam a prestar serviços, contanto que lhes enchessem os escuelos. Embora quase nunca comparecessem pessoalmente às usinas, seu papel era muito importante. Elaboravam a domicílio, em residências parecidas com as de La Pah-Trih (onde, aliás, muitos viviam), fórmulas sempre novas. Jovens zeróis, que lhes serviam de criados, levavam essas fórmulas às usinas e às cabinas dos ordenadores, contribuindo assim para o vaivém que eu havia observado na cidade baixa. As fórmulas, redigidas sobre lâminas de berilo, ou transmitidas por ondas telefônicas, constituíam, a bem dizer, o que se denominava informashun, termo a cujo respeito eu me equivocara a

princípio, quando julgara poder afirmar que as bombas célebres eram também designadas como bombas para informação.

Havia uma infinita variedade de informashuns. Nem todas gasosas ou nebulosas. Muitas se apresentavam sob forma viscosa, e em diferentes estados de viscosidade ou mucosidade. Semilíquidas, elas eram espargidas sobre as cabeças dos zeroís, sob a forma de impalpáveis gotículas pulverizadas. Dispunha-se para isto de gigantescas regadeiras. E, naturalmente, havia um corpo de regadores para manobrá-las. O Grande Ordenador pronunciou reiteradas vezes, com um orgulho muito legítimo e que enrubescia o seu crânio liso, uma frase que me foi traduzida nos seguintes termos: "Temos todas as variedades possíveis de regas, regadeiras e regadores."

Foi até com esta frase que se encerrou a entrevista, pois o assunto estava praticamente esgotado e chegavam mensageiros com novas fórmulas. Houve uma breve troca de salamaleques subterrâneos, aos quais nunca consegui habituar-me inteiramente. O Grande Ordenador nos deu bruscamente as costas, o que representava uma maneira muito gentil de se despedir.

Deixamos a cabine de cristal por uma saída diferente da que usáramos ao entrar. Fomos aspirados por um descensor, que nos sacolejou no meio de um emaranhado de traves e nos depositou numa parte ainda não visitada da cidade das bombas. Acotovelamo-nos, de passagem, com um grupo atarefado daqueles sagüis que eu já observara ao chegar e que eram, como estava sabendo agora, os portadores de informashuns. Empurravam-nos, gritando muito alto sempre a mesma fórmula, que me orgulhei de ter compreendido sozinho, ou quase, pois se relacionava com as explicações que me acabavam de dar: aqueles homúnculos ágeis e melancólicos gritavam, ou melhor, urravam: Burdje tzara Krani! Burdje tzara Krani! O que queria dizer (não tive necessidade de grandes explicações): Deixem passar a consciência do povo!

Quantas vezes há de soar em meus sonhos esta espécie de lamento berrado? É curioso, com efeito. Eu retornara abatido e deprimido dessa visita às bombas célebres. Não sei porquê, este mundo tão singular, cujas maravilhas, incessantemente renovadas, a princípio me fizeram esquecer o atordoamento da minha desambientação, surgiu-me então sob as cores mais sombrias: empanado, hediondo, repugnante.

Eu percebia perfeitamente, logo que fazia apelo à minha razão, que cometia uma tríplice injustiça ao julgá-lo desta maneira. Era dar muito pouca importância às maravilhas de engenho e organização, aos prodígios de inteligência e dedicação, cujos testemunhos eu via por toda parte. Porém, sentimentos como os que eu estava experimentando, embora não resistam a uma análise fria, nem por isto deixam de persistir, apesar de tudo o que a razão lhes pode contrapor. O coração tem razões que a razão desconhece... Quem foi mesmo que disse isto? Já não consigo me lembrar... Mas foi com toda a certeza algum pensador genial.

Durante várias revoluções, minha existência prosseguiu sem incidentes. Existência de pessoa ociosa, de bicho de zoológico, recolhido a um zoo ideal e aperfeiçoado, onde tudo é disposto de maneira a lhe dar a ilusão da liberdade. No entanto, já não consigo alimentar esta ilusão. Mal-humorado com Milvane, que se empenha em mostrar-se amável, vendo que não tenho intenções de tornar a encontrar Hurra. Ela é tão primitiva! A coitadinha tenta distrair-me à sua maneira. Leva-me a visitar algumas bovrilas... Insuportáveis essas macacas peludas e barrigudas, e ainda por cima carecas, que olham para mim como os parisienses olhavam para as alegorias dos cortejos carnavalescos. Mantenho-me num silêncio rabujento, mas elas ficam encantadas com isso; era realmente assim que imaginavam o homem primitivo. E, ao meu redor, vibrações e mais vibrações, ondas fúteis de lá e de cá, coquetéis elétricos, esbanjamentos de bolhas transparentes de aromas infinitamente variados. Permaneço indiferente; essas coisas deixaram de me interessar. Dou-lhes as costas, no que elas vêem uma prova de deferência, e fico a contemplar, pelas largas janelas de seus luxuosos sótãos suspensos, as perspectivas invertidas de La Pah-Trih.

Uma cerimônia a que me levaram Milvane e Calandri, imaginando distrair-me, contribuiu para agravar ainda mais o meu marasmo. Trata-se do exterro de um zeroí. Nada de extraordinário, em geral. Aquele, porém, morrera em circunstâncias extraordinárias, que transformaram o zeroí em herói. Fora tomado de vertigem enquanto cumpria o dever nacional e caíra no dispote, isto é, na canaleta dos excrementos. Essa canaleta é mais larga do que me parecera, vista de longe, e tudo leva a crer que é possível alguém afogar-se ali. Foi o que aconteceu com o nosso zeroí. Retiraram-no já morto e coberto de san. Para homenagear essa vítima do dever, o conselho bovrílico decidiu que suas obséquias seriam celebradas com pompas iguais às de um bovrilo de primeira grandeza. Resolveu-se até reviver um antigo costume e

pronunciar discursos sobre o cadáver ensantado.^{10} Coisa que já não se fazia há muitos séculos.

De modo que assisti mais uma vez a esta desagradável cerimônia do exterro. Não tornarei a descrevê-la pormenorizadamente. Esta, aliás, prolongou-se mais que a do exterro do grão-mestre da Grande Coneria, o falecido amigo de Calandri. Fizeram tudo para aumentar a solenidade do ato. La Pah-Trih em peso compareceu: cerdotes e mochas, bovrilos e bovrilas, e toda a elite dos pubilos. Observei até, nas orlas do ajuntamento, indivíduos que me pareceram zanganos, de um porte excepcional e trazendo nas mãos objetos parecidos com bilboquês negros. Interroguei Milvane. Sim, são realmente zanganos de uma categoria especial, os chamados gorilos. Recorre-se a eles apenas para reprimir as revoltas dos zeróis, quando as há. Em geral, são mantidos fora da cidade, em cavernas especiais. Segundo Milvane, sua presença ali prova que os bovrilos estão receosos e que os zeróis devem estar agitados. Parece-me, no entanto, que não há motivo para receios, visto como os zeróis não estão presentes: não foram convidados para o exterro de um dos seus. Nem sequer estão representados. Sim, mas foi preciso dar-lhes folga; não se podia fazer outra coisa. Neste momento, estão a perambular, desocupados, no interior de suas sombrias cavernas. Para falar a verdade, as bombas célebres estão em pleno funcionamento. Seu pessoal é o único a não ter folga e, assim, massas e mais massas de nuvens-ilusões vão sendo impelidas para as cavernas zeróicas. É óbvio que os seis naso nanos não interrompem a sua atividade, despejando mantrys em profusão.

Estas circunstâncias conferem um caráter bastante singular à cerimônia. Aparentemente, porém, tudo está calmo. Forma-se o círculo ao redor da maca provida de rodízios, sobre a qual está estendido o cadáver que exala a enorme distância odores nauseabundos e infectos. E, de fato, evitaram cuidadosamente livrá-lo da gloriosa matéria de que estava impregnado, e ele vai partir para a eternidade do inferno glacial revestido de sua mortalha de san. O odor da substância primordial mistura-se aos primeiros eflúvios da decomposição cadavérica e o conjunto constitui um perfume de poder sobre-humano, que envolve e impregna a assistência toda.

Um bovrilo alto e gordo se destaca do círculo, aproximando-se do derrisório e minúsculo catafalco. Cerca-o um grupo de mochas brancas que, de longe, parecem enfermeiras. Ele traz na mão uma lâmina de berilo. Põe-se a falar. É curioso: compreendo-o com muito mais facilidade que a qualquer outra

pessoa até agora, neste mundo. Lembro-me, porém, do que me foi explicado: recorreu-se a tudo para atribuir à cerimônia um cunho arcaico. De modo que o bovrilo devia estar-se expressando apenas com o recurso da palavra articulada e imitando a linguagem dos antigos da maneira mais fiel possível. Percebe-se, aliás, a sua falta de hábito. Ele hesita, gagueja, quase que soletra; é obrigado a consultar a folha de berilo a cada instante. Para dizer a verdade, sua memória poderia ter-se valido de outros meios: de mensagens ôndicas, por exemplo; mas não quiseram que isto acontecesse: isso teria comprometido o efeito artístico do conjunto. Além do mais, todas as emissões foram interrompidas momentaneamente, a fim de melhor reconstituir a atmosfera dos tempos de antanho.

E, com efeito, pelo menos durante alguns instantes, eu tenho realmente a impressão de estar tomando parte numa daquelas ridículas e fúnebres cerimônias do mundo antigo, nas quais um orador bisonho gaguejava dificultosamente algumas palavras banais, elogiosas e falsas, diante da "tumba recém-aberta" de algum "caro desaparecido", de um "saudoso confrade".

E o que consigo entender do discurso do bovrilo (pois, oh milagre! compreendo sozinho e sem nenhum intérprete diversos fragmentos do mesmo) não é de molde a desvanecer a minha ilusão. Lamentavelmente engroladas, chegam a meus ouvidos fórmulas para as quais, ao contrário do que sucede habitualmente, não me é nada difícil encontrar equivalentes no meu vocabulário: "Nós saudamos este bravo zeroí... vítima do dever... Ele tombou no san e é coberto do san, com que outrora se amortalhavam os deuses, que partiu para a sua derradeira jornada..." Esta última frase me parece quase elegante até o momento em que me lembro de súbito do verdadeiro sentido da palavra san no mundo subterrâneo. Não, meu caro e velho bovrilo, estás enganado; não era nesta púrpura que outrora se embebiavam as mortalhas dos deuses mortos...

Continuei a meditar e a dúvida se apoderou de mim. Estarei bem certo de que não se tratava desta púrpura? As mortalhas, por vezes, eram bem sujas...

Mas o bovrilo prossegue. Escapam-me algumas coisas. Mediante uma transição, que não cheguei a perceber, ele passou para a noção de pátria, de Trih:

"La Pah-Trih saúda neste zeroí um de seus mais sublimes filhos... A panachia toda conservará a sua memória e ele viverá para sempre no

coração dos panachia-nos... Em nome do arquimundo, dirigimos uma derradeira saudação fraterna à alma zeróica, que desfere o seu vôo para os mundos de cima!" Acabou-se. Imensamente aliviado, o bovrilo retoma o seu lugar no círculo, seguido pelas enfermeiras, de que parece estar muito necessitado. Mas o que terá pretendido dizer quando se referiu a panachia e panachianos? Enquanto o vaivém das mochas e dos cerdotes vestidos de almirantes servem de prelúdio à fase final da cerimônia, interrogo Milvane, que me elucida em poucas palavras. Parece que eu vinha cometendo até agora um contra-senso (o que não me espanta: não foi o primeiro, nem será o último). A palavra La Pah-Trih, que eu interpretara como sendo um termo genérico, é um nome próprio, o nome da cidade dos bovrilos, e nada mais. O conjunto do país, com as cidades industriais, os parques-grotões, as cavernas zeróicas, etc.... se chama Panachia, e o conjunto de habitantes, dos zeróis aos bovrilos, é conhecido sob o nome de panachianos.

Essas explicações são bruscamente interrompidas. O círculo de presentes alargou-se e ao mesmo tempo engrossou, e teve início o ignóbil jogo de bilhar em que o caixão rolante serve de bola. Dura muito tempo: é quase como uma partida de campeonato. E durante todo este tempo o cadáver fede, fede... As mãos das pessoas, bovrilos e mochas, cerdotes em uniforme de gala, velhas corujas e grandes dignitários, que lançam o morto de lá para cá, estão cobertas de san. E esses ilustres personagens também fedem, mas isto não parece perturbá-los. Na periferia da plataforma, as silhuetas dos gorilos se alteiam como estacas expostas ao vento, em torno de um circo, em dia de festa.

Até que, enfim, chega a última parte. O morto é içado para o alçapão, primeira etapa do trajeto que o deve levar a seu derradeiro destino. Adeus, bravo zerói! Vai alegrar o coração dos abutres negros. Mas quererão eles saber de ti, com tuas vestes de san? Talvez nem os lobos brancos, mais requintados que os homens, queiram tocar em teus despojos fedorentos...

Enquanto ia formulando mentalmente estas reflexões pseudofilosóficas, obedecendo a uma mania do meu antigo mundo, onde se queria, por força, que o espetáculo da morte predispusesse à meditação, a multidão se dispersava. Alguns pelos monotrinhos, outros pelos ascensores-descensores, todos se dispunham a voltar para casa. Embora não houvesse pressa, não deixava de haver um certo acotovelamento, e eu me vi separado um instante de Milvane e Calandri. Lancei um olhar a meu redor, julgando encontrá-los sem dificuldade, mas só avistei fisionomias desconhecidas.

Eu estava cercado quase exclusivamente de pubilos com tosões escuros e atitudes singulares. Em vez de continuarem a andar, sem me dar atenção, como seria de esperar, eles não se afastavam e não paravam de me examinar. Invadiu-me uma súbita inquietação.

Um dos pubilos, mais baixo que os outros, aproximou-se de mim. Apesar de minha crescente apreensão, julguei entrever em seus gestos e em sua atitude algo que me pareceu familiar. Enquanto fiquei a hesitar quanto à atitude que devia assumir, cada vez mais inquieto, o pubilo baixinho lançava olhares furtivos para todos os lados e, depois, se aproximou de mim subitamente, enquanto se apertava o círculo formado pelos outros. Quis recuar, livrar-me; era tarde demais. Um terror pânico retorceu-me as entranhas.

Para grande surpresa minha, não aconteceu nada. Nenhuma violência, pelo menos. O baixinho pespegou-se a meu lado e começou a falar, a falar comigo, sem olhar para mim. Pelo contrário, olhava ostensivamente para um determinado ponto do firmamento. Tal como os outros que, embora se mantivessem colados a mim, afetavam atitudes de simples transeuntes... — Campton Vouvray!

Tais foram as palavras incompreensíveis que saíram da boca do adolescente. Visto assim de perto, ele perdia por completo o aspecto ameaçador, embora ainda conservasse aquele certo quê familiar. E, de repente, lembrei-me. Aquele moleque era um dos mensageiros que percorriam a usina das bombas célebres por ocasião de minha visita. Já naquela oportunidade ele me havia roçado por diversas vezes...

— Campton Vouvray!

Não atribuí nenhuma importância a essas palavras. Pertenciam a sua língua; não tinham o menor sentido para mim. Quando muito, podia impressionar-me o fato de que algumas daquelas estranhas sílabas reproduziam o nome de um vinho que eu muito apreciava outrora, há milhares de anos...

— Campton Vouvray!

Simples coincidência. Acontecia muitas vezes. Aliás, teria eu realmente compreendido? Teria o garoto dito *mesmo Vouvray*?

E, de repente, como o estranho menino tornava a repetir, com certa nota de impaciência: "Campton Vouvray!" raiou a verdade em meu espírito. E todos os pêlos de minha carne se eriçaram. Ele estava falando francês! Campton Vouvray queria dizer: "Quand peut-on vous voir? (Quando podemos vê-lo?) Permaneci um instante mudo, tremendo dos pés à cabeça. Tudo oscilava a meu redor. Onde estaria mesmo? Estaria realmente no ano cinqüenta mil?

Teria realmente viajado pelo tempo?... Mas o adolescente, por sua vez, parecia inquieto. Evidentemente, não nos era possível conversar naquele local. Milvane ia começar a me procurar. Era preciso tomar uma decisão, e depressa. Balbuciei:

— Na hora da sesta. Dentro de meia-revolução, mais ou menos. (Eu sabia que Milvane, como muitas cubilas, passava boa parte do tempo num torpor ocioso. Era evidentemente a ocasião mais favorável. Porém...). Não tive tempo para formular perguntas nem objeções:

— Ong vin tetchercht! (*Vêm te buscar.*)

E, num instante, o círculo de pseudo-passantes se dissipou como um sonho. O adolescente desaparecera. Avistei Milvane a poucos passos, apressando-se em minha direção. Vinha buscar-me.

Buscar-me? Era então isto o que o meu misterioso empregadinho das bombas célebres tinha querido dizer? "Vêm te buscar." Ou me teria enganado, imaginando que ele falara francês? Minha imaginação doente, perturbada por insaciáveis nostalgias, talvez houvesse interpretado à sua moda algumas sílabas panachianas destituídas de sentido, pelo menos para mim... Não, não; o garoto falara mesmo francês. Porém, mesmo neste caso, o que teria pretendido dizer ao certo? "Vêm te buscar." Seria algum aviso, uma advertência? Ou uma promessa? Teria pretendido dizer realmente "Virão te buscar"? A frase assim estaria de acordo com o pedido de uma entrevista.

Enquanto esses pensamentos fervilhavam em minha cabeça, Milvane me tomara pelo braço e perguntava o que havia acontecido. Aleguei uma dificuldade respiratória. Na verdade, eu fora vítima dessas indisposições com bastante frequência nos primeiros tempos. Agora, porém, estava completamente aclimatado.

Não descreverei a penosa incerteza com que atravessei as horas que se seguiram.

Depois de demonstrar uma leve inquietação por minha causa, Milvane retornara à suas fúteis diversões. É uma boa garota, mas, no fundo, tem certa frivolidade, que me parece desconcertante numa representante de raça tão antiga.

Chegou a hora da sesta. Fingi que adormecia. Levanto-me agora e caminho com passos de gato. Ajoelhado sobre o divã circular, colo a testa contra a vidraça e esquadrinho a atmosfera eternamente crepuscular da cidade

destituída de dia e de noite, com seu firmamento rochoso, seu solo de abismo. Virão mesmo buscar-me?

E como virão?

Estremeço. Ouço três pancadinhas, desferidas contra a borda da janela. Uma cabeça aparece de repente para sumir em seguida. Com o coração batendo, passo para a sala vizinha. Manobro a corrediça que serve de porta. É fácil: aqui não existem chaves nem fechaduras. Pois também não existem ladrões. Ou antes, estou enganado, existem sim, mas não exercem seus talentos contra as portas dos cofres-fortes nem contra as das residências, e sim contra as tubulações ou medidores de ar.

Pertinho da saída, preso à rocha pelas ventosas, um tamanco de mica, de três lugares. Já se encontram ali dois indivíduos. Um deles é o meu interlocutor da véspera. Não sei porquê, ele me traz à memória os pequenos vendedores de jornais do meu tempo. Um gavroche, se quiserem. Mas ainda não está na hora de epílogos. Acomodo-me no lugar vazio, no meio, entre os dois ocupantes do tamanco, que parte imediatamente.

Ele desliza velozmente, sem encontrar ninguém. Está na hora do torpor. Da sesta, se acharem melhor. Ou, então, de uma noitezinha curta, aliás, mais freqüente que a verdadeira, neste mundo sem noite. Todos os desocupados de La Pah-Trih estão mergulhados no que lhes serve de sono.

Seguindo o teto, o tamanco desliza para a periferia da cidade, numa direção que eu nunca tomara. Sei apenas que não existem descensores por ali. Para onde me estarão levando?

Os pavilhões-reflexos se fazem mais raros, e nós contornamos diversos edifícios, gigantescas lombrigas coladas ao céu pelo ventre. Depois, um espaço vazio. Em suma: um terreno vago. E estremeço. Afinal de contas, não deixa de haver um descensor. Oh! bastante primitivo. Uma plataforma redonda, atravessada por um cabo; uma rodela prestes a deslizar por um fio. E este fio oscila de modo inquietante. Uma instalação improvisada, evidentemente. Mas não me sobra tempo para pensar.

Lá estamos os três amontoados sobre a frágil plataforma. Na altura da minha cabeça, há uma espécie de alça. Agarro-me a ela, como os demais, e lá vamos nós caindo, deslizando para o solo, com rapidez vertiginosa. Fecho os olhos.

Um solavanco, muito mais leve porém do que eu imaginara, obriga-me a tornar a abri-los. Chegamos ao fundo. A meu redor, tudo banal; quero dizer, nada que se distinga particularmente do que vi centenas de vezes neste

mundo. Avisto ali bem perto, à luz esverdeada de uma parede, vasta tela fosforescente, uma estação de monotrilho, isto é, dois ou três armários de pedra e uma serpente metálica que se perde numa perspectiva glauca. Mas aquilo tudo parece abandonado. Ninguém; ninguém, somente nós. No entanto, o monotrilho não está fora de uso. Meus companheiros se agitam. Será porque a iluminação aqui é particularmente medíocre, ou será em consequência do vago receio que me invade? Dão-me a impressão de sombras lívidas, de fantasmas. Vejo alguns patinetes, saídos da penumbra, e formamos um pequeno trem. Partimos.

O percurso não é longo. Algumas curvas. A paisagem cavernosa, sempre mal iluminada, tem algo de selvagem. O contraste me faz compreender que a Subterra que até agora pude ver deve ter sido profundamente modificada pela mão do homem. Finalmente, depois de atravessar uma região irregular, cheia de rebanhos de rochas irregulares e tranqüilas, onde o olhar se perde em confins brumosos, acabamos chegando.^{11} Uma saleta globular, pouco mais ampla que certas salas de reunião do outro mundo. O monotrilho escalou quase constantemente rampas sucessivas e bastante íngremes cortadas apenas por alguns terraços, e nós devemos estar bem acima do nível médio das bolhas intercorticais. De modo que não me sinto surpreendido por poder respirar livremente, embora o bolsão em cujo interior nos encontramos apresente todas as características de uma caverna virgem. Algumas das frestas que cortam as suas paredes irregulares devem comunicar com as cavernas-despejos. Consume-se aqui o ar excedente.

Em contraposição, não há quase iluminação. Parecem ausentes os esporos imperceptíveis que, quase por toda parte, criam uma luminosidade difusa. A única iluminação que compensa a ausência de luz é a proveniente das manchas de bolor esverdeado e vagamente chamejante, cuja lepra fosforescente e lívida recobre os arcos de pedra, em placas semelhantes a manchas de pelada. Embora meus olhos se tenham há muito desabituaado de claridades ofuscantes, mal consigo enxergar. Meus companheiros parecem fazer o possível para se assemelharem a sombras infernais. E outros fantasmas demoníacos vão aparecendo. Mas nenhum deles tem chifres.

Sentamo-nos em círculo, sobre rochedos pouco confortáveis. O meu gavroche (parece que se chama Pameh) procura fazer-me falar. Mas dificilmente consigo entender o que ele diz. Mal consigo entender, aqui e ali, algumas palavras deformadas. Então, depois de rápido conciliábulo, meus novos amigos tomam uma decisão. Um indivíduo muito alto, de

longos braços pendentes, meio-gorila, meio-guerreiro normando, destaca-se do grupo e vem sentar-se a meu lado. Não sabe uma palavra de francês, como verifico imediatamente. Contudo, posso compreender, da maneira mais completa que até agora experimentei, o fenômeno da comunicação direta, já tantas vezes comprovado. Não deve ser um processo muito corrente, afinal de contas, nem universal, visto terem escolhido este enorme desengonçado quando o quiseram aplicar.

Pouco importa. Basta de conjecturas. O que fiquei sabendo então é de estarrecer. Até para mim, cuja capacidade de espanto é posta freqüentemente à prova. De resto, lembro mais uma vez que estou apenas traduzindo, interpretando. Podem atribuir tudo o que quiserem à minha imaginação.

Antes de tudo, fiquei sabendo que o meu gavroche andou colhendo informações a meu respeito, durante seu trabalho nas bombas célebres. Fala-se muito em minha pessoa nas usinas, assim como nos ateliês dos seis naso nanos. Minha fisionomia, meu aspecto, minhas roupas, inspiraram os fabricantes de máscaras e os criadores de mantrys. Embora não o soubesse, sou um dos bonecos com que divertem os zeróis. Além disso, minhas conversas e meu linguajar, minhas narrativas e minhas afirmações mais insignificantes foram estudados, analisados, dissecados interminavelmente... Mas, vamos adiante. O latagão a meu lado, que se chama Poliporo, revela-me em seguida a existência de uma organização secreta entre os zeróis. Carbonários, se quiserem. Carbonários perfeitos, em suma, pois os locais de reunião apresentam muitas semelhanças com as catacumbas. E surpreendo-me ao ser informado de que sou um dos chefes da conjuração...

Que idiotice! Conjurados! Como no Opéra. Será que vão abençoar os punhais? Não, eles não possuem punhais. E, afinal de contas, creio que se trata de algo muito diferente. Eu é que estou errado, tentando reduzir tudo a noções por demais familiares.

Aqui não há apenas zeróis. Eles são até relativamente pouco numerosos neste estado-maior. Diante de mim, tenho sobretudo pibilos e genilos, isto é, técnicos do tipo de Hurra — e talvez técnicas. Mas, neste momento, isto não tem a menor importância. Poliporo não passa de um operário, embora possua dotes extraordinários. Foi por isto que recorreram a ele, sobretudo para entrar em comunicação comigo. É, porém realmente um zerói e "fala" como tal. Ao que parece, circulam inúmeras histórias a meu respeito nas

cavernas zeroicas. Sou o personagem central de inúmeras lendas, quase todas messiânicas, a maioria das quais com temas anteriores à minha vinda. Eu representei apenas um pretexto para que elas recrudescessem, revestindo-as de uma vaga tintura de autenticidade ou, pelo menos, de verossimilhança. Há séculos, os condenados ao inferno subterrâneo vêm repetindo uns aos outros que, um dia, um homem vindo da superfície gelada, um sobrevivente da raça hipotética que viveu sob o sol e mergulhou nas águas terrestres antes que elas se houvessem solidificado, há de aparecer nos confins da Subterra, milagrosamente salvo dos gelos e do bico dos abutres. Este herói virá salvar os zerois, trazendo-lhes a quimérica felicidade a que aspiram com tão comovedora perseverança: respirar à vontade, e encher os pulmões sem ter que pagar a um senhor a tigela de ar. Uma fé tão grande e tão ingênua me comove. E mais emocionado fico ainda quando Poliporo me conta que foi ele quem me salvou. Sim, isto foi uma das coisas que os bovilos me ocultaram. Ocultaram-me muitas outras, sem dúvida. Poliporo é um contrabandista. O que não me espanta. E bom contrabandista, um dos ases do contrabando subterrâneo. Ao perambular pelas cavernas-despejos, com seu reservatório-compressor pendurado ao ombro como um cesto, à procura de ares de luxo fadados a se evaporar, esterilmente, sob as narinas dos coiotes, ele me encontrou inanimado no meio dos rochedos do jogo de gude de Gargântua. Não podia transportar-me para bem longe. Eu era pesado; ele não queria desfazer-se do reservatório, e não lhe seria possível percorrer uma longa distância com os dois fardos, sobre um solo irregular, atravessando uma região pontilhada de perigos e de gorilos; e, menos ainda, arrastar-me até as cavernas zeroicas, no coração da Panachia. Fez o que estava a seu alcance: depositou-me perto de um posto de zanganos. Depois de atrair a atenção, arriscando-se a ser apanhado, com pedrinhas atiradas contra o piqueto rir guarda, teve a satisfação de ver que me apanhavam e transportavam para dentro do posto.

E foi assim que comecei minha carreira de redentor. Carreira da qual sou o primeiro a ignorar quase tudo. Neste mundo subterrâneo, até meu destino, o meu próprio destino, é como um rio escondido sobre o qual apenas se lançam, de distância em distância, algumas luzes e meias-luzes, graças às quais entrevejo, como que através de uma lucarna, fragmentos isolados e descosidos do meu ser e de minha vida, do que sou e do que me sucede.

Entretanto, o círculo de conjurados se anima. Lançam-se réplicas roucas, entremeadas de sinais. Essa linguagem telegráfica parece bastante difundida

entre eles; em certos momentos, fazem-me pensar numa assembléia de surdos- mudos a se esgrimirem com os dedos. No entanto, a atmosfera não é nada propícia: mal se enxerga. Dir-se-ia, porém, que os corpos estão cercados por um halo; além disso, eles tosse e escarram ao mesmo tempo, e parecem cuspir fogo; essas expectorações fosforescentes e os perdigotos luminosos vêm, sem dúvida, facilitar a sua linguagem. Surge-me a explicação do fenômeno quando, tendo espirrado também, vejo sair de meu nariz um jato de fogo de artifício. Os esporos que iluminam a atmosfera comum devem depositar-se em nossas mucosas e em nossos alvéolos como a fuligem nos pulmões dos londrinos. Eu sou o tema dessas conversas cintilantes. Poliporo me vai transmitindo as perguntas, pois eles se fazem e me fazem muitas. Antes de mais nada, os pubilos e genilos, tal como os zeróis, querem saber se é realmente verdade que se respirava sem pagar, que cada qual dispunha de sua ração de ar gratuitamente, no tempo em que eu vivia sobre a crosta da Terra. Fala-se nisto, é verdade; fala-se até constantemente; é coisa que se conta, e com muita freqüência; porém, mesmo as pessoas predispostas por natureza a acreditar em todas as lendas, mal se atrevem a dar crédito a esta. É tão pouco verossímil! Quais as provas de que se tenha um dia respirado gratuitamente? Entretanto, bem que se gostaria de acreditar numa coisa destas; gostariam de poder acreditar... E, ansiosos e trêmulos, meus novos amigos imploram-me que confirme as suas esperanças, que apoie a lenda, se possível, com o meu testemunho. Este testemunho, o de um contemporâneo, teria um valor inestimável. Daria um novo e irresistível impulso à propaganda dos pubilos agitadores que exigem (é sua palavra de ordem, seu slogan) Ar para todos.

Espantado, comovido, perturbado, contemplo o ávido círculo de rostos semi-humanos, semibestiais, com suas faces magras, seus olhos encovados, seus crânios calvos. Todos voltados para mim, bombardeiam-me com seus gritos guturais e seus gestos semelhantes a vôos de pirilampos. E tenho a sensação de compreendê-los, de ouvi-los diretamente: — Oh! Dize, dize, tu que vens de tão longe, apressa-te a confirmar a notícia, dizendo que é verdade, que podemos acreditar. Conta-nos, homem dos tempos passados, tu, o mais velho dos homens, que pode haver um mundo em que os pobres têm o direito de respirar... Dize que não é absurdo, que pode ser visto como já foi, um dia.

E eu lhes digo. Afirmo-lhes. Porém, mesmo depois de traduzidas, minhas palavras não produzem o efeito esperado. Não; seria bom demais; não

podem acreditar. Só poderão acreditar quando acontecer. E, mesmo então, precisarão de tempo para se habituar.

Apesar deste tenaz ceticismo, eles se esforçam, não obstante, impelidos pelo instinto prometéico da espécie, por realizar o seu sonho. E tomo conhecimento, sem que me tenham informado diretamente, pelo simples fato de que meu pensamento está ligado ao de Poliporo, de tudo o que se está preparando sob a enganadora aparência de resignação e embrutecimento dos zeroís. Nos parques e hangares das usinas aerígenas, nas grutas-telheiros e nos tugúrios zeroícos, por trás das mentirosas nuvens dos mantrys, trocam-se frases pejudadas de ameaças. A reunião a que estamos procedendo neste momento não é a única desta espécie. É apenas mais importante, devido à minha presença.

Malgrado as precauções tomadas, aquela agitação subterrânea não deixara de chegar ao conhecimento dos bovrilos. Eles têm seus espiões, seus aparelhos de escuta, seus telefotos. Boa parte da atividade dos zeroís e de seus cúmplices, os genilos, aplica-se à luta contra essas medidas. Mantêm reservas de bexigas de ar envenenado para se livrarem dos espiões. Sempre que possível, eles realizam suas assembléias em abrigos escuros e distantes como este. Mas essas cavernas logo são descobertas. E os bovrilos dispõem de recursos para torná-las instantaneamente inabitáveis...

E, no próprio instante em que me estão explicando este fato, ele se produz. De repente, com a instantaneidade com que se apaga uma luz, o ar retira-se de nós. Sinto-me como que agarrado pela garganta por uma mão invisível. Minha cabeça descai e meus olhos se enchem de noite.

Esta sensação não dura muito tempo. Uma corrente de ar revivificante chega-me ao rosto. Um capacete de mica, extraído não sei de onde, cai sobre o meu crânio. Eis-me de novo beatificamente envolto por uma pequena zona de ar respirável. Posso voltar a pensar e a enxergar. Percebo a meu redor resquícios de uma agitação que deve ter durado algum tempo, pois quase cheguei a perder os sentidos.

Desgostoso, aborrecido, nauseado, só experimento agora um intenso desejo de ir embora. Depressa, depressa, minha aconchegante residência suspensa em La Pah-Trih e a repousante companhia de Milvane! Esta gente é perigosa demais. Não sei ao certo o que aconteceu, mas...

Já vão me contar o que aconteceu. Poliporo me explica tudo. O ar que enche este bolsão onde nos encontramos vem dos despejos. Suspeitando a utilização que se pode fazer dos excedentes de ar, os bovrilos mudam

constantemente de dumping ground. Invertem, por assim dizer, o vapor e encaminham para uma direção inteiramente diferente o ar nutritivo, que não puderam vender e só querem dar aos abutres. De modo que, no interior das falhas alimentadas da mesma forma que esta, fica-se exposto, a cada instante, a ver a atmosfera respirável substituída por emanações deletérias vindas das entranhas do globo.

O acontecimento, portanto, não era inesperado. E não significa necessariamente que nossa reunião tenha sido descoberta. Seja como for, o perigo foi afastado. Poliporo me tranqüiliza. Os genilos e os pubilos, secretamente revoltados, ensinaram aos zeroís a fabricação clandestina de ar. Eles já não se limitam às fraudes e aos roubos. Criaram pequenas oficinas aerígenas clandestinas. O nitrogênio e o oxigênio são extraídos de certas algas e detritos desprezados pelas grandes usinas. Algumas dessas algas são dificilmente encontráveis, pois só existem em cavernas completamente escuras, onde não há esporos fosforescentes, nem fungos luminosos. Essas algas gelatinosas são conhecidas sob o nome de Nostocs. Utilizam-se também as carnes e o guano de certos morcegos selvagens. Graças a isto, existem reservatórios sobressalentes em todas as cavernas de reuniões, prontos para fornecer uma alimentação aérea suplementar em caso de necessidade. Foi o que aconteceu agora. Os aparelhos de socorro funcionaram à perfeição. Evidentemente, sua eficácia é limitada. Entretanto, podem ser suficientes durante algumas horas. O tempo necessário para que se acalmem e retornem sem pressa aos sítios habitados, ao refúgio salutar da atmosfera oficial.

Essas explicações me deixam inteiramente frio. Sinto-me bem distante da emoção que há pouco me oprimia. Mais do que nunca, sinto saudades do meu confortável apartamento do século XX, de meu gabinete de trabalho, tão bem organizado para não trabalhar, de meus chinelos e de minha poltrona. Que diabo vim fazer aqui, eu, Sylvain Le Cateau? Não sou nenhum herói! Esta fantasmagoria toda pode ser muito divertida. Divertir-me-ia, porém, muito mais se a pudesse ver no palco do Châtelet, instalado numa boa poltrona da platéia, com a certeza de poder voltar para minha cama e para meu home assim que a peça terminasse. Na falta desta quimérica felicidade, só me resta um desejo: voltar o mais depressa possível para La Pah-Trih. O que me importam, a mim, as revoluções de Panachia e o destino dos panachianos? Ao que parece, uma fada benfazeja ouviu o meu pedido. A sessão é suspensa. Mas Poliporo me transmite: - Vão levar-te de

volta. Dentro de três revoluções, tornaremos a ver-te numa assembleia mais numerosa...

O meu mau humor é tão grande que, sem me preocupar com o fato de ser ou não entendido, com o único objetivo de desabafar, declaro alto, dentro do meu capacete:

— Muito obrigado, camarada! Obrigado pela honra que me fazem. Mas não me sinto digno. Sou apenas um homem, um simples homem do século XX. Um vulgar pequeno-burguês, como se dizia no meu tempo. Não lhes posso ser útil de maneira alguma. Já que um maligno acaso atirou-me para esta inóspita região, como Telêmaco às margens do reino de Aceste, perto das montanhas Nebrodes...

Nesta altura, Poliporo apertou-me o braço com tamanha força que a dor me obrigou a silenciar. Através da minha bolha de mica, eu via as fisionomias ansiosas dos conjuntos zeróicos, já prontos para sair, a me examinarem com dolorosa incerteza. Imersos na atmosfera do bolsão rochoso, sempre debilmente iluminada e, agora, além de tudo, lívida e sulfurosa, eles tinham realmente uma aparência de condenados. Compreendi que estavam pedindo que lhes traduzissem as minhas palavras. E o gavrochezinho Pameh, atendendo a um sinal de Poliporo, adiantou-se e falou em meu nome. Imóvel, gelado de horror e de medo, percebi, por intermédio de Poliporo, o significado das frases que me estavam sendo atribuídas. E aqui vai o que me faziam dizer:

— Camaradas, a justiça está a caminho. A repugnante mescla de ódio e opressão criada pelos bovrilos está prestes a desvanecer-se. Repeli energicamente para fora de vossos pulmões os miasmas mortais vomitados pelas bombas célebres e aspirai profundamente o saudável ar da verdade. Eis que ela vem a vós do fundo das eras, sob as feições do mais velho dos homens, enviado pelo destino. Está convosco este ancestral, mais velho que todos vós e que as próprias rochas que nos cercam, porém mais jovem, muito mais jovem que os bovrilos caducos, pois domina o tempo. Graças a ele e com ele triunfareis dos usurpadores que vos vão roubar o ar-alimento até dentro de vossos pulmões! Vós os varrereis, com todo o sujo séquito de seus zanganos, de seus gorilos, até os confins do negro céu. E estabelecereis uma pública zeróica, onde todos os peitos poderão expandir-se, livremente, na atmosfera também livre."

Os zeróis não sabem aplaudir. Mas uma explosão de gritos roucos sacudiu a mica das bolhas transparentes, informando-me que o meu discurso obtivera

o sucesso que se poderia esperar. Meu discurso!... Ai de mim! O que me era atribuído. Eu fora sagrado revolucionário — o que estou dizendo? — Chefe e mascote dos rebeldes. Eu, Sylvain Le Cateau!

Porém, teria sido inútil protestar. Pelo contrário. Eu era incapaz até de encontrar meu caminho de volta. Eu não teria podido retornar sozinho ao abrigo tutelar da residência-reflexo na cidade suspensa. Precisava deles para voltar. E estava tão fraco e abatido que Poliporó e Pámeh foram quase obrigados a me carregar até o monotrilho.

Eis-me de volta, finalmente, ao pequeno apartamento — ao de La Pah-Trih, infelizmente, não ao de Paris — contemplando melancolicamente a perspectiva abaulada e recurva do firmamento subterrâneo, e a avenida suspensa e sinuosa, com suas fontes de ar. Meus pensamentos são mais que sombrios. Em que embrulhada me foram meter? Como fazer para me desenrascar? Nada. Não posso fazer nada!

Revelar tudo aos bovrilos? Mas não posso vê-los, assim sem mais nem menos. Não tenho acesso a eles. Além disso, mesmo que conseguisse agarrar um de passagem, não saberia como fazer para que ele me compreendesse. Não cheguei a aprender realmente a sua língua. Teria necessidade de um intérprete. Quem? Milvane? Hurra? Mas estariam elas dispostas a isto? De resto, não me agracia nada pedir-lhes auxílio nestas circunstâncias. E também me repugna a coisa em si. Trair aqueles pobres coitados que puseram em mim suas esperanças? E se nilo acreditarem? Dirão que estou enganado, que entendi mal? De resto, isto talvez seja verdade; talvez tenha entendido errado. Não tenho certeza de nada. Não posso confiar em ninguém, nem em nada. Nem tampouco em Milvane. Em Milvane? Companheira de folguedos — e de certos folguedos. Nada mais. Nenhuma confiança verdadeira entre nós. E isto não seria possível. Há muita coisa a nos separar. Está tão distante de mim quanto o estão do século XX as imagens que podem ser vistas no écran de Auteuil. Entre nós abre-se, hiante, o abismo do tempo. Quanto aos bovrilos... Admitindo-se que dêem ouvidos às minhas historiazinhas, é indiscutível que lhes estaria prestando um serviço. Mas que me sejam reconhecidos por isto é outra coisa. Para encerrar a história toda, seriam bem capazes de me recompensar com um suplício qualquer. Já se viram casos assim. A Inquisição. O Conselho dos Dez, em Veneza...

Estou só, horrível, terrivelmente só. Meu coração se desmancha e meu espírito naufraga em vertigens diante do abismo de minha solidão. Que

destino: sozinho, num mundo hostil, inabordável! É como se estivesse a me mover no interior de uma redoma de vidro, invisível e imperceptível. Vejo perfeitamente o que fazem, mas não tenho nenhuma influência sobre a sua conduta. Fazem, por certo, alguma idéia de mim, porém tal como se pode fazer a respeito de um fenômeno curioso, sem nenhuma importância do ponto de vista pratico. Não existe nenhum contato verdadeiro entre nós.

Há homens que, se estivessem no meu lugar, haveriam de se consolar de tanto orgulho, que se alegrariam por se ver numa situação excepcional. Mas eu não. Fui feito para uma existenciazinha confortável, tranqüila. Sou um bom pequeno-burguês, muito acomodado. Podem chamar-me de Prudhomme ou Homais, que me importa? Bem que eu gostaria de me ver no lugar dos Prudhomme e Homais! Ai! Quem me dera estar sentado à sombra dos potes de alguma farmácia de província! Minhas pernas chegam a fraquejar diante da idéia de tão inaudita felicidade, fora do meu alcance para todo o sempre.

Um ruído às minhas costas. Alguém a caminhar. É Milvane. Apesar do que afirmei com relação à nossa mútua incompreensão, meus sentimentos devem afinal revelar-se até certo ponto em minha atitude. Ou terei pensado em voz alta? Acomete-me de repente uma nova preocupação. Receio ter feito as revelações que, há um instante apenas, não sabia como fazer... Não, felizmente, meu receio é infundado. Logo às primeiras palavras de Milvane sinto-me a um só tempo traqüilizado e decepcionado.

Como sempre, ela não entende nada do que está acontecendo comigo.

Tédio, e pronto! Ela imagina que estou entediado. É muito simples.

Na verdade, é isto mesmo. Estou entediado. Aborreço-me constantemente neste mundo, onde tudo é novidade e onde tudo me deveria distrair. Julgo, porém, que o novo é que nos aborrece e que somente o familiar e o conhecido nos agradam e nos divertem. Pelo menos a pessoas como eu.

Meus amargos pensamentos continuam a turbilhonar em minha cabeça, como ratos apanhados numa ratoeira. Mal escuto o que me diz Milvane em sua algaravia. Neste momento, ela me parece odiosa. No entanto, faz o que pode para se mostrar amável. Propõe uma distração que muito desejei. Há algum tempo, eu teria tramado, manobrado para consegui-la. Agora... Agora, penso em suicídio. Antes o nada que o suplício intolerável desta existência desligada, como uma roda solta, esta vida no ar, em que me falta tudo.

Enfim, paciência. Continuemos a dissimular. Parece que vão me levar a conhecer os dez putanos. Vou então saber quem são essas putas. E por que são dez. Vão me fazer conhecer o quarto delas. Espero que a cama seja bonita.

Todavia, é mais do que provável que não se trate de putas, e que não sejam dez.

Evidentemente, é claro. Foi como eu disse. Não se trata de putas e não são dez. Fora isto, eu tinha acertado. É sempre assim. Estou começando a me habituar.

Mas, não antecipemos nada. Partimos, portanto, Milvane, Calandri e eu, num tamanco de ventosas. Continuo de um humor negro. Atravessamos a cidade. As fontes de ar giratórias atingem-nos de passagem com seus jatos invisíveis e refrescantes. Pouco a pouco, sem me consolar por completo, consigo expulsar todos os pensamentos, fazendo tábua rasa da minha mente. É melhor assim.

Passo então a registrar passivamente o que Milvane e Calandri, numa tagarelice simultânea, tentam explicar-me. Ao mesmo tempo, imagens imprevistas vão surgindo do panorama que se desenrola de um lado e do outro. A cidade é ainda maior do que eu julgara. Está claro que nunca chegarei a conhecer mais do que uma ínfima parte deste mundo. Mas isto me é inteiramente indiferente. Meu objetivo não é coletar materiais para um estudo sociológico. Não tenho objetivo algum. Flutuo, à deriva, sobre o oceano das eras, como diria o pretensioso Lamartine.

Seguimos agora ziguezagueando por entre edifícios pendentes, que lembram gigantescas estalactites. Parecem feitos de galatite. Mas com janelas semelhantes a pálpebras. E, pela primeira vez, avisto vegetais no interior da cidade. Como se fossem cabeleiras suspensas entre os edifícios. Dir-se-ia um vestiário de juízes ingleses — mas um vestiário à medida de Brobdingnag. Em seguida, os edifícios-estalactites se espaçam e o que se vê é um jardim, um parque todo constituído de cabeleiras, polvilhadas de geada. E, por detrás desta floresta de perucas, aparece o ventre abaulado de um enorme verme branco, colado à abóbada. Distinguem-se até os sugadouros de cada anel. Aproximando-me, porém, observo que os sugadouros são simplesmente as entradas do edifício, e entradas monumentais, por sinal.

Planos inclinados, filiformes, quando vistos de longe, levam até lá; pululam insetos humanos embaixo dessas aberturas. Vamos aumentar o número

desses insetos e somos aspirados pela abertura. O que eu tomara por anéis do verme são apenas as salas, os compartimentos, se preferem, de um palácio suspenso. Pessoas caminham de um lado para outro no fundo da espécie de vestíbulo onde nos encontramos.

Finalmente, o significado da tagarelice obstinada de Milvane infiltra-se até minha consciência. É aqui a câmara dos dez putanos. Esquisita, esta câmara. Para que servirá?

Esta pergunta embaraça visivelmente Milvane.

— Ora, para muitas coisas! É muito útil, é até indispensável.

— Mas, por quê?

— Bem, por exemplo: para o problema do ar gratuito. É verdade que você não sabe... é difícil explicar...

— Sei, sim. Os zeróis estão cansados de pagar por sua razão de ar...

Calo-me. Talvez fosse imprudência demonstrar muitos conhecimentos. Com efeito, Milvane olha para mim, surpreendida. Felizmente, sua frivolidade é incurável. Com ela, nada dura muito tempo. Retoma o fio do discurso. Sim, os zeróis estão protestando e o objetivo da câmara dos dez putanos é atender às suas reclamações. De quando em quando, eles são autorizados a escolher entre as suas fileiras um conselho de dez putanos. — Por que somente dez?

— Mas não são somente dez; eu me enganei. Trata-se de uma palavra só: desputanos. Geralmente, são escolhidos os mais parlapatões, os quais, assim que eleitos, abandonam as cavernas zeróicas e vêm instalar-se em La Pah-Trih, onde gozam de todas as vantagens concedidas aos bovrilos. Deles se exige apenas que enviem periodicamente aos zeróis mensagens tranqüilizadoras: "Fiquem sossegados, não se mexam. Estamos cuidando de seus interesses."

De resto, é verdade. Eles cuidam realmente dos interesses deles. Em princípio, os bovrilos comprometem-se a respeitar as decisões dos desputanos. Mas estas são sempre de tal forma obscuras e contraditórias que não criam grandes obrigações para os bovrilos. Isto, porém, tem bastado para manter as esperanças no seio da massa dos zeróis. Eles continuam a aguardar que as coisas melhorem. Depositam suas esperanças nos desputanos futuros, quando os presentes os decepcionam. A esperança é uma excelente coisa.

Hoje, justamente, será discutida a questão do ar gratuito. Não será a primeira vez. Trata-se de um problema que volta constantemente à baila e

não só entre os desputanos como também nos jornais-telas, e os seis nanos lançaram milhares de balões e de mantrys para obscurecer a questão. Conseguiram maravilhosamente o seu intento. Os argumentos lançados de uma parte e de outra não variam nunca, de modo que Milvane e Calandri dão a entender, com ar entediado, que há muito estão cientes do que os desputanos vão dizer. Para mim, entretanto, será novidade.

Quanta gentileza! Novidade... Ah! Se elas soubessem até que ponto estou saturado de suas novidades! Mas, que remédio, tenho de arrostá-las.

Cheio de desgosto e tédio, acompanho-as, subindo uma rampa em espiral, que leva a uma enorme sala parecida com uma ampola gigantesca iluminada por luzes difusas. A decoração — ou, seria melhor dizer, o mobiliário? — é muito extravagante e, se eu não estivesse anestesiado pelo desânimo, seria de molde a excitar minha curiosidade. Dezenas e talvez mesmo diversas centenas de balanços pendem do teto inclinado, que se vai abaixando suavemente até alguns metros do fundo, na extremidade da sala, onde se ergue uma espécie de estrado. Ali, gravemente instalado num trono maciço, pavoneia-se um velho macaco de tosão cinzento. E, quando me refiro a trono, estou usando a palavra certa, pois, sobre a cabeça calva e reluzente, ele ostenta uma coroa fechada, com pontas douradas como a dos reis-momos. Isso não parece incomodá-lo. Talvez seja feita de papelão.

O conjunto lembra vagamente uma coisa qualquer. Onde terei visto antes esta disposição? Ah, sim! Foi ao visitar as conerias. A câmara dos desputanos está disposta como uma sala de aula. O velho macaco tem, com efeito, uma aparência de professor idoso, com sua coroa carnavalesca. Mas, e os alunos?

O solo — o que se poderia qualificar de assoalho, mas que não é feito de tábuas — é liso e vazio, com exceção de um espaço bastante amplo preparado nas proximidades da entrada e isolado do resto por uma barreira. É ali que se instalam os visitantes — o público; e é ali que nos acomodamos, na primeira fila, perto da barreira, pois continuam a ter para comigo atenções especiais. Milvane segreda-me ao ouvido (parece que não se deve fazer barulho) que o velho macaco coroadado se chama Grande Kukulkan. Numa palavra: é o presidente. Todos os demais, suspensos do teto a se balançarem descuidadamente, são os desputanos. Percebe-se que são personagens importantes. Fingem não tomar conhecimento dos espectadores, extraem de uma gaveta colocada sob os balanços bexigas de ar de luxo, que oferecem uns aos outros, esmagando-as no nariz do vizinho

entre mil cumprimentos; gesticulam, careteiam, se coçam, fazem momices como verdadeiros macacos, sem nos dar a menor atenção.

Os balanços não são fixos, como eu julgara a princípio. Podem ser deslocados, graças a uma rede de cabos instalada no teto. Há um mecanismo qualquer, acionado por uma espécie de varão colocado obliquamente num dos lados do assento e que lhes permite ir de um lado para outro, à vontade. Esbugalhando os olhos, para melhor enxergar o teto na untuosa semi-claridade, tenho a impressão de que o que eu tomara a princípio por cabos não passa de um emaranhado de riscas, de ranhuras... Quer dizer que aqueles balanços todos ficam presos apenas por aderência magnética? O dispositivo seria análogo ao dos carros elétricos dos parques de diversão, nas instalações em que os veículos extraem sua força motora do piso sobre o qual deslizam — sendo o piso substituído aqui pelo teto?

Pouco importa, afinal. É apenas mais uma coisa a acrescentar à lista das que nunca chegarei a deslindar. O Grande Kukulkan fez sinal e trombeteou não sei o quê pelas narinas. E eis que, mais que depressa, um dos mandris lá de cima, quero dizer, um dos desputanos, agita-se todo e faz deslizar seu balanço até o fundo. Ali chegando, faz girar o assento de maneira a ficar de frente para os colegas e inicia um discurso.

É um discurso quase à moda antiga, isto é, à moda do meu tempo. Pelo menos, o orador lembra, sob mais de um aspecto, os oradores da Antigüidade. Movimenta-se, agita-se, balança-se sem parar, fazendo girar o balanço em incessantes sacolejos, que acompanham os arroubos de seu pensamento.

Para dizer a verdade, segundo explica Milvane, essa gesticulação não é indispensável. Os subterrâneos possuem, felizmente, outros recursos para comunicar seu pensamento. Trata-se, porém, de uma antiga tradição; e o orador conforma-se, complacientemente, com as tradições. Assim como o que vem depois dele, pois ouvirei dois.

Ouçó-os em todos os sentidos da palavra, visto como, graças a um engenhoso dispositivo, inventado pelos genilos, Milvane e Calandri estão em condições de me comunicar instantaneamente uma interpretação de cada discurso, à medida que vai sendo pronunciado. Milvane segurou minha mão; coloca em seguida o dedo médio de sua outra mão num determinado ponto da barreira que se acha à nossa frente. Que aparelho complicado será este, cujo relê fica dissimulado na rampa? Não sei e, sem dúvida, nunca chegarei à saber. O fato é que a tradução formulada por Milvane num quase

francês chega instantânea e silenciosamente à minha consciência, ao mesmo tempo que as palavras do orador. Na transcrição que passo a oferecer, terei apenas que restabelecer os direitos da sintaxe e acrescentar nos lugares devidos os ornamentos retóricos, que os gestos e a entonação do discursador me autorizam a imaginar.

O primeiro, cujo nome, ao que parece, é Polplum, ou coisa que o valha, começa por apresentar um histórico do problema, que lembra o que vim a saber por intermédio de Hurra. Evoca os tempos pré-históricos, quando o ar superficial e natural bastava às necessidades de uma humanidade dispersa e pouco numerosa; lembra, em seguida, de que maneira o homem logo se viu compelido a afundar terra adentro e, por conseguinte, a fabricar sua atmosfera, sob pena de morrer asfixiado. Examina, como Hurra, os diversos aprimoramentos dos sucessivos inventos que deviam levar à venda do ar por preço vil e à superprodução. Chega finalmente aos remédios propostos para sanar esses males: regulamentação da venda e da produção; destruição sistemática dos excedentes. Chega então à peroração, à parte pessoal e mais ousada do discurso. Num magnífico lance de oratória (lance é realmente a palavra apropriada, pois seu balanço era literalmente lançado pelo espaço e seus pés volteavam ao redor da cabeça calva do Grande Kukulcan, tão grande era o seu entusiasmo), ele concluiu:

— Maravilhosos e indispensáveis desputanos, estou certo de que vosso sublime intelecto já percebeu a conclusão que nos é imposta pelos fatos. Mas, para impedir que ela se apague de vossa infalível memória, passo a formulá-la. Vivemos numa época única. Estamos prestes a retornar a uma nova idade do ar, à fabulosa era do ar de que nos falam tão longamente as velhas lendas, quando cada qual podia respirar a plenos pulmões sem ter de pagar pela sua tigela. As novas descobertas que culminaram na produção maciça do composto atmosférico não poderão deixar de se aperfeiçoar ainda mais, dentro de um prazo reduzido. Nada poderá impedir a marcha do progresso. Dentro em breve, todas as cavernas-despejos estarão transbordantes, por maiores que sejam. Nossas máquinas impelirão para a superfície volumes de ar cada vez maiores, e de tamanhas proporções, que se hão de acumular sobre o ventre da Terra com rapidez maior que a necessária para se evaporarem nos espaços planetários. Estaremos, em breve, em condições de reconstituir a antiga atmosfera terrestre. Pois bem: por que não o haveríamos de fazer?...

Neste ponto, o orador foi interrompido pelos apartes dos desputanos e os balanços se agitaram freneticamente, parecendo prestes a cair do teto, como caem as nozes de uma noqueira sob as varadas. Porém, sem se desconcertar, Polplum remexeu-se em seu assento e dominou o tumulto com voz ainda mais aguda:

— Por que considerar este acontecimento como uma catástrofe? Por que não nos empenharmos em realizar esta tarefa, em lugar de fugir a ela? Ressuscitemos a humanidade passada! Façamos novamente habitável a superfície da Terra! Tratemos de provê-la novamente de uma atmosfera respirável, já que temos poderes para tanto! Cuidemos de distribuir o ar, incessante e gratuitamente, entro todos os filhos da Grande Coruja! Realizemos as antigas profecias! E, mesmo que essas antigas imagens nunca tenham passado de miragens, tratemos de transformar essas miragens em realidade!

Dando um violento impulso, o orador tornou a lançar o seu balanço para o lugar do teto por ele ocupado habitualmente, enquanto uma parte de seus confrades fazia estalar os dedos dos pés como se fossem castanholas. Era a sua maneira de aplaudir. Mas os outros se agitavam, se aproximavam, murmuravam e se balançavam como folhas e ramos numa floresta batida pelo vento.

O vento... aquela coisa a que dávamos o nome de vento e tão morta que parecia uma quimera aquele homem a falar em ressuscitá-la.

Não pude deixar de experimentar certa simpatia por esse orador. Milvane percebeu meus sentimentos e me transmitiu o seguinte comentário: — Não foi ele quem inventou essas tolices. E ele próprio não acredita nelas. Isto tudo vem de um genilo, um iluminado, que se chama Ciredor, e que passa a vida a anunciar aos zeróis a boa nova do ar gratuito. Ciredor talvez acredite nestas balelas, mas não Polplum, com toda a certeza. Ele é esperto demais, está muito a par de tudo. Mas sabe que seu discurso será transmitido aos zeróis pelas bombas célebres, e ele pretende permanecer entre os desputanos. Pois a existência amena neste palácio, em meio aos perfumes da floresta de perucas, é mais agradável que a zeróica.

Mas a agitação foi-se acalmando. Um outro balanço, trazendo um indivíduo de peso, encaminhou-se para o local situado acima do crânio de Kukulkan. Milvane transmitiu-me algumas breves informações a respeito desse personagem. Era um certo Minger Tharmain. Pertence à chamada seita dos ediscotinos, ou noguevistas, o que quer dizer que ele trabalha no

puhlamerb, ou ciência dos fenômenos sociais. Foi detunkulado pelas cidades mais distantes. (Não sei se expliquei que os túnkulos eram títulos honoríficos muito cobiçados.) Milvane está certa, assim como todos os demais, de que ele vai reduzir a pó, num abrir e fechar de olhos, as tolices de Polplum.

Lá está ele instalado. Seu crânio, com formato de tronco de cone, lembra os bolos de areia que as crianças fazem nas praias — ou faziam, quando eu era criança, quando havia praias, séculos atrás. Esse crânio troncônico é indício de uma cultura muito completa e, com efeito, Minger possui diversos diplomas conferidos pela Grande Coneria. Sob a fronte trapezoidal, os pequeninos olhos apertados brilhavam cheios de autoconfiança e de satisfação.

Esperou até que o tumulto se acalmasse, movimentou o traseiro para verificar o equilíbrio do balanço e começou com as seguintes palavras:

— Ilustres desputanos! Lamento, (diria quase: envergonho-me, se não alimentasse o desejo de não ferir ninguém), lamento, repito, ser obrigado a aqui comparecer para desperdiçar vosso precioso tempo discutindo teorias tão infantis, tão pouco dignas de consideração quanto as que acaba de emitir o meu respeitável e sábio confrade. Na verdade, minha tarefa é fácil demais, e talvez fosse mais conveniente, mais digno e mais eficaz retrucar apenas com o silêncio a frioleiras desta ordem. E seria precisamente isto que eu faria se tivesse de me dirigir a um círculo de ediscotinos noguemistas, todos capazes de responder, tão bem quanto eu, a idéias sem conteúdo, ou melhor, a elucubrações que não merecem o nome de idéias! Quimera das quimeras!!!..."

Como que acabrunhado pela infinita estupidez de seus adversários, Minger Tharmain se deteve. Para logo em seguida recomeçar:

— Mas as palavras aqui formuladas ultrapassam o nosso recinto. Com uma generosidade de que nossos bovrilos talvez venham a se arrepender, permite-se que elas cheguem a ferir os ouvidos de uma multidão de infelizes iludidos e burlados durante toda a sua existência e incapacitados para o raciocínio, em razão de sua origem. Foi para evitar, ou combater, na medida do possível, os funestos efeitos dessas repercussões que hoje aceitei a tarefa de falar.

Fez outra pausa. Seu tom doutoral não deixava de me lembrar alguns de meus professores da escola de Direito, ilustres economistas; e, com efeito,

vim a saber mais tarde que ele havia ocupado uma posição análoga. Retomou o discurso:

— Trata-se, segundo nos dizem, de conceder a cada um a sua tigela de ar, de fornecer oxigênio para todos os pulmões, de permitir que respirem todos os zeróis contidos no seio da Terra... Por certo, ninguém mais do que eu aplaude tão generosa iniciativa. Presto homenagem ao pensamento elevado, ao nobre coração de meu distinto confrade e de seus partidários. Mas impõe-se, antes de tudo, que sejamos práticos e que levemos em conta as realidades. De que valem as propostas generosas, quando irrealizáveis? Das duas uma: ou os autores dessas propostas são pessoas sinceras, porém quiméricas, e neste caso não se deve ponderar sobre o que elas dizem, ou então elas próprias sabem que o que propõem é utópico, e sua única intenção é semear confusão e discórdia. Neste caso, não passam de perigosos demagogos, a cuja nefasta atividade se deve pôr cobro o mais depressa possível. E, se necessário, pela aplicação de medidas enérgicas, pois está em jogo o destino da comunidade, o destino de La Pah-Trih!

"Trata-se de elucidar se a distribuição gratuita do ar pertence ou não ao domínio das coisas possíveis. Mas, repetem-nos, não há dúvida de que é possível, visto já ter sido. Houve um tempo em que todo mundo respirava gratuitamente sobre a Terra.

"Neste ponto, eu me detenho. Sou forçado a me deter, tão grande é a estupefação que me aniquila. Como é possível que indivíduos, alguns dos quais, pelo menos, são espíritos cultos, instruídos, distintos, eminentes, se detenham um instante que seja em semelhantes patacoadas? Ar gratuito! Que necessidade deveria haver de desperdiçar palavras para refutar fábulas desta ordem?... Esta idade do ar, de que nos falam com tanto prazer, nunca existiu, salvo na imaginação de algumas cubilas desocupadas. Os últimos resultados científicos e as pesquisas mais honestas de nossos mais brilhantes genilos aí estão, concordes, a nos provar que esse estado de coisas sempre, em todos os tempos, esteve fora das possibilidades, e é inconcebível. Na realidade, a superfície da Terra jamais foi mais habitável que hoje. O homem sempre viveu sob a terra, desde que apareceu, isto é, desde que a espécie se constituiu e se distinguiu das outras. Se, em épocas remotas, tão remotas que devem permanecer indeterminadas, alguns indivíduos puderam viver nas rugosidades da superfície cortical, é de crer que seu organismo fosse diferente do nosso — tão diferente que mal lhes poderíamos atribuir o nome de homens. Seja como for, nenhuma conclusão

válida poderia ser extraída de sua hipotética experiência. De resto, admitindo-se que tenham constituído a cepa de nossa raça, esses indivíduos, com toda a certeza, teriam sido pouco numerosos, e o tempo que passaram no reino dos abutres só pode ter sido muito breve. Assim que o homem se tornou verdadeiramente homem, isto é, feito à nossa semelhança, afundou crosta adentro e fabricou o seu ar. As raras famílias meio humanas, que conseguiram sobreviver na superfície, eram quando muito embriões de tribos bárbaras, grupos pouco numerosos, esporádicos, que viviam em estado selvagem, disputando sua miserável existência aos lobos e rapaces entocados nas fendas da terra gelada. É utópico, repito, é inconcebível e quimérico e, além disso, perigoso e iníquo pregar o retorno a semelhante existência. Toda tentativa neste sentido não poderia deixar de levar a terríveis catástrofes.

O orador fez nova pausa, imprimiu ao balanço algumas elegantes oscilações, e tocou os artelhos com um gesto familiar que me recordou Hurra. A assembléia toda permanecia arrebatada, presa às suas palavras. Era evidente que a primeira parte do seu discurso agradara muito. Ele recomeçou a falar, balançando-se com tanta energia que seu busto inclinava-se totalmente para trás e que se via aparecer, por cima do Kukulkan, em lugar do rosto, a lua felpuda de seu peludo traseiro:

— Mas, concordo, admitamos por um instante o impossível. Suponhamos realizado o irrealizável. Estou de acordo, para maior comodidade de raciocínio. Que resultados trariam então, pergunto, essas famosas medidas que estão sendo preconizadas? Que frutos daria a tão apregoada justiça social? Conquistaríamos nós a felicidade geral, o bem-estar de todos, como nos afirmam?

"Em lugar disto, atrevo-me a afirmar que aconteceria justamente o oposto. As conseqüências destas medidas, ou melhor, destas tentativas tão insensatas quanto temerárias, seriam a ruína e a desolação, a subversão e a destruição do organismo social, a perda irreparável de todos os valores que nos são caros. Em primeiro lugar, sob pretexto de justiça, dar-se-ia a concretização imediata da suprema injustiça. Fornecer ar de graça para todo mundo? Mas isso seria esquecer que esse ar, justamente, não pertence a todo mundo! É propriedade, propriedade legítima e indiscutível, garantida pelos mais sagrados compromissos, daqueles que o produziram, quero dizer, dos ilustres ancestrais que inventaram os métodos de produção, daqueles que foram os criadores destas máquinas, dos aparelhos, das

fórmulas, sem os quais o composto nutriente não estaria a circular aqui mesmo, neste momento em que vos falo, assim como em todos os recantos da Panachia. Ah! O que diriam hoje aqueles grandes gênios, nossos benfeitores, aos quais não cessamos de jurar eterna gratidão em todos os nossos discursos, em todos os atos oficiais, se nos ouvissem falar assim, de maneira tão descuidada, em despojar suas famílias e descendentes do fruto de seu trabalho?... Erguei-vos, ó sombras veneradas de Phi-Na-Hy, de Dersch-neh, de Childraw e de tantos outros, para nos vir dizer aqui, neste balanço, o que pensais do delirante projeto que levaria a vos despojar e, com isto, a despojar também todos os homens laboriosos do fruto de vossos labores!"

Houve um ligeiro tumulto. Assumindo uma posição horizontal, Minger Tharmain descreveu um enorme círculo acompanhado de um embalo, torcendo as cordas de seu balanço, e prosseguiu sem demora, com voz ainda mais aguda:

— Peço-vos um esforço, um pequenino esforço de imaginação, cidadãos de La Pah-Trih, nobres panachianos!

Procurai imaginar o que seria uma sociedade assim convulsionada! Acabados os conselhos de Estado, os governos, os bovrilos, os zanganos, os gorilos, a segurança e a ordem para quem quer que seja! E como poderíamos viver em meio a este caos?

Enquanto assim falava, o orador se estorcia como um possesso sobre o balanço que, aparentemente, decidira descolar do teto fosse como fosse, e que ele agitava freneticamente em todos os sentidos. Seus pés epiléticos apontavam para o teto oblíquo, enquanto o crânio subvertido ameaçava chocar-se contra o do Kukulkan. Um violento rebuliço se manifestou nas fileiras dos desputanos e os assentos de seus balanços se entrechocavam, tempestuosos. Mas o público, conosco aglomerado por trás da barreira, permanecia rigorosamente imóvel. Entretanto, a calma se restabeleceu bastante depressa: o ediscotino Minger ainda não havia terminado. Recuperara o equilíbrio. Com os pés novamente voltados para o centro da Terra, ele recomeçou em tom mais tranqüilo:

— Tomai tento, caros e doutos desputanos e confrades! Tomai tento para que, agindo como acabo de expor, não venhais a destruir desde os alicerces todo o edificio de preceitos morais que constituem a armadura de nossa sociedade, que a mantêm de cabeça para baixo^{12} e garantem sua grandeza e permanência. Não seria apenas injusto; seria também, o que é ainda mais

grave, antijurídico. Seria a morte das leis. E onde iríamos parar, se não mais pudéssemos contar com o respeito pelas leis? Cada membro da comunidade, bovrilo, cubilo, pubilo, genilo ou zeroí, jurou implicitamente respeito e fidelidade a essas leis. E tudo desmorona, toda sociedade se torna impossível quando este respeito e esta fidelidade desaparecem. A partir do instante em que mais ninguém fica obrigado a manter suas promessas, a permanecer fiel à sua palavra, à fé jurada, quem nos pode assegurar que os zeroís hão de continuar a manter as máquinas em funcionamento, e os gorilos e zanganos a garantir a ordem em La Pah-Trih, os pubilos das estações superiores a remeter para baixo, muitas vezes pondo em risco a própria vida, o oxigênio solificado, imprescindível ao nosso abastecimento? Não pergunto se os bovrilos continuarão a exercer as funções de direção, tão necessárias, ou talvez ainda mais necessárias que as outras. Com efeito, estou convencido de que pelo menos eles persistirão até o fim no cumprimento de seu dever, e que hão de morrer em seu posto de direção, se assim for preciso.

"Não, caros desputanos e ilustres colegas, é impossível, por um instante sequer, a sangue-frio e com a cabeça no lugar (seu balanço tornou a virar sob o impacto da emoção, e ele voltou a mostrar o traseiro), semelhante estado de coisas, cuja simples idéia basta para nos fazer estremecer ainda mais lugubrememente que a evocação do reino dos negros abutres. Os descendentes das famílias de administradores e de inventores que fundaram a nossa sociedade precisam conservar seus direitos imprescritíveis, que constituem as indestrutíveis bases desta sociedade! Os bovrilos oriundos dos bovrilos, por se ligarem ao passado, possuem direitos sobre o futuro, e seria absurdo, tanto quanto imoral, pretender despojá-los dos mesmos. E quem se disporia, daqui por diante, a ter o trabalho de inventar ou de criar, sem a certeza de ver seu esforço recompensado, em sua própria pessoa ou na de seus descendentes? Todos são, e assim permanecem, legítimos proprietários da totalidade do ar fabricado em toda a Panachia. Pretender dispor do mesmo sem o seu consentimento seria loucura — e uma funesta loucura. Por que lesar cidadãos de mérito notório, indispensáveis ao bom funcionamento do organismo social? E não nos esqueçamos de que, assim procedendo, estaríamos ao mesmo tempo lesando os próprios zeroís, esses zeroís de quem, pretensamente, se quer a felicidade. Essa pobre gente, de cujos sofrimentos compartilhamos mais que ninguém (e estamos prontos, é óbvio, a tudo fazer, a tudo tentar para aliviar esses sofrimentos), essa pobre

gente, como ia dizendo, se pudesse ser guindada à dignidade de um pensamento lógico e conseqüente, seria a primeira a recusar participar de semelhante espoliação. O que estou dizendo? Recusaria, tenho a certeza! Confio em seu grande coração! Na falta da razão de que carecem, essas criaturas dariam ouvidos à seu instinto de honestidade e à sua retidão natural. Zeróis! Meus amigos, meus distantes amigos, vós que me ouvis do fundo de vossas miseráveis cavernas, é a vós que faço apelo, ao vosso grande coração! Exorto-vos a que não vos deixeis levar pelos sentimentos mesquinhos e falsos que vos querem insuflar e que certos indivíduos gostariam de ver deitar raízes em vossos corações. Não vos entregueis aos movimentos desordenados de um cego egoísmo ou da baixa inveja! Atraídos pela grosseira isca de uma felicidade ilusória, não nos arrasteis a todos a uma ruína total, à extinção e destruição de toda a humanidade! Não, não cometereis este crime inexprável! Não, não é possível que, sequer por instante, tenhais concebido semelhante idéia. Enganaram-vos e enganaram-nos, espalhando o boato de que estaríeis meditando esse crime. Confio em vós, em vossa honestidade, na nobreza de vossa alma, para salvaguardar sem esmorecimentos o sagrado patrimônio dos ancestrais e a ordem e integridade de La Pah-Trih!"

O discurso do distinto desputano estava encerrado. Ele fez uma última cabriola — uma verdadeira pirotecnia de braços e pernas — e seus respeitáveis pés giraram perigosamente, pela última vez, ao redor do crânio luzidio do Grande Kukulkan. Os desputanos agitaram seus balanços, numa demonstração equivalente a murmúrios de aplauso.

Mas eu não fiquei sabendo o que foi dito então. Cansada, Milvane interrompera a comunicação e eu fiquei entregue às minhas próprias reflexões. De resto, estava claro que a discussão fora encerrada, com o triunfo de Minger. Acompanhando o movimento geral, afastamo-nos da barreira.

Dir-se-ia, no entanto, que o poder de persuasão do discurso de Minger Tharmain não era tão grande quanto eu havia imaginado visto como, enquanto nos atardávamos na plataforma exterior do palácio, sob o toldo de ondulantes perucas, Milvane perguntou:

— É verdade que você mesmo nunca conheceu um mundo onde se respirava sem pagar?

Hesitei um instante antes de responder.

Não era estranho ver que aquela gente toda discutia interminavelmente a respeito do que se fizera ou do que não se fizera em tempos passados, enquanto lá estava eu, testemunha dessas épocas idas, e que bastaria que me interrogassem?...

Eu estava tão absorto que Milvane foi obrigada a repetir a pergunta. E foi sonhando em voz alta que lhe respondi:

— No entanto, é verdade que, no meu tempo, respirar a plenos pulmões era a coisa mais natural do mundo. Tão natural que não chego a compreender por que não acontece a mesma coisa aqui neste seu mundo, de modo que este seu mundo me parece um pesadelo...

— Pois bem — disse depressa Milvane —, se o interrogarem, trate de não repetir o que você acaba de me dizer. Em primeiro lugar, porque ninguém acreditaria. Depois, em seu próprio interesse, seria melhor que você se calasse. A única coisa que você lucraria falando seria uma suspensão de sua concessão de ar, determinada pela Bovrí-lica. E você cairia na categoria dos zeroís.

Estremeci. Eu já me sentia inconcebivelmente desgraçado. Porém, ir sufocar indefinidamente nas cavernas zeroícas... Respondi depressa:

— Você tem razão. Além do mais, isso tudo está tão distante, minha pobre cabeça está tão perturbada... Na verdade, Minger convenceu-me: nunca houve uma época em que se respirava de graça...

Precipitam-se os acontecimentos. Este mundo, no qual eu esperava criar, apesar dos pesares, um ninho calmo e descuidado, mesmo que fosse à custa de abjeções e mentiras, mostra-se obstinadamente hostil, inóspito. Um incidente ao qual, a princípio, eu não dera muita atenção, torna a lançar-me num abismo de inquietação e de medo.

Depois da sessão na câmara dos desputanos, no momento em que íamos embarcar nos tamancos de mica, sobre a plataforma dominada pela solene floresta de perucas, houve um lufa-lufa. Fui empurrado por um indivíduo de pequeno porte, no qual imaginei reconhecer Pameh, embora não estivesse com sua roupa habitual. Creio que estava disfarçado. Ele sussurrou-me algumas palavras ininteligíveis. Que moleque incômodo! Irritante. Importuno! Não tentei compreender o que ele disse, nem retê-lo. Aliviado, fiquei a vê-lo afastar-se. Quem me dera não tornar a encontrá-lo! Ele desapareceu no meio da multidão e o tamanco de mica levou-me, em companhia de minhas frívolas companheiras, pelas estradas do firmamento.

Voltei à minha residência habitual, onde Milvane me demonstrou um carinho redobrado. Não reproduzirei as cenas íntimas que se seguiram. Já havíamos gasto boa quantidade de ares de luxo, diversamente aromatizados, e eu acabara de fazer explodir uma ampola irisada com perfume de girassol — de goivo amarelo, como dizia Chateaubriand^{13} — quando Milvane começou, de repente, a revelar certa inquietação. Acabara de receber um aviso qualquer, que lhe chegara de uma maneira também qualquer, que eu desconhecia. A respeito de quê? Também não o sabia?

Ela permanecia de pé, com a mão apoiada ao tabique. Sua palma recobria um botão semelhante aos que forneciam os coquetéis vibratórios; mas, desta vez, as sensações que estava experimentando não tinham o prazer como único objetivo. Constituíam uma mensagem, e uma mensagem inquietante. Quis interrogá-la, mas ela fez um sinal para que me calasse.

Permaneceu assim quase imóvel, durante muito tempo. Desocupado, eu me pusera a aspirar o resto do meu goivo amarelo, quando luzes fulgurantes, que iam do malva ao lilá bem claro, chegaram até nós através dos vidros das largas janelas, provocando em minha companheira um pânico irresistível. Ela pôs-se a dar voltas pela sala, como as pessoas acometidas de distúrbios do equilíbrio de que falam certas narrativas de viagens. Neste estado, seu pensamento chegava a mim em ondas, diretamente, como o de Poliporo e alguns outros; mas com ela aquilo só acontecera raramente. O que pude captar reduzia-se a bem pouca coisa; algumas interjeições desconexas: — Um tremor de céu... A revolta lá debaixo... Oh! Sylvain! O que é que você foi fazer com as zeroínas... Você!... — Houve também uma expressão de sentimentos confusos e violentos que eu não saberia como traduzir.

Finalmente, depois de minutos de desnorteamento, ela falou. E eis o que fiquei sabendo depois que a palavra se somou ao que eu já estava entrevendo: vigiavam-me. Já há algum tempo vinham desconfiando de meu relacionamento, tão involuntário, entretanto, com os zeroís. Um dos matreiros zanganos que me observavam havia identificado Pameh, ao sair da câmara dos desputanos. Seguirá-o até a caverna secreta que servia de Q. G. aos zeroís mais enérgicos. O triunfo de Minger irritara aqueles rebeldes. Apesar da rapidez com que haviam despachado contra eles pelotões de zanganos e de gordos, embarcados nos tamancos teleféricos utilizados apenas nos casos de extrema urgência, eles já haviam conseguido pôr em prática os seus projetos, pelo menos em parte.

E aqui estou eu avançando mais do que nunca pela bruma de cogitações incertas, de suposições talvez absurdas.

Segundo posso perceber, os zeróis e os pubilos mais enérgicos, formando uma espécie de comitê secreto, tinham previsto o que estava acontecendo. Para não se deixarem esmagar, preferiram tomar a resolução de aniquilar a Panachia inteira e de se soterrarem sob as ruínas de La Pah-Trih, já que era La Pah-Trih a causa de sua ruína.

Em outras palavras: o firmamento está minado. Por toda parte. Daquela espécie de fortim subterrâneo onde estão refugiados, os zeróis rebeldes estão em condições de mandar pelos ares — ou melhor, de fazer cair — a cidade toda no fundo da grande caverna. Já estão em ação. Acabam de oferecer uma demonstração de suas habilidades. A cidade das bombas célebres foi inteiramente destruída. Espera-se, a cada instante, uma nova explosão.

Fugir; era preciso fugir. Milvane agarra-me pelo braço. Agarro minhas lousas telecrônicas, com a esperança de enviar uma derradeira mensagem.

Já nem sei o que fazemos. Milvane enlouqueceu. Entretanto, foi bom termos partido. Um imenso, um desmesurado bloco de rocha — um quarto da cidade — desmoronou numa orgia de centelhas. Ficamos cegos e sufocados durante não sei quanto tempo.

Prossegue a luta. Formas negras passam e tornam a passar por entre colunas de fumaça e cascatas de pedregulhos, na atmosfera escura e poluída. Fulgores sinistros e intermitentes permitem que se entreveja um enorme buraco negro, lá em cima, no teto habitado, no céu vivo. Ainda vivo. Corpos deslizam em pincas ao longo dos cabos dos descensores. Circulam mensagens, todas elas breves e alarmantes. Compreendo que interromperam o fornecimento de ar aos sitiados. Que sitiados? Seja como for, afirma-se que vão perecer asfixiados, e que ficaremos em paz.

Ficaremos em paz! Sim! Sim! Um pouco de paz me faria muito bem! E pensar que eu, Sylvain Le Cateau, é que estava destinado a viver isto tudo!

Nesse momento, encontramos-nos refugiados, Milvane e eu, em companhia de algumas outras silhuetas confusas e trêmulas, numa espécie de subestação do monotrilha, agachados no interior de um armário de pedra. Estou escrevendo sobre a minha última lousa. A atmosfera está pesada, sufocante, sobrecarregada de poeiras minerais e de gases deletérios. Somos forçados a estourar as nossas últimas bexigas de ozônio aromático.

O armário de pedra foi fechado e fortificado. Por uma lucarna de mica, avisto chamas. Os derradeiros bairros da cidade vão sendo destruídos, uns após outros. E, ao caírem, seus enormes destroços vão-se chocando e raspando contra as paredes rochosas, como palitos de fósforo esfregados sobre uma caixa, extraindo jatos de enxofre e girândolas fosforescentes. É o fim. O firmamento sólido cai sobre o solo, numa nuvem de poeira chamejante.

Uma série rápida, ininterrupta, de fulgores intensos, deslumbrantes... Tudo volta a escurecer.

Nossa atmosfera se reduz. A escuridão é total, impenetrável. Nossos últimos balões foram consumidos...

Interrompiam-se aqui as mensagens de Le Cateau. Pelo menos as partes inteligíveis. Houve ainda alguns sinais indecifráveis, de que nunca pudemos extrair coisa alguma. Algo que se assemelhava aos derradeiros gluglus de um indivíduo a afogar-se, às bolhas de ar que voltam à tona, comprovando a derradeira expiração da vida.

Depois, mais nada. A própria imagem de Sylvain desapareceu, em meio a uma vasta confusão de formas obscuras. E nunca mais vimos nem vestígios de Le Cateau na tela T. E o mais estranho é que nunca mais conseguimos nem sequer fazer reviver sobre essa tela as imagens já vistas, as mensagens já recebidas e que, não obstante, devem permanecer inscritas no tempo. Aqui termina, portanto, esta aventura.

NOTA FINAL DE BELLE SIMS

Não me estenderei aqui, tentando reproduzir todas as conversas, todos os comentários de que pôde tornar-se objeto esta inverossímil história no seio do pequeno círculo que dela tomou conhecimento, de início. Nem sequer procurarei resumir os diálogos entre meu pai e Rodolphe, e entre Rodolphe e mim, durante os quais confrontávamos nossas hipóteses e reflexões. Rara quê? Isto pouco lhes adiantaria. Diante de fatos desta ordem, todas as hipóteses são inúteis ou prematuras.

Quando digo fatos... Entretanto, se forem sonhos, vocês que os arranjem como quiserem.

Contudo, antes de colocar a palavra fim embaixo deste manuscrito já extenso — demasiadamente extenso — desejo reproduzir pelo menos a parte essencial de uma conversa que se travou em nossa sala de jantar, nesta mesma sala de jantar em que Sylvain Le Cateau fez sua derradeira aparição neste mundo, pois a citada conversa prolonga de certa forma esta aventura ou este sonho.

Durante os dois dias e meio que se seguiram à última mensagem tão tragicamente interrompida, nós conversamos muito pouco. Estávamos acabrunhados demais. Acabrunhados e, ao mesmo tempo, incrédulos. Aquilo tudo nos parecia um sonho ou alguma intrujice.

No terceiro dia, recebemos a visita de um amigo de Rodolphe, um sueco chamado Marc Boor, que se dedica à filosofia. Trata-se de um espírito curioso, um tanto amador, demasiadamente amador, a meu ver; mas, justamente por isto, muito mais aberto que o de tantos sábios especialistas, que ficam a girar como cavalinhos de pau dentro de um mesmo círculo de idéias.

Vejo-nos ainda a todos, sentados em poltronas Luís-Filipe, herdadas de um locatário anterior: meu pai, Rodolphe, Mare Boor e eu. Boor tem uma fisionomia bastante vulgar de jovem pastor, de óculos, mas a ironia de seus olhos azuis logo se faz perceptível. Assim como o fato de que ele não acredita em muita coisa. De seu ambiente familiar, só lhe restou uma certa unção de maneiras e alguns tiques, como o hábito de juntar as extremidades

dos dedos e de erguer os olhos para o teto quando está ouvindo ou meditando.

E foi nessa atitude que ouviu a narrativa de Rodolphe. Quando este terminou, ficamos todos um instante em silêncio.

— Então, o que é que você acha? — perguntou finalmente Rodolphe, de modo bastante abrupto.

— Tenho algumas dúvidas — respondeu suavemente o filósofo.

— Dúvidas? A respeito de quê?

— De tudo.

— De tudo? O que é que você quer dizer? Explique-se.

— Confesso que a própria aventura me parece impossível e contraditória. A própria idéia de translação no tempo... Não seria uma negação do tempo?

Rodolphe fez um gesto indeciso.

— Falando em termos absolutos, sim. Concebida dessa maneira, quero dizer, como a concebem os romancistas tipo Wells, cujos personagens perambulam pelos séculos como um desocupado por entre os canteiros de um jardim, a idéia de viagem no tempo é totalmente absurda, com efeito. Mas você deve ter observado que, em nossa história, não é assim que as coisas acontecem. O deslocamento no tempo está sujeito a severas limitações. Em primeiro lugar, e acima de tudo, ele só se processa num sentido.

— Não.

— Como não? Você não compreendeu. ..

— Talvez eu não tenha compreendido absolutamente nada. Mas, enfim, tive a impressão de que você se referia a movimentos no tempo nos dois sentidos: movimento para o futuro, para a frente, se quiserem, por parte de Le Cateau...

— É incontestável. Mas, para trás.. .

— Vara trás, isto é, do futuro para o passado, houve um movimento retrógrado por parte das mensagens de Le Cateau ou, se você preferir, por parte dos raios luminosos que veiculavam essas mensagens. As ondas luminosas que partiam das letras traçadas por Sylvain sobre as "lousas" originavam-se na época a que ele havia aportado, suponhamos no ano 55.000, ou mais, não importa. Depois disto, percorriam o tempo, retrocedendo, para vir até aqui, sobre a tela T, nesta sua casa do século XX, para dali atingir sua retina de hominidas quaternários. É indiscutível.

— É verdade — confirmou Rodolphe, algo confuso. — Eu não tinha pensado nisso.

— E você deve perceber — continuou implacável o filósofo, erguendo os olhos para a rosácea do teto, como que buscando ali alguma divindade ausente — você, com toda a certeza, percebe que, depois disto, já não é possível falar em translação no tempo numa única direção. Se a história de Le Cateau for autêntica, você terá de admitir fenômenos materiais que atravessaram o tempo, alguns no sentido passado-futuro, e outros no sentido futuro-passado. Pouco importa que se trate, em última análise, dos íons e elétrons que compõem o corpo de Le Cateau, ou dos íons das ondas luminosas. A dificuldade é a mesma.

Rodolphe permaneceu um instante em silêncio. Murmurou em seguida, como que para si mesmo:

— Teria eu sido vítima, neste caso, de alguma ilusão, de uma fantasmagoria... ou de alguma mistificação? Mas, quem, e por quê?...

— Eu não disse isto! — interrompeu Boor, mais untuosamente que nunca.

— Eu estou-lhe apresentando um problema. Se você o puder resolver, ficarei tão satisfeito quanto qualquer outra pessoa. Mas, será que você pode...?

— Talvez! — retrucou Rodolphe, depois de novo e curto período de silêncio e hesitação. — Sim, talvez — repetiu em tom mais firme.

E eu compreendi que seu cérebro estivera a trabalhar rapidamente.

— Estou ouvindo — disse o filósofo.

— Teoricamente, o que você disse é perfeitamente lógico. Mas é preciso lembrar que a própria lógica é filha da experiência. A experiência é que é primordial. Se a experiência contrariar a lógica, será a ela que deveremos seguir. E refazer a lógica, tomando como base novos elementos. Na verdade, já ocorreu algo semelhante, por diversas vezes. Mas não pretendo impingir-lhe uma aula sobre doxologia. Deixe-me apenas apresentar-lhe um exemplo de um movimento que nos parece processar-se numa só direção, sem dúvida possível, e que, no entanto, em determinadas condições, pode mudar de sentido — sem que isso desmintam realmente a ciência ou a experiência anteriores...

Seus olhos brilhavam, e a elocução firme e clara era agora a de um indivíduo perfeitamente ciente do que pretendia dizer. E continuou:

— Examinemos o caso de um corpo que cai. Teoricamente, trata-se de um movimento numa única direção, no sentido do centro da Terra, existindo no

caso uma lei que não admite exceções. Seres que vivessem entre corpos não-elásticos e que jamais tivessem visto o ricochetear de um fragmento de matéria considerariam inconcebível que o peso possa atuar noutra direção que não o centro da Terra. Estariam convencidos de que a queda dos corpos só se processa numa direção, tal como nós estamos convencidos de que o tempo corre num sentido único. No entanto, se a seguir fossem trazidos para o nosso meio e vissem uma bola de borracha a saltar ou um balão cheio de hidrogênio distanciar-se do centro da Terra, e justamente devido à força de gravidade, seriam forçados a reexaminar a sua lógica.

— Seus exemplos... — começou Boor.

— Sim, já sei o que você vai dizer. São arbitrários e discutíveis. Estou citando casos *puros*, quando, na realidade, são bem poucos os que assim se apresentam. Não se pode conceber um mundo totalmente destituído de elasticidade. Mas não seria possível conceber seres cujos sentidos fossem tão imperfeitos que uma elasticidade reduzida lhes escapasse? Além disso, não será em razão da imperfeição de nossos meios de investigação que certos deslocamentos no tempo nos escapam? Nesse caso, os exemplos que estou apresentando poderiam fornecer uma idéia aproximada de nossa situação. Encare-os como comparações, como imagens destinadas a fornecer uma idéia de uma realidade que nos escapa. Não as tome como imagens precisas; e seria melhor multiplicá-las, para impedir que se atribua a qualquer uma delas um sentido demasiado literal. Também podemos pensar, por exemplo, num rio: parece impossível imaginar que uma gota qualquer seja capaz de seguir corrente acima; basta, entretanto, que se chegue a uma cascata, a uma queda d'água, para que uma parte das moléculas da água siga numa direção contrária à da corrente.

— Sim, — disse eu então, — mas este exemplo não prova grande coisa. A espuma de uma cascata é lançada, quando muito, a alguns metros de altura, ao passo que a corrente que a precede percorreu centenas de quilômetros. Não pode ser comparada a um retorno regular no tempo, como o que foi obtido graças à tela T.

— Está bem — disse Rodolphe sorrindo — neste caso, tratemos de encontrar algo que possa ser comparado. Acho que não é impossível.

— Será que existem moléculas susceptíveis de subir espontaneamente da embocadura de um rio até sua nascente? — perguntei, incrédula.

— Com toda a certeza, e sem que os salmões tenham nada com isto. Talvez não sejam moléculas propriamente ditas; não se trata de matéria sob o seu

aspecto habitual, mas sim de algo que talvez não seja fundamentalmente diferente da matéria: estou-me referindo à corrente elétrica. A água é condutora de eletricidade, seja qual for a direção em que se desloque, e a corrente elétrica pode subir a correnteza de um rio com a mesma facilidade com que a desce; pode percorrer uma canalização tanto da torneira para o reservatório quanto do reservatório para a torneira. Aliás, esta é uma experiência que pode ser feita muito facilmente.

— Já foi feita — disse Mare Boor — e o que você está dizendo me faz lembrar um fato bastante singular...

— Você se refere, sem dúvida, a Christiansen...

— Não, não é nada tão técnico assim. Estou-me lembrando de uma pequena aventura que ocorreu comigo, quando era externo na *Pitié*. Você sabe que estudei medicina?

— Sim, pelo menos começou...

— É verdade, e nunca terminei o curso. Sou um lastimável amador. Pois bem, no tempo em que freqüentava o serviço de Bouchet-Dairolles, tive ocasião de observar um fato que serviria para confirmar suas teorias. Só que... não me atrevo muito a narrá-lo, pois é quase uma história de caserna. Mesmo contada de modo inteiramente objetivo, poderia ferir certos ouvidos...

— Por favor — exclamei —, se é a mim que se refere, não precisa ter escrúpulo. Por quem me toma? Por alguma tola ou por uma donzela inocente?... Aliás, agora que excitou nossa curiosidade, não há outra coisa a fazer. E você sabe muito bem disto. Eu já o conheço, senhor Maquiavel!

Boor acolheu esta minha invectiva com um sorriso ambíguo, esfregou as mãos devagar, num gesto de prelado, e voltou a falar:

— Pois bem; eu estava um dia de plantão, quando deram entrada no hospital dois operários que tinham estado a trabalhar nos serviços de conservação dos aterros de uma linha do metrô, nas vizinhanças. Ambos apresentavam sintomas de início de eletrocução. Porém, o que muito nos intrigou, a mim e ao outro interno, foi o fato de que, embora os examinássemos com muita atenção, não conseguimos descobrir em seus corpos nenhum vestígio de queimadura, como sempre acontece em semelhantes casos. Impossível descobrir por onde tinham entrado em contato com o fio elétrico. Aliás, a atitude de ambos parecia, acima de tudo, encabulada, e só respondiam a nossas perguntas com grunhidos. Finalmente, depois de muito interrogá-los

— e de interrogá-los como amigos, não como médicos — eles acabaram resolvendo...

Neste ponto, Boor interrompeu-se.

— Por favor — exclamei —, não comece a recorrer aos recursos imbecis dos escritores de folhetins. Nada de "continua no próximo número"! Não nos cozinhe em banho-maria!

— Garanto que não se trata de nenhum recurso. Se me interrompi, não foi para criar um efeito dramático. Foi porque, neste ponto, a narrativa começa a ficar meio embaraçosa.

— Vá para o inferno com os seus embaraços! O que tinham feito os homens? Vai nos fazer imaginar coisas!

— Não, não! Não fiquem a imaginar "coisas". Na realidade, não acontecera nada que não fosse muito banal, muito vulgar. Os dois moleques — eram ambos muito jovens — tinham estado simplesmente a se divertir urinando sobre os trilhos e o jato líquido atingira um trilho transmissor de corrente...

— Compreendo — interrompeu Rodolphe. — A corrente elétrica subira pela outra corrente, e o choque se produzira simplesmente no interior da bexiga. Foi por isto que não viram nada.

— Exato. E você percebe igualmente onde eu queria chegar. Assim como parece inconcebível, à primeira vista, que os operários tivessem sido feridos por um objeto que não estavam realmente tocando — pois cada partícula do líquido que atingia o trilho abandonara definitivamente o corpo deles, sem possibilidade de retorno...

— Assim também o corpo de Sylvain abandonara a nossa época sem possibilidade de retorno; e, não obstante continuava possível um determinado tipo de comunicação.

— Perfeitamente. Como vê, estou despejando água no seu moinho. Não sou homem de *parti-pris!*

Examinei curiosamente o filósofo. Ele parecia estar falando com toda a seriedade. Até demais, na minha humilde opinião. Fiquei a me perguntar, por um instante, se ele não estaria simplesmente a zombar de nós, se aquela história toda dos operários não seria alguma intrujice *à la* Mirimée, uma dessas mistificações cujo segredo o mistificador é o único a conhecer, não se dignando jamais revelá-lo às suas vítimas. E até mesmo... Rápida como um relâmpago, passou-me pela cabeça a idéia de que aquela história toda, o desaparecimento de Le Cateau, os cabelos encontrados na frente da tela, na sala T, assim como as imagens e mensagens projetadas sobre essa mesma

tela... Não teria sido aquilo tudo apenas um tremendo logro, organizado por aquele farsante a frio, por aquele metafísico diletante e *blasé*, com tantas horas de lazer... Mas repeli imediatamente esta idéia. Complicada demais! Absurda. E que fim teria levado Le Cateau?

Minhas reflexões foram interrompidas pela voz de Rodolphe. Quanto a este, estava todo sério. Nem sequer lhe ocorrera a idéia de uma possível brincadeira.

— Agradeço-lhe por me ter contado esta história — dizia ele. — Vai-me ajudar a restabelecer o equilíbrio do espírito.

— Oh! Não exagere! Isto não vai resolver todas as dificuldades — protestou Boor modestamente.

— Eu sei. Mas será que as dificuldades chegam a ser resolvidas? O essencial é a gente não ficar assim tão desorientado; mas conseguir orientar as pesquisas. O tempo avança, por si só, com ou sem ajuda de nossa vontade. Seja como for, a chave do enigma está no futuro. Aguardemos. E trabalhemos. Temos apenas que completar a experiência já feita através de outras experiências. Seja como for, a experiência é quem manda.

Houve um silêncio. Senti de repente um enorme cansaço. Todas aquelas histórias de tempo, de movimentos, de possibilidades e impossibilidades lógicas me pareciam agora vazias, destituídas de interesse, cansativas. Uma mistificação? Sim, de certo modo, era uma mistificação. A vida, a simples vida, a vida presente, de cada instante e de cada dia.

Mas, e Le Cateau? Evidentemente, estava morto, ou como morto. Morrem, porém, milhares de pessoas todos os dias, e a vida continua. E concebi imediatamente o projeto de sair naquela mesma noite, com Rodolphe. Para ir a um circo, ver palhaços e acrobatas. Não é verdade que tudo não passa de palhaçada e acrobacia? Nossa estranha existência não é um milagre de equilíbrio, sempre instável?

Rodolphe concordou distraidamente com minha sugestão e tornou a repetir:

— A experiência é quem manda.

[{1}](#) A mais comezinha eqüidade obriga-me a acrescentar aqui que o que *Miss Sims* apresenta como descoberta original já havia sido vislumbrado por diversos cientistas do primeiro terço do século XX.

[{2}](#) Essas observações não se aplicam estritamente ao processo que teria consistido em ler as palavras nos lábios de Le Cateau. O qual teria sido de aplicação mais delicada do que talvez se imagine. Teria sido necessário que a iluminação da tela fosse melhor, que Le Cateau cuidasse de ficar sempre voltado para nós, articulando nitidamente, o que teria sido impossível (pois o nosso pobre amigo gaguejava lamentavelmente na vida ordinária). Em suma, este método seria de fato impraticável. (Nota de R. Carnage.)

[{3}](#) Peço ao leitor que não se esqueça de que respeito, da maneira mais escrupulosamente possível, a fraseologia anfigúrica de Le Cateau. A mim, pessoalmente, jamais ocorreria a idéia de usar expressões tão tolas. (Nota de Belle Sims).

[{4}](#) Para tornar mais compreensível a descrição de Sylvain, reproduzo aqui um esquema traçado por Rodolphe, de acordo com as indicações esparsas no manuscrito das mensagens. Trata-se, evidentemente, de um simples esquema e não de uma planta. (N. de Belle Sims.)

[{5}](#) A palavra *chouette* (coruja), usada como adjetivo na linguagem popular, tem sentido de agradável, belo, elegante, de modo que Le Cateau a utiliza aqui em duplo sentido. (N. da T.)

[{6}](#) A palavra *Cônerie*, aqui traduzida como Coneria, nome atribuído por R. Messac à Universidade da Subterra, é extraída diretamente de *cone*, figura geométrica. Implica, porém, uma alusão direta a *cort*, palavra de gíria pesada e que significa "imbecil", correntemente, mas com uma conotação particularmente ofensiva. (N. da T.)

[{7}](#) Segundo o que afirma Sylvain num fragmento de mensagem imperfeitamente reproduzido, os textos explicativos mais habitualmente utilizados nas escolas dos bovrilos são um antigo "Conhecimento dos Tempos" e uma "Tabela das Marés Para o Ano de 1887", publicada pelo Observatório de Greenwich. (B. S.)

[{8}](#) *Six nez mains*, 110 texto francês: traduzido literalmente, como impõe o sentido de toda a seqüência de explicações fornecidas pelo personagem, perde-se o jogo de palavras que, onomatopaicamente, lembra *cinema*. Aliás, o texto de Messac contém diversas inovações lingüísticas, intraduzíveis, por vezes. (N. da T.)

[{9}](#) Cf. nas línguas modernas a coincidência entre o persa e o inglês, que empregam ambos, e no mesmo sentido, a palavra *bad*, sem que haja entre os dois vocábulos nenhum laço etimológico. (Nota de Belle Sims.)

[{10}](#) Isto é coberto de *san*. (B. S.)

[{11}](#) Mais uma vez, o texto francês, referindo-se a *troupeaux de rocs*, dá origem a imagens que se perdem na tradução. A visão dos rochedos espalhados pela região traz ao espírito de Sylvain a lembrança de bois a pastar (*troupeaux d'aurochs*) (N. da T.).

[{12}](#) Essa expressão pode parecer estranha mas, de acordo com indicações fornecidas em fragmentos de mensagens praticamente inutilizados e de que não nos valem, é evidente que ela equivale, mais ou menos, à nossa expressão corriqueira: *manter-se de pé*. Cotnprender-se-á facilmente a sua razão de ser, desde que se tenha em mente as particularíssimas condições de vida do *habitat* subterrâneo. (B. S.)

[{13}](#) Reminiscência extravagante, porém muito característica de Le Cateau! Mas foi justamente por isto que me julguei na obrigação de mantê-la. (B. S.)